

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA  
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

NORBERTO DA CUNHA GARIN

O PENSAMENTO TEOLÓGICO DE ISAC ALBERTO RODRIGUES AÇO NA  
PERSPECTIVA DE REINO DE DEUS E MISSÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
REFLEXÃO TEOLÓGICA E A PRÁTICA PASTORAL DA IGREJA METODISTA

São Leopoldo

2007

NORBERTO DA CUNHA GARIN

O PENSAMENTO TEOLÓGICO DE ISAC ALBERTO RODRIGUES AÇO NA  
PERSPECTIVA DE REINO DE DEUS E MISSÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
REFLEXÃO TEOLÓGICA E A PRÁTICA PASTORAL DA IGREJA METODISTA

Tese de Doutorado  
Para obtenção de grau de Doutor em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação  
Área: Teologia e História

Orientador: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2007

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G232p Garin, Norberto da Cunha

O pensamento teológico de Isac Alberto Rodrigues Aço na perspectiva de Reino de Deus e Missão: uma contribuição para a reflexão teológica e a prática pastoral da Igreja Metodista/ Norberto da Cunha Garin ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2007.

279 f.

Tese (doutorado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2007.

1. Aço, Isac (1935-1991). 2. Reino de Deus. 3. Missão da igreja. 4. Igreja Metodista – Missões. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia

NORBERTO DA CUNHA GARIN

O PENSAMENTO TEOLÓGICO DE ISAC ALBERTO RODRIGUES AÇO NA  
PERSPECTIVA DE REINO DE DEUS E MISSÃO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A  
REFLEXÃO TEOLÓGICA E A PRÁTICA PASTORAL DA IGREJA METODISTA

Tese de Doutorado  
Para obtenção de grau de Doutor em Teologia  
Escola Superior de Teologia  
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação  
Teologia e História

Data: 29 de agosto de 2007.

Wilhelm Wachholz – Doutor em Teologia – EST/IEPG

---

Ricardo Willy Rieth – Doutor em História da Igreja – Universidade de Leipzig

---

Rudolf von Sinner – Doutor em Teologia – Universidade de Basiléia

---

Clemildo Anacleto da Silva – Doutor em Teologia – Universidade Metodista de São Paulo

---

Edgar Zanini Timm – Doutor em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

## AGRADECIMENTOS

O trabalho de pesquisa acadêmica se mostra sempre um labor coletivo. Mesmo que o resultado final aponte apenas o nome de um autor, seus diversos momentos escondem (e até revelam) a participação de uma considerável lista de colaboradores (talvez co-autores). Porque esta lista é significativa, começam as dificuldades de identificação. Ao se nomear alguém se corre o risco de esconder nomes que tiveram uma grande contribuição para a presente pesquisa. Entretanto, há pessoas e instituições que, pela sua intensa contribuição, merecem ser identificadas.

Começando pelo lado afetivo, quero mencionar a minha família e nesta em particular, minha mãe Elzira da Cunha Garin e, em especial a meu pai, Idelson Meirelles Garin que, mesmo não tendo a oportunidade de passar do “terceiro livro” seguidamente me dizia: “Queria que um dos meus filhos fosse um doutor”.

Ainda neste perfil familiar quero agradecer aos meus filhos, Moira Canfield Garin e Iguatemi Canfield Garin Amaral que me apoiaram na idéia de continuar meus estudos.

De maneira toda especial preciso agradecer a minha esposa, Ana Maria Marques Garin que tem, desde a concepção do projeto, me dado todo o apoio e suportado as ausências, as tensões, os estresses de um longo processo de mais de quatro anos de pesquisa. Além disso, tem repetidamente me apoiado em diferentes etapas com revisões e correções textuais.

É importante salientar o meu agradecimento à família do Bispo Isac Aço, de maneira notória na pessoa da sua viúva, Graciela Duarte Rito Rodrigues Aço que concordou com a minha proposta de pesquisar o pensamento teológico de seu falecido esposo. Além disso, em todos os momentos mostrou-se solícita, localizando materiais e clareando particularidades biográficas.

Diversas organizações colaboraram com a pesquisa às quais sou agradecido. Dentre elas destaco o Jornal “A Razão” de Santa Maria, a Biblioteca Dr. Jalmar Bowden da Universidade Metodista de São Paulo de São Bernardo do Campo, SP, a Biblioteca Rev. Günther Barth do Instituto Teológico João Wesley, de Porto Alegre, em cujos acervos

encontrei significativos materiais e o Instituto Metodista Centenário, que me hospedou durante a período da pesquisa realizada em Santa Maria. O Centro Universitário Metodista IPA que apoiou financeiramente com uma significativa parte das taxas acadêmicas. O Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, que acolheu meu projeto de pesquisa e proporcionou as condições acadêmicas para que ela se efetivasse.

Três pessoas não poderiam ficar fora dos meus agradecimentos: o Prof. Jaider Batista da Silva que, em 2003 como Reitor do Centro Universitário Metodista IPA apoiou a proposta de pesquisa dando-me o incentivo inicial; a Prof<sup>ª</sup>. Gardênia de Castro que revisou as referências deste trabalho e de forma marcante, o meu orientador, Prof. Dr. Wilhelm Wachholz que, incansavelmente me acompanhou em todas as etapas desde a aprovação inicial do projeto até este momento, com questionamentos e indicações que possibilitaram o desenvolvimento de todo o trabalho.

*Para minha esposa, Ana Maria Marques Garin, com carinho.*

## SUMÁRIO

RESUMO .....	9
ABSTRACT .....	10
INTRODUÇÃO.....	11
1. BIOGRAFIA E PERFIS DE AÇO .....	29
1.1. O ALVORECER – ANGOLA – PORTUGAL .....	29
1.2. ÁFRICA, NOVAMENTE .....	30
1.3. MISSIONÁRIO METODISTA.....	33
1.4. A VIAGEM PARA O BRASIL – RETOMADA DE ESTUDOS .....	36
1.5. OS PERFIS DE AÇO .....	38
1.5.1. SENSÍVEL .....	38
1.5.2. ESPIRITUAL .....	43
1.5.3. ECUMÊNICO .....	47
1.5.4. REFLEXIVO .....	56
1.5.5. PASTOR E PROFESSOR.....	65
1.5.6. BISPO.....	68
1.6. AÇO E O SEU CONTEXTO .....	77
1.6.1. POLÍTICO, ECONÔMICO E SOCIAL.....	77
1.6.2. ECLESIAÍSTICO .....	84
2. A TEOLOGIA DE AÇO NA PERSPECTIVA DO REINO DE DEUS .....	90
2.1. FUNDAMENTAÇÃO.....	90
2.2. REINO E SER HUMANO .....	92
2.3. REINO, AMOR E ESPERANÇA .....	98
2.4. REINO E PERDÃO .....	100
2.5. REINO E MORDOMIA.....	102
2.6. REINO E IGREJA.....	111
2.7. REINO E PAROUSIA .....	112
3. A TEOLOGIA DE AÇO NA PERSPECTIVA DA MISSÃO .....	118
3.1. FUNDAMENTAÇÃO.....	118
3.2. MISSÃO E UNIDADE .....	128
3.3. MISSÃO E PASTORAL.....	132
3.4. MISSÃO E LITURGIA.....	134
3.5. MISSÃO E FAMÍLIA .....	137
3.6. MISSÃO E VOCAÇÃO .....	139
3.7. MISSÃO E IGREJA.....	152
3.8. MISSÃO E TESTEMUNHO .....	162
4. REINO DE DEUS E MISSÃO: SÍNTESE DO PENSAMENTO DE AÇO .....	178
4.1. A VISÃO DA CAMINHADA .....	178

4.2. A VISÃO DO REINO DE DEUS .....	180
4.3. A VISÃO DO REINO NO INDIVÍDUO E NA SOCIEDADE .....	181
4.4. A VISÃO DO REINO E DA IGREJA .....	191
4.5. A VISÃO DO REINO E RESPONSABILIDADE SOCIAL .....	193
4.6. A VISÃO DA MISSÃO .....	196
4.7. A VISÃO DA UNIDADE .....	204
4.8. A VISÃO DA AÇÃO PASTORAL .....	208
4.9. A VISÃO DA IGREJA .....	214
4.10. A VISÃO DO TESTEMUNHO .....	220
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	225
6. REFERÊNCIAS .....	228
ANEXO A – QUADRO CRONOLÓGICO DE AÇO .....	239
ANEXO B – PLANO PARA A VIDA E A MISSÃO .....	244
ANEXO C – DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA ..	267
ÍNDICE REMISSIVO .....	277

## RESUMO

O pensamento teológico de Aço, publicado em diferentes meios impressos, entre 1964 e 1992, representa uma contribuição para a reflexão teológica e a prática pastoral da Igreja Metodista, considerando os conceitos de Reino de Deus e de Missão. Desde jovem sua preocupação com a justiça e a dignidade das pessoas o levou a lutar por uma Igreja voltada para os empobrecidos e solidária com as pessoas socialmente excluídas. Esta tese se desenvolve em três capítulos, tendo o primeiro como uma apresentação biográfica de Aço, abrangendo desde o seu nascimento em Angola, na África, em 1935, até o seu falecimento trágico em acidente automobilístico, em 1991, acentuando o trabalho missionário que desenvolveu entre as escolas rurais de Angola e seu esforço para desafiar a Igreja Metodista à prática da Teologia da Libertação. O segundo capítulo trata do seu conceito sobre Reino de Deus no qual há espaço para todas as pessoas, enfatizando o lugar dos empobrecidos neste Reino. O último capítulo se reporta ao seu conceito de Missão como um desafio à Igreja para que se envolva empaticamente com os empobrecidos, tornando-os conscientes de sua cidadania neste Reino.

Palavras-chave: Reino de Deus; Missão; Metodismo; Libertação.

## **ABSTRACT**

The theological thinking of Aço, published in different printed media between 1964 and 1992, represents a contribution to the theological reflection and to the pastoral practices of the Methodist Church, considering the concepts of Kingdom of God and mission. Since his youth, his concern with justice and people's dignity has led him to fight for a Church directed toward the poor and sympathetic with the socially excluded. This thesis is presented in three chapters. The first covers biographical information, since Aço's birth in Angola, Africa, in 1935, until his tragic death in a car accident in 1991, focusing his missionary work developed in the agricultural schools of Angola and his effort to defy the Methodist Church to practice the Liberation Theology. The second chapter deals with his concept of God's Kingdom, in which there's room for all people emphasizing the place of the poor. The last chapter relates his concept of mission as a challenge to the Church to be sympathically involved with the poor making them aware of their citizenship in this Kingdom.

Key-words: God's Kingdom; Mission; Methodism; Liberation.

## INTRODUÇÃO

O pensamento teológico de Isac Alberto Rodrigues Aço: uma consideração sobre Reino de Deus e Missão, nos textos de sua autoria, publicados entre 1964 e 1992, constitui o objeto desta tese. Nestes textos publicados em jornais, revistas, relatórios e correspondências o pensamento teológico do autor se desenrola, enfatizando os temas de Reino de Deus e Missão. A presente pesquisa é delimitada ao período compreendido entre 1964, ano em que aparece a primeira publicação de sua autoria no Brasil e 1992, ano em que são publicados os últimos textos, alguns encontrados por familiares após seu falecimento. Estes textos estavam dispersos em folhas de jornais, de revistas, de livretos, de cartas, de relatórios e de outros escritos, bem como na transcrição de um programa de rádio. Em primeiro lugar era necessário reuni-los, visto que se achavam dispersos em bibliotecas, arquivos, jornais, revistas, arquivos familiares e publicações de relatórios conciliares. Depois foi necessário analisá-los para compreender melhor o seu pensamento teológico e finalmente atribuir-lhes uma sistematização.

A pesquisa tem como referencial teórico a concepção de Reino de Deus e Missão na doutrina metodista e na Teologia da Libertação em cujas fontes Aço se baseou para desenvolver sua produção intelectual, bem como exercitar sua prática pastoral. A Teologia metodista, desde muito cedo, se constituiu no patamar teórico básico de sua formação pessoal a partir de seu contato com as missões metodistas e o trabalho que estas desenvolviam através de escolas rurais no interior de Angola<sup>1</sup>. A Teologia da Libertação passou a fazer parte de seu pensamento como conseqüência de insatisfação com a proposta missionária desenvolvida no Brasil, a partir do trabalho dos primeiros missionários que aqui chegaram<sup>2</sup>. A proposta de uma Igreja envolvida com o povo das bases, com as pessoas empobrecidas e excluídas socialmente o cativou de tal sorte que investiu reflexões e esforços para torná-la presente no âmbito da Igreja Metodista.

---

<sup>1</sup> Conforme p. 27.

<sup>2</sup> Conforme p. 190.

O envolvimento de Aço com a Igreja Metodista e com o mundo ecumênico<sup>3</sup> foi significativo nos meios eclesiais e fora dele. Nossa opção por focar este envolvimento a partir da Igreja Metodista se justifica pelo fato de que o objeto desta pesquisa se direciona à repercussão de seu pensamento teológico e pastoral nesta Igreja.

Outra consideração necessária é sobre a dinâmica de seus textos a partir dos seus diferentes enfoques. Uma forma é como pastor recém formado, outra, como bispo responsável por uma região eclesial que compreendia todo um Estado, outra é como um cristão ecumênico em relação com distintas denominações cristãs. Em cada momento Aço construía uma reflexão a partir do enfoque da libertação, mas compatível com o ponto de vista do qual partia.

Esta visão de uma Igreja envolvida com o povo pobre se manifestou, de forma marcante, nos seus conceitos de Reino de Deus e de Missão, onde Aço desenvolveu a reflexão sobre o amor encarnado por Jesus Cristo que era capaz de oferecer condições para construir uma comunidade-em-missão, comunidade-em-crescimento, uma força renovadora da Igreja. Aço reconhecia que movido pela ansiedade de ajudar a Igreja acabava praticando o assistencialismo. Lembrava que era Missão da Igreja participar da construção do Reino de Deus e que isto exigia disciplina,<sup>4</sup> uma das marcas dos costumes metodistas.<sup>5</sup>

Buscar este Reino implicava em buscar a paz verdadeira. Como todo o bem, a paz também tinha um custo que poucos/as estavam dispostos a pagar. Representava uma mudança de mentalidade, uma renúncia à opressão dos demais, uma renúncia ao desejo de supremacia. Entendia que o Reino de Deus implicava na prática da justiça que deveria ser sustentada pela esperança de um mundo de paz, que, entretanto, ainda não ultrapassava os limites da esperança.

A noção de que a Igreja deveria ser uma agência de Missão permanente não era bem aceita por algumas pessoas. Para Aço, o sentido da Igreja estava na Missão de compartilhar a vida abundante vivida na comunidade da fé. Esta dimensão missionária deveria ser vivida em todas as particularidades do cotidiano. Percebia que a obra dos primeiros missionários que

---

<sup>3</sup> A expressão “mundo ecumênico” refere-se ao conjunto de igrejas, instituições, organismos e movimentos que trabalhavam com uma proposta de unidade cristã.

<sup>4</sup> RELATÓRIO do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVI CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIAL DA IGREJA METODISTA. 26., 1986, Santa Maria. *Anais...* Segunda Região Eclesial, 1986, p. 54-70.

<sup>5</sup> CÂNONES da Igreja Metodista 2002: Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2002, p.43.

trouxeram o protestantismo para o Brasil necessitava de atualizações a partir de uma visão missionária diferente, voltada para os pobres. Nesta visão deveria estar incluída a solidariedade, a denúncia contra as práticas de exclusão e atos de injustiça. Entendia que a Igreja poderia desenvolver esta outra característica missionária a partir das crianças pobres e assim atingir suas famílias e suas comunidades. Enquanto o trabalho missionário original se concentrava na implantação de um conjunto de valores estranhos, esta nova forma deveria valorizar os elementos culturais e a espiritualidade do povo brasileiro.

Outra característica dessa nova visão missionária consistia num trabalho conjunto com outras denominações e outros organismos. Valorizava a unidade como testemunho do amor de Cristo. Aço considerava que a falta de unidade era um escândalo contra o Senhor da Igreja.

Raramente Aço utilizava a expressão “libertação” ou mesmo “Teologia da Libertação”. É importante considerar que na década de 1980 estes termos eram associados à ideologia marxista. Por uma questão de cuidado, pode se imaginar, como bispo da Igreja ele evitava uma terminologia associada a certos chavões preconceituosos. Nem por isso, a sua reflexão e a sua prática se distanciavam desta nova Teologia nascida na América Latina<sup>6</sup>.

Há determinadas particularidades na Teologia metodista que nem sempre estão claras para outras formas de fazer Teologia. Um exemplo disso aparece com vigor nos textos de Aço que é a da parceria entre Deus e o ser humano na construção do Reino de Deus. Há momentos que em Aço utiliza a expressão “construção do Reino de Deus” e em outros a expressão “implantação do Reino de Deus”. Em ambas as expressões tem em mente a participação do ser humano na obra divina de libertação. Outra expressão utilizada por Aço para se referir a participação do ser humano no Reino de Deus é “construir os sinais do Reino”. O Plano para a Vida e a Missão da Igreja (PVMI)<sup>7</sup>, aborda esta peculiaridade metodista quando se refere ao entendimento da vontade de Deus para o ser humano. Este tema fala da participação do ser humano como parceiro de Deus nesta construção, sob a ação do Espírito Santo:

---

<sup>6</sup> Conforme p. 91.

<sup>7</sup> O “PVMI” é o documento fundamental para a renovação da prática missionária dos metodistas no Brasil; foi aprovado pelo XIII Concílio Geral da Igreja Metodista e é a continuação dos Planos Quadrienais de 1974 e 1978; resultou, também, de uma ampla Consulta Nacional sobre a vida e a missão da Igreja realizada em 1981, a qual integrou o quinquagésimo aniversário da Autonomia da Igreja assinada em 2 de setembro de 1930. (CÂNONES, 2002, p. 69-71).

A Missão de Deus no mundo é estabelecer o seu reino. Participar da construção do Reino de Deus em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja.<sup>8</sup>

Em outro trecho do mesmo documento esta parceria aparece explicitamente como definição de Missão, salientando a comunidade cristã e as outras pessoas que podem ou não fazerem parte desta comunidade:

O que é Missão? Missão é a construção do Reino de Deus, sob o poder do Espírito Santo, através da ação da comunidade cristã e de pessoas, visando ao surgimento da nova vida, trazida por Jesus Cristo, para renovação do ser humano e das estruturas sociais, marcados pelos sinais da morte.<sup>9</sup>

Nossa intenção não é fazer um levantamento biográfico do homem Isac Alberto Rodrigues Aço. Quando inserimos dados biográficos de Aço, quisemos situar este homem no seu contexto existencial. Juntamente com esta preocupação cronológica optou-se por mostrar diferentes prismas do homem Isac Aço. Descrevemos elementos significativos de sua educação em um ambiente familiar protestante com perspectiva missionária, suas dúvidas e seu entusiasmo pelo trabalho metodista. Contemplamos o perfil de Aço como o missionário metodista no interior de Angola, preocupado com a educação das crianças do meio rural. Contemplamos a fase de sua retomada de estudos, no Brasil, a partir de uma oferta de bolsa da Junta Geral de Missões e Evangelização da Igreja Metodista do Brasil<sup>10</sup>. Analisamos o perfil de Aço também pela sua sensibilidade, demonstrando isto através de diversos poemas, contemplando temas como criação, natureza, existência, etc. e preocupado sempre com a vida das pessoas ao seu redor, especialmente os mais pobres. Aliada a esta sensibilidade destacamos a espiritualidade profunda de devoção e compromisso social. Ao nos referir ao homem ecumênico quisemos ressaltar o seu compromisso com a atuação conjunta dele com outros movimentos cristãos, bem como o seu entendimento sobre a unidade do corpo de Cristo. Ao mencionar o seu perfil reflexivo quisemos acentuar a preocupação que tinha pela manifestação de idéias através de textos e poesias. Ao examinar o perfil de Aço como pastor e como professor, ressaltamos a sua atuação em um contexto concreto de comunidade local, inserido na academia e em uma cidade com seus dilemas e com suas alegrias. Quando ressaltamos o perfil do bispo nos referimos a parte final de sua vida, quando teve sob sua responsabilidade uma Região Eclesiástica e nesta condição de administrador teve a oportunidade de operacionalizar uma prática pastoral nos moldes da Teologia da Libertação.

---

<sup>8</sup> CÂNONES, 2002, p. 78.

<sup>9</sup> CÂNONES, 2002, p. 87.

<sup>10</sup> Entre 1930, ano da autonomia da Igreja Metodista em relação à Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos da América do Norte e 1971, o nome utilizado foi Igreja Metodista do Brasil.

Ao examinar o contexto no qual Aço esteve inserido foi levado em conta tanto o contexto político, social e econômico, quanto o contexto eclesial. Dentro desta perspectiva consideraram-se os indicativos que o autor deixou registrado, complementados por algumas informações prestadas pela família. Privilegiou-se a maneira como Aço reagia ao contexto em que vivia oferecendo respostas compatíveis com os desafios que sentia. Como a abrangência das suas publicações compreende cerca de duas décadas é possível perceber as mudanças destas reações nos seus escritos.

A sua peregrinação por Angola e o contato com as situações de miséria naquele país, tanto quando menino como adolescente serviram-lhe de escola formativa que moldou uma personalidade preocupada com as pessoas excluídas socialmente. A experiência que teve como missionário e diretor das escolas rurais conferiram um perfil de educador preocupado com as crianças que não tinham condições dignas de desenvolvimento. A etapa de estudos em São Bernardo do Campo, SP, encaminhou sua trajetória como teólogo e pastor no Brasil.

Outro traço marcante é a sua espiritualidade: a sua preocupação com a dignidade do próximo era acompanhada pelo seu próprio alimento espiritual, apontando para uma vida de oração e cultivo devocional.

Ao trabalharmos com o pensamento teológico de Aço na perspectiva de Reino de Deus e Missão, o fizemos em dois capítulos distintos. Entretanto, é necessário dizer que ambos os conceitos não se distanciam um do outro. Nossa opção por construir partes distintas teve um propósito puramente de sistematização. Reino de Deus e Missão, no pensamento teológico de Aço estão intimamente ligados ao ponto de se constatar que ao falar de Missão está também se referindo à construção do Reino. Da mesma forma, quando se refere ao Reino de Deus, Aço o percebe como desafio e compromisso missionário dos cidadãos/ãs deste Reino.

Procuramos ressaltar os conceitos com os quais Aço trabalhou em seus textos sobre Reino de Deus. Quando relacionado ao ser humano percebia as ligações pessoal e coletiva com Deus e a interação de ambos no contexto do mundo a partir de uma perspectiva de justiça e solidariedade. Ao falar de amor e esperança enxergava a Igreja, comunidade de fé, como uma experimentação do Reino de Deus. Nesta mesma perspectiva concebia o perdão como oportunidade de ação de graças. Quando se referia ao cuidado que o ser humano deve ter para com a criação divina destacava a responsabilidade que pesa sobre cada um/a na construção

das possibilidades. Com os olhos voltados para o amanhã alimentava a esperança de que o Reino de Deus pudesse mostrar sinais cada vez mais concretos na vida cotidiana de todas as pessoas.

Quando nos referimos à Missão queremos ressaltar a principal preocupação de Aço. Toda a estratégia da Igreja e dos cristãos/ãs deveria estar voltada para construção do Reino de Deus através de um trabalho missionário responsável. Neste sentido pontuamos a relação da Missão com a unidade, na qual entendia que a negação dessa resultava numa sabotagem. A ação pastoral da Igreja, deveria estar direcionada para a Missão, pois seu perfil deveria ser de uma comunidade peregrina. Neste mesmo sentido entendia que a própria liturgia desenvolvida em cultos e celebrações deveria ter o perfil missionário de transformação, assim como a convivência em família deveria ter este mesmo perfil. Ao falar sobre vocação referia-se a uma dupla dimensão: a pessoal como consagração individual e a coletiva como consagração de um povo chamado por Deus para a libertação. Quando Aço se referia à Igreja a entendia como fundamentalmente missionária: deveria ser sinal do Reino de Deus e operadora da transformação libertadora e por isso criticava a tendência da mesma como uma instituição que se autopreservava. Entretanto, era no testemunho que, tanto as pessoas como a Igreja, deveriam mostrar o seu perfil missionário de libertação.

Uma visão do Reino de Deus e da Missão se constitui no nosso olhar sobre o pensamento teológico de Aço, tomando por base estes dois conceitos. Procuramos contemplar a resenha biográfica, a ligação que estabelece entre Reino, indivíduo e sociedade bem como o papel da Igreja na construção do mesmo. Ao focarmos a Missão nos referimos à visão de unidade, à visão da ação pastoral e à visão do testemunho, tanto o pessoal quando o da Igreja. Procuramos dar um perfil conclusivo a este último capítulo.

Considerando a bibliografia utilizada é necessário expor algumas justificativas que levaram a tais escolhas. Uma parte da bibliografia, que denominamos “fundamental”, é constituída de textos de autoria de Aço. Trata-se de artigos temáticos, poesias, a transcrição de um programa de rádio, lições para a Escola Dominical e um breve livreto sobre a família. Especialmente os artigos de jornais estavam distribuídos em diversos lugares.

Uma dificuldade bastante significativa para a elaboração desta pesquisa foi justamente o fato de tais publicações constituírem-se de artigos publicados em diferentes jornais e revistas, o que demandou um trabalho de busca diversificada em diferentes arquivos,

em diversas localidades. Entretanto, conseguimos abranger a maior parte dos textos de sua autoria que foram publicados.

Na medida em que sua prática pastoral crescia, Aço refletia sobre a mesma e a registrava, não através de um relato histórico, mas de sua reflexão teológico-missionária. Entretanto, seus escritos nunca se transformaram em um livro. São textos dispersos, ora registrados em jornais e revistas ligados à própria Igreja Metodista, ora na forma de um pequeno livreto de orientações, ora na forma de colaborações à imprensa comum. Ele não tinha a preocupação de reunir tudo numa brochura, pois escrevia com a mesma intensidade que refletia e agia em Missão.

Uma parte foi conseguida no arquivo de um jornal diário, da cidade de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, chamado “A Razão”.<sup>11</sup> Estes textos, cerca de vinte e sete artigos, tinham um objetivo geral de provocar a reflexão dos habitantes da cidade sem uma preocupação direcionada para este ou aquele segmento. Nestes artigos Aço escreveu sobre problemas da cidade, como a preocupação com o trânsito, a frieza das cidades de cimento e a preocupação com as crianças abandonadas de Santa Maria. Abordou datas significativas do calendário como o Natal e o “Dia dos Professores/as”. Outro assunto que fez parte destes escritos foi a questão existencial do ser humano, sua relação com a natureza entre outros. Como ilustração destes textos de Santa Maria destacaria um parágrafo de “Crônica do Mar”:

O mar e eu, agora, nos abraçamos num amplexo de amizade e concorrência. Sinto-me gratificado por ser livre e poder enganar a onda. Ela, no entanto [*sic*] faz-me sentir que minha liberdade tem um preço, e que preciso lutar, aproveitar o momento certo, imaginar uma estratégia, para poder gozar sua companhia sem que ela se torne perigosa.<sup>12</sup>

Um outro conjunto de dez textos foi publicado na Voz Missionária.<sup>13</sup> Estes artigos e poesias eram endereçados ao público feminino da Igreja Metodista, que se organiza com diretoria própria e desenvolve um considerável trabalho missionário. Abordava assuntos relacionados a temas doutrinários e de compromisso social como o perdão, a admiração diante da criação divina, solidariedade, celebração da esperança, Natal, espiritualidade e libertação e uma das poesias que se tornou mais conhecida, “As mãos”, sendo citada hoje em sites da

<sup>11</sup> O jornal “A Razão” é um matutino diário publicado pela Empresa Jornalística De Grandi Ltda, fundado em 1934 por Luizinho de Grandi, com sede à rua Serafim Valandro, 1284 em Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>12</sup> AÇO, Isac. Crônica do mar. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 18 abr.1976.

<sup>13</sup> A “Voz Missionária” é uma publicação da Imprensa Metodista destinada em particular, às Sociedades Metodistas de Mulheres e às famílias em geral; registrada no DCDP do D.P.F. sob o n. . 254.P.209/73.

internet e outras publicações, constando em muitas delas, “autor desconhecido”. Cito uma parte deste texto a título de ilustração:

Há mãos que sustentam e mãos que abalam;  
Mãos que limitam e mãos que ampliam;  
Mãos que denunciam e mãos que escondem os denunciados;  
Mãos que se abrem e mãos que se fecham;  
Há mãos que afagam e mãos que rasgam;  
Mãos que ferem e mãos que cuidam as feridas;  
Mãos que destroem e mãos que edificam;  
Mãos que batem e mãos que recebem as pancadas por outros.<sup>14</sup>

Um conjunto de quinze textos com a preocupação mais doutrinária foi publicado na revista “Em Marcha”.<sup>15</sup> Os temas abordados nesta publicação se referiam ao crescimento em Cristo, à santificação, à maturidade cristã, à criação divina e à mordomia cristã. Como ilustração citamos um parágrafo sobre a “Criação”:

Percebemos, portanto, que os escritores bíblicos, ao escreverem sobre o Deus Criador, não estavam reflexionando sobre uma idéia vaga, ou um deus — princípio racional das “coisas” existentes. Pensavam antes, sobre aquele Deus que os tirara da Terra do Egito, com mão forte e braço estendido, e os levara à Terra da Promessa. Não é a história da Criação que lança luz sobre a salvação; é antes a libertação que dá ao mundo criado um forte colorido de bênção e de participação.<sup>16</sup>

O conjunto de textos de maior expressão foi publicado no *Expositor Cristão*<sup>17</sup>. Neste periódico Aço possui cerca de setenta e um artigos, ao longo de vinte e dois anos. Estes textos refletem ora a sua preocupação com questões doutrinárias, ora com questões pastorais; há textos referindo-se à administração eclesiástica e há poesias retratando a sua arte literária, mas sempre sobre um tema de espiritualidade. Outra particularidade que se nota é a relação que fazia com o contexto social e eclesiástico. Há textos publicados no *Expositor* que também foram publicados em outros periódicos.

Um dos seus primeiros textos abordava a questão da “Unidade e a Missão da Igreja”, publicado em setembro de 1970. Refletia um momento em que a Igreja vivia de debate e reflexão sobre uma forma diferente de encarar a Missão, a partir da unidade dos cristãos/ãs e o próprio impacto provocado pela Teologia da Libertação. Nesta década, além da unidade

<sup>14</sup> AÇO, Isac. As mãos. *Voz Missionária*, São Bernardo do Campo, ano 56, n. 1, p. 3, jan./mar.1986.

<sup>15</sup> “Em Marcha” é uma publicação da Igreja Metodista sob a responsabilidade de Colégio Episcopal que serve como texto básico de referência para as classes de adultos da Escola Dominical; como é uma publicação sob a orientação do Colégio Episcopal tem um caráter doutrinário oficial.

<sup>16</sup> AÇO, Isac. A Criação. *Em Marcha*, São Paulo, ano 09, n. 2, p. 37, abr./jun.1975.

<sup>17</sup> O “Expositor Cristão” é o órgão oficial da Igreja Metodista fundado em 1º de janeiro de 1886 pelo missionário Rev. John James Ranson; sua circulação era quinzenal mas a partir do ano 2000 passou a ser mensal; de início era uma publicação da Imprensa Metodista e hoje circula sob a edição do Colégio Episcopal da Igreja Metodista.

cristã, seus textos se ocuparam em refletir temas relacionados à evangelização, à mordomia, a maneira de “ser” Igreja, à Teologia da Libertação em relação à prática da Igreja Metodista, Igreja e Missão, questões existenciais do ser humano, entre outros assuntos, resultados de sua meditação devocional.

Como ilustração dos textos publicados na década de 1970 destacaria uma de suas poesias que traz como título “Vida”:

Dores que me dominam,  
Cruzes que carrego,  
Fardos que me pesam  
Nos mares que navego!

Alento esperanças,  
Olhando as crianças  
Que esperam por mim.  
Há dias que choro,  
Sorrio e oro;  
A vida é assim!

E faço mil planos:  
Quero transformar  
Tanta coisa incerta.  
Vão passando os anos,  
Deixo a porta aberta:  
pr'os dias insanos,  
Já estou alerta!<sup>18</sup>

Na década de 1980 os textos de Aço não apresentam uma ruptura com os temas anteriormente abordados. É, em boa parte, continuação de tudo o que já vinha refletindo em outros momentos, com uma preocupação mais acentuada sobre a proposta da Teologia da Libertação no seio da Igreja Metodista. Cresce a sua preocupação com a educação de forma geral como uma possibilidade de transformação da sociedade, com a unidade dos cristãos e com os temas pastorais. É necessário considerar que no início desta década Aço é eleito bispo e o PVMI é aprovado no XIII Concílio Geral.

Como ilustração dos textos publicados nesta década apontaria uma reflexão que fez a propósito do Dia da Pátria, em 7 de setembro de 1987:

É claro que milhões de crianças natimortas, desnutridas, marginalizadas, violentadas mesmo antes do nascimento e, depois, pela vida fora, não aparecem por mero acaso. Há uma estrutura social econômica, e ética (ou por falta de ética!) que cria a pobreza, o desemprego, a migração interna, a exploração, os desvios dos recursos populares em obras faraônicas, muitas delas totalmente inúteis, fúteis, que desviam os recursos tornando-se, assim, obras assassinas: cada tonelada de ferro, ou cimento,

<sup>18</sup> AÇO, Isac. Vida. **Expositor Cristão**. São Paulo, p. 17, set. 1976.

ou madeira, dessas obras, do desgoverno, representa dinheiro roubado à saúde, à alimentação, à educação de dezenas, centenas ou milhares de crianças.<sup>19</sup>

O jornal “Vida e Missão”<sup>20</sup> publicou vinte e um textos de autoria de Aço. Ora como um boletim regional, ora como um jornal impresso em folha tipo A3, este periódico circulou com informações da Segunda Região e com reflexões sobre o processo de implantação do PVMI. A “Palavra do Bispo” que abria cada edição, oferecia um indicativo do andamento da Região, buscando um tema que estivesse ocupando a preocupação da Igreja. Estes indicativos abordavam temas como o planejamento regional, o cuidado com a espiritualidade de pastores/as e leigos/as, a esperança do Reino de Deus, a dupla dimensão da experiência de vida cristã: piedade e compromisso, o equilíbrio entre fé e obras, a preocupação com as crianças, a transformação a partir dos pobres, a conversão para o lado dos excluídos, a unidade dos cristãos/ãs, o sonho com uma nova Igreja. Pode-se dizer que os textos deste periódico tinham uma preocupação de orientação pastoral. Como ilustração destacamos um trecho de sua reflexão sobre o tema “O Espírito do Senhor está sobre nós”:

Esta é nossa experiência carismática, ao exemplo da de Jesus, é a experiência da presença mística de Deus para a evangelização aos pobres, para a proclamação da libertação aos que se acham em cativeiro, é a experiência do envio para restaurar a visão aos que se encontram impossibilitados de ver, a lutar para que os oprimidos sejam libertos e, enfim, que a oportunidade de Deus não seja desperdiçada. [...] Não é um consumo de Experiências, mas a disponibilidade para viver a obediência ao Espírito; não é uma técnica de manipulação da espiritualidade humana em nome do espírito, mas dispor-se a “ser assumido” pelo Espírito como possibilidade de ação libertadora concreta.<sup>21</sup>

Na Faculdade de Teologia, da qual foi reitor por dois anos, circulava um boletim com o título de “Mosaico”<sup>22</sup>. Neste boletim Aço publicava a sua palavra de reitor e desenvolveu sua reflexão teológica em onze textos publicados. Os temas abrangiam a fraternidade entre os estudantes, orientações de planejamentos, preocupações com a administração eclesiástica em nível nacional, a Missão da Igreja. Como ilustração destacamos um porção da sua reflexão sobre as prioridades que o XIII Concílio Geral deveria considerar, preocupado sempre com a Missão:

Se alguma esperança há como resultado do Concílio Geral, será que se preocupe com a Missão. Não quer dizer que não venha a preocupar-se com legislação. Porém, a preocupação com a legislação deverá ser uma decorrência da Missão, isto é, preocupar-se com a missão, traçar suas linhas e, a partir daí, estruturar-se para

<sup>19</sup> AÇO, Isac. Meditação para o Dia da Pátria. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, out. de 1987.

<sup>20</sup> O Jornal “Vida e Missão” é um órgão de notícias da Igreja Metodista na Segunda Região e foi criado por Aço para articular a Região com vistas à implantação do PVMI.

<sup>21</sup> AÇO, Isac. “O Espírito do Senhor está sobre nós”. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, ago.1989.

<sup>22</sup> O “Mosaico” é o órgão oficial de informações da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista em São Bernardo do Campo, hoje integrante da Universidade Metodista de São Paulo.

viabilizar esta missão. E esta não tem sido, fundamentalmente, a preocupação dos Concílios Gerais.<sup>23</sup>

Além destes periódicos há outros textos que também foram examinados na presente pesquisa. Um deles, por exemplo, foi o livreto de quarenta e uma páginas, sobre vida familiar, sob o título “A vida começa em casa”, publicado em 1976, em Santa Maria, mas que continha textos escritos em 1971. Outro pequeno livreto reflete sobre o tema de “Dons e Ministérios”, publicado em Porto Alegre, em 1989. Neste, a preocupação foi a relação entre o Programa de Dons e Ministérios adotado pela Igreja Metodista a partir de 1987<sup>24</sup> e a Missão da Igreja.

Outros textos básicos para esta pesquisa foram os relatórios apresentados nos Concílios Regionais presididos por Aço:

1. o primeiro Concílio presidido por ele aconteceu na cidade de Santa Maria, entre os dias 15 e 18 de dezembro de 1983, e o “Registro, Atas e Documentos” publica o relatório de Aço entre as páginas 18 e 25 do qual destacamos o seguinte:

Não podemos, porém ser simplistas ao ponto de achar que a sociedade que nos envolve é neutra a nosso respeito e a respeito da Missão da Igreja. Na medida em que nossa Teologia interferir no “*status quo*”, na manutenção das situações de miséria e opressão, e criticar a fonte de [*sic*] onde os poderes do mal maquinam a impotência econômica e financeira dos países menos ricos e pobres, aí a Igreja, sinal do Reino, é olhada com desconfiança, talvez até ódio. “Eis que vos envio como ovelha para o meio dos lobos”, disse Jesus!<sup>25</sup>

2. o segundo Concílio foi realizado em Porto Alegre, entre os dias 6 e 9 de dezembro de 1984, e os seus atos estão registrados em “Atas, Registros e Documentos do XXV Concílio Regional”; o seu relatório encontra-se entre as páginas 40 e 49; desse relatório destacamos a seguinte seleção que já sinalizava a oposição que sofria em sua administração episcopal:

Quero, porém assegurar-vos que os sofrimentos não podem ser causa de recuo; devem ser para chegarmos mais perto de Deus e entendermos melhor os clamores humanos, de tal modo que, humildes e conhecedores de nossas limitações, vivamos

<sup>23</sup> AÇO, Isac. Prioridade básica: Missão. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 4 jun./ago. 1982.

<sup>24</sup> O Programa de Dons e Ministérios foi adotado pela Igreja Metodista como decisão do XIV Concílio Geral, realizado em São Bernardo do Campo em 1987. (CÂNONES, 2002, p. 69).

<sup>25</sup> RELATÓRIO do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXIV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 24., 1983, Santa Maria. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1984, p. 18-25.

pela fé, aperfeiçoando-nos no amor, repartindo a esperança em Deus, Senhor do Mundo, Senhor do Reino.<sup>26</sup>

3. o seu terceiro Concílio foi o XXVI Concílio Regional reunido em Santa Maria, entre os dias 2 e 5 de janeiro de 1986; o relatório episcopal está registrado entre as páginas 53 e 70 e faz uma significativa reflexão sobre a visão missionária da Região; as oposições que haviam iniciado no período anterior continuavam acirradas e Aço necessitou de pulso firme para manter a orientação da Região baseada no PVMI; destacamos abaixo uma parte do seu relatório que convoca à disciplina na caminhada do Reino:

Quero lembrar a todos que a Missão da Igreja, a construção do Reino de Deus tem uma força que exige disciplina, e quem colocar a mão no arado não olhe para trás. Não é possível querer salvar tudo e ao mesmo tempo ganhar o Reino. Há um preço a pagar, uma cruz a carregar. Não vamos pagar só por pagar, nem carregar por carregar, mas por sabermos que estamos no caminho da construção da paz, quer dizer, da vida plena, em todas as circunstâncias e em todas as relações.<sup>27</sup>

4. na quarta reunião que presidiu, o Concílio reuniu-se em Porto Alegre, no período de 10 a 14 de dezembro de 1986; tratava-se do XXVII Concílio Regional da Segunda Região e se constituía no conclave que elegeria os delegados/as clérigos/as e leigos/as para o XIV Concílio Geral, no qual a sua reeleição seria pleiteada; o seu relatório foi precedido de uma carta aos conciliares na qual reafirmava as tensões enfrentadas pela sua administração e falava das bênçãos divinas que superavam estas tensões, especialmente fazia agradecimentos a sua equipe de trabalho; o relatório episcopal está registrado entre as páginas 43 e 56; neste documento Aço fez o que ele chamou de “Uma breve interpretação histórico-teológica da Segunda Região”; de fato, este texto se constitui na sua visão sobre a caminhada da Igreja Metodista em solo gaúcho; em determinado trecho fez uma reflexão sobre a necessidade de mudança de paradigma missionário:

Como, porém voltar-nos a uma proposta de igreja popular sem romper com a postura anterior? É necessário um processo de conversão aos valores do Reino de Deus, já que os valores da proposta liberal acabaram coincidindo com um momento de crise na religião ocidental provocado pela secularização e o modernismo, que prometiam uma religião aliada à ciência e ao progresso sem no entanto ter

---

<sup>26</sup> RELATÓRIO do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 25., 1984 Porto Alegre, *Anais...* São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985, p. 40-49.

<sup>27</sup> RELATÓRIO, 1986, p. 54-70.

conseguido uma sociedade mais justa, sem ter impedido o fosso de marginalização entre ricos e pobres e nível dos países entre si e dentro de cada país.<sup>28</sup>

5. o XXVIII Concílio Regional aconteceu na cidade de Porto Alegre, entre os dias 13 e 17 de janeiro de 1988; este foi o primeiro Concílio presidido por Aço após a sua reeleição em julho de 1987; o relatório do Bispo está registrado entre as páginas 62 e 80 e é precedido de uma carta aos conciliares onde considera que a Região já avançou em sua nova proposta missionária, avaliando que as lutas e resistências que ainda perduram valeram a pena; neste sentido escreve:

Toda a tensão que vive hoje a Igreja no continente e no Brasil e isto não é só privilégio da Igreja Metodista, situa-se em sua posição a respeito da estrutura injusta em que vivemos, a que interesses servimos, e se temos os pobres como pacientes ou os consideramos “agentes” da transformação do mundo em que vivemos.<sup>29</sup>

6. o último Concílio ordinário presidido por Aço aconteceu na cidade de Porto Alegre entre os dias 10 e 14 de janeiro de 1990, o XXIX Concílio Regional; o relatório do Presidente está registrado entre as páginas 49 e 64; neste Concílio Aço já percebia os avanços da nova proposta missionária ao mesmo tempo em que reconhecia as estagnações; entretanto, a sua palavra final era sempre de desafio e de esperança e fazia uma avaliação da conjuntura eclesial, da conjuntura nacional e da conjuntura internacional; no final, apontava tendências:

Encerra-se uma década. Na Igreja Metodista, uma década de renovação e transição. Na(s) Igreja(s) de modo geral, após o ensaio da Teologia da libertação, um compasso de espera?

Na política nacional a eleição de Fernando Collor de Mello e do PRN confirmou a influência dos poderes externos no comportamento de parcela considerável de nosso povo. Só não retornamos à década de 60, porque grande parte do povo está mobilizado — com certeza não será possível governar a despeito dele ou contra ele! Novas estratégias de dominação, no entanto, irão aparecer já que o final da década se mostrou demais “libertador”.<sup>30</sup>

Além dos textos mencionados há uma diversidade de correspondências enviadas por Aço às igrejas, aos pastores/as e às instituições regionais<sup>31</sup>. Há também textos manuscritos que não chegaram a ter publicidade, permanecendo em poder da própria família. Entre estes

<sup>28</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>29</sup> RELATÓRIO do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVIII CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIAL DA IGREJA METODISTA. 28., 1988. Porto Alegre, *Anais...* Porto Alegre: IPA, 1990, p. 59-80.

<sup>30</sup> RELATÓRIO do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXIX CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIAL DA IGREJA METODISTA. 29., 1990. Porto Alegre, *Anais...* Porto Alegre: Segunda Região Eclesial, [1991?], p. 49-64.

<sup>31</sup> A Segunda Região possuía diversas instituições regionais, caracterizadas assim por serem administradas por conselhos eleitos pelo Concílio Regional: instância superior de deliberação e administração no âmbito de uma Região Eclesial. Tratavam-se de instituições de caráter educacional e social administradas e mantidas pela Igreja em nível regional.

outros textos, a título de ilustração, destacaria um carta que escreveu à Igreja da Segunda Região, em 19 de julho de 1990, na qual registra as suas preocupações em relação ao sofrimentos do povo e à ameaça proporcionada pelos interesses internacionais. Convocava a Igreja para uma vigília diante do sofrimento e das ameaças:

Manifesto-lhe, no entanto [*sic*]o sentir de que a Igreja na Segunda Região Eclesiástica está vivendo no meio da luta, porém com vida. Nossa luta não cessa, pois os dias são maus, porém estamos caminhando juntos, procurando alcançar o objetivo a que nos propomos ser “uma comunidade missionária a serviço do povo”. Seria impossível sentirmo-nos em paz quando se multiplicam os sofrimentos, o desemprego, o abandono. Não podemos descansar quando o povo se sente frustrado, saqueado e a vida institucional da nação sofre constante ameaças e estamos em vigília, pois os interesses internacionais sentem-se mais livres para agir em prejuízo do povo.<sup>32</sup>

Ao considerar o referencial teórico da doutrina metodista<sup>33</sup> partimos do principal documento institucional que forma a base da Igreja Metodista: “Cânones da Igreja Metodista”<sup>34</sup>. Consideramos a edição de 2002, por ser a última edição disponível na forma impressa<sup>35</sup>. Nestes Cânones baseamos nossa reflexão sobre o documento oficial e norteador que conceitua Reino e Missão: “PVMI”. A utilização desta publicação parte da intenção de buscar elementos básicos do trabalho em orientações oficiais da Igreja Metodista.

Outra obra considerada foi o livro de Richard P. Heitzenrater, “Wesley e o povo chamado metodista”, edição de 1996, que aborda uma síntese do movimento wesleyano no século dezoito. Juntamente com a reflexão teológica do movimento wesleyano esta obra conta a história da trajetória inicial de muitas pessoas envolvidas no nascimento do metodismo, tanto na Inglaterra, como nos Estados Unidos da América do Norte. Heitzenrater é professor de História da Igreja e estudos wesleyanos na Duke University Divinity School, em Durham, Novo México. Baseamos nesta publicação informações teológicas e históricas relativas ao nascimento do metodismo, por entender que ela é uma das melhores fontes de referência nesta particularidade.

<sup>32</sup> AÇO, Isac. [Correspondência: Mensagem às Igrejas]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 19 de julho de 1990, 1 f.

<sup>33</sup> Conforme p. 113.

<sup>34</sup> Os Cânones da Igreja Metodista é um código normativo que contém o conjunto das deliberações dos Concílios e outras instâncias que possuem a responsabilidade de organizar e regular as relações humanas e de poder da Igreja.

<sup>35</sup> A edição de 2007 está disponível eletronicamente em sua versão preliminar: CÂNONES da Igreja Metodista 2007-2011. São Paulo: Sede Nacional. Disponível em: <<http://www.expositorcristao.org.br/index.jsp?conteudo=4497>>. Acesso em: 29 jun. 2007.

Ao tratar especialmente da Teologia metodista buscamos base na obra de Walter Klaiber e de Manfred Marquardt, “Viver a Graça de Deus – um compêndio de Teologia metodista”, edição conjunta da Editeo e da Editora Centro de São Bernardo do Campo de 1999 e tradução de Helmuth Alfredo Simon. Klaiber é bispo da Igreja Metodista na Alemanha e doutor em Teologia pela Eberhard Karls Universität Tübingen. Marquardt é doutor em Teologia. Foi professor de Teologia Sistemática no Theologischen Seminar Reutlingen da Igreja Metodista na Alemanha e em 1989 tornou-se seu Deão. Assumimos esta publicação para referendar diversos conceitos na Teologia metodista, em virtude de que esta publicação representa um referencial significativo nesta área na atualidade.

Uma outra obra utilizada foi “As crenças fundamentais dos metodistas” de Mack B. Stokes, tradução de C. W. Clay e D. A. Reily, 2ª edição de 1992 pela Imprensa Metodista, São Paulo. Stokes foi bispo da United Methodist Church e Ph. D pela Boston University. Esta obra é objeto de leitura significativa pelas pessoas da Igreja Metodista como literatura básica para os catecúmenos, razão pela qual utilizamos alguns conceitos clássicos para a Teologia metodista. Seus conceitos sobre doutrina metodista são fiéis à tradição metodista, porém possuem alguns elementos que refletem o pensamento de sua primeira edição em 1962.

A conceituação de Reino de Deus na Teologia da Libertação<sup>36</sup> foi buscada prioritariamente na obra de Leonardo Boff, “Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia Crítica Para Nosso Tempo”, uma edição da Vozes de 1972. Nossa escolha por esta obra se deveu ao fato de ter sido um das primeiras publicações na forma de livro no Brasil sobre o tema da Teologia da Libertação e de um autor reconhecido internacionalmente. Em parceria com seu irmão Clodovis, Leonardo publicou em 1979 pela mesma editora, “Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas”. Uma outra obra do Leonardo que se constituiu como suporte teórico para a construção do conceito de Reino foi “O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida”, uma edição de 1980 pela editora Codecri. Todas são consideradas obras clássicas para a Teologia da Libertação e por esta razão foram escolhidas para a construção do referencial teórico do Reino de Deus.

“A fé em busca de eficiência – uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre libertação” de José Míguez Bonino, tradução de Getúlio Bertelli e editado pela Editora Sinodal, em 1987, nos serviu como suporte teórico para construir a conceituação de Reino de Deus na Teologia da Libertação, a partir da visão de um metodista.

---

<sup>36</sup> Conforme p. 119.

Com uma contribuição diferente e olhando por um outro lado a Teologia da Libertação, examinamos a obra de Daniel Rocha Guimarães, “Teologia da Libertação”, publicada pela JUERP, em 1984, com o propósito de ser uma crítica à Teologia da Libertação. Contudo, toma alguns elementos que, mesmo pelo lado da crítica representou, de certa forma, uma contribuição.

Duas obras sobre o referencial teórico da Teologia da Missão foram utilizadas para fundamentar a mudança de paradigma na América Latina e de forma geral. A primeira foi “A missão a partir da América Latina”, do Padre chileno Carlos Pape, primeiro doutor latino-americano em missiologia, uma tradução do espanhol de 1983, publicada pelas Edições Paulinas. A Missão a partir dos pobres é conceituada como solidariedade para com o povo pobre, privilegiado no anúncio de Jesus Cristo. A outra é de uma das autoridades mais expressivas nesta área, o Dr. David Jacobus Bosch, “Missão transformadora: mudança de paradigma na Teologia da Missão”, traduzida por Geraldo Korndörfer e Luís M. Sander e co-editada pela EST e Editora Sinodal, em 2002. A escolha desta obra se justifica por ser reconhecida nos meios acadêmicos como um referencial para os estudos de Missão na atualidade. A posição que Aço defende sobre Missão aproxima-se muito de algumas posições de Bosch.

Quando fazemos citações bíblicas, assumimos o sistema de símbolos adotados pela Bíblia Sagrada, traduzida por João Ferreira de Almeida, em sua segunda edição, revista e atualizada no Brasil (RA), publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, em São Paulo, em 1993.

As citações retiradas de páginas da internet se reportam a elementos contextuais não constituindo, portanto, em citações fundamentais para a tese.

Incluímos três anexos por considerar elementos significativos. Para auxiliar o leitor na compreensão das características e perfis de Aço com relação às datas e eventos mais significativos de sua vida, incluímos um Quadro Cronológico como Anexo A. Os outros dois anexos constituem documentos marcantes para o metodismo no Brasil: o PVMI, documento básico da Igreja Metodista aprovado no XIII Concílio Geral, que passou a nortear a ação missionária e, as Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista (DEIM) que firmou as bases da educação metodista. Ambos tiveram papel importante na reflexão e na ação de Aço.

Ao final, construímos um Índice Remissivo, contemplando termos e expressões significativas para a pesquisa. Através dele é possível perceber a intensidade como algumas expressões e termos aparecem ao longo do trabalho.

Convivi com Aço desde os meus tempos de estudante de Teologia. Ele foi meu professor da disciplina de Exegese do Novo Testamento, no Instituto João Wesley<sup>37</sup>, onde fiz a primeira parte da formação teológica. Posteriormente convivi com ele na qualidade de colega de ministério pastoral. Por fim, o tive como meu Bispo entre 1983 e seu falecimento em 1991. Em duas oportunidades fui escolhido por ele como Superintendente Distrital<sup>38</sup>, primeiramente no Distrito do Planalto<sup>39</sup> e por fim no Distrito Metrópole I<sup>40</sup>, em Porto Alegre. Sempre o admirei pelo seu dinamismo e mais ainda pela sua coragem e força de propósito ao implantar, na qualidade de Bispo da Segunda Região da Igreja Metodista, o PVMI, um Plano que contemplava a Teologia da Libertação.

A minha decisão de realizar este trabalho teve como motivação o fato de que Aço deixou um volume significativo de textos, que ficaram esquecidos entre as páginas de jornais e revistas do passado. Talvez tenham sido esquecidos porque já haviam provocado o seu efeito maior: a mudança na reflexão e na prática pastoral da Igreja. Talvez tenham ficado esquecidos de propósito, em parte porque não deveriam ser lembrados, já que traziam uma proposta de mudança que não interessava a quem cabia orientar a Missão da Igreja. Estes textos contêm uma importante contribuição para reflexão teológica e para a prática pastoral da Igreja que, no meu julgamento, não merecem ser deixados de lado.

---

<sup>37</sup> O Instituto João Wesley foi a Instituição de formação teológica dos/as pastores/as da Segunda Região entre os anos de 1963 e 1972 quando teve o seu nome alterado para Instituto Metodista de Educação Teológica. Ministrava cursos livres de Teologia em oito semestres que posteriormente eram complementados na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo, SP, para obtenção do grau de Bacharel.

<sup>38</sup> O Superintendente Distrital é um/a Presbítero/a nomeado pelo Bispo da Região Eclesiástica para superintender um Distrito (área geográfica constituída de duas ou mais igrejas locais).

<sup>39</sup> O Distrito do Planalto era constituído pelas igrejas locais das cidades de Passo Fundo, Carazinho, Soledade, Erechim e Sertão.

<sup>40</sup> O Distrito Metrópole I abrangia as igrejas localizadas no centro e nos bairros das zonas Leste e Sul de Porto Alegre.

*Entre o oceano e o minuano*  
*Isac Aço*

*Fui homem do oceano,  
 vivi correndo os mares;  
 tentado pelo minuano,  
 ao pampa lancei olhares.  
 Esta vida me encanta  
 pelo horizonte sem fim:  
 eu quero olhar para longe  
 - seja no mar, ou de ponche,  
 ainda busco por mim.*

*As ondas do mar revoltas,  
 eu as troquei pela coxilha.  
 Que importa: o vento é solto,  
 e o sol também aqui brilha!  
 Se no mar a gente, sente  
 que navegar é uma paixão;  
 na coxilha - minha gente!  
 A vida se funde com o rincão!*

*A valentia do gaúcho  
 e a dureza da peleia,  
 eu as comparo ao marujo  
 vagando ao largo da areia.  
 Domar o ginete bravio  
 é como no barco adernar:  
 mão firme e sangue frio  
 para o homem se afirmar!  
 O vento é companheiro,  
 traz a força e traz o frio  
 na rota do carreteiro,  
 ele o acompanha com assobio;  
 na manobra do marinheiro -  
 é quem segura todo o navio.*

*Fui homem do oceano,  
 nunca deixei de correr;  
 e hoje com o minuano  
 ainda sinto ferver,  
 o meu sangue de cigano.  
 Minha pátria é a estrada,  
 o mar, a encruzilhada,  
 o povo que me abrigou.  
 Cheguei ao pampa liberto,  
 logo vi seu céu aberto  
 e isso me conquistou.*

*Cheguei, e sou de vós.  
 Sigo com os meus avós  
 as trilhas deste rincão.  
 Todos têm a porta aberta,  
 a amizade é uma oferta,  
 no amargo do chimarrão.  
 Cheguei sem bagagem e sem armas  
 sendo eu um peregrino;  
 estou sempre atento aos alarmas  
 em demanda do destino.  
 Sou homem do minuano,  
 mas ainda olho o oceano,  
 na esperança de ver chegar  
 o dia em que a maresia  
 se encontre com a ventania  
 e meu horizonte ampliar!*

*Santa Maria, 6 de novembro de 1973.*

## 1. BIOGRAFIA E PERFIS DE AÇO

### 1.1. O ALVORECER – ANGOLA – PORTUGAL

No dia 4 de maio de 1935, uma família se alegrava em Santo António do Zaire na Angola, parte sul da costa oeste da África. Precisamente, neste dia de outono nascia um menino a quem os pais Luiz Campos Aço e Jesufina Baião Aço<sup>41</sup> deram o nome de Isac Alberto Rodrigues Aço. Ainda pequeno Aço mudou-se com a família para Portugal. Era uma grande família, contando seus três irmãos, a tia, o tio e um primo, que moravam juntos num total de nove pessoas. Foi educado num sistema repressor, típico do seu tempo em Portugal. Imperava, como metodologia de ensino, a palmatória entre outros castigos corporais. Em certo momento de sua “Retrospectiva”<sup>42</sup> chegou a afirmar que a escola era uma tortura.<sup>43</sup> O ambiente familiar era tipicamente religioso onde não faltavam orações e a leitura da Bíblia. Sempre freqüentavam a igreja evangélica<sup>44</sup> onde havia um grupo de escoteiros do qual Aço fez parte como lobinho. Criou-se no bairro Alto da Ajuda, em Lisboa, olhando de cima para o rio Tejo, “imaginando a África, onde havia nascido, e o Brasil”.<sup>45</sup> A ligação com o Brasil estava relacionava-se com a figura do avô de Aço. Ele teria vindo para cá no início do séc. XX, na qualidade de imigrante, onde permaneceu o resto de sua vida:

---

<sup>41</sup> “Jesufina, viveu quase 80 anos, mais de 60 inteiramente dedicados à obra de evangelização. Embora nunca tivesse sido ordenada, dedicou toda sua vida à obra missionária e, de comunicação do evangelho. Ajudou milhares de pessoas a encontrar-se com Cristo para uma nova vida”. (AÇO, Isac. [**Correspondência: aos pastores e pastoras**]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 11 de julho de 1990, 1 f.).

<sup>42</sup> Trata-se de um texto manuscrito deixado por Aço em seu escritório doméstico, poucos dias antes do falecimento repentino, em acidente. Foi publicado no livro “Para que o sonho não acabe: escritos e mensagens do Bispo Isac Aço”, em 1992, pela Imprensa Metodista e pela Editeo, cuja venda se destinou a cobrir despesas resultantes da indenização que a Igreja Metodista teve que pagar à empresa de transporte, à qual pertencia o caminhão envolvido no acidente; no julgamento do caso Aço foi considerado culpado pelo acidente que o vitimou junto com o filho Marcos.

<sup>43</sup> PARA que o sonho não acabe: escritos e mensagens do Bispo Isac Aço. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992, p. 17.

<sup>44</sup> Esta Igreja Evangélica que Aço se refere é na verdade a Igreja Congregacional que depois foi assumida pela Igreja Presbiteriana, em Portugal.

<sup>45</sup> PARA, 1992, p. 17.

O Brasil é um país maravilhoso: digo-o de sã consciência e digo-o por tê-lo adotado como Pátria, seguindo meu avô que veio como imigrante no início do século e aqui viveu e morreu.<sup>46</sup>

Seus pais aproveitaram o tempo que passaram em Lisboa para estudar um pouco mais, à noite, e assim se preparavam para retornar à África como missionários e professores. O pai estudou Teologia com outros pastores, preparando-se para voltar a Angola na qualidade de pastor missionário. Depois de um longo período de enfermidade da mãe, em 1943, Jesufina foi declarada curada. Um grupo de missionários suíços contratou o Sr. Luiz e a esposa para retornarem à África.

## 1.2. ÁFRICA, NOVAMENTE

O período de despedidas de Portugal foi uma verdadeira epopéia. Havia muitos parentes, amigos e irmãos na fé, dos quais tinham que se despedir. Nunca esqueceu a “maratona de chás”<sup>47</sup> e choros, que se misturavam à melodia do “velho hino”<sup>48</sup> ‘Deus vos guarde pelo seu poder’<sup>49</sup>.

A viagem para a África foi uma longa travessia de cerca de trinta dias em navio mercante. Quando todos pensaram que desembarcariam em Lobito, cidade portuária da província de Benguela, o navio recebeu ordens para atracar em “Moçamedes, uma cidade à beira do deserto, fundada por pernambucanos, e que estava sem água”.<sup>50</sup> Luiz foi para Angola apenas como professor por causa de imprecisões no contrato que havia assinado com os suíços.

A primeira Missão da família Aço, em Angola, foi a cerca de cinco quilômetros da cidade de Caluquembe. Tratava-se de uma Missão típica construída por missionários protestantes, que contava com diversas instalações. Havia a casa onde a família do

---

<sup>46</sup> AÇO, p. 15, jun. 1987.

<sup>47</sup> Quando Aço se referia à “maratona de chás” indicava uma das formas de agradar aos visitantes em Portugal, na época; consistia em convidá-los para tomarem um chá acompanhado de doces e biscoitos; habitualmente esta prática também acontecia nas igrejas evangélicas; como se repetiu diversas vezes antes da partida da família Aço para Angola, ele utiliza esta figura retirada do meio esportivo.

<sup>48</sup> Trata-se de um hino do Hinário Evangélico que tem como título “Despedida”, adotado por algumas igrejas evangélicas em Portugal e no Brasil, entre elas a Igreja Metodista. Tradicionalmente os metodistas cantam este hino nos momentos de despedida de pessoas que partem para alguma tarefa, para alguma missão espinhosa e longa; a seguir citamos alguns versos para ilustração: “Deus vos guarde pelo seu poder, protegidos, abençoados, desfrutando os seus cuidados, Deus vos guarde pelo seu poder”. Refrão: “Pelo seu poder e no seu amor, estaremos todos com Jesus, pelo seu poder e no seu amor, oh! Que Deus nos guarde em sua luz!” (HINÁRIO evangélico com ritual. 15. ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1994, p. 413).

<sup>49</sup> PARA, 1992, p. 19.

<sup>50</sup> PARA, 1992, p. 19.

missionário era alojada, o templo destinado aos cultos e atos religiosos, uma escola paroquial, instalações para a Escola Dominical, hospital, internato e oficinas destinadas à manutenção do patrimônio.

Caluquembe era uma povoação com uns vinte ou trinta comerciantes, um “posto” de autoridade administrativa, uma escola e uma igreja (católica). A uns cinco quilômetros da povoação estava a “missão”, ao estilo das estações missionárias construídas pelos protestantes: casas para os missionários relativamente boas — em alguns casos, com certo luxo —, templo, escola, escola bíblica, hospital, internatos, oficinas.<sup>51</sup>

Em 1945, depois de algum tempo vivendo e estudando na escola da “missão”, Isac foi matriculado num internato em Sá da Bandeira, hoje com o nome de Lubango, a cerca de duzentos quilômetros de Caluquembe. Durante a sua viagem para lá houve um acidente com o caminhão onde viajava e Isac acabou ferido, mas sem gravidade<sup>52</sup>. Aquele tempo, no internato, se transformou numa experiência negativa e por um ano ele praticamente não avançou nos estudos. No ano seguinte seu pai foi transferido, como pastor, para Sá da Bandeira onde permaneceu um ano. Dessa vez foi uma experiência ímpar de partilha no seio da igreja, com muita alegria e a comunidade teve um novo alento.<sup>53</sup>

Pessoas em situação de risco de morte procuravam os missionários para pedir refúgio. Houve uma ocasião em que a casa dos Aço chegou a ter quase vinte pessoas<sup>54</sup> morando. Na madrugada do sábado<sup>55</sup> de aleluia, o fogo consumiu a casa da família Aço da qual foi possível apenas salvar as próprias vidas. As suspeitas recaíram sobre o marido de uma mulher que havia pedido abrigo na casa do missionário, ainda que nunca tenham sido confirmadas estas suspeitas.

Na Páscoa de 55, nossa casa pegou fogo. Estávamos na semana santa. Conferências especiais. Sexta-feira, após o culto, ficamos orando e conversando até à uma hora da manhã. Nesse tempo nossa casa estava repleta. Éramos quase vinte pessoas. Uma família vizinha havia-se refugiado em nossa casa, pois o marido, que bebia muito, ameaçava matar a mulher e duas filhas. Teria sido ele quem lançou fogo na casa? Sempre se pensou que sim, porém, nunca houve provas.<sup>56</sup>

<sup>51</sup> PARA, 1992, p. 19.

<sup>52</sup> A viagem foi feita em cima de um caminhão carregado de milho; sobre a carga, muitas pessoas faziam este percurso; o acidente, capotagem do caminhão, foi grave e várias pessoas faleceram e outras tiveram ferimentos graves; Aço também se feriu, mas não com gravidade; ele não chega a mencionar se havia familiares junto com ele apesar de utilizar o verbo viajar na segunda pessoa do plural “viajávamos”. (AÇO, 1992, p. 20).

<sup>53</sup> PARA, 1992, p. 20.

<sup>54</sup> Aço não menciona se todas estas pessoas estavam lá por causa de ameaças ou porque simplesmente necessitavam se hospedar na casa do missionário naquele período. (AÇO, 1992, p. 23).

<sup>55</sup> Dia 9 de abril de 1955.

<sup>56</sup> PARA, 1992, p. 22.

Quando o dia amanheceu e todos puderam recobrar-se psicologicamente, o missionário e pai reuniu as pessoas nos escombros da casa para um ato de ação de graças pelas vidas de todos que foram salvas. Nas suas orações havia um pedido para que Deus indicasse qual era a lição que ele queria mostrar para todos/as.

A adolescência de Aço foi marcada pela insegurança espiritual. A convicção sobre a fé em Jesus Cristo só veio depois de muitas lutas interiores. Neste contexto de indecisões espirituais foi batizado por imersão, aos dezesseis anos, na Lagoa de Moçamedes, mais por fé do que por convicção<sup>57</sup>. O batismo não marcou o fim de suas dúvidas. Pelo contrário, elas passaram a integrar a sua reflexão permanente como parte da própria vida:

Meu itinerário espiritual não foi fácil. Criado em ambiente profundamente religioso, apelativo, fui batizado lá pêlos dezesseis anos, depois de muitas lutas interiores para saber se cria ou não cria realmente em Jesus Cristo. Fui batizado por imersão na Lagoa de Moçamedes e mais pela fé do que pela certeza absoluta. Como o “justo viverá por fé”, aceitei ser batizado. As lutas continuaram, mas fui me convencendo que faziam parte da vida.<sup>58</sup>

Em 1947, o então Pastor Luiz Aço foi transferido como missionário, juntamente com Jesufina, para a cidade de Moçamedes, aquela cidade onde haviam atracado à beira do deserto. Este pastorado se constituiu numa experiência amarga. Estavam praticamente sem dinheiro, a princípio vivendo num hotel, depois numa casa alugada, a família Aço passou por todo o tipo de privações. A Junta Geral de Missões dos Estados Unidos da América do Norte<sup>59</sup>, que estabeleceu o trabalho missionário, não enviava dinheiro. Por conseguinte, a família acumulava dívidas, não comprava roupas nem calçados vivendo um período de pobreza, à custa da bondade de algumas pessoas como do próprio dono do hotel, que se comprometeu a mantê-los como hóspedes. Na avaliação de Aço, aquelas pessoas que lhes ajudaram e fizeram amizade com eles foram, de fato, as pessoas mais cristãs que eles encontraram naquela época:

Esperamos muitos meses! Não pagávamos o dono do hotel, o sr. Gouveia, dono de um cassino, bêbado, que assegurou ao meu pai que não nos mandaria embora, mesmo que não pagássemos. A família do sr. Gouveia era católica ao extremo. Quando chegamos, uma das filhas estava em Roma nas festas do Ano Santo. Embora essa época não o considerássemos, foram as pessoas mais cristãs que tenho encontrado. Mesmo pensando de modo oposto — assim achávamos — convivemos todos aqueles meses, até mesmo fazendo escola dominical no pátio do hotel, e

---

<sup>57</sup> Aço não chega a mencionar qual era a falta de convicção, mas tudo leva a crer que a sua indecisão referia-se ao momento do batismo, se já estaria maduro para assumir tão séria atitude.

<sup>58</sup> PARA, 1992, p. 22.

<sup>59</sup> A Junta Geral de Missões dos Estados Unidos da América do Norte é o organismo da Igreja Metodista Unida que gerencia as ações missionárias no exterior do país. (GENERAL board of global ministries. Disponível em: <<http://new.gbgm-umc.org/about/globalministries>> Acesso em: 27 out. 2006).

fizemos muita amizade! Não tínhamos roupa, não tínhamos calçado, enfim foi um tempo de “vacas muito magras”, sempre esperando que um dia viria dinheiro da Junta Missionária.<sup>60</sup>

Foi um período de sacrifícios vividos pela família de Luiz Aço. Pode-se dizer que foi marcante para a formação da personalidade de Aço no sentido de que percebia a dimensão do sofrimento imposto pelas limitações materiais. Dessa forma, permitia-lhe olhar ao redor e empaticamente sentir como as outras pessoas que passavam por semelhantes limitações percebiam. Esta percepção das limitações o impelia a uma ação, que para Aço significava a ação missionária.

A cidade de Moçamedes era muito católica. Não havia trabalho evangélico que não fosse aquele trazido pelo missionário. O Pastor Luiz Aço se defrontou com o padre local a ponto de ter que publicar um livreto para fazer frente ao sacerdote católico. O pátio do hotel servia de espaço para os cultos que o Pastor Luiz realizava. Mesmo tendo uma família católica, o proprietário do hotel obrigava os demais hóspedes e trabalhadores do estabelecimento a assistirem aos cultos do missionário.

Meu pai entrou em polêmica aberta com o padre católico. Foi o dono da tipografia que financiou o livreto escrito em resposta ao padre. Não tínhamos templo. Passamos a fazer os cultos no pátio do hotel do Sr. Leão que obrigava os hóspedes, trabalhadores braçais, a assistirem aos cultos já que não havia quaisquer diversões naquela cidade.<sup>61</sup>

Em Moçamedes, Aço passou a adolescência juntamente com a família. De Moçamedes suas irmãs saíram para trabalhar em outras missões dando prosseguimento ao trabalho de seus pais.<sup>62</sup> Aço foi convidado para o trabalho nas escolas rurais da Igreja Metodista<sup>63</sup>.

### 1.3. MISSIONÁRIO METODISTA

Em sua “Retrospectiva”, Aço recordava a figura de sua mãe de maneira extraordinária. A concebia como uma mulher que, enquanto vendia rendas em Lisboa, aproveitava para evangelizar. A maneira dedicada como sua mãe realizava esta tarefa marcou sua vida. Por diversas vezes, Aço se referia aos pais como responsáveis pela herança espiritual que recebera. Esta herança funcionou como uma espécie de chamado para a Missão:

---

<sup>60</sup> PARA, 1992, p. 21.

<sup>61</sup> AÇO, 1992, p. 21.

<sup>62</sup> PARA, 1992, p. 20.

<sup>63</sup> PARA, 1992, p. 22.

Não é de estranhar que todo o plano de Deus tenha por objetivo que tenhamos vida e a tenhamos com abundância. Eu vivo nesta certeza e tenho o compromisso de torná-la conhecida a outros que caminham comigo. Isto recebi por herança de meus pais. Uma herança a princípio confusa, porém determinante. É como uma herança “genética”; está dentro de nós. Porém foi e é necessária a cada dia reavivá-la, já que não podemos desprezar o dever que há em nós, como diria o escritor da Epístola a Timóteo. Esta herança de busca de vida, e de viver para que outros vivam, recebi-a de minha mãe, de meu pai.<sup>64</sup>

Poucos dias depois da Páscoa de 1955, Aço foi para Luanda, convidado para ampliar um programa de escolas rurais da Igreja Metodista. Durante a juventude, Aço chegou a coordenar a “educação de escolas rurais para todo o interior de Angola”.<sup>65</sup> Diferentemente das missões por onde havia passado, acompanhando o seu pai, Aço declarou que na Igreja Metodista encontrou “uma Igreja organizada, que havia educado os negros, e na qual eles tinham palavra e votavam nas decisões”.<sup>66</sup> Em julho desse ano foi nomeado diretor das Escolas Rurais da Área de Malange.<sup>67</sup> Era um desafio completamente novo e consistia em escolarizar milhares de crianças,<sup>68</sup> no interior da África, por lugares onde as populações não recebiam qualquer assistência. Após o primeiro Concílio de que participou, Aço passou a “entender a situação do negro — a opressão, a exploração, a ânsia de libertação e que isso era parte da própria fé”.<sup>69</sup> Compreendeu que “o fato de abrirem as portas da educação ao lado do evangelho era uma arma eficaz no espírito da liberdade”.<sup>70</sup>

Em 24 de abril de 1960 Aço casou-se com Graciela, passando esta se chamar Graciela Duarte Rito Rodrigues Aço. Segundo ele, o casamento foi uma aventura já que não tiveram condições de se visitar, a não ser apenas uma vez. O namoro e o noivado foram realizados através de cartas<sup>71</sup> e a família dele o representou no pedido de casamento. Duas semanas antes do matrimônio, Aço chegou ao aeroporto de Lisboa onde Graciela e seu pai o aguardavam, segundo ele, com um ar de desconfiança. Aço descreveu sua esposa como uma mulher corajosa, pois logo após uma breve lua-de-mel partiram de navio para a África, percorrendo, depois, o interior do continente, hospedando-se em casas de capim tomadas por

---

<sup>64</sup> PARA, 1992, p. 16.

<sup>65</sup> PARA, 1992, p. 23.

<sup>66</sup> PARA, 1992, p. 22.

<sup>67</sup> Província de Angola a cerca de 430 Km da capital, Luanda; fica numa área plana. A capital da província foi construída pelos portugueses durante o período da colonização. (A MISSÃO franciscana de Angola. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/missoes/missaofran/index.php>> Acesso em: 23 nov. 2006).

<sup>68</sup> Parece que este seu primeiro trabalho foi determinante para a sua preocupação com as crianças – durante toda a sua vida pessoal e vocacional (profissional) ele manteve este olhar cuidadoso para com as crianças.

<sup>69</sup> PARA, 1992, p. 22.

<sup>70</sup> PARA, 1992, p. 24.

<sup>71</sup> Graciela é de Lisboa, Portugal.

cobras, ratos, mosquitos e insetos.<sup>72</sup> Assim foi o primeiro ano de vida conjugal, em Malange, de onde Aço viajava constantemente, deixando sozinha a esposa já grávida. Em 1º de março de 1961 nasceu a primeira filha do casal, a quem deram o nome de Ana Cristina.

Nesta época, em Angola, já apareciam os primeiros sinais da guerra pró-independência. Na madrugada de 15 de março<sup>73</sup> a população iniciou o levante, com revoltas, resultando em muitas mortes e diversas prisões. Foram tempos de guerra e violência em que as populações negras foram vingadas de anos de colonialismo português.<sup>74</sup> Neste contexto Aço recebeu um convite para estudar Teologia no Brasil.

Quando iniciou a revolução da população negra em 1961, Aço foi salvo por causa de seu costume de viajar sempre acompanhado de um menino negro. Este se adiantava para anunciar que o branco que o acompanhava era Isac, um missionário metodista. Em virtude de seu trabalho de solidariedade e apoio aos negros de Angola, os missionários metodistas eram queridos. Por isso, os missionários da Igreja Metodista não eram agredidos durante a revolução.<sup>75</sup> Certa vez foi detido por algumas horas, ao descansar em um posto policial português. Abordado pelas autoridades sobre quem era e o que fazia respondeu que era um missionário metodista e que vinha de diversas localidades, pregando o evangelho. Como o policial acreditava que o trabalho missionário era contra Portugal, deteve-o junto com sua esposa.<sup>76</sup>

É importante considerar que Angola foi colonizada por Portugal e que, a partir de 1961, passou por um período de revoltas populares e golpes, buscando sua independência, que somente aconteceu em 11 de novembro de 1975:

Os portugueses chegaram a Angola em 1483, mas Portugal não obteve o controle completo do país até inícios do século XX. Sua tentativa de penetrar rumo ao interior, no século XVI, encontrou a resistência ferrenha da rainha Nzinga de Ndongo, que obrigou os portugueses a voltar ao sistema de feitorias costeiras.

---

<sup>72</sup> PARA, 1992, p. 26.

<sup>73</sup> “Assim, o processo de libertação de Angola foi marcado por várias datas e etapas todas elas históricas e importantes, mas não tenhamos dúvidas, que pela sua concepção, estruturação e organização, assim como pelo impacto e expansão no território nacional, o 15 DE MARÇO DE 1961, é a data mais marcante do processo de libertação nacional. Foi o início de uma luta que durou 14 anos e que, evidentemente, culminou com a assinatura do célebre e histórico Acordo do Alvor entre o governo português e os três Movimentos de Libertação, a FNLA, o MPLA e a UNITA”. (A HISTÓRICA união das populações de angola-UPA- e as três gloriosas, 4 de janeiro, 4 de fevereiro e 15 de março de 1961 - um modesto contributo da FNLA à verdadeira história e Angola. Disponível em: < [http://www.fnla.net/historique/historia\\_da\\_upa.htm](http://www.fnla.net/historique/historia_da_upa.htm)>. Acesso em 29 set. 2006).

<sup>74</sup> PARA, 1992, p. 26.

<sup>75</sup> CAVALHEIRO, 2003, p. 37.

<sup>76</sup> CAVALHEIRO, 2003, p. 39.

Posteriormente, foi governada pelo denominado Regime Indígena, um sistema colonial no qual a exploração econômica, o abandono cultural e a repressão política vigoraram até 1961. Em 1951, o *status* oficial de Angola passou de colônia à província de ultramar. Durante a década de 1950, surgiu um movimento nacionalista. Em 1961, iniciou-se um confronto guerrilheiro contra os portugueses e, em 11 de novembro de 1975, Angola conseguiu sua independência.<sup>77</sup>

A sua experiência em solo africano, testemunhando a dor dos verdadeiros donos da terra, os negros, foi determinante para moldar sua visão missionária e ecumênica. A forma como os portugueses escravizavam os negros em sua própria terra, arregimentando-os para a colheita do algodão, foi construindo a consciência de indignação diante da exploração dos trabalhadores rurais de Angola.<sup>78</sup>

Esta característica missionária sempre o acompanhou. Na primeira entrevista que concedeu à imprensa brasileira voltou a manifestar esta vocação, quando se referiu a um dos motivos que o trouxe ao Brasil, falando do seu “ardente desejo de servir melhor nossa Igreja, em Angola”.<sup>79</sup>

#### 1.4. A VIAGEM PARA O BRASIL – RETOMADA DE ESTUDOS

De Angola, o casal com a filhinha viajou para Portugal. O trâmite para conseguir o passaporte demorou um ano. Durante este tempo de permanência em Portugal, Aço completou os estudos de liceu<sup>80</sup>. Como o passaporte demorou, Aço chegou a pensar em fazer o curso de Medicina<sup>81</sup> numa faculdade portuguesa. Enquanto esperava, colaborou com a Igreja Presbiteriana, na cidade de Figueira da Foz, no distrito de Coimbra e arredores<sup>82</sup>.

Depois de muitas idas e vindas ao setor competente, finalmente os passaportes foram liberados pelas autoridades portuguesas. Mesmo assim, no aeroporto de Lisboa, a polícia salazarista, braço forte do chamado Estado Novo que vigorou por cerca de quarenta e um anos, fez ameaças, estranhando como um missionário metodista angolano tinha conseguido passaporte em Portugal<sup>83</sup>.

---

<sup>77</sup> "Angola," *Enciclopédia® Microsoft® Encarta*. © 1993-1999 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados.

<sup>78</sup> CAVALHEIRO, 2003, p. 36.

<sup>79</sup> ANCHIETA, Samuel. Estudantes bolsistas de ultramar falam à Igreja Metodista do Brasil. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 8, ago. 1964.

<sup>80</sup> O Liceu correspondia, em Portugal, ao Ensino Médio, no Brasil.

<sup>81</sup> PARA, 1992, p. 27.

<sup>82</sup> PARA, 1992, p. 27.

<sup>83</sup> PARA, 1992, p. 27.

Se, por um lado, os estudos no Brasil trariam ao casal melhores condições para um trabalho missionário mais significativo, por outro, o fato de sair de sua terra lhe causava constrangimento<sup>84</sup>. Entretanto, considerava necessário. Em um trecho de sua “Retrospectiva” escreveu sobre o seu sentimento em relação ao trabalho realizado na África, ressaltando que o “trabalho com as escolas estava destruído. As escolas foram transformadas em quartéis, as pessoas fugiram para as matas, toda a área foi interdita”.<sup>85</sup>

No dia 13 de julho de 1962, Graciela e Isac chegaram a São Paulo trazendo no colo sua filha. Estavam aflitos porque tinham dúvidas sobre se tinham perdido o vestibular de ingresso no curso de Teologia ou não. Parece ter havido uma dificuldade de comunicação. Aço entendera que haveria um exame vestibular para o curso de Teologia, no dia 13 de julho, mas neste dia eles só conseguiram chegar à Faculdade de Teologia às doze horas. Entretanto, como se tratava de um período de férias não havia nenhum exame e tudo não passara de um mal entendido.<sup>86</sup>

O tempo em que Aço passou como estudante na Faculdade de Teologia<sup>87</sup> foi analisado por ele como “tempo de plenitude, um tempo de graças”.<sup>88</sup> Na verdade, menos de dois anos após a chegada da família, o Brasil mergulhou num período de ditadura iniciado com o Golpe Militar de 31 de março de 1964. Muitos seminários teológicos foram fechados na época<sup>89</sup>, houve prisões dentro e fora da Igreja e muita calúnia, mesmo contra algumas escolas de Teologia. Em meio a tudo isso, criou-se “um ambiente de discussão franca, profunda e renovadora”.<sup>90</sup>

Em agosto de 1964 o casal Aço foi entrevistado pelo jornal da Igreja Metodista, o “Expositor Cristão”, quando falou de diversos aspectos de sua vinda para o Brasil. Entre outras coisas Aço destacou a generosidade da Igreja Metodista do Brasil,<sup>91</sup> através da Junta

---

<sup>84</sup> PARA, 1992, p. 27.

<sup>85</sup> PARA, 1992, p. 27.

<sup>86</sup> PARA, 1992, p. 28.

<sup>87</sup> De 1962 a 1966 quando se deu a sua formatura.

<sup>88</sup> PARA, 1992, p. 28.

<sup>89</sup> PARA, 1992, p. 28.

<sup>90</sup> PARA, 1992, p. 28.

<sup>91</sup> Até 1970 chamou-se Igreja Metodista do Brasil; a partir de 1971 (por decisão do X Concílio Geral realizado em julho de 1970), passou-se a chamar apenas Igreja Metodista.

Geral de Missões e Evangelização, (JGME), EUA,<sup>92</sup> que proporcionou a bolsa de estudos. Segundo ele este teria sido “o motivo”<sup>93</sup> que havia possibilitado a sua vinda.

Durante o período de estudos, no dia 11 de agosto de 1963, nasceu o segundo filho do casal, a quem deram o nome de João Paulo. A escolha do nome foi, em primeiro lugar, por se tratar do nome de dois apóstolos de Jesus e, como tal, muito significativo para os evangélicos. Além disso, tratava-se de um nome original no âmbito da família Aço e, por outro lado, porque o casal desejava fugir aos nomes tradicionais já existentes na família.<sup>94</sup>

Isac concluiria o curso de bacharel em Teologia em 1966. Graciela formou-se na mesma data, em Educação Cristã. Nesta época, eles já haviam recebido recados da polícia de Angola de que seriam presos se retornassem.<sup>95</sup> De outra parte, apesar do compromisso de voltarem a Angola, nunca receberam qualquer comunicação do Bispo da Igreja Metodista daquele país.<sup>96</sup> A situação da guerra e a ausência de resposta levaram Aço a contatar com o Presidente da Igreja Metodista, em Portugal. Porém, a resposta foi seca, informando que não tinham necessidade de mais obreiros em seu país. Durante este impasse Aço recebeu o convite do Prof. José Salvador, de História da Igreja, para ser seu assistente na Faculdade de Teologia, em Rudge Ramos, onde estudara. Este trabalho necessitava ser complementado com o exercício do pastorado, em São Paulo. Entretanto, esta nomeação não foi possível e os Aço ficaram sem alternativas no final dos estudos de bacharel em Teologia.

## 1.5. OS PERFIS DE AÇO

### 1.5.1. SENSÍVEL

É comum olhar-se para um pensador como alguém cuja única preocupação são as coisas sérias da vida. Aliás, isto é o que se espera de uma pessoa que se debruça sobre a realidade para interpretá-la com os instrumentos da mente, num mundo onde a razão fria é um dos mais fortes argumentos. Aço era um homem que se enquadrava dentro deste perfil, mas por outro lado, possuía sensibilidade apurada capaz de perceber as mudanças das estações e apreciar a maneira como a criação divina se renovava. Durante sua estada em Genebra, Suíça,

<sup>92</sup> CÂNONES DA IGREJA METODISTA. São Paulo: Imprensa Metodista, 1965, p. 101.

<sup>93</sup> ANCHIETA, p 08, ago.1964.

<sup>94</sup> ANCHIETA, p 08, ago.1964.

<sup>95</sup> Na “Retrospectiva” de Aço não há menção do porquê seriam presos se retornassem à Angola nem de quem lhes passou tal informação.

<sup>96</sup> O bispo da Igreja Metodista de Angola era um norueguês que nunca havia escrito para o casal ou enviado algum comunicado (PARA, 1992, p. 28).

no outono de 1971, observou como esta natureza se modificava e a descreveu com a sensibilidade de um poeta:

“OUTONO! Nas últimas semanas, era como se a natureza tombasse por terra. As folhas — amareladas, vermelhas, salpicadas, multicores — caíam sem cessar. Era como se as árvores chorassem o Inverno que se aproximava”.

“Choro copioso e colorido! As lágrimas ficavam pelo chão como tapete de saudade, a quem os ramos estendidos faziam um último adeus”.

“Ah! Não são mais as vestes ardentes do festival de outono, que o vento já dispersou. São vestes brancas, serenas, que chegam silenciosas, como se os gigantes fossem surpreendidos tranquilamente, apesar da espera ostensiva”.

“A neve cobre tudo agora. A natureza, pródiga em seus processos e maravilhosa em sua variedade, também tem suas modas: esta de inverno, monocolor, é sem dúvida um complemento sereno da variedade e do ardor de outono. Maravilhosa criação! Maravilhoso Criador!”<sup>97</sup>

Noutro momento de inspiração é possível perceber o seu encantamento com as obras da criação divina. Aço residia num sobrado, na cidade de Santa Maria, de cuja varanda era possível contemplar as montanhas cobertas de verdes matas.<sup>98</sup> É possível que, olhando para este cenário, tenha escrito o poema “Sinfonia cósmica”, no qual exalta a sinfonia do canto dos pássaros:

Vibrai! Ó céus da alvorada,  
ao canto da passarada,  
sob a regência do Sol.  
Espalhem fusas e colcheias  
deixem as florestas cheias  
de suspenso e bemol!<sup>99</sup>

Pode se descrevê-lo como um ‘cidadão da cidade’, no sentido de que assumia o lugar onde estava instalado como a sua ‘pátria’. Mesmo tendo nascido em Angola, vivido em Portugal, morado em São Paulo, Aço assumiu o Rio Grande do Sul como sua própria terra. Tanto na condução de uma aula como na direção dos Concílios era comum encontrá-lo com a cuia<sup>100</sup> na mão, sorvendo um chimarrão. Já em 1973 ele tinha se assumido como um autêntico gaúcho<sup>101</sup> ao declarar isto em um poema intitulado “Entre o oceano e o minuano”<sup>102</sup>:

<sup>97</sup> AÇO, Isac. Vestindo-se com a neve. **Voz Missionária**, São Bernardo do Campo, ano 54, n. 01, p. 35, abr./jun. 1973.

<sup>98</sup> Tratava-se da residência do pastor da Igreja Metodista Central de Santa Maria, situada à Rua Tuiuti, aos fundos do Templo/Salão Social, com vista para contrafortes da Serra Geral que cercam a cidade pelo lado norte; este sobrado foi destruído na década de 1990 e deu lugar a um edifício de apartamentos.

<sup>99</sup> AÇO, Isac. Sinfonia cósmica. **A Razão**, p. 8, 28 nov. 1973.

<sup>100</sup> Equipamento para tomar chimarrão (espécie de chá tomado no Rio Grande do Sul, Brasil).

<sup>101</sup> Habitante do Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>102</sup> Vento sudoeste que sopra frio durante o inverno no Estado do Rio Grande do Sul.

Fui homem do oceano,  
 nunca deixei de correr;  
 e hoje com o minuano  
 ainda sinto ferver,  
 o meu sangue de cigano.  
 Minha pátria é a estrada,  
 o mar, a encruzilhada,  
 o povo que me abrigou.  
 Cheguei ao pampa<sup>103</sup> liberto,  
 logo vi seu céu aberto  
 e isso me conquistou.

Sou homem do minuano  
 mas ainda olho o oceano,  
 na esperança de ver chegar  
 o dia em que a maresia  
 se encontre com a ventania  
 e meu horizonte ampliar!<sup>104</sup>

Quando a África, seu continente natal, enfrentou uma grande seca, em meados da década de 1970, sensibilizado com o drama das multidões empobrecidas e esfomeadas daquele continente, escreveu uma poesia que salientava bem o seu sentimento, por ora distante geograficamente e por ora próximo, humanamente. É possível que em seu coração estivesse certo ressentimento por não ter voltado a sua terra Natal:

“Irmão africano! Vítima  
 das secas que te assolam  
 abutres te olham de longe  
 p’ra te sugarem a morte.  
 Fazem-te sonhar com o norte,  
 esperando a nuvem fria:  
 estás imaginando a sorte  
 que passada a seca e a morte  
 um dia venha a alegria?”  
 “Com a voz sumida e rouca,  
 e o olhar esbugalhado,  
 levantas as mãos aos céus  
 p’ra que te leiam a sina:  
 - estás clamando por Deus,  
 ou pelas aves de rapina?”<sup>105</sup>

Diversas preocupações povoavam a vida e o ministério de Aço. Entre elas, a que mais se destacava era a preocupação com as crianças.<sup>106</sup> Ainda em Santa Maria, num artigo

<sup>103</sup> Região do Rio Grande do Sul constituída de colinas baixa onde predomina a criação de gado e o plantio de arroz.

<sup>104</sup> AÇO, Isac. Entre o oceano e o minuano. **A Razão**, p. 08, 06 nov.1973.

<sup>105</sup> AÇO, Isac. Seca africana. **A Razão**, p. 6, 10 jan. 1975.

<sup>106</sup> Conforme pp. 41, 54, 61, 76, 77, 102, 103, 112, 113, 115, 143, 149, 153, 155, 163 – 165, 167, 170, 186, 192, 193-195, 206, 208, 211, 212, 214 e 217.

para “A Razão”<sup>107</sup> a propósito do “Dia da Criança” escreveu um poema, do qual uma estrofe sinaliza esta preocupação:

Vejo-as chorarem sentidas,  
Com as severas medidas  
Que os adultos lhes impõem;  
Vejo-as sendo deformadas  
Pelas vidas transformadas  
De um mundo já pervertido!  
Gostaria que soubessem  
Que os mais velhos esquecem  
Que assim, não tem sentido!<sup>108</sup>

Neste mesmo ano, uma semana depois, ao saudar os mestres mais uma vez a sua preocupação estava pousada sobre as crianças. É possível constatar isto nas expressões do poema que traz como título “Saudação aos Mestres”:

Bem haja tua presença,  
Garantia de continuidade;  
Teu conhecimento.  
Renovada novidade;  
Teu amor,  
Exemplo de bondade;  
Tu mesmo:  
Extensão da solidariedade!  
109

Encantava-lhe, sobremaneira, o nascimento de uma criança. Inspirado no fenômeno do parto escreveu um poema sobre o momento limite em que a mãe dá a luz a um filho, demonstrando seu respeito e vibração pelo nascimento de uma criança:

A mãe, dando tudo por tudo,  
Solta um gemido mudo,  
Entranhas em convulsão!  
Completou-se a gestação  
Vai desabrochar a flor...  
E uma vida assim surgiu:  
A mãe, com lágrimas, sorriu,  
E disse: “meu filho! Meu amor!”<sup>110</sup>

Outra característica de Aço era a sua preocupação com o exercício do sacerdócio. É possível encontrar diferentes momentos nos quais intercedia por si e pelas outras pessoas, tanto no contexto litúrgico como fora do culto. Em junho de 1976 o “Expositor Cristão” publicou uma de suas poesias inspiradas em Is 40.1 e parafraseando a Oração de São Francisco:

<sup>107</sup> “A Razão” é um jornal diário que circula na cidade de Santa Maria, RS.

<sup>108</sup> AÇO, Isac. As crianças. **A Razão**, p. 4, 11 out. 1975.

<sup>109</sup> AÇO, Isac. Saudação aos mestres. **A Razão**, p. 2, 15 out. 1975.

<sup>110</sup> AÇO, Isac. **A vida começa em casa**: estudos sobre a família cristã. Porto Alegre: [s.n], 1976, p. 10.

Que havendo nuvens,  
 anteveja a chuva;  
 que havendo injustiça,  
 escute a tua vontade;  
 quando houver pecado,  
 que leve o perdão;  
 no desentendimento,  
 a reconciliação;  
 quando houver morte,  
 anteveja a eternidade!  
 Dá-me força e tempo  
 para levantar o caído,  
 para orar com o doente  
 e o oprimido,  
 e em teu nome  
 abençoar o prisioneiro,  
 e acolher a criança,  
 o velho e o estrangeiro!  
 Senhor, renova-me a vida!<sup>111</sup>

Uma das mais conhecidas poesias de Aço chama-se “As mãos”. Hoje ela faz parte das mais diferentes publicações.<sup>112</sup> Os temas dos seus versos são variados e sinalizam boa parte de seu universo de preocupações, fazendo contraposição entre a bondade e a maldade na utilização das mãos. Abordam o assunto das “mãos que sustentam”, no sentido do apoio, até aquelas “mãos que abalam”. Falam também de denúncias e denunciados, de carinho e de violência praticados pelas mãos:

#### As mãos

Há mãos que sustentam e mãos que abalam;  
 Mãos que limitam e mãos que ampliam;  
 Mãos que denunciam e mãos que escondem os denunciados;  
 Mãos que se abrem e mãos que se fecham;  
 Há mãos que afagam e mãos que rasgam;  
 Mãos que ferem e mãos que cuidam as feridas;  
 Mãos que destroem e mãos que edificam;  
 Mãos que batem e mãos que recebem as pancadas por outros.  
 Há mãos que apontam e guiam e mãos que desviam;  
 Mãos que são temidas e mãos que são desejadas e queridas.  
 Mãos que dão com arrogância e mãos que se escondem ao dar;  
 Mãos que escandalizam e mãos que apagam os escândalos;  
 Mãos puras e mãos que carregam censuras.  
 Há mãos que escrevem para promover e mãos que escrevem para ferir;  
 Mãos que pesam e mãos que aliviam;  
 Mãos que operam e que curam e mãos que amarguram.  
 Há mãos que se apertam por amizade e mãos que se empurram por ódio;  
 Mãos furtivas que traficam destruição, e mãos amigas que desviam da ruína;  
 Mãos finas que provocam dor e mãos rudes que espalham amor.  
 Há mãos que se levantam pela verdade e mãos que encarnam a falsidade;  
 Mãos que oram e imploram e mãos que “devoram”

<sup>111</sup> AÇO, Isac. Senhor, renova-me a vida! **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, abr. 1976.

<sup>112</sup> Em março de 2006 esta poesia foi encontrada pelo seu filho João Paulo Rodrigues Aço, numa publicação esotérica da qual não gravou o nome; aparecem diversos blogs na internet: (MÃOS. Disponível em: <<http://www2.fiemg.com.br/ead/pne/textos.htm>> Acesso em: 24 ago. 2006).

Mãos de Caim que matam;  
 Mãos de Jacó que enganam;  
 Mãos de Judas que entregam!  
 Mas há também as mãos de Simão que carregam a cruz e  
 As mãos de Mônica que enxugam o rosto de Jesus.  
 Onde está a diferença? Não está nas mãos, mas no coração.  
 É a mente transformada que dirige a mão santificada, dedicada.  
 É a mente agradecida que transforma as mãos em instrumentos da graça,  
 Mãos que se levantam para abençoar.  
 Mãos que baixam para levantar o caído.  
 E mãos que estendem para amparar o cansado!  
 São como as mãos de Deus que criam,  
 que guiam,  
 que salvam,  
 que nunca faltam.  
 Há mãos e... mãos!  
 - As tuas, quais são?  
 - De quem são?<sup>113</sup>

No final de 1990 Aço fez uma viagem à Europa, durante a qual teve oportunidade de encontrar a maior parte dos seus familiares. Em correspondência enviada à Região, descreveu, com emoção, este encontro, falando de pessoas que sofriam enfermidades há anos, bem como o encontro que teve com um amigo de adolescência, que não via há tempo, demonstrando seu caráter sensível:

Aproveitei o sábado para fazer contato com meus familiares, tendo tido oportunidade de encontrar em uma reunião a maior parte dos familiares de minha falecida mãe, visitar minha tia, irmã de meu pai que sofre de câncer há uns sete anos e com surpresa encontrar com amigo da adolescência a quem não encontrava há quase 40 anos.<sup>114</sup>

A sensibilidade de Aço era demonstrada em diversas particularidades tais como o encantamento diante das obras da criação, diante do nascimento de uma criança e da maneira como ela deveria se desenvolver. Esta sensibilidade também se manifestava quando pensava no exercício do sacerdócio, no exercício do testemunho cristão e até na emoção de rever familiares dos quais havia se separado há muito. Esta sensibilidade de Aço o levava a uma prática devocional manifestada numa espiritualidade significativa.

### 1.5.2. ESPIRITUAL

A capacidade intelectual de Aço, de professor e pesquisador, não lhe tirava uma característica, tanto como pessoa, como pastor ou como intelectual – a espiritualidade. Percebia-se nele uma postura de humildade diante da soberania de Deus, ao qual fazia questão

<sup>113</sup> AÇO, ano 56, p. 3, jan./mar. 1986.

<sup>114</sup> AÇO, Isac. [**Correspondência:** relato de uma visita à Europa]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], out. 1990, 2 f.

de mostrar sua sujeição. Tanto as tarefas pessoais quanto o exercício do ministério pastoral eram acompanhados de momentos devocionais<sup>115</sup> e de oração constante. Sua visão de espiritualidade partia da encarnação de Cristo, que Aço considerava a “chave hermenêutica” da espiritualidade cristã. Esta chave possuía implicações significativas traduzidas no esforço divino que, através da ação do Espírito Santo evitava que a espiritualidade etérea capaz de tirar o ser humano da sua humanidade. Não se tratava de divinizar o ser humano, mas tornar efetiva a sua humanidade:

A grande virada da história acontece quando o Espírito toma corpo e espiritualidade assume a plena humanidade, toda a nostalgia do transcendente se faz presente, se faz história, se faz gente!

Isto é a “chave hermenêutica” da espiritualidade cristã: a espiritualidade da encarnação. As implicações desta “chave” parecem óbvias e provocadoras como foi a própria encarnação. Desde logo, a ação do Espírito Santo não é nos fazer sair da nossa humanidade, senão torná-la plena como em Jesus de Nazaré!<sup>116</sup>

A introdução ao Relatório do Conselho Regional<sup>117</sup> ao XXV Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista<sup>118</sup> demonstrava esta postura de submissão e oração. Fazia menção à obra do Espírito Santo assim como relacionava com a obra da oposição<sup>119</sup> que lhe fustigava. Relacionava os documentos regionais e o PVMI<sup>120</sup> como elementos de motivação e que traziam a inspiração divina:

Quando estamos chegando ao final do segundo ano deste quinquênio, curvamo-nos diante de Deus agradecidos por tudo aquilo que d’Ele recebemos e por tudo que juntos uns com os outros realizamos. Olhando para o Reino de Deus, com olhos motivados pelos Planos para a Vida e Missão da Igreja e Metas Regionais,

<sup>115</sup> Momentos devocionais são marcantes entre os metodistas. Faz parte da piedade pessoal e comunitária e define um conjunto de práticas que pode se caracterizar por uma oração (coletiva ou individual) até uma pequena celebração litúrgica com leituras bíblicas e pregações. (CÂNONES, 2002, p. 74).

<sup>116</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade e encarnação. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 14, dez. 1987.

<sup>117</sup> O Conselho Regional era o órgão de administração da Região Eclesiástica e sua atuação acontecia no interregno dos concílios regionais. (CÂNONES da Igreja Metodista: com alterações do XIII Concílio Geral de 1982. São Paulo: Imprensa Metodista, 1982, p. 191).

<sup>118</sup> O XXV Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista foi realizado em Porto Alegre entre os dias 6 e 9 de dezembro de 1994. (APRESENTAÇÃO. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 25., 1984 Porto Alegre, **Anais...** São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985, p. 1).

<sup>119</sup> Dois grupos de pessoas da própria Igreja Metodista na Segunda Região faziam oposição ao trabalho de Aço na qualidade de Bispo: por um lado as pessoas mais conservadoras que desejavam o retorno a uma ortodoxia evangélica nos moldes do trabalho dos missionários norte-americanos que trouxeram o metodismo para o Brasil e por outro, segmentos com tendência carismática que cresciam no meio metodista (Conforme p. 68).

<sup>120</sup> O PVMI (cópia anexa) é um documento orientador aprovado pelo XIII Concílio Geral da Igreja Metodista realizado em 1982 (CÂNONES, 2002, p.71).

inspirados pelo Espírito Santo, contestados por todas as forças de morte atuantes neste tempo, avançamos.<sup>121</sup>

Com esta mesma postura espiritual Aço encerrava os seus relatórios, com palavras de reconhecimento e louvor a Deus por todas as realizações ao longo de cada ano. Quando encerrou o relatório do Conselho ao Concílio Regional, em dezembro de 1984, num pequeno parágrafo demonstrava, mais uma vez, sua submissão à vontade de Deus, dizendo: “louvamos a Deus pela oportunidade de termos trabalhado unidos...”.<sup>122</sup> Ao finalizar o relatório episcopal referente a 1985, disse:

Finalizando, quero convidar este Concílio a tornar-se porta-voz junto às igrejas e instituições da convocação para reafirmação de votos, de busca e aprofundamento dos dons do Espírito, visando à ação como ministros de Deus.<sup>123</sup>

Escrevendo ao jornal da Segunda Região Eclesiástica, o “Vida e Missão”, em maio de 1986, Aço reforçou a ênfase regional através de um artigo. Pode se constatar pela própria escolha da ênfase regional, a sua preocupação com a espiritualidade. Afinado com a Igreja Metodista do restante no Brasil propusera para o Plano Regional o tema “Espiritualidade e Evangelização”, como ênfases para o biênio. Entendia que não podia haver “crescimento na espiritualidade sem estudo, sem oração, sem comunhão”<sup>124</sup>, sem a comunidade se reunir efetivamente. Tratava-se de uma espiritualidade vinculada à ação voluntária da pessoa e por isso tinha a dimensão que Jesus Cristo deu à espiritualidade – a encarnação. Salientava como esta encarnação se tornara em Cristo obra do Espírito, que se perpetuara na Igreja com a presença renovada do Espírito Pentecostal. Noutro artigo Aço fez uma conexão entre espiritualidade e reafirmação dos votos que cada cristão/ã faz ao se vincular à Igreja de Cristo, justificando que esta era uma forma de reanimar a fé na jornada constante:

Em nossa Região, estamos “amarrando” a Espiritualidade com a reafirmação de fé e votos. Todos nós vivemos do reforço que damos às nossas intenções. A fé também tem que ser reanimada no meio da caminhada.<sup>125</sup>

A espiritualidade não estava presente somente na sua prática, mas fazia parte de suas mensagens e pregações. Como bispo da Igreja cria que todos/as deveriam viver a santidade como testemunho de fé cristã e metodista. Convidava as pessoas a refletirem sobre o agir em função da santidade social e pessoal, a partir da ação de Wesley mais do que de sua própria

<sup>121</sup> RELATÓRIO do Conselho Regional. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 25., 1984 Porto Alegre, **Anais...** São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985, p. 49-58.

<sup>122</sup> RELATÓRIO do conselho..., 1985, 49-58.

<sup>123</sup> RELATÓRIO do Bispo Isac...1986, p. 54-70.

<sup>124</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade e evangelização. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, maio 1986.

<sup>125</sup> AÇO, p. 3, maio 1986.

reflexão, buscando construir um modelo “eclesiástico-missionário“, que significaria “uma atualização da doutrina da santificação”:<sup>126</sup>

Uma Igreja que viva totalmente a dimensão vertical e totalmente a dimensão horizontal, totalmente comprometida com o mistério da fé e a prática do amor com a mística da piedade e a ação transformadora da misericórdia.<sup>127</sup>

Considerava que a espiritualidade dependia em parte do entendimento (em termos de participação) e da experiência do Espírito de Cristo que se manifestava. Esta manifestação deveria ser, por um lado, “como nossa participação em sua ‘obediência missionária’” (Lc 4.18-19) e, por outro, “na apropriação da promessa de seu retorno” (Jo 14 e 16), pois a manifestação do Espírito de Cristo no espírito do ser humano seria capaz de recriar a vida em função do amor, da alegria e da paz. Percebia que no pensamento paulino o corpo também era espiritual, mas uma espiritualidade que se opunha à “carne” como princípio de egoísmo, interesse próprio, anti-Deus. Assim, a espiritualidade se ligaria à alegria de viver na totalidade do ser e, por conseqüência, ao direito de viver. Ela estaria “comprometida com o direito à vida plena, inclusive do corpo em todas as suas manifestações”.<sup>128</sup>

Se há uma característica que ilustrava o perfil espiritual de Aço era o da luta. Considerava-se uma pessoa que sempre estava “a caminho”, referindo-se ao processo de santificação, e no qual se mantinha sem descanso. Não pensava em esmorecimento, assim como estimulava seus companheiros/as de caminhada à mesma luta. Quando percebia as próprias falhas, as transformava em degraus para o crescimento e busca da plenitude. Sobretudo, reconhecia o Espírito como soberano sobre todas as coisas que lhe concedia o poder de Deus:

Estamos a caminho da plenitude. Só isso faz-nos caminhar sem descansar, lutar sem esmorecer, falhar sem capitular e vencer sem orgulharmo-nos, pois “o poder pertence a Deus”. O poder de Deus apropria-se de nós através de seu Espírito.<sup>129</sup>

Aço entendia que a autêntica espiritualidade era conseqüência de uma constante renovação do compromisso com Jesus Cristo e com as pessoas que faziam companhia na caminhada da esperança. Somente esta renovação diária permitiria ao cristão/ã manter-se militante depois de uma longa batalha como expressava em seu Relatório: “Somente quem

---

<sup>126</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>127</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>128</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade cristã e espiritualidade popular. **Voz Missionária**, São Bernardo do Campo, ano 56, n. 02, p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>129</sup> AÇO, p. 3, ago. 1989.

renova a cada manhã seu compromisso com o Senhor do Reino e os irmãos de esperança é que pode manter-se militante, depois de anos de combate”.<sup>130</sup>

Assim como a sua sensibilidade o levava a uma vida de significativa espiritualidade, esta o conduzia a noção de que a vontade de Deus se expressava na direção de uma unidade. Para Aço a espiritualidade estava estreitamente ligada à atuação ecumênica. O corpo de Cristo não deveria ser dividido quando as necessidades humanas clamavam por respostas de justiça, de amor e de solidariedade.

### 1.5.3. ECUMÊNICO

Aço foi uma pessoa preocupada com a desunião dos cristãos/ãs, de forma geral. É inegável sua luta pela unidade da Igreja. Entendia que o ecumenismo acontecia até de forma espontânea. Considerava que as pessoas em sua vida diária já realizavam este encontro e esta colaboração. Para ele já havia muita gente fazendo ecumenismo sem se dar conta. O ecumenismo não era uma substituição das tarefas desenvolvidas por diferentes instituições e organismos, mas tratava-se de “unir esses esforços em canais eclesiais apropriados, que não substituam aqueles, mas os fortaleçam”.<sup>131</sup>

Em 1969, como Secretário Regional de Missões e Evangelização<sup>132</sup>, Aço fez, a pedido do Gabinete Episcopal da Segunda Região,<sup>133</sup> considerações sobre a Missão e a evangelização da Igreja Metodista, no Rio Grande do Sul. Um capítulo das considerações foi reservado à reflexão sobre a unidade da Igreja, onde ele refletiu sobre a mudança de parâmetros da evangelização metodista, antes endereçada a “converter” católicos e trazê-los para o metodismo. Neste texto ele apontava para a “desunidade” da Igreja como um elemento de mau testemunho diante de um momento minado pela secularização. Percebia que a falta do espírito de unidade levou muitas pessoas a mergulharem em formas não cristãs de viverem sua fé. Aço encerrou suas considerações com uma síntese questionadora dizendo:

Em suma: qual é, depois da queda dessas motivações, o motivo de nossa pregação e ação missionária, de nossa presença no mundo e de nosso diálogo? É necessária uma

<sup>130</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>131</sup> AÇO, Isac. O CONIC é uma associação para testemunho. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 3, set./dez, 1982.

<sup>132</sup> Tratava-se de uma secretaria especializada em dinamizar a obra missionária da Igreja em nível regional montando planos e propondo estratégias de ação para as igrejas locais e instituições.

<sup>133</sup> O Gabinete Episcopal era constituído do Bispo, que era o seu presidente e os Superintendentes Distritais, pastores pertencentes à Ordem dos Presbíteros que supervisionavam uma área composta por diversas igrejas locais. (CÂNONES da Igreja Metodista do Brasil. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1965).

retomada de posição, uma compreensão bíblica da missão como presença redentora de Cristo, encarnada no mundo para os homens e as instituições. É preciso, e com urgência, levar em consideração um mundo em pleno processo de secularização, mas, por outro lado, em busca de um misticismo alienante encontrado nos cultos espiritualistas. Terá a “desunidade” e inautenticidade da Igreja em missão contribuído para essa “fuga”?<sup>134</sup>

Foi em Santa Maria que a vocação ecumênica de Aço se consolidou. Decidido a juntar esforços para que a Igreja fosse parte da cidade em todas as suas questões, Aço desafiou as lideranças eclesiais para se organizarem. Tomou a iniciativa de reunir os representantes das Igrejas e expôs como o constrangia a situação das crianças nas ruas de Santa Maria. A partir das reuniões com estas lideranças teve início, em nível ecumênico, um programa de rádio chamado “‘Amanhecendo com Deus’, que por muito tempo manteve a melhor audiência no horário”.<sup>135</sup> Aço liderou e incentivou a “contestação pela prisão dos líderes bancários”<sup>136</sup>, e organizou “as forças da Igreja, bem como civis para apoio às famílias”<sup>137</sup> dos mesmos.

Além de suas atividades peculiares ao pastorado em Santa Maria, Aço manteve contato com organismos ecumênicos nacionais e internacionais. Atuou na Associação Internacional de Estudos de Missão (IAMS), da qual era sócio fundador<sup>138</sup> e participou de seus três primeiros congressos. Em 1972 participou da I Conferência da Associação em Driebergen, na Holanda.<sup>139</sup> Em 1974 esteve na II Conferência, em Frankfurt, na Alemanha, cujo tema foi “Missão e Movimentos de Inovação”. Em 1976 foi membro da III Conferência, em São José, Costa Rica, que tratou o tema “Tradição e Reconstrução em Missão: onde estamos nós em Missão hoje?”. Foi também, representante da Igreja Metodista, na Confederação Evangélica do Brasil, em 1974.

Quando esteve participando da II Conferência da IAMS, na Alemanha, Aço constatou uma discrepância entre aquilo que sempre se falou a respeito de Missão e o que de fato estava acontecendo na época. Por um lado, a Europa e os Estados Unidos eram considerados cristãos, enquanto que a África, a América Latina e a Ásia eram consideradas

---

<sup>134</sup> PARA, 1992, p. 58.

<sup>135</sup> O programa ia ao ar de segunda a sábado, às 7h.

<sup>136</sup> PARA, 1992, p. 30.

<sup>137</sup> PARA, 1992, p. 30.

<sup>138</sup> AÇO, Isac. Mensagem do diretor. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 3, abr.1981.

<sup>139</sup> Trata-se de uma organização internacional iniciada em novembro de 1966 quando um pequeno grupo de missiologistas se reuniram em Hamburgo para verificar as possibilidades de cooperação. Após algumas reuniões e tratativas fundaram a ‘International Association for Mission Studies (IAMS)’ (Associação Internacional de Estudos de Missão) em 1972. A Conferência desse ano foi responsável pelos debates em torno da criação da Associação. (INTERNATIONAL Association for Mission Studies. Disponível em: <<http://www.missionstudies.org/>>. Acesso em: 24 nov. 2006).

pagãos. A situação mudou e esta mudança de visão já começava a ser considerada pelo pessoal que trabalhava em Missão. Num artigo, publicado em janeiro de 1975, Aço fez uma reflexão sobre esta mudança. Salientava o fato de que na África, com o avanço do cristianismo, surgia uma nova religiosidade com características messiânicas. Na mesma época, surgia na América Latina a figura de uma Igreja chamada participante. Era possível observar um contraste entre a crescente desumanização da Europa e dos Estados Unidos, revelando o que chamou de decadência no ocidente pós-cristão, e o avanço de novas formas de religiosidade, tanto na África como na América Latina:

Esta classificação e visão são hoje completamente inadequadas, por diversas razões. Primeiro, dizer que a Europa ou os Estados Unidos são países cristãos, carece de consistência, uma vez que na sua grande maioria a “massa” dos cristãos vive desligada da vida da Igreja e bem poderiam ser considerados “neo-pagãos”. Por outro lado, a Igreja em outros continentes, apresenta uma vitalidade crescente e criatividade provocante, como por exemplo, algumas religiões messiânicas da África, e Igreja participante em alguns países da América Latina. De resto, não é apenas no campo da religião que notam sinais de decadência no “ocidente pós-cristão”: a própria sociedade se materializou e está em processo de desumanização nas sociedades altamente industrializadas.<sup>140</sup>

Ao mesmo tempo em que se entusiasmava com o crescimento da unidade da Igreja através de diferentes organizações e movimentos, Aço se entristecia com os sinais de divisão que se multiplicavam, especialmente no mundo pentecostal. Durante a sua viagem de estudos à Europa, esteve em Portugal, em 1972, de onde escreveu ao *Expositor Cristão*, lamentando a forma como o protestantismo se dividia na mesma proporção que crescia naquele país:

É de notar também que os grupos pentecostais crescem à medida que se dividem: líderes dissidentes formam novas igrejas, que por sua vez formam outras. Enfim, é uma nota triste perceber que num país onde o testemunho da divisão por tantos anos se fez sentir entre católicos e protestantes, se faz sentir agora de modo bem vívido entre os grupos protestantes.<sup>141</sup>

Nesta mesma época, quando esteve por um período no Instituto de Bossey, mais precisamente no Centro Universitário de Estudos Ecumênicos, ligado à Universidade de Genebra, Aço salientou uma crítica que se fazia ao próprio Centro sobre a sua localização geográfica.<sup>142</sup> Esta crítica sinalizava a sua concepção do *locus* da formação e da reflexão

<sup>140</sup> AÇO, Isac. Missões: fim ou recomeço. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 7, jan. 1975.

<sup>141</sup> AÇO, Isac. Aqui está para você uma carta da Europa (I). **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 8, set 1972.

<sup>142</sup> Este Centro abrigava estudantes de todo o mundo e era aberto a todas as denominações cristãs para estudos de Teologia numa perspectiva ecumênica, localizado à margem do Lago Lemano em Bossey, na Suíça, há cerca de 20 km de Genebra e instalado em antigo castelo que pertenceu a famílias nobres; o Centro era administrado por um grupo ecumênico de pessoas; o Instituto existe desde 1947. (AÇO, Isac. Carta da Europa (IV) Venha Visitar o Centro de Estudos de Bossey. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 7, nov. 1972).

teológicas, que não deveriam estar alheias ao cotidiano do ser humano, mas engajadas no corre-corre das cidades, onde os cidadãos viviam a sua experiência de fé:

A outra crítica bastante razoável é que, se no pós-guerra, quando o local foi adquirido, aquela tranquilidade e isolamento eram propícios aos estudos e meditação, hoje em dia já não se justifica uma fuga do burburinho da vida; o Instituto deve estar numa cidade e participar de toda a agitação de nosso mundo tecnológico.<sup>143</sup>

Em julho de 1981 Aço participou da I Consulta Latino-americana de Psicologia Pastoral, promovido pela Associação de Seminários e Instituições Teológicas (ASIT), em Buenos Aires, onde foi abordado o tema do cuidado e do aconselhamento pastoral, que contou com a assessoria do Dr. Howard Clinebell.<sup>144</sup> Também nesse mês, Aço participou do Simpósio da Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), realizado em São Paulo, sobre o tema da evangelização.<sup>145</sup>

Antecedendo a realização do XIII Concílio Geral da Igreja Metodista, no qual foi eleito bispo, entrevistado sobre as suas expectativas, Aço falou do desejo de que a Igreja continuasse fiel à tradição metodista, mantendo seu posicionamento ecumênico. Cabe observar que neste Concílio seria votada a inclusão da Igreja Metodista no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC):

Fiéis à vocação da Igreja Metodista, espero que possamos manter nosso posicionamento ecumênico, e espero que possamos ter a coragem de abrir nossas instituições educacionais e de serviço social a uma participação ampla num processo de transformação social. Espero também que, apesar de tudo isto, sejamos capazes de manter a unidade na diversidade.<sup>146</sup>

Na VI Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), realizada em fevereiro de 1983, em Vancouver, Canadá, Aço foi um dos delegados da Igreja Metodista naquele evento. Falando ao Expositor Cristão sobre a Assembléia, salientou:

Indiscutivelmente, Vancouver é um marco da história da Igreja. As Igrejas reunidas olharam o final do milênio para afirmarem — Jesus Cristo — a Vida do Mundo, em oposição à morte presente em todas as esferas da humanidade. E é este Jesus Cristo, vida das pessoas e do Mundo, que as Igrejas são convidadas a seguir, a proclamar e a viver juntas.<sup>147</sup>

---

<sup>143</sup> AÇO, p. 7, nov. 1972.

<sup>144</sup> AÇO, Isac. Participação em encontros e simpósios. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 4, ago. 1981.

<sup>145</sup> AÇO, p. 4, ago. 1981.

<sup>146</sup> AÇO, p.4, jun./ago. 1982.

<sup>147</sup> AÇO, Isac. Ecos de Vancouver. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 16, out. 1983.

Aço integrou a diretoria do CONIC<sup>148</sup> desde 1987, como Secretário da Diretoria<sup>149</sup> e como presidente, a partir de 28 de novembro de 1990. Ele fez parte da diretoria da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE)<sup>150</sup>, no cargo de secretário, de 1988 a 1990.

Em um texto sobre o tema da unidade da Igreja, publicado no *Expositor Cristão*, em 1988, Aço fez um levantamento sobre a participação da Igreja Metodista no ecumenismo, mencionando todos os órgãos dos quais a Igreja participava. Após a descrição dos organismos Aço concluiu assim:

Em síntese: as igrejas na América Latina e no Brasil, inclusive a Igreja Metodista, estão envolvidas em muitas atividades que expressam sua unidade. Há um espírito de cooperação crescente em muitos setores de base, que representam novas esperanças para o ecumenismo institucional. Um não se contrapõe ao outro; ambos devem complementar-se, para que as manifestações conjuntas de testemunho, serviço e educação tenham a força necessária para apoiar a ação popular na conquista dos direitos fundamentais como parte da missão comum a serviço do Reino de Deus.<sup>151</sup>

Fazendo uma avaliação sobre as metas estabelecidas pelo Conselho Geral da Igreja Metodista em 1973, que deveriam ser examinadas e aprovadas no Concílio Geral, de 1974, Aço, que na época era secretário do Conselho, fez uma reflexão sobre os desafios do ecumenismo para o próximo período eclesiástico. Considerava que o aprofundamento das relações ecumênicas enriqueceria a própria identidade da Igreja. Referia-se a duas direções nas quais a Igreja deveria caminhar: 1) por um lado na direção da ampliação das relações ecumênicas e, por outro, 2) na direção do aprofundamento dessas relações:<sup>152</sup>

Creio que nossa Igreja deu um passo a frente, vencendo temores, ao nos desafiar para aprofundar e ampliar as relações ecumênicas em todos os níveis. Note-se bem: aprofundar e ampliar! Se disséssemos apenas ampliar, isso poderia levar-nos a um ecumenismo festivo, sem levar em conta as diferenças e o reconhecimento do outro com quem nos relacionamos. Mas ao colocarmos a necessidade de aprofundar, colocamos o desafio para ampliar essas relações, na medida em que melhor nos compreendemos em Cristo. Não se trata de uma negação de nós mesmos, mas de uma afirmação com os outros, em Cristo!<sup>153</sup>

Aço motivava seus/suas colegas de pastorado e de resto toda a Igreja, a “abrir janelas e portas” para a caminhada ecumênica. Não se conformava com uma Igreja fechada em seu denominacionalismo. Fazia isto na mesma dimensão que não concordava com as divisões que

<sup>148</sup> BISPO Isac Aço é eleito presidente do CONIC, *Expositor Cristão*, São Paulo, p. 12, fev. 1991.

<sup>149</sup> AÇO, Isac. Terceira assembleia geral: reafirmação do propósito de unidade de serviço. *Notícias do CONIC*, Porto Alegre, p. 3, dez.1988.

<sup>150</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>151</sup> AÇO, Isac. Unidade, Requisito para a Missão. *Expositor Cristão*, São Paulo, p. 15, ago.1988.

<sup>152</sup> AÇO, Isac. Não podemos ir à igreja para nos sentirmos bem. *Expositor Cristão*, São Paulo, p. 16, mar.1973.

<sup>153</sup> AÇO, p. 16, mar.1973.

se formavam dentro da Igreja Cristã. Cria que se devia consubstanciar a própria identidade confessional, para que pudesse entrar no diálogo ecumênico com possibilidade de oferecer uma contribuição à unidade da Igreja. Ao elaborar uma lição para uma revista-texto da Escola Dominical escreveu um diálogo entre dois personagens que compunham o conselho da Igreja. Neste diálogo, um jovem e um idoso debatem um plano para transformar a reunião de meio de semana, da igreja local, numa reunião ecumênica. Na argumentação do plano o jovem expressava a sua convicção de “que nossa missão também agora é construirmos em comum, não como se o que somos e temos nada valesse, mas por que o que somos deve ser compartilhado.”<sup>154</sup>

Como Bispo da Região, muitas vezes desafiava pastores e pastoras a atuarem de forma corajosa em movimentos sociais e a participarem, efetivamente, de eventos e solenidades conjuntamente com outras denominações cristãs. Sua atuação ecumênica era um testemunho de sua postura teológica. O Reino de Deus se estabeleceria na unidade dos cristãos/ãs, lutando e sofrendo juntos as dores da desunião, mas construindo conjuntamente um outro perfil cristão, vinculado à unidade.

Em 28 de fevereiro de 1988, durante a realização da V Assembléia Geral do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e Caribe (CIEMAL), Aço foi eleito para presidir o Concílio Episcopal<sup>155</sup> desse organismo, cargo no qual veio a falecer.<sup>156</sup>

Na qualidade de Bispo continuou incentivando o ecumenismo, indicando pastores/as para representações ecumênicas em diferentes movimentos e eventos, que sinalizavam a caminhada da unidade da Igreja. Em 1984, depois de indicar um pastor para representar a Igreja Metodista na “Semana da Paz”, levada a efeito pela Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, tomou parte no Painel de Encerramento desse evento, do qual participaram representantes de outras igrejas e movimentos sindicais. Além disso, neste mesmo ano encontrou-se com diversas autoridades do meio ecumênico com a finalidade de ampliar e estreitar os laços da unidade cristã. Um desses encontros foi com o Presidente Regional da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Pastor Humberto

<sup>154</sup> AÇO, Isac. Crescendo na comunhão dos cristãos. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 24, out./dez.1973.

<sup>155</sup> AÇO, Isac. Bispo Isac Aço, presidente do CIEMAL. **Voz Missionária**, ano 58, n. 03, p. 34, São Bernardo do Campo, jul./set. 1988. (Embora esta fonte informe que Aço tinha sido eleito para presidir o Concílio de Bispos, na verdade ele foi eleito também vice-presidente do CIEMAL, como informa outra fonte mais próxima: AÇO, Isac. É tempo de repartir esperança: é tempo de construir a paz! [Correspondência sobre a sua participação no painel sobre liberdade religiosa na Nicarágua]. Nova Iorque: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 11 de abril de 1986, 3 f.

<sup>156</sup> PARA, 1992, p. 14.

Kirchheim, outro foi com o Bispo Dom Cláudio Gastal, Bispo Primaz da Igreja Episcopal Anglicana. Como resultado desses encontros foi publicado um manifesto sobre a situação que o Rio Grande do Sul enfrentou durante aquele ano, por causa de uma grande enchente danificando lavouras e comprometendo as colheitas de cereais.<sup>157</sup>

Como vice-presidente do CIEMAL, Aço representou a entidade num painel sobre a Liberdade Religiosa na Nicarágua, em 11 de abril de 1986, em Nova Iorque. Coerente com a sua consciência e com a postura ecumênica do CIEMAL falou que a liberdade de culto deveria ser incluída entre outros direitos fundamentais no sentido do “direito de cada nação a auto determinar-se”.<sup>158</sup>

Em abril de 1987 realizou-se em Bonn, na República Federal da Alemanha, o segundo seminário promovido pelo CONIC e a Conferência de Igrejas para o Desenvolvimento com o propósito de debater o tema da dívida externa dos países empobrecidos. Entre os representantes da Igreja Metodista estava Aço que publicou uma nota no Expositor Cristão da qual extraímos a sua opinião sobre o evento:

Os estudos e debates foram, em certos momentos, acalorados, mas sentiu-se sintonia entre as posições das igrejas tanto do Brasil quanto da Alemanha. Uma pequena delegação da Igreja Evangélica Luterana da Argentina também se fez presente.<sup>159</sup>

A dívida externa brasileira, como de resto a dívida de toda a América Latina estava entre os temas que ocupavam a reflexão de Aço. Não se contentava em ser apenas um participante dos debates – atuava como militante e como organizador dos mesmos, tanto nos eventos promovidos pelo CONIC quanto nos efetivados pela CESE, organismos dos quais participava ativamente. Relatando ao XXVIII Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica, falou sobre esse envolvimento como parte do seu testemunho cristão:

É uma caminhada que visa criar consciência entre os cristãos que a dívida é injusta, imoral e, como está estruturada, atenta contra a independência dos países, constituindo-se hoje no mais sério embaraço ao desenvolvimento e à autonomia política. Tenho participado na organização destes encontros tanto como membro da diretoria do CONIC como da CESE.<sup>160</sup>

---

<sup>157</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>158</sup> AÇO, 11 de abril de 1986, 3 f.

<sup>159</sup> AÇO, Isac. As Igrejas e as dívidas externas. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 13, maio 1987.

<sup>160</sup> RELATÓRIO, 1990, p. 59-80.

O perfil ecumênico de Aço levou o Colégio Episcopal da Igreja Metodista<sup>161</sup> a indicá-lo como representante do órgão maior da Igreja no CONIC e na CESE. O fato de receber apenas duas representações<sup>162</sup> estava ligado à situação de, na época, ele ser o Secretário de Atas do Colégio Episcopal, função que absorvia um considerável volume de trabalhos burocráticos:

Pelo fato de ser secretário de atas não fiquei com tantas representações quanto os outros bispos, a não ser nos órgãos ecumênicos CONIC e CESE onde tenho participado especialmente na organização das Consultas sobre a Igreja e a Dívida Externa que, creio foram momentos importantes de conscientização, envolvendo um número crescente de Igrejas, autoridades e órgãos, inclusive os presidenciais.<sup>163</sup>

Como um dos representantes da Igreja Metodista do Brasil na Conferência Geral da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos da América<sup>164</sup>, Aço ajudou a redigir o documento teológico básico sobre o padrão doutrinário daquela Igreja:

Em maio de 1988 participei conjuntamente com o Bispo Adriel de Souza Maia da Conferência Geral da Igreja Metodista Unida, em Saint Louis, Missouri, participando ativamente na redação dos documentos teológicos aprovados por aquele Concílio especialmente o documento básico, referente ao padrão doutrinário daquela Igreja.<sup>165</sup>

Em outubro de 1988 estive no Chile, representando o Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI) como observador internacional do referendo constituído de um plebiscito nacional, que consultava a população chilena sobre a continuidade do General Augusto Pinochet como presidente até 1997. Na ocasião a ditadura militar daquele país foi derrotada pela ampla maioria da população. Este fato foi comentado por Aço como um “dia radiante no Chile”. Considerava ridículo pensar que os militares garantiram a segurança do pleito, pois, ao invés das forças armadas, foi o povo chileno quem manteve a tranquilidade da consulta popular. Para ele foram os militares que desestabilizaram o país para depois tornarem-se guardiões de segurança:

Foi um dia radiante no Chile. Um dia de exemplo de ordem, consciência, comparecimento maciço às urnas. Certamente esta ordem e civismo não é fruto da

<sup>161</sup> “O Colégio Episcopal é o órgão responsável pela supervisão da ação missionária e pastoral da Igreja Metodista...” (CÂNONES, 2002, p. 196).

<sup>162</sup> Os bispos que integravam o Colégio Episcopal representavam a Igreja Metodista em diferentes colegiados e organismos, tanto na economia interna da Igreja quanto em organismos e instituições fora dela. (CÂNONES, 1982, p. 163).

<sup>163</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>164</sup> A Conferência Geral da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos da América é a instância maior deliberativa e administrativa da Igreja Metodista nos EUA equivalendo no Brasil ao Concílio Geral.

<sup>165</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

ditadura. Por um lado, não se mata a qualidade de um povo com alguns anos de regime autoritário. Com certeza desperta-se ainda mais.<sup>166</sup>

Em fevereiro de 1989, Aço presidiu o “Encontro Episcopal: Missão para a Paz”<sup>167</sup> realizado na capital da Nicarágua, na cidade de Manágua, do qual participaram diversos bispos das Igrejas Metodistas da América Latina e da Igreja Metodista Unida, EUA. Na mesma oportunidade em que participava do Encontro, Aço visitou grupos de Igrejas e paracelesíasticos, partidos de oposição, órgãos de imprensa, corpo diplomático de diferentes países, corpo ministerial e o Presidente Daniel Ortega Saavedra, que governou a Nicarágua entre 1985 e 1990. A sua avaliação sobre o Encontro era a de que “foi mais um esforço na titânica luta de estar ao lado dos que buscam a autodeterminação e o respeito por seus próprios destinos, especialmente aqueles que estão permanentemente ameaçados nessa busca de liberdade”<sup>168</sup>:

Particpei na organização e presidi o “Encontro Episcopal: Missão para a Paz”, realizado em Manágua, Nicarágua, em fevereiro de 1989, conjuntamente com o Concílio de Bispos da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos. Estiveram presentes 38 bispos metodistas da América Latina e dos Estados Unidos.<sup>169</sup>

Além das representações já citadas, Aço esteve na reunião da Junta Geral de Ministérios Globais da Igreja Metodista Unida,<sup>170</sup> dos Estados Unidos, em abril de 1989, na qual participou de um painel sobre “Justiça Global”. Esteve também no Encontro Latino-americano de Educadores Metodistas, em Buenos Aires, em julho do mesmo ano, e no Encontro Metodista Latino-americano de Educação Superior, na cidade de Piracicaba, SP, em novembro. Por ocasião “da invasão norte-americana no Panamá”, levada a efeito pelo presidente George Bush na operação que ficou conhecida como “Operação Justa Causa”, Aço, juntamente com o Secretário Executivo do CIEMAL, Rev. Clory Trindade de Oliveira se pronunciou contrário criticando a atitude de ingerência estrangeira. Manteve correspondência<sup>171</sup> com o Presidente José Sarney e com o Embaixador dos Estados Unidos da

<sup>166</sup> AÇO, Isac. Não ao general Pinochet. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, ago.1988.

<sup>167</sup> Ainda que não esteja explícito no Relatório Episcopal, tudo indica, pela redação do relatório, que este evento foi promovido pelo Concílio de Bispos da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos.

<sup>168</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>169</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>170</sup> A Junta Geral de Ministérios Globais é a agência de missões mundiais da Igreja Metodista Unida dos Estados Unidos da América do Norte. (GLOBAL Ministries – The United Methodist Church. Disponível em: < <http://new.gb-gm-umc.org/about/globalministries/> > Acesso em: 15 dez. 2006).

<sup>171</sup> Esta correspondência é mencionada no Relatório ao XXIX Concílio Regional, mas o seu conteúdo não foi disponibilizado no referido relatório.

América, no Brasil, com o Secretário Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA) e com o Embaixador do Panamá, evidenciando seu comprometimento ecumênico.<sup>172</sup>

De 25 a 27 de setembro de 1990, Aço esteve na Suíça, onde visitou no CMI, diversas organizações como “Secretaria da Missão Mundial e Evangelização”, “Igreja e Sociedade”, “Igreja, Desenvolvimento e Ajuda Inter-eclesiástica”, “Serviço Mundial e Refugiados”, “Comissão Médica Cristã”, “Fundo Ecumênico de Ajuda às Igrejas”, “Educação”, “Renovação e Vida em Congregação”, “Educação Teológica” e “Departamento da América Latina”.<sup>173</sup> Além desses, outros contatos foram realizados com o propósito de demonstrar a proposta missionária da Igreja Metodista no Brasil. Estes contatos também visavam estreitar os laços com a Igreja Metodista e com os organismos ecumênicos e igrejas cooperantes do continente europeu como “a Federação Luterana Mundial, a Diretoria da Federação das Igrejas Protestantes Suíças, o Secretário de Missões da Igreja Metodista Suíça e o Bispo recentemente eleito para a Suíça e Europa sul-oriental e Norte da América”.<sup>174</sup>

Além da noção de que o corpo de Cristo não poderia ser dividido para que o testemunho de cristãos/ãs e da Igreja se tornasse efetivo, esta atuação ecumênica era resultado também da reflexão que desenvolvia sobre a própria realidade. A leitura destes dados contextuais alimentava tanto a sua atuação quanto a sua análise reflexiva.

#### 1.5.4. REFLEXIVO

Inquieto com a realidade na qual se sentia inserido, Aço distanciava-se dela para refletir sobre essa realidade. Num tempo em que se apregoava a necessidade de toda pessoa fixar objetivos para serem atingidos na vida, ele afirmava que, o ideal não era “eleger uma determinada situação para ser alcançada, mas inserir-se no movimento e no dinamismo de sua situação presente para transformá-la”.<sup>175</sup> Considerava que o ideal era estar “a caminho”, inserido na luta, “aceitar os desafios permanentes para rever posições vividas e transformá-las em novas situações”.<sup>176</sup> Mais importante do que atingir a vitória, o ideal não deveria ser o de “estar seguro da travessia, mas ter o barco e estar navegando”.<sup>177</sup>

<sup>172</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>173</sup> AÇO, Isac. **Correspondência:...** out. 1990, 2 f.

<sup>174</sup> AÇO, Isac. **Correspondência:...** out. 1990, 2 f.

<sup>175</sup> AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto: temas para a reflexão ideal, [sic.] é estar a caminho. **A Razão**, Santa Maria, p. 8, 03 out.1974.

<sup>176</sup> AÇO, Em busca ... p. 8, 03 out.1974.

<sup>177</sup> AÇO, Em busca ... p. 8, 03 out.1974.

A propósito do “Dia do Professor/a”, em 1973, Aço escreveu um artigo no jornal “A Razão”, de Santa Maria, RS, onde fez uma reflexão sobre este aspecto da condição humana:

Deus deixou o homem em aberto: criou-nos, capacitou-nos, colocou em nós imenso potencial, mas não nos “programou”. Fez-nos seres educáveis. Deu-nos a vida como curso permanente e o mundo como escola experimental. E se isto faz de nós o que somos — seres em vias de ser, seres A CAMINHO DE — isto, ao mesmo tempo, é nossa grandeza e nossa miséria.<sup>178</sup>

Num artigo para o mesmo jornal, publicado em 1975, Aço se referiu à resposta que cada pessoa tenta dar à pergunta, “o que é o homem, ou como é que o ser humano se expressa?”<sup>179</sup> Sem tentar responder desenvolveu uma reflexão sobre o ser humano como alguém que está em busca de realização, na mesma proporção em que se constrói ou se destrói:

Não posso ficar de fora. Só posso fazer a pergunta genérica, significativamente, enquanto me considero ligado de modo intrínseco, a todos os outros. Vejo o homem em busca de realização. Parte natureza, mas capaz de assumir um compromisso com ela: domina-a transforma-a e participa de suas contingências. Vejo o dominador e ao mesmo tempo o dominado. Um lutador em busca de sentido.<sup>180</sup>

Aprofundou a reflexão ao constatar que o pânico pode tomar conta do ser humano e este transformar a sua busca de resposta numa procura criativa entre potencialidade e realidade e entre contingência e possibilidade. Neste pensamento concluiu que o ser humano é um peregrino e itinerante em direção a humanidade plena:

O pânico pode chegar a apelar para recursos latentes e tornar-se em busca criativa. Se neste processo ele chega a compreender que sua existência aberta consiste na polarização entre a potencialidade e a realidade e a realização entre a possibilidade e a contingência, o estar a caminho pode permitir-lhe um sentido peregrino e itinerante em direção ao homem pleno. Ser homem é estar a caminho da plenitude.<sup>181</sup>

Aço considerava que sendo um ser em polarização entre a criatividade e a contingência o ser humano sempre ficava aquém do que podia torná-lo plenamente humano. Percebia que esta polarização não era exclusivamente individual, mas também comunitária, pois o “homem só é homem com os outros”.<sup>182</sup> Dentro desta concepção de realização humana considerava valiosa a dimensão histórica. Para Aço não havia ser humano sem história e esta

<sup>178</sup> AÇO, Isac. A pedagogia de Deus. **A Razão**, Santa Maria, p. 11, 14 out. 1973.

<sup>179</sup> AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto III: o homem parte I. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 16 fev. 1975.

<sup>180</sup> AÇO, Em busca ... parte I., p. 15, 16 fev. 1975.

<sup>181</sup> AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto IV: o homem parte II. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 18 fev. 1975.

<sup>182</sup> AÇO, Em busca ... parte II., p. 15, 18 fev. 1975.

se constituía na sua “autobiografia coletiva”. Assim, o ser humano se constituía no arquivo da sua própria trajetória: “Ele é o registro de sua história, registro onde ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto, autor e leitor crítico, memória, indicador de possibilidades e registro de frustrações”.<sup>183</sup>

A consciência de Aço sempre o levava a definir o ser humano verdadeiro como um ser inconformado que ou recalca seu inconformismo, silencia, conforma-se, e renuncia a sua humanidade, tornando-se um ser cordato ou que “se rebela, que desequilibra certa harmonia cósmica que passa a aparecer-lhe como paraíso “perdido”.<sup>184</sup>

Entendia que a vida cristã não deveria ser nem a calmaria de um lago nem o inferno de uma guerra. Considerava que, na vida cristã, o crescimento era “resultado de tensão entre obras da carne e fruto do Espírito, entre as obras de nossa vida natural e os frutos que Deus faz surgir em nós”<sup>185</sup> e que isto representava o resultado da obra salvadora, transformadora e restauradora que Deus realizava no ser humano. Nesta dimensão da vida cristã entendia fundamental, a íntima relação que o ser humano mantinha com Deus, capaz de produzir uma “mística”. Salientava que esta era uma característica dos maiores vultos da história cristã. Esta mística se constituía num misto de oração, reflexão, descobrimento e levava em consideração a relação de fatos com verdades aceitas, para prová-las e (ou) enriquecê-las.<sup>186</sup> Por outro lado alertava sobre os riscos do fanatismo o qual definia como uma paixão empobrecida pela redução da verdade a uma dimensão unilateral. Considerava o fanatismo como uma limitação a uma situação ou a uma idéia já estabelecida, que se mostrava ao contrário da vida devocional, que deveria “ser descoberta, enriquecimento, novidade”.<sup>187</sup>

Em 1974, Aço esteve na Europa e, através de cartas, continuou se comunicando com os leitores do jornal “A Razão”, de Santa Maria. Nestas cartas, como de resto em seus escritos, é possível perceber a sua reflexão direcionada para a condição humana. Portugal havia passado pela chamada “Revolução dos Cravos”, desencadeada em 25 de abril de 1974 promovida sob a liderança do Movimento das Forças Armadas (MFA), operação esta que pôs fim longo período de governo do Presidente António de Oliveira Salazar. Esta revolução colocou no poder a Junta de Salvação Nacional constituída de um grupo de militares com o

<sup>183</sup> AÇO, Em busca ... parte II., p. 15, 18 fev. 1975.

<sup>184</sup> AÇO, Em busca ... parte II., p. 15, 18 fev. 1975.

<sup>185</sup> AÇO, Isac. Viver na Carne, mas não segundo a carne. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 19, out./dez.1973

<sup>186</sup> AÇO, Isac. Crescendo na vida devocional. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 29, out./dez. 1973.

<sup>187</sup> AÇO, Crescendo... p. 29, out./dez. 1973.

objetivo de estabelecer um novo governo civil o que efetivamente aconteceu a partir de 1976. Diante deste fato uma das primeiras questões levantada por Aço foi “como é que esta gente está vivendo a liberdade, tolhida por quase meio século?”<sup>188</sup> O conteúdo de sua carta manifestava sua postura antipática ao sistema colonialista que Portugal mantinha por cerca de quatro séculos.

Entre as suas reflexões, Aço também pensava na maneira como o crescimento das grandes cidades acabava sufocando o ser humano. Já de volta a Santa Maria, depois de ter participado da Conferência da IAMS, na Alemanha, Aço<sup>189</sup> escreveu uma poesia com o título, “Floresta de Cimento”. Nela, expressava seu sentimento de angústia diante das edificações de concreto:

Cimento!  
Trama o drama  
com o ferro;  
no momento  
em que encerro  
o pensamento,  
chega um berro  
da floresta  
de cimento!”

Não agüento  
quando enterro  
meu pensamento  
no tormento  
desta rua:  
já não vejo o sol  
já perdi a lua  
não vejo arrebol;  
mas sorvo o veneno  
do drama terreno  
sem alvorecer.  
Chega de crescer!  
Chega de morrer!  
sem chegar a ser.<sup>190</sup>

Certa vez em Genebra, Aço refletindo sobre questões existenciais, escreveu um texto onde imaginava o ser humano caminhando enquanto fazia perguntas a si mesmo e tentava encontrar as respostas. Como o andar avançava e as respostas não vinham chegou à conclusão de que elas não se encontravam em nenhum lugar para onde se caminhava e nem mesmo onde elas eram buscadas, mas que o andar poderia ser uma resposta:

<sup>188</sup> AÇO, Isac. Carta da Europa I. **A Razão**, Santa Maria, p. 9, 31 out. 1974.

<sup>189</sup> Conforme p. 42.

<sup>190</sup> AÇO, Isac. Floresta de cimento. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 09 fev.1975.

Não é que a Palavra Reveladora veio até nós e, desde então, a grande descoberta não é correr atrás de respostas às perguntas, mas deixar que perguntas e respostas se encarnem enquanto caminhamos, e se ofereçam como dádiva completa de liturgia inteligente e viva?<sup>191</sup>

Em sua fase de reflexões sobre a existência humana, Aço se colocava diante do próprio existir. Com este tema escreveu uma poesia publicada em outubro de 1975, na qual questionava o sentido da existência, procurando uma resposta, um significado:

- Porque existir,  
se isso não consistir  
- em reunir,  
em vez de espalhar?  
em criar,  
em vez de destruir?  
em resistir,  
em vez de desistir?  
em transformar  
em vez de acomodar.  
— Para que existir,  
sem persistir?  
— Por que fingir  
sem sentir  
que existir  
é conseguir  
não transigir  
na tentação  
da concessão  
ou do fracasso?<sup>192</sup>

Ao mesmo tempo em que se questionava profundamente sobre o sentido do seu próprio existir, no mesmo poema Aço encontrava uma resposta teológica:

Existir  
é pedir  
no que eu faço;  
é caminhar,  
que mais um passo  
na perfeição.  
Existir  
é apertar mais um laço  
que me une ao irmão.  
Existir  
procurar a direção;  
é lutar  
e provocar libertação!<sup>193</sup>

Juntamente com o seu questionamento existencial, Aço carregava uma profunda preocupação com o futuro. Não se tratava do seu futuro, mas o futuro daquelas pessoas que se relacionavam com ele ou àquelas pelas quais se sentia responsável, não no sentido familiar ou

<sup>191</sup> AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto II. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 09 fev. 1975.

<sup>192</sup> AÇO, Isac. Existo. **A Razão**, Santa Maria, p. 4, 11 out.1975.

<sup>193</sup> AÇO, Existo..., p. 04, 11 out.1975.

de amizade, mas de próximo. Num breve poema publicado em junho de 1976, ele se referia ao alento e às esperanças quando contemplava os pequenos; mencionava os planos de transformação:

Alento esperanças,  
olhando as crianças  
que esperam por mim.  
Há dias que choro,  
sorrio e oro;  
a vida é assim!

E faço mil planos:  
quero transformar  
tanta coisa incerta.  
Vão passando os anos,  
deixo a porta aberta:  
pr'os dias insanos,  
já estou alerta!<sup>194</sup>

Foi o mar quem inspirou Aço a escrever alegoricamente sobre a sua luta existencial diante dos embates da vida. Em fevereiro de 1976, quando esteve na praia de Areias Brancas<sup>195</sup>, em Arroio do Sal, litoral norte do Rio Grande do Sul, escreveu um pequeno texto com o título “Crônica do mar”. Nele estabeleceu uma comparação entre sua vida e o mar revoltoso:

As ondas afagam-se, suspendem-me, levam-me para onde não quero ir. Mas logo me lanço a nado, com ritmo cadenciado e uniforme, e sinto que o mar vai cedendo às braçadas que projeto para diante.<sup>196</sup>

Seu perfil decidido encontrava uma ilustração na maneira como enfrentava as ondas e como estas lhe davam o troco. Numa espécie de jogo político imaginava-se lutando entre avanços e recuos. Por alguns instantes arquitetava imaginando o mar como aquela força que tentava dominá-lo. Percebia que ao contrário dele, a praia não reagia:

É aí que decido enfrentar as ondas onde elas nascem. Obedecendo a um recuo e avanço incessantes, a massa informe ameaça levantar-se contra mim. Entre o recuo e o avanço, o mar levanta-se, forma uma crista indisciplinada que avança contra a praia, que não reage.<sup>197</sup>

Diante do gigantismo da onda, Aço tentava ludibriá-la e vencê-la. Aproveitava o momento de maior força da onda para lançar-se contra aquele desafio. Arquitetava uma estratégia e lançava-se corajosamente:

<sup>194</sup> AÇO, Vida... p. 17, set. 1976.

<sup>195</sup> Praia pequena localizada ao norte de Arroio do Sal no litoral do Rio Grande do Sul, Brasil (29°29'58" S e 49°50'57" W.)

<sup>196</sup> AÇO, Isac. Crônica do mar. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 18 abr.1976.

<sup>197</sup> AÇO, Crônica ... p. 15, 18 abr.1976.

Eu, porém, quero vencer a onda, ludibriá-la, aproveitá-la para subir e olhar a terra desde a sua crista fugaz. Quero enfrentar a onda no seu momento mais ameaçador. Mergulho sob o tumulto espumoso de toneladas de água em revolta, e surjo do outro lado da onda cuja marcha implacável passou sobre mim como se nada fosse.<sup>198</sup>

Por fim, depois de enfrentar a fúria das forças oponentes, Aço descobriria que ali também residia uma fonte inesgotável de reconhecimento. Deste embate entre o mar e ele percebeu que o enfrentamento também possuía um preço – aproveitar o momento, mas ter sempre uma estratégia para lutar sempre:

O mar e eu, agora, nos abraçamos num amplexo de amizade e concorrência. Sinto-me gratificado por ser livre e poder enganar a onda. Ela, no entanto, faz-me sentir que minha liberdade tem um preço, e que preciso lutar, aproveitar o momento certo, imaginar uma estratégia, para poder gozar sua companhia sem que ela se torne perigosa.<sup>199</sup>

Este momento de embate com as ondas trazia-lhe, também, uma imagem preocupante com relação à convivência com os companheiros/as de luta – pairava em sua imaginação o risco da traição, que aparecia também nos momentos de descontração:

Afinal, eu e o mar, somos amigos, mas sei que tenho que estar atento. O mar pode ser traiçoeiro e um dia poderei ser definitivamente traído, enquanto gozo esta amizade inquieta e desafiante.<sup>200</sup>

Refletindo ainda sobre a força do mais frágil que é capaz de vencer o mais forte, a propósito da Páscoa de 1976, Aço escreveu uma meditação inspirada numa débil planta de seu jardim, que mesmo sepultada pela laje de cimento, insistia, rompendo a pedra, impondo-se ao peso que a sufocava. Via nesta planta que emergira da pedra, uma força incalculável na aparente debilidade da vida. Considerando a construção da calçada de seu jardim que, ao enterrar a planta supunha o fim de tudo, percebera que a planta ressurgia “diferente, poderosa, renovada!”<sup>201</sup>

A preocupação de Aço com as pessoas, em seus dilemas cotidianos e em sua faina diária bem como a preocupação com seus próprios questionamentos o levou a externar, algumas vezes através da poesia, a sua reflexão. Uma dessas peças foi dedicada “Ao ‘soldado desconhecido’” no qual tentava ouvir seus humanos clamores abafados pela crueldade da guerra:

É pena que te tenham desconhecido!  
A verdade mesmo é que ninguém estava interessado em conhecer-te!

<sup>198</sup> AÇO, Crônica ... p. 15, 18 abr.1976.

<sup>199</sup> AÇO, Crônica ... p. 15, 18 abr.1976.

<sup>200</sup> AÇO, Crônica ... p. 15, 18 abr.1976.

<sup>201</sup> AÇO, Isac. Força e debilidade da vida. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 18, abr. 1976.

Servias para combater, e era tudo quanto interessava.  
 Não te perguntaram se querias combater; nunca souberam se pretendias, ou não, ajudar a manter abertas as fábricas de material bélico.<sup>202</sup>

Juntamente com o questionamento sobre os interesses que estavam por traz da guerra, que ceifou a vida dos soldados, Aço acrescentou o questionamento sobre a família, a esperança, as expectativas e o anonimato de quem se perdeu numa vala comum do campo de batalha:

Seria bom que te tivessem conhecido: que pensassem que tinhas uma família, um mundo a construir, um futuro que nunca chegou, que tinhas ideais de amor e de fraternidade que tudo isso foi enterrado, contigo, no anonimato!<sup>203</sup>

Algum tempo após o seu falecimento repentino em acidente, acontecido em 25 de março de 1991, sua esposa encontrou um texto, da autoria de Aço, cujo título é significativo: “Retrospectiva”. Sem nenhuma explicação racional ele havia começado a registrar suas impressões sobre a vida e sua caminhada. Iniciou com uma série de questionamentos que, à luz do seu falecimento, se tornaram simbólicos. Fazia a si mesmo perguntas tais:

Como se pode dividir o tempo para fazer uma retrospectiva? Vale a pena fazer isso? Queremos ressaltar as coisas boas? Aprender as lições? Autopromovermos ou manifestar o poder de Deus em nossas vidas? Talvez tudo isto e mais ainda. De repente, parece importante lembrar. Não sei porque, mas parece. Lembrar e registrar! Por quê? Talvez para assegurar que, o caminho que percorremos tem vida e fundamentalmente para o que vem adiante, desconhecido, porém desafiador.<sup>204</sup>

Para quem passou a vida refletindo e escrevendo sobre a sua prática pastoral, como Aço, estes questionamentos são, no mínimo intrigantes. Ressaltam a sua constante inquietação diante da vida humana, ao mesmo tempo em que sinaliza sua concepção teológica de que todas as coisas realizadas são, de fato, manifestações do poder de Deus. Dizia Aço que Deus sempre tinha “sido o fundamento inabalável em todas as situações”.<sup>205</sup>

Aço refletia sobre diferentes prismas da vida das pessoas, da vida das comunidades nas quais estava envolvido e sobre sua própria vida. Quando saiu de Santa Maria para assumir a reitoria da Faculdade de Teologia, fez uma espécie de avaliação da década de 1970. Resumiu isto dizendo que, permanecer em Santa Maria seria muito favorável, mas que a nova década se abria e outras fronteiras também. Considerava que a década de 70 havia lhe dado muito trabalho, alguns desgostos, mas, com certeza, muitas alegrias. Aquela experiência de

<sup>202</sup> AÇO, Isac. Ao “soldado desconhecido”. Expositor Cristão, São Bernardo do Campo, p. 15, abr. 1976.

<sup>203</sup> AÇO, Ao ... p. 15, abr. 1976.

<sup>204</sup> PARA, 1992, p. 15.

<sup>205</sup> PARA, 1992, p. 15.

Santa Maria mantinha-se, ampliava-se e se aperfeiçoava na medida em que outros irmãos tinham “encontrado formas da Igreja servir ao povo e com o povo”.<sup>206</sup>

Ao assumir a reitoria da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista<sup>207</sup>, em 1981, Aço escreveu um artigo no órgão interno da Instituição, “O Mosaico”, referindo-se aos desafios do momento. Mencionou as expectativas da Igreja e as suas próprias, colocando como objetivos maiores a criação de um ambiente de fraternidade, criação de um programa de preparação de docentes e participação no diálogo da renovação teológica e pastoral. Encerrou sua mensagem inicial à comunidade acadêmica falando de entusiasmo e luta contra a acomodação e a rotina:

Entusiasmados com estas perspectivas e esperançosos em nossa participação criativa e renovadora, lutando contra a acomodação e a rotina, sentimos que estamos vivendo o tempo novo que nos é trazido pelo Espírito, na totalidade de nossas atividades. Estejamos, pois unidos nestes propósitos.<sup>208</sup>

Referindo-se à década de 1990, Aço falou de indefinições, angústias, mudanças, recomposição da vida, mas acrescentou que era isso que tinha feito as pessoas viverem e o que dava certeza de que valia a pena viver. Aço referiu-se a essas indefinições, de forma quase poética, como um elemento “que nos traz consciência de que cada dia, cada hora, cada minuto, ao serem vividos, são como se ressurgisse todo o passado, de modo que a vida é aquilo que se vive hoje, agora, em decorrência do passado e na expectativa do futuro”.<sup>209</sup>

Quando fechou a década de 1980, Aço fez uma reflexão sobre os avanços e recuos do seu trabalho episcopal. Sua atitude foi de gratidão quando disse:

Dou graças a Deus porque no meio destas lutas, não perdi o amor, mantenho a esperança de que realizamos os desígnios de Deus e isso significará vida abundante para a criança, apoio para as mulheres em sua luta, presença junto aos marginais, força para aqueles que lutam por uma sociedade mais justa.<sup>210</sup>

O perfil reflexivo de Aço o conduziu a diversos questionamentos sobre a existência e a responsabilidade do ser humano diante do mundo criado por Deus. Estas reflexões se manifestavam em sua atuação como pastor e como professor na perspectiva de um homem inquieto com as coisas assim como elas estavam. Esta inquietude o levava em busca de uma ação transformadora de libertação.

<sup>206</sup> PARA, 1992, p. 32.

<sup>207</sup> A Faculdade de Teologia da Igreja Metodista era uma instituição subordinada ao Colégio Episcopal e localizava-se em São Bernardo do Campo, SP. (CÂNONES da Igreja Metodista – com alterações do XIII Concílio Geral de 1982. São Paulo: Imprensa Metodista, 1982, p. 167).

<sup>208</sup> AÇO, Isac. Mensagem do diretor. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 3, abr.1981.

<sup>209</sup> PARA, 1992, p. 16.

<sup>210</sup> PARA, 1992, p. 34.

### 1.5.5. PASTOR E PROFESSOR

Em São Paulo, enquanto cursava o bacharel em Teologia, atuou como pastor-acadêmico na Terceira Região Eclesiástica,<sup>211</sup> nas igrejas de Vila Conde de Pinhal e de Vila Formosa. Depois de algum tempo, passada a formatura, Aço recebeu um convite para lecionar no seminário regional da Igreja Metodista na Segunda Região, chamado Instituto João Wesley, em Porto Alegre. O convite partiu do seu Diretor, Rev. Erasmo Vurlod Ungaretti e de um professor de Teologia Sistemática, na época, Rev. Moisés Cavalheiro de Moraes. Dias depois receberia um telegrama do Rev. José Pedro Pinheiro, Bispo da Segunda Região entre 1957 e 1970,<sup>212</sup> formalizando o convite. No seminário lecionou por oito anos, enquanto sua esposa, a Prof<sup>a</sup>. Graciela, lecionou Educação Cristã, por cinco anos.

Em 12 de janeiro de 1969, em Porto Alegre, foi ordenado Presbítero, ordem clériga<sup>213</sup> da Igreja Metodista, numa cerimônia dirigida pelo Bispo José Pedro Pinheiro.<sup>214</sup> Nesta mesma ocasião foi nomeado Secretário Regional de Missões e Evangelização, Assessor do Gabinete Episcopal e Relações Públicas.<sup>215</sup>

Conjuntamente com o magistério teológico, ministrando aulas de “Exegese do Novo Testamento”, Aço foi nomeado para o pastorado da Igreja Metodista de Vila Jardim<sup>216</sup>, em Porto Alegre, onde atuou por cerca de cinco anos. Neste período a comunidade se desenvolveu, fundando e construindo o prédio do “Lar das Meninas”, uma casa que abrigava meninas órfãs ou vítimas de violência doméstica num dos bairros mais pobres.<sup>217</sup> Iniciou o trabalho missionário no Parque Índio Jary<sup>218</sup>, com capela e ambulatório, bem como o trabalho

<sup>211</sup> As regiões da Igreja Metodista foram estabelecidas pela ordem de criação. Na época, a primeira Região correspondia ao estado do Rio de Janeiro. A Segunda correspondia aos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina e a Terceira equivalia à cidade de São Paulo e à baixada santista.

<sup>212</sup> QUADRO cronológico dos concílios. In: ATAS, REGISTROS E DOCUMENTOS: XXX CONCÍLIO REGIONAL. Segunda Região Eclesiástica: Porto Alegre, 2003, p. 7.

<sup>213</sup> Há duas ordens na Igreja Metodista: a “Ordem Diaconal é a categoria eclesiástica leiga, na qual a Igreja Metodista, com autoridade e direção do Espírito Santo, acolhe, em nome de Deus, as pessoas que ela reconhece vocacionadas para a prestação de ministérios especiais, reconhecidos pela Igreja, sem distinção de sexo, consagrando-as ao desempenho da Missão” (CÂNONES, 2002, p. 153) e “Ordem Presbiterial é a categoria eclesiástica clériga, na qual a Igreja Metodista, com a autoridade e direção do Espírito Santo, acolhe, em nome de Deus, sem distinção de sexo, os membros que ela reconhece vocacionados para o santo ministério da Palavra e dos Sacramentos e outros ministérios por ela reconhecidos, ordenando-os para o desempenho da Missão” (CÂNONES, 2002, p. 158).

<sup>214</sup> Na Igreja Metodista o Presbítero é o membro da Ordem Clériga, onde são acolhidas as pessoas reconhecidas vocacionadas para o ministério da Palavra e dos Sacramentos e a sua ordenação é presidida pelo Bispo/a Presidente do Concílio Regional correspondente à Região onde o Presbítero foi eleito. (CÂNONES, 2002, p. 158).

<sup>215</sup> CAVALHEIRO, 2003, p. 20-21.

<sup>216</sup> PARA, 1992, p. 29.

<sup>217</sup> PARA, 1992, p. 29.

<sup>218</sup> Bairro de periferia da cidade de Viamão a cerca de doze quilômetros do centro de Porto Alegre.

evangelístico na Vila CEFER<sup>219</sup>. Durante este período o casal teve mais dois filhos, Pedro Luiz, nascido em 23 de setembro de 1968 e Felipe André, em 9 de setembro do ano seguinte.

Em 1971 a família Aço partiu para o Instituto Ecumênico de Bossey, na Suíça, sendo que este “foi um tempo para repensar o que até então vinha acontecendo”.<sup>220</sup> Aço definiria que o pastorado na Igreja de Vila Jardim havia sido um tempo para confirmar “nosso compromisso com os pobres”.<sup>221</sup> Na Suíça, este compromisso com os pobres foi refletido sobre o que isto “significava no contexto latino-americano”.<sup>222</sup>

Em outubro de 1972, ao retornar da Suíça, Aço recebeu a nomeação do Bispo para assumir a Igreja Metodista em Uruguaiana, para onde endereçou sua bagagem. Entretanto, chegando ao Brasil, descobriu que sua nomeação<sup>223</sup> teria sido alterada para a Igreja em Santa Maria.<sup>224</sup> Além do pastorado, Aço continuaria a lecionar no Instituto João Wesley.

Em Santa Maria há uma instituição de acolhimento às crianças empobrecidas chamada “Lar Metodista” que no início da década de 1970 estava quase falida. O Pastor Aço tomou-a como desafio. Conjuntamente com a pastoral que desenvolvia na comunidade local, assumiu a direção do Lar numa “experiência de recuperação”.<sup>225</sup> Desta experiência disse que “Deus nos deu a visão de reconstruirmos, de amarmos as crianças e por elas tudo fazer”.<sup>226</sup> Ao mesmo tempo em que mantinha “vigilância para romper o assistencialismo”<sup>227</sup>, lutava em prol de uma “mudança da sociedade”.<sup>228</sup>

Paralelamente às atividades pastorais da Igreja e diretivas do Lar Metodista<sup>229</sup>, Aço integrou o primeiro Conselho Geral da Igreja Metodista, de 1971 a 1974<sup>230</sup>, órgão máximo de decisões da Igreja, no interregno dos Concílios Gerais.<sup>231</sup> Neste *status* teve participação

<sup>219</sup> Bairro pobre da zona leste de Porto Alegre, construído com financiamento da Caixa Econômica Federal.

<sup>220</sup> PARA, 1992, p. 29.

<sup>221</sup> PARA, 1992, p. 29.

<sup>222</sup> PARA, 1992, p. 29.

<sup>223</sup> “Nomeação” é o termo utilizado na Igreja Metodista para designação de alguém para alguma missão, especialmente no pastorado. (CÂNONES, 2002, p.203).

<sup>224</sup> PARA, 1992, p. 30.

<sup>225</sup> PARA, 1992, p. 31.

<sup>226</sup> PARA, 1992, p. 31.

<sup>227</sup> PARA, 1992, p. 31.

<sup>228</sup> PARA, 1992, p. 31.

<sup>229</sup> AÇO, Isac. Lar Metodista: novo aos 50 anos. **Informativo do Lar**. Santa Maria, p. 4, jun. 1989.

<sup>230</sup> MOSAICO, **Faculdade de Teologia: o novo diretor**, São Bernardo do Campo, p. 3, abr.1981.

<sup>231</sup> Os concílios gerais reuniam-se de quatro em quatro anos com delegados/as leigos/as e clérigos/as. Até hoje os concílios constituem a instância legislativa máxima da Igreja Metodista no Brasil (CÂNONES da Igreja Metodista 1978, São Paulo: Imprensa Metodista, 1978, p. 49).

efetiva na proposta do primeiro Plano Quadrienal, que efetivamente marcou o início de uma virada na caminhada da Igreja.<sup>232</sup>

A despeito de todas as atividades, Aço foi Superintendente Distrital<sup>233</sup> (Distrito do Centro<sup>234</sup>) da Igreja Metodista na Segunda Região.<sup>235</sup> Além disso, conseguiu fazer os créditos do Mestrado em Antropologia Filosófica, na Universidade Federal de Santa Maria, não o concluindo por causa de seus muitos envolvimento.<sup>236</sup>

Em visita à cidade de Palmeira das Missões, região Norte do Rio Grande do Sul, Aço participou de um programa radiofônico na véspera do “Dia dos Pais”. Aproveitou a ocasião para uma mensagem pastoral direcionada à responsabilidade dos ouvintes no papel de pais. Em sua reflexão considerava que não era fácil ser pai, pois a própria sociedade cobrava dos homens “uma atitude de autoridade e ao mesmo tempo uma atitude de amor e de abertura, e de capacidade de diálogo”.<sup>237</sup> Aprofundando o seu pensamento percebia a necessidade que os pais tinham de se educarem para o diálogo com os/as filhos/as, pois considerava que os pais eram educados pelos/as filhos/as. Falava da necessidade de aprender a respeitá-los na sua personalidade, de ouvi-los a fim de que os pais pudessem se educar nesta Missão.

Noutro poema, escrito para a liturgia do culto, Aço traçou o perfil de um pastor preocupado com o conhecimento do seu rebanho. Com isto pretendia ampliar os laços de fraternidade e de companheirismo na ação missionária da igreja local. O seu objetivo era a plenitude em Jesus Cristo:

Estamos juntos, meu irmão!  
Quero olhar-te à luz de Deus,  
como irmão em Jesus Cristo;  
formar um pacto contigo  
de amizade e de paz,  
para juntos caminharmos  
servindo, orando e crescendo,  
e o nosso cristianismo  
alcance plenitude  
e juntos em Jesus Cristo  
vivamos o amor,

<sup>232</sup> O Primeiro Plano Quadrienal foi um documento de doutrina e missão da Igreja, que rompia com algumas características evangélicas trazidas pelos missionários norte-americanos, que introduziram o metodismo no Brasil no século XIX. (CÂNONES, 2002, p. 71).

<sup>233</sup> Conforme p. 21.

<sup>234</sup> O Distrito Centro abrangia as igrejas das cidades de Santa Maria, Cachoeira do Sul e Rio Pardo, RS.

<sup>235</sup> MOSAICO, p. 3, abr.1981.

<sup>236</sup> PARA, 1992, p. 31.

<sup>237</sup> AÇO, Isac. **Saudação aos pais**. [Transcrição do programa radiofônico “Momento Novo” da Rádio Palmeira das Missões], [Arquivo Familiar], 09 ago.1986.

num misto de serviço e de virtude!<sup>238</sup>

No final de 1980, o Conselho Geral da Igreja Metodista o elegeu para ser o Reitor da Faculdade de Teologia, em São Bernardo do Campo, SP, “que passava por crise brava, com possibilidade de suspensão de atividades... havia muitos ressentimentos, e a administração muito confusa”.<sup>239</sup> Aceitou o cargo somente após um diálogo com os/as estudantes, antes de se iniciarem as férias.

Durante o período em que o casal esteve em Santa Maria tiveram mais três filhos, Marcos Wesley, nascido em 15 de março de 1973<sup>240</sup>, Daniel Isac, em 21 de setembro de 1976, e o mais jovem, Estevão José, nascido em 19 de novembro de 1978.

Esta atuação de Aço como pastor de comunidades locais e professor do Seminário lhe conferiu uma visão do pastoreio de igrejas nas quais conviviam situações eclesiais convencionais e problemas sociais desafiadores. As situações eclesiais eram encaminhadas através de uma dinâmica de trabalho já conhecida<sup>241</sup>, mas os problemas sociais cobravam respostas criativas para as quais a Igreja não estava acostumada a dar. Foi neste particular que Aço, possuidor de uma análise social com perfil crítico contribuiu para a construção de uma nova estratégia missionária na perspectiva da libertação.

### 1.5.6. BISPO

Em julho de 1982, numa época de tensões internas da Igreja Metodista, o XIII Concílio Geral, reunido em Belo Horizonte, elegeu Aço para ser um de seus bispos.<sup>242</sup> A época também se tornou de mudanças. A Igreja Metodista pretendia romper com uma visão missionária vinculada à conversão pessoal e adotar uma evangelização engajada socialmente, comprometida com os movimentos sociais emergentes. O metodismo estava identificado com o protestantismo do “não” traduzido por uma disciplina rígida de costumes importados através do trabalho missionário aqui implantado:

Há na sociedade brasileira um certo pensamento segundo o qual os protestantes são identificados pelo que não são ou não fazem: eles não fumam, não bebem, não

<sup>238</sup> AÇO, Isac. Estamos juntos meu irmão. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 6, abr.1976.

<sup>239</sup> PARA, 1992, p. 32.

<sup>240</sup> O Marcos faleceu, juntamente com Isac, em acidente no dia 25 de março de 1991, em Montenegro, RS, na BR 386.

<sup>241</sup> A Igreja Metodista possui um livro de Cânones onde se encontram orientações e leis administrativas (Conforme p. 18).

<sup>242</sup> ATAS e Documentos do XIII Concílio Geral da Igreja Metodista. São Paulo: Mesa Executiva do Conselho Geral da Igreja Metodista, 1982, p. 78.

dançam, não têm vida sexual extra matrimonial e não se vestem de acordo com a moda. Esse entendimento faz sentido, pois as Igrejas protestantes brasileiras, surgidas do movimento missionário do século XIX, identificam a conversão ao evangelho com a rejeição de uma cultura e a adoção de outros padrões culturais, aos quais elas associam formas de comportamento específicas presididas por uma disciplina rígida, exercida energicamente pela congregação local.<sup>243</sup>

Neste mesmo Concílio foram aprovados dois documentos fundamentais para esta nova visão missionária, a saber, o *PVMI* e *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*.<sup>244</sup> Estes documentos representavam uma evolução dos *Planos Quadrienais* de 1974 e 1978,<sup>245</sup> dos quais Aço havia participado efetivamente de sua elaboração.

O período que antecedeu ao Concílio Geral foi de preocupações. Em uma matéria publicada no *Mosaico*, em junho de 1982, apresentando a opinião de diversas lideranças metodistas sobre as expectativas em relação ao Concílio, Aço falou daquilo que sentia que deveria ser o cerne das discussões, a saber, a Missão. Falou também do receio que tinha de que o maior tempo fosse gasto nos debates sobre a estrutura administrativa: a legislação, que normalmente ocupava os debates conciliares:

Se alguma esperança há como resultado do Concílio Geral, será que se preocupe com a Missão. Não quer dizer que não venha a preocupar-se com legislação. Porém, a preocupação com a legislação deverá ser uma decorrência da Missão, isto é, preocupar-se com a missão, traçar suas linhas e, a partir daí, estruturar-se para viabilizar esta missão. E esta não tem sido, fundamentalmente, a preocupação dos Concílios Gerais.<sup>246</sup>

Ao ser eleito, escreveu uma carta dirigida ao Concílio, na qual agradecia a confiança nele depositada e colocava-se, com humildade, diante de Deus. Pediu a todos os conciliares as orações em favor do seu ministério no episcopado para que a evangelização acontecesse efetivamente, proporcionando um crescimento total da Igreja.

Coloco-me humildemente diante de Deus para que possa usar-me e dar-me força, coragem e fé para exercê-la com determinação e amor, para Sua glória e salvação total das pessoas e da sociedade, como parte da implantação do Reino de Deus neste mundo.<sup>247</sup>

<sup>243</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola; Ciências da Religião, 1990, p. 205.

<sup>244</sup> CÂNONES, 2002, p. 71-128.

<sup>245</sup> CÂNONES, 2002, p. 71.

<sup>246</sup> AÇO, p. 4, jun./ago. 1982.

<sup>247</sup> AGRADECIMENTO de eleição a bispo. In: ATAS E DOCUMENTOS DO XIII CONCÍLIO GERAL DA IGREJA METODISTA, IGREJA METODISTA. São Paulo: Mesa Executiva do Conselho Geral da Igreja Metodista, 1982, documento n. 26, p. 79.

Externou uma palavra de gratidão especial à Segunda Região pela acolhida como peregrino e pelo fato de ter contado como um dos seus queridos.<sup>248</sup>

Para caracterizar o perfil de seu futuro episcopado, registrou, em sua correspondência de agradecimento ao Concílio, as diretrizes teológicas e pastorais que pretendia colocar em prática, salientando uma pastoral voltada para os “sofridos e oprimidos”<sup>249</sup> e a intenção de buscar o engajamento daqueles que tinham “alcançado melhores condições de vida”<sup>250</sup>:

Coloco-me à disposição da Igreja para servir na missão de Deus neste mundo, buscando estar ao lado dos sofridos e oprimidos e tudo fazer para aqueles que, porventura tenham alcançado melhores condições de vida, se unam a nós, e somem conosco para nos integrarmos no PVMI, buscando a realização da justa vontade de Deus.<sup>251</sup>

Os primeiros tempos no episcopado foram difíceis, pois as “reações nas instituições”<sup>252</sup> retardaram a mudança que se pretendia<sup>253</sup>, mudanças essas que viriam “devagar, contraditórias, às vezes acompanhadas de violência”.<sup>254</sup> Aço tinha consciência de que era necessário “endurecer para não abrir mão”<sup>255</sup> naquilo que era essencial que, na sua visão representava “uma Igreja sinal do Reino, comprometida com os pobres, em busca de ser sal da terra e luz do mundo, agente de libertação”.<sup>256</sup> Entretanto, “foi preciso manter diálogo com aqueles que queriam ir depressa e que, nessa pressa justificada, poderiam também destruir a estrutura”.<sup>257</sup>

Analisando criticamente a realidade da Igreja constatava que a vida de muitas instituições educacionais da Região continuava caminhando com os instrumentos do passado, embora os desajustes fossem gritantes e o ritmo diferente. As instituições preferiam continuar atreladas ao passado em nome de uma idealização sem sentido onde “o saudosismo não foi substituído por um presente significativo, desafiador e envolvente”.<sup>258</sup> Aço entendia a educação como um processo ligado à compreensão teológica do Reino de Deus. Inovação e

<sup>248</sup> AGRADECIMENTO...1982, p. 79.

<sup>249</sup> AGRADECIMENTO...1982, p. 79.

<sup>250</sup> AGRADECIMENTO...1982, p. 79.

<sup>251</sup> AGRADECIMENTO...1982, p. 79.

<sup>252</sup> Instituições educacionais que na Segunda Região possuía cinco grandes escolas: Instituto Metodista de Educação e Cultura e Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista, em Porto Alegre, Instituto Educacional da Igreja Metodista, em Passo Fundo, Instituto Metodista Centenário da Igreja Metodista, em Santa Maria e Instituto União de Uruguaiana da Igreja Metodista, em Uruguaiana.

<sup>253</sup> PARA, 1992, p. 33.

<sup>254</sup> PARA, 1992, p. 33.

<sup>255</sup> PARA, 1992, p. 33.

<sup>256</sup> PARA, 1992, p. 33.

<sup>257</sup> PARA, 1992, p. 33.

<sup>258</sup> AÇO, Isac. Retornar ao passado. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 4, jun. 1973.

compromisso eram conceitos que ele agregava à educação como indissociáveis. Conduzia à utopia do sonho que deveria ser buscado na construção da esperança. A educação deveria conter a profundidade do conceito de conhecimento bíblico: experiência e compromisso. Compromisso com a mudança e experiência no sentido de romper continuamente com a própria situação e crer na possibilidade de recriar(-se):

A educação que leva em conta o Reino de Deus considera a inovação e o compromisso com algo qualitativamente diferente como ponte de chegada, utopia a ser buscada, sonho a ser alcançado. Educar é construir a esperança.<sup>259</sup>

Para o cumprimento deste alvo, Aço considerava necessária uma atualização institucional, tanto das igrejas locais em si como das instituições de ensino da Igreja. Cria numa Igreja capaz de abandonar as práticas esclerosadas, em nome de um tempo que já havia se esgotado, arrepende-se dos erros e se purificar. Dessa forma, se tornaria o prenúncio da nova humanidade que se ramificaria e avançaria sobre todo o mundo:

CREIO na experiência da Igreja  
vivendo a contrição que purifica:  
prenúncio da nova humanidade  
que pelo mundo já se ramifica.<sup>260</sup>

Em dezembro de 1983, realizou-se, em Santa Maria, o primeiro Concílio Regional presidido por Aço.<sup>261</sup> Após o encerramento do mesmo, foi entrevistado pelo Expositor Cristão onde ressaltou alguns pontos significativos da sua visão como Bispo. Um desses pontos foi o reconhecimento de que a Igreja era uma diversidade e como Bispo deveria amar e trabalhar com todos. Outro ponto levantado foi o fato de sentir-se alegre e recompensado pela proposta da Igreja, que percebia “através do ‘Plano Vida e Missão’, estar sendo assimilada”.<sup>262</sup> Questionado sobre as preocupações do Bispo, após o encerramento do Concílio, salientou a necessidade de atualização ministerial da Igreja no sentido de que os leigos/as pudessem exercitar os seus ministérios em resposta ao chamado de Deus. Os compromissos espirituais de todos/as precisavam ser retomados e atualizados:

A opção é a do fortalecimento da Igreja para que ela esteja em condições de atender as diversidades de seus ministérios, inclusive o das Instituições. Esse fortalecimento terá que se dar no nível local, através de uma renovação dos compromissos

<sup>259</sup> PARA, 1992, p. 46.

<sup>260</sup> AÇO, Isac. Credo. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 1, out. 1976.

<sup>261</sup> APRESENTAÇÃO de João Nelson Betts. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXIV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 24., 1983, Santa Maria. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1984, p. 1.

<sup>262</sup> AÇO, Isac. “Vestir a Camisa”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, jan. 1984.

espirituais e vocacionais e a nível regional, num trabalho comum, por uma igreja diversificada, mas integrada nos objetivos maiores da missão.<sup>263</sup>

Alguns elementos do relatório do Conselho Regional<sup>264</sup> ao XXIV Concílio Regional sinalizavam o novo perfil missionário que começava a ser implantado na Região, a partir do episcopado de Aço. É possível perceber como a prática pastoral abria-se a uma participação maior aos segmentos sociais e a inserção ecumênica. Destacava-se o item “Cumprimento com a Missão” como exemplo deste novo perfil:

O comprometimento individual, comunitário e institucional, com uma Igreja voltada para as necessidades humanas, constituiu um desafio constante para a vida de cada um e da Igreja como um todo. Este comprometimento concretizou-se em: a) atendimento a pessoas atingidas por calamidades na Região; b) participação de algumas igrejas e instituições em favor de nossos irmãos nordestinos; c) trabalhos de Evangelização e Ação Social na periferia; d) apoio a reivindicações e outras manifestações em solidariedade ao povo em suas necessidades; e) documento enviado pelo Bispo e Pastores da capital à VI Assembléia do CMI em Vancouver; f) apoio das Federações à Arquidiocese de Porto Alegre no manifesto dirigido ao Presidente da República em favor da moralização dos costumes; g) participação em atos ecumênicos, visando à Justiça e à Paz.<sup>265</sup>

Ao encerrar o primeiro ano de episcopado, Aço já sentia o peso da oposição à sua forma de governar a Igreja. Em seu relatório ao XXIV Concílio Regional falava da astúcia do inimigo, do poder e da maldade que experimentara:

Se esperávamos menos dificuldades é porque nem sempre nos damos conta da força, astúcia e inimizade do inimigo. Conscientes de seu poder e maldade somos gratos a Deus por nos tornar vitoriosos e fortes no meio da fraqueza.<sup>266</sup>

Um ano depois constatava que as lutas continuavam porque os motivos que geraram as dificuldades eram os mesmos: a construção do Reino de Deus sob a ótica do PVMI. Por isso, Aço começou o seu relatório ao XXV Concílio Regional<sup>267</sup> com textos bíblicos que indicavam o prosseguimento das dificuldades enfrentadas desde o início do seu episcopado: Lc 12.32-34; Sl 124; Hb 12.1-17; 28-29. Suas primeiras palavras identificavam o sentimento de oposição que enfrentava como Bispo da Região:

Tivemos um ano de lutas, mas será de estranhar que assim tenha acontecido? Usando as palavras de Jesus “se em lenho verde fazem isto, que será no lenho seco”

<sup>263</sup> AÇO, “Vestir... p. 15, jan. 1984

<sup>264</sup> “O Conselho Regional é o órgão de administração da Região Eclesiástica” e era composto do Bispo da Região que era o seu Presidente, de Presbíteros/as e leigos eleitos pelo Concílio Regional. (CÂNONES, 1982, p. 191).

<sup>265</sup> RELATÓRIO do Conselho Regional. in: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXIV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 24., 1983, Santa Maria. *Anais...* Segunda Região Eclesiástica, 1984, p. 26-32.

<sup>266</sup> RELATÓRIO 1984, p. 18-25.

<sup>267</sup> O XXV Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista realizou-se de 6 a 9 de dezembro de 1984 em Porto Alegre.

(Lc 23.31) “se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me” (Mt 16.24). Não é, pois de admirar que tenhamos sofrimentos e lutas na implantação do Reino, pois através deles nos convém chegar ao Reino de Deus como aconteceu com Cristo.<sup>268</sup>

Estas palavras são complementadas com o final da introdução ao seu relatório quando dizia que não podia haver fraqueza nem desânimo, já que o trabalho que o Senhor pedia à Igreja era resultado da graça e da presença de Deus na Igreja e que estava diretamente ligado à “obediência em amor e consagração”.<sup>269</sup>

No corpo do relatório Aço voltou a se referir a estas dificuldades. Constatava que o país vivia uma crise, mas alertava que esta crise não deveria fazer a Igreja parar, mas levá-la a uma atitude de combate não de uns contra os outros, pois entendia que se tratava de uma luta contra “as forças espirituais do mal...” (Ef 6.12). Percebia a utilização da “mentira, dúvida, a intriga, a suspeita, enfim quantas vezes o ódio que leva à morte”.<sup>270</sup> Explicitava as causas e os motivos destas lutas, mencionando as “divergências” e reafirmando o amor. Ao final do terceiro ano do seu episcopado entendia que estava em um segundo momento da caminhada visto que no início, o seu episcopado havia se caracterizado por reações e intimidações quando ainda a nova proposta de Igreja e de instituições, não tinha sido trabalhada objetivamente. Esta experiência seria substituída por “experiências promissoras do presente”.<sup>271</sup>

Aço constatava a existência de oposição sistemática ao trabalho episcopal e explicitou isto num “Registro Episcopal” na ata do XXV Concílio Regional, no qual considerava a disponibilidade de sofrer pelo Reino de Deus. Neste mesmo Registro mencionava o seu desejo e sua abertura para o diálogo com a outra parte, na busca do caminho da reconciliação:

1 – Considera a possibilidade de sofrer por causa do Reino de Deus, perfeitamente enquadrado na Missão; 2 – lamenta profundamente que isso venha da parte de um irmão e amigo, pois considera Evanir Samuel da Cunha Nunes, amigo e irmão, não obstante o sucedido; 3 – entendemos que não compete a mim como Bispo, mover processo contra esse irmão, no que respeita ao que fez contra minha pessoa. Estou deixando o julgamento para com a Igreja e para com Deus. Se algumas tentativas posteriores exigirem outros comportamentos, os irmãos saberão. Finalmente, o Bispo da Região está inteiramente aberto para conversar com Evanir Samuel da Cunha Nunes e encontrar o caminho da reconciliação. Quanto a atitude do irmão

<sup>268</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>269</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>270</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>271</sup> (RELATÓRIO do Bispo In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVI CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 26., 1983, Santa Maria. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1986, p. 53-70.

Evanir com o Conselho Regional, não posso responder. É uma questão de colegiado e não minha, pessoalmente.<sup>272</sup>

Um ano mais tarde, no relatório ao XXVI Concílio Regional<sup>273</sup> referia-se à resistência e à oposição que continuava enfrentando. Era possível perceber que não se tratava de uma oposição unicamente ao Bispo, mas também à nova proposta missionária que a Igreja Metodista havia adotado, da qual Aço era um dos protagonistas. Percebia que esta resistência se manifestava na forma de uma Teologia confusa, que se opunha à Teologia da libertação com conotações que rejeitavam a Teologia que se ocupasse do “lugar da ação de Deus e de seu povo na caminhada de humanização dos povos oprimidos”.<sup>274</sup>

Identificava dois grupos que se opunham entre si, mas que também faziam à implementação do PVMI. Segundo Aço, isto só reforçava o empenho de não recuar diante do “inimigo de Deus”.<sup>275</sup> Por um lado estavam os “espirituais”, com tendência carismática que reconheciam no pensamento e na ação pastoral de Aço a identificação com a Teologia da libertação. Por outro, o grupo dos “conservadores”<sup>276</sup> da Igreja, que não admitiam que a Missão se voltasse em busca dos empobrecidos:

Tenho para mim que a implantação do Plano para a Vida e Missão só acontece como resultado de uma profunda experiência “no Espírito”, experiência que se expressa em amor (que é serviço), alegria, força, determinação, fé, e outras dimensões do fruto do Espírito. É possível que haja divergências, mas não abalam o nosso amor. É possível que os menos “espirituais” se assustem, mas não nos fazem recuar: é certo que o grande inimigo da vida, o inimigo de Deus e dos servos do Reino use seus instrumentos para nos desviar, mas precisamos ter olhos em Jesus, e caminhar.<sup>277</sup>

Em um artigo publicado no “Vida e Missão”<sup>278</sup>, em maio de 1986, Aço justificou sua posição ante às pessoas que lhe faziam oposição sistemática. Referiu-se às queixas constantes na tentativa de desmobilizar o trabalho do Bispo com expressões que apontavam para a situação da Igreja que ia mal, que não crescia, que não evangelizava, etc.<sup>279</sup> Levantou questionamentos pessoais a estes/as metodistas no sentido de cobrar sua participação efetiva.

<sup>272</sup> REGISTRO Episcopal. In: Registros, ATAS E DOCUMENTOS DO XXV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 25., 1984 Porto Alegre, **Anais...** São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985, p. 63.

<sup>273</sup> O XXVI Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista foi realizado no Instituto Metodista Centenário na cidade de Santa Maria entre 2 e 5 de janeiro de 1986 (APRESENTAÇÃO, 1986, p. 1).

<sup>274</sup> RELATÓRIO, 1986, p. 54-70.

<sup>275</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>276</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>277</sup> RELATÓRIO, 1985, p. 40-49.

<sup>278</sup> O jornal Vida e Missão é o órgão de divulgação da Segunda Região Eclesiástica.

<sup>279</sup> AÇO, p. 4, maio 1986.

Salientava que as pessoas eram capazes de oferecer os seus dons em diversas funções, tais como o serviço público, o comércio, etc., mas não se dispunham a oferecê-los a Cristo e sua Igreja:

Chega de queixas! “A Igreja vai mal”; vai mal se tu não vais bem. “A Igreja não cresce”; não cresce se não evangelizar<sup>280</sup>. “A Igreja só pensa em política”; mas o que tens feito para torná-la politicamente sadia? “A Igreja isto, a Igreja aquilo”, mas quanto disto e daquilo deve-se a tua omissão! Usas teus dons no comércio, na vida pública, nos clubes, na política, na educação, mas já os transformaste humildemente em ministérios, que são mais do que promoção ou até mesmo realização pessoal - são oferta ao Reino, promoção da vontade de Deus entre nós?<sup>281</sup>

Não se tratava apenas da percepção de alguém que possuía a responsabilidade de conduzir o processo, mas da constatação de que as oposições se estabeleciam a qualquer preço para barrar completamente o processo de mudança. Percebia que o fundamento para este truncamento da proposta estava no fato de pessoas que, por longos anos controlavam o poder de mando na Região, agora estavam perdendo seus cargos. Ou por não aceitarem estas mudanças ou por não as entenderem ou, ainda, por considerarem ofensa pessoal a perda dos cargos e funções, tratavam de “inviabilizar ou retardar a qualquer preço”<sup>282</sup> as mudanças necessárias:

O descontentamento de pessoas que perderam seus cargos ou funções e não conseguiram entender que se fazia necessário uma nova liderança; que personalizaram a questão quando tratava-se de entender a mudança de liderança para viabilizar a proposta que claramente não aceitavam e, em muitos casos, desejavam inviabilizar ou retardar a qualquer preço. O preço desta mudança é uma das maiores e mais desgastantes dificuldades.<sup>283</sup>

As dificuldades não diminuíram, mas deram-lhe uma visão de esperança. Ao final do primeiro período de episcopado, representado pelo quinquênio 1983-1987, em relatório ao XXVIII Concílio Regional<sup>284</sup>, Aço se referia às dificuldades vividas pelo seu ministério como

---

<sup>280</sup> Aço utilizava duas expressões com sentido muito próximo, porém distintos: 1) o verbo “evangelizar”, com um conteúdo neotestamentário referindo-se à ação de todos/as os cristãos/ãs de divulgar a “boa nova” de libertação e transformação operada por Jesus Cristo na vida das pessoas e na comunidade; 2) a expressão “ação missionária”, mais abrangente do que “evangelizar” se referia a toda a ação do cristão/ã que envolvia a evangelização, a solidariedade, o anúncio do Reino, a denúncia das injustiças, etc.

<sup>281</sup> AÇO, p. 4, maio 1986.

<sup>282</sup> RELATÓRIO do Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVII CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 27., 1986, Porto Alegre. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1988, p. 43-56.

<sup>283</sup> RELATÓRIO..., 1988, p. 43-56.

<sup>284</sup> O XXVIII Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica foi realizado no Instituto Metodista de Educação e Cultura, em Porto Alegre, de 13 a 17 de janeiro de 1988 (APRESENTAÇÃO. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVIII CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 28., 1988. Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: IPA, 1990, p.1).

quem já passou além do Bojador<sup>285</sup>. Já era possível vislumbrar o “mar” que, representava, pela força de suas ondas, um impulso enorme. Por outro lado, este mesmo “mar”, calmo, refletiria o azul do universo e permitiria enxergar os frutos do penoso trabalho. Em toda a parte que era possível vislumbrar, a presença de Deus se mostrava aprovando este novo momento:

E assim é que, cremos, já passamos além do Bojador, do perigo e da fúria – da dor! E se o mar é o sinal, de fúria, é também o maior reflexo do céu que temos. Um céu feito de tempestades, de ondas, de insônias e madrugadas por vir. Porém, um céu de estrelas, Cruzeiro do Sul, do Sol, da estrela da manhã, da esperança do amanhã! É neste mar, nesta tempestade e perigo que o céu se espelha e nele cabe toda a esperança!<sup>286</sup>

Entretanto, no momento oportuno sabia reconhecer as contribuições que partiam de diversas pessoas. Fazia isto na forma de agradecimento em seu relatório lido nos concílios regionais. Quando se referia às bênçãos de Deus sobre a sua vida, seu trabalho e sobre a Igreja da Região incluía uma palavra de gratidão pela cooperação que recebia:

Dizer que houve tensões é cair no lugar comum e, afirmar que houve bênçãos, seria desnecessário se não coubesse sempre reafirmar que as bênçãos vêm de Deus – nunca é demais fazê-lo! Estas chegam de muitas formas, principalmente pela fraternidade, a solidariedade, a cooperação daqueles que sabem que a luta não é fácil, mas a vitória é segura.<sup>287</sup>

Aço tinha consciência de que sua proposta pastoral e missionária, que também era a proposta da Igreja Metodista em seus documentos oficiais,<sup>288</sup> colocada claramente diante do plenário do XIV Concílio Geral, reunido em São Bernardo do Campo, SP, em julho de 1987, traria dificuldades quanto a uma reeleição para mais um quinquênio no episcopado. Na ocasião, antes do momento de eleição, dirigiu uma mensagem aos conciliares<sup>289</sup>, na qual expunha o que considerava a Missão da Igreja na realidade contemporânea. Esta posição de transparência foi recordada no contexto do relatório ao XXVIII Concílio Regional com as seguintes palavras:

<sup>285</sup> Que ou o que sobressai da linha da costa, avançando sobre o mar (DICIONÁRIO Eletrônico da Língua Portuguesa. Houaiss, versão 1.0.5, Direção de: Antônio Houaiss; Mauro Salles Villar; Francisco Manoel de Mello Franco. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2002. CD-ROM).

<sup>286</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>287</sup> MENSAGEM de agradecimento. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVII CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 27., 1986, Porto Alegre. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1988, p. 42.

<sup>288</sup> “Cânones da Igreja Metodista”, “Credo Social da Igreja Metodista”, “PVMI”, “Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista”.

<sup>289</sup> O conteúdo desta mensagem não pode ser resgatado. A identificação dela no Relatório do Concílio Regional que se seguiu ao Concílio Geral é uma operação da memória pessoal de quem viveu este momento.

Creio também que a Segunda Região Eclesiástica já fez uma opção fundamental, estamos buscando um modelo eclesiológico-missionário comprometido com a história presente e em busca de uma sociedade mais justa. Estou convicto de que minha reeleição ao episcopado deu-se neste quadro. Pelo menos, de minha parte procurei ser inteiramente claro neste ponto para com o Concílio Geral. Interpreto, outrossim, a relatividade de números de votos, em função da proposta com a qual eu me identifico.<sup>290</sup>

Uma característica marcante do seu episcopado foi a atividade e dedicação constante ao ministério de pastorear os/as pastores/as. Aço desenvolvia um trabalho intenso de visitação às comunidades metodistas da Região. Aproveitava as noites para cobrir as distâncias maiores e seguidamente escrevia sobre temas pastorais e teológicos:

É certo que, na média, 2 ou 3 noites por semana meu leito é o banco dos ônibus que cruzam nossas estradas do Rio Grande do Sul. É bom conviver com nossos pastores (as) e suas famílias e com irmãos e irmãs de nossas Igrejas.<sup>291</sup>

A atuação de Aço na qualidade de bispo representou a concretização de uma aspiração de segmentos mais jovens.<sup>292</sup> A Teologia da Libertação estava batendo às portas da Igreja Metodista e cobrava de todos/as uma atuação mais condizente com a realidade social vivida pelo Brasil. O seu projeto de episcopado, preocupado com a implantação do PVMI trouxe esta resposta.<sup>293</sup> As oposições a este novo Plano não abalaram a sua determinação de concretizá-lo. Seu episcopado, marcado por diversos conflitos, representou um avanço da Igreja Metodista em direção à Teologia da Libertação.

## 1.6. AÇO E O SEU CONTEXTO

### 1.6.1. POLÍTICO, ECONÔMICO E SOCIAL

Aço era uma pessoa atenta ao seu tempo e conectado com o seu mundo. Através dos seus artigos é possível perceber como refletia sobre o contexto econômico e social. Em diferentes momentos referiu-se ao seu tempo e com o qual não concordava, com uma proposta de mudança. Sempre que oportuno exercia o seu direito de cidadão do Reino de Deus no mundo, erguendo sua palavra profética de denúncia das injustiças, das opressões e de anúncio do evangelho libertador da paz.

Em outubro de 1970, o Expositor Cristão publicou um artigo de Aço intitulado “Evangelificação na década de 1970”, no qual reafirmava seu posicionamento de

<sup>290</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>291</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>292</sup> Conforme p. 139.

<sup>293</sup> Conforme p. 93.

inconformidade, considerando a necessidade da iluminação divina para constatar os sinais de sua ação na realidade e decidir conforme a vontade de Deus:

Devemos sem dúvida esperar de Deus a necessária iluminação para ver os sinais de Sua presença, mas devemos também lhe pedir forças para não temer tomar decisões adequadas à visão que porventura nos seja dada.<sup>294</sup>

Para Aço, o Brasil passava, na década de 1970, por um período fértil de mudanças que ele chamou de “um verdadeiro ‘tempo pleno’ (KAIRÓS), no qual as decisões devem não somente ser medidas, mas arrojadas”.<sup>295</sup> Entendia que três segmentos sociais determinariam as mudanças na passagem do Brasil rural para o Brasil urbano: a classe média; a porcentagem significativa de jovens (especialmente dos estudantes e daqueles que deveriam sê-lo e não o eram) e o operariado.<sup>296</sup> Considerava que naquela época a classe média era a classe que decidia “política, econômica e socialmente”, mas, era “uma classe ainda em busca de valores”.<sup>297</sup> Com relação à juventude afirmava que grande porcentagem da população do Brasil tinha menos de 20 anos e vivia uma civilização cósmica, que exigia um verdadeiro esforço de adaptação e compreensão.<sup>298</sup> O outro segmento era constituído dos/as trabalhadores/as, essa imensa massa que se deslocava em ritmo acelerado do Brasil subdesenvolvido, do meio rural em direção à cidade. Esta massa se desintegrava do Brasil velho, mas não conseguia se integrar ao Brasil novo da classe média, vivendo por algum tempo uma vida de desorganização e de adaptação, a qual acabava participando com o trabalho e com a vida, mas que não participava “nem das decisões e nem dos lucros”.<sup>299</sup>

Aço considerava que a Igreja permanecia tão silenciosa, tão quieta, tão indiferente, tão voltada para si mesma e para o seu passado, tão igual a tudo o mais que mesmo os que viviam junto dela a desconheciam.<sup>300</sup> Entendia que a Igreja que não embaraçava o caminho de ninguém nem se tornava tropeço para outros não proclamava a “própria abertura à VIDA abundante, que Cristo fez brotar no mundo pelo seu Espírito”.<sup>301</sup> Os problemas sociais que a nação enfrentava também era responsabilidade da Igreja. Esta não deveria ficar restrita a pequenas obras de caridade ou tentando resolver problemas individuais aqui e ali, mas

<sup>294</sup> AÇO, Isac. A evangelização na década de 1970. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, out. 1970.

<sup>295</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>296</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>297</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>298</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>299</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>300</sup> AÇO, Isac. A Igreja em reforma. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 7, out. 1971.

<sup>301</sup> AÇO, p. 7, out. 1971.

participar de uma ação maior, uma ação global de mudança de mentalidade, visto que isto estava ligado a sua Missão:

Não há dúvida que tentar solucionar o desemprego, a fome ou a subnutrição com o atendimento deste ou daquele indivíduo isolado, é desconhecer as proporções do problema. Problemas como tais têm que ser objeto de uma conscientização global da qual a Igreja não pode separar-se, a não ser tornando-se infiel à sua Missão.<sup>302</sup>

Procurava influir com profundidade nos problemas sociais vividos pelo Brasil. Ao comentar o estabelecimento de metas para a Igreja Metodista, proposto pelo Conselho Geral, para o biênio 1973/1974, Aço destacava “a de nos juntarmos às forças da comunidade para estudar e encontrar soluções para os problemas da prostituição e mendicância infantil (claramente relacionados)”.<sup>303</sup> Entendia que a solução desses problemas, de grande envergadura, dependia das reformas de estrutura social. Entretanto, a Igreja não podia deixar de denunciar as causas que os determinavam, pois na sua visão eram “resultado de alienação e opressão de que muitas vezes nem mesmo suspeitamos”.<sup>304</sup>

Aço tinha consciência de que o Brasil estava num estágio crescente de desenvolvimento. Percebia que havia o risco de que este desenvolvimento se manifestasse apenas na dimensão do crescimento econômico, favorecendo uma parcela da população e deixando outra parte do povo fora dos seus benefícios. Antevia, na década de 1970, um desenvolvimento desigual que beneficiaria desproporcionalmente parcelas da população:

Num país como o Brasil, especialmente, a mordomia cristã inclui o desafio para participar no desenvolvimento, de modo que este seja a realização da justiça para todos não o enriquecimento desproporcional de alguns, apenas.<sup>305</sup>

Examinando os seus textos é possível constatar que Aço tinha um perfil de homem que almejava a paz em todos os níveis. Publicou uma apostila pedagógica sobre 2 Co 5.16-20, onde questionava sobre “quem não vê nesta função de negociador da paz uma figura clara da vida da Igreja”.<sup>306</sup> Concebia os/as cristãos/ãs como pessoas que trabalhavam no mundo para reconciliar o mundo com Deus, numa tarefa que deveria promover a paz em profundidade.

---

<sup>302</sup> AÇO, Isac. Mordomia é responsabilidade pelo desenvolvimento, pela paz. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 10, out. 1971.

<sup>303</sup> AÇO, p. 16, mar. 1973.

<sup>304</sup> AÇO, p. 16, mar. 1973.

<sup>305</sup> AÇO, A Igreja..., p. 10, out. 1970.

<sup>306</sup> AÇO, Isac. **Implicações Teológicas da Exegese de 2 Coríntios 5 16-20: Apostila Didática**. [S.I.:s.d.], [Arquivo Familiar], p. 5.

Ao viajar para a Europa, em 1974, Aço escreveu diversas cartas para “os leitores amigos de Santa Maria”<sup>307</sup>, publicadas no jornal “A Razão”. Nestas cartas se referia ao contexto social vivido por Portugal após a “Revolução dos Cravos”, que incluía diversas colônias na África. Em uma das cartas Aço, utilizando uma linguagem poética em uma ilustração adequada, fez um paralelo entre o Portugal das aventuras marítimas do período renascentista e o Portugal da década de 1970. Sua percepção era a de que, ao contrário daquele Portugal do século XVI, que adentrava os mares na aventura do descobrimento, sobrava um povo que agora estava a procura de si mesmo:

Enfim, o Portugal que o M. F. A.<sup>308</sup> e a Junta de Salvação Nacional recebem depois de quase 50 anos de salazarismo é muito mais uma canoa furada enfeitada na sombra da caravela renascentista na qual só resta o mesmo povo aventureiro, que deseja, agora, descobrir-se a si mesmo, não como colonizador de mundos supostamente desconhecidos, mas povo desastrosamente colonizado pelos interesses internacionais, que o têm explorado impiedosamente aos povos amigos de África.<sup>309</sup>

Em sua terceira carta Aço manifestava, mais uma vez, a sua preocupação com a situação social vivida pelo povo negro das colônias portuguesas. Logo que chegou a Portugal recebeu a notícia de que a situação social e humana, por lá não estava nada bem. Seu temor se manifestava no sentido de que as forças que fizeram a Revolução pudessem estabelecer novamente um regime de opressão racial sobre as chamadas colônias africanas. Mais uma vez o se manifestava o seu temor de que as minorias brancas tentassem se lançar sobre os negros e impedir o processo de independência das colônias:

As coisas não vão bem lá pelos territórios; ao contrário, logo que aqui cheguei tive conhecimento de massacres cometidos pelos brancos racistas, em Luanda a capital de Angola. Durante vários dias havia um clima de extrema gravidade. Isto não é senão uma amostra do que pode vir a realizar-se a curto ou longo prazo — que as minorias de brancos racistas pretendam estabelecer uma nova Rodésia pela força de mercenários contratados para fazer a guerra.<sup>310</sup>

Quando, em 27 de julho de 1974, o General António Sebastião Ribeiro de Spínola anunciou a independência da Guiné, Moçambique e Angola, Aço estava em Portugal. A maneira como se referiu a este momento demonstrava a satisfação que a libertação das colônias lhe passou. Em sua quinta carta aos leitores de “A Razão” Aço se expressou assim:

Faz poucas horas eu me encontrara em um estabelecimento comercial quando uma das empregadas entrou eufórica e disse para a outra: “Já podes casar! A guerra acabou”, e se abraçou chorando. Eram 12 horas e 30 minutos e o General Spínola

<sup>307</sup> Cidade na qual atuava como pastor na época.

<sup>308</sup> Movimento das Forças Armadas: Conforme p. 52.

<sup>309</sup> AÇO, Isac. Carta da Europa II. **A Razão**, Santa Maria, p. 09, 01 ago.1974.

<sup>310</sup> AÇO, Isac. Carta da Europa III. **A Razão**, Santa Maria, p. 09, 02 ago.1974.

acabava de comunicar à Nação a imediata independência da Guiné, Angola e Moçambique e o fim da “Guerra Colonial”.<sup>311</sup>

Em outro momento, atento aos acontecimentos da vida nacional e crítico quanto ao governo de ditadura autoritária instaurado no Brasil desde 1964, Aço vibrou com o retorno do Brasil à democracia. Por ocasião da morte do Presidente Tancredo Neves e da posse do vice, José Sarney, escreveu uma mensagem aos metodistas e ao povo do Rio Grande do Sul, comemorando os sinais de redemocratização<sup>312</sup> do país. Percebia que a enfermidade do Presidente<sup>313</sup> havia contribuído para amadurecer a consciência política, dando a esta “uma dimensão de fé e espiritualidade, fruto espontâneo de tradição e de sonho patriótico”.<sup>314</sup> Conseguia perceber o exercício da esperança, nas vigílias e nas orações do povo brasileiro, que contribuiria para conquistar o direito de assumir os destinos do País:

Neste período de mais de trinta dias, enquanto a mais impressionante mobilização popular se estabelecia, em torno do Presidente enfermo, o País dava todas as demonstrações de maturidade política democrática.<sup>315</sup>

Por causa de sua visão atenta sobre os acontecimentos da política nacional e da política que se desenvolvia na América Latina, Aço foi convidado pela Junta Geral de Ministérios Globais da Igreja Metodista dos Estados Unidos da América do Norte<sup>316</sup> a falar em Nova Iorque, num painel sobre a Liberdade Religiosa na Nicarágua. Naquela oportunidade afirmou que o governo de Ronald Reagan, dos Estados Unidos, estava exercendo uma ingerência sobre os destinos da América Central, em especial da Nicarágua.<sup>317</sup> Aproveitou a ocasião para denunciar a forma como aquela administração espalhava o terror e a morte em outros países:

O que existe, e isto é de conhecimento público é um estado de guerra provocado pela decisão da administração Reagan de apoiar grupos terroristas, os “contras”. É isto que os cristãos dos Estados Unidos precisam saber: neste momento a [*sic.*] disposição de grupos privados e do Governo americano em ajudar aqueles que

<sup>311</sup> AÇO, Isac. Carta da Europa V. **A Razão**, Santa Maria, p. 10, 01 ago.1974.

<sup>312</sup> “José Sarney tornou-se presidente após a morte de Tancredo Neves, entre março e abril de 1985. Sarney foi eleito vice-presidente da República na chapa de Tancredo Neves por eleição indireta, superando o candidato Paulo Maluf. Seu mandato se caracterizou pela consolidação da democracia brasileira, mas também por uma grave crise econômica, que evoluiu para um quadro de hiperinflação histórica e moratória”. (JOSÉ Sarney. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9\\_Sarney](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Sarney)>. Acesso em: 10 out 2006).

<sup>313</sup> Tancredo de Almeida Neves, eleito Presidente da República, adoeceu na véspera de sua posse e veio a falecer 39 dias depois, em 21 de abril de 1985.

<sup>314</sup> AÇO, Isac. Comunicado aos metodistas e ao povo gaúcho. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 2, jun. 1985.

<sup>315</sup> AÇO, p. 2, jun. 1985.

<sup>316</sup> Conforme p. 49.

<sup>317</sup> AÇO, *É tempo...* 11 de abril de 1986, 3 f.

espalham terror e morte aos seus irmãos e irmãs, seus compatriotas, perturbando famílias e outros que buscam reconstruir seu país e buscam trazer justiça e paz.<sup>318</sup>

Em sua palavra, Aço desafiava os metodistas dos Estados Unidos a perceberem que os cristãos/ãs de outras Igrejas protestantes da América Latina e mesmo os metodistas de outros países levantavam a sua voz. Eles/as pediam que os cristãos/ãs norte-americanos tomassem atitudes e fizessem o seu protesto na direção de impedir esta ingerência de seu país, permitindo que os nicaragüenses e os demais povos da América Central pudessem construir o seu próprio destino e o seu próprio futuro:

Como vocês percebem irmãos e irmãs, queridos amigos das igrejas e do povo dos Estados Unidos a maioria das Igrejas Metodistas e Igrejas protestantes da América Latina, tem levantado suas vozes e pedido às suas igrejas irmãs nos Estados Unidos, ao povo e governo dos Estados Unidos que permitam à Nicarágua e América Central o direito de ver e construir seu próprio futuro em paz.<sup>319</sup>

Refletindo sobre o “Dia da Pátria”, no Brasil, em 1989, e considerando a ingerência da política norte-americana sobre as repúblicas da América Latina, Aço assumiu uma postura profética diante das contradições da política brasileira. Considerava perversas muitas das situações vividas pelo Brasil e pelos brasileiros. Uma delas era o período de vinte anos de ditadura militar apoiada pela política internacional do “quintal norte-americano”<sup>320</sup>, no qual segmentos da população haviam lutado por justiça social e direitos mínimos, mas que, quando se alcançou o período da redemocratização, a morte do líder maior acabou desaguando num acordo de cúpula que desmoronou o projeto.<sup>321</sup> Uma Assembléia Constituinte aprovou a nova Constituição, mas a falta de leis complementares teve como consequência uma administração através de medidas provisórias. Como a Lei mesma não valia quem pagava a conta era “o povo, sofrido, espoliado, aniquilado em amplos setores”.<sup>322</sup> Tomava como exemplo a situação das crianças, considerada catastrófica, na qual o governo preferia pagar o serviço da dívida externa a suprir a mesa do trabalhador. Percebia que o assalto às riquezas do país não era apenas uma crítica das oposições, mas uma amarga realidade. Constatava que as riquezas do país acabavam nas mãos dos poderosos que se enriqueciam cada vez mais, enquanto quem se

<sup>318</sup> AÇO, É tempo... 11 de abril de 1986, 3 f.

<sup>319</sup> AÇO, É tempo... 11 de abril de 1986, 3 f.

<sup>320</sup> II Conferência Episcopal – CELAM de Medellín, 1968 e III Conferência Episcopal Latino-Americana, em 1979, em Puebla, no México. (BERKENBROCK. Volney J. V **Assembléia Geral do CELAM: o que se pode esperar?** Disponível em: <<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=8&fasciculoid=154&sumarioid=2199#topo>> Acesso em: 5 maio 2006).

<sup>321</sup> II Conferência .... (BERKENBROCK, 5 maio. 2006).

<sup>322</sup> II Conferência .... (BERKENBROCK, 5 maio. 2006).

tornava vítima desse assalto era “o indefeso, a criança, o migrante, o “sem-terra”, a mulher, o aposentado(a)”.<sup>323</sup>

Diante de todas estas contradições vividas pela nação perguntava-se qual deveria ser a posição da Igreja. Recordava as palavras de Jesus, aos discípulos no sentido de serem sal da terra e luz do mundo. Lembrava que não bastavam boas intenções nem a atitude de “ser crente”,<sup>324</sup> pois era necessária uma compreensão mais profunda de tudo que estava em jogo e “a clara determinação de colocar toda a fé a serviço de uma ação transformadora”.<sup>325</sup> Questionava o papel dos parlamentares evangélicos que “se aliaram à corrupção, recebendo favores, em troca dos cinco anos para o Presidente”.<sup>326</sup> Por outro lado, constatava que a ação de muitas igrejas evangélicas, grupos intereclesiais, movimentos carismáticos, ingenuamente ou não, favoreciam a ação e a presença de interesses que não buscavam o pleno desenvolvimento popular, mas uma democracia controlada por ambições alienígenas. Percebia que “os avanços de Puebla e Medellín”,<sup>327</sup> que faziam sua escolha preferencial pelos pobres, encontravam resistência e que a grande esperança de uma Igreja Popular tinha que permanecer, mas seria com um alto custo. Alertava à Igreja que não bastava ler (mal) a Bíblia, no capítulo em que recomenda obediência às autoridades, mas ler todos os outros textos, onde a defesa dos pobres e oprimidos, das crianças e da justiça do Reino se constituía prioridade!<sup>328</sup> Lembrava a todos/as que a Igreja Metodista tinha uma tradição de compromisso social e que isto estava muito claro no capítulo sobre “Necessidades e Oportunidades” do PVMI Metodista:

Neste 7 de setembro, à beira das primeiras eleições presidenciais dos últimos trinta anos, há que entender que devemos trabalhar pelo Reino de Deus inserindo-nos no tempo presente como fermento, que transforma, semente que faz crescer e produzir, que traz novidade. A fidelidade ao Reinado de Deus e ao Rei Jesus Cristo, colocamos contra tudo o que diminui a qualidade de vida e a dignidade de criaturas de Deus.<sup>329</sup>

Uma preocupação recorrente no ministério episcopal de Aço era a necessidade de atualização de pastores/as e leigos/as, a partir de uma visão concreta da realidade nacional e internacional. Procurava unir esta visão da realidade com a leitura e interpretação da Bíblia.

<sup>323</sup> II Conferência .... (BERKENBROCK, 5 maio. 2006).

<sup>324</sup> O termo “crente” é empregado no sentido daquele que crê em Jesus Cristo; que ou o que manifesta crença e/ou é sectário de uma fé religiosa e milita nesta fé (DICIONÁRIO, 2002, CD-ROM).

<sup>325</sup> II Conferência .... (BERKENBROCK, 5 maio. 2006).

<sup>326</sup> II Conferência .... (BERKENBROCK, 5 maio. 2006).

<sup>327</sup> II Conferência .... (BERKENBROCK, 5 maio. 2006).

<sup>328</sup> AÇO, Isac. A pátria, nós e o Reino de Deus. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 9, set. 1989.

<sup>329</sup> AÇO, p. 9, set. 1989.

Além de incentivar a Região a investir na criação do Instituto Teológico João Wesley<sup>330</sup>, programava encontros que pudessem ajudar as pessoas e a Igreja e ampliar sua visão missionária e pastoral. Ao planejar o Encontro Ministerial Pastoral, de maio de 1990, incluiu como agenda “uma análise conjuntural, nacional e internacional”<sup>331</sup> conjuntamente com “princípios para uma releitura bíblica”.<sup>332</sup>

Ao se dirigir à Igreja, em meados de 1990, quando a situação econômica do Brasil tinha sido afetada com a política contra a inflação chamada “Plano Collor”<sup>333</sup>, que impusera um gigantesco confisco monetário à nação, dizia que não era possível a Igreja sentir-se em paz enquanto se multiplicavam os sofrimentos, o desemprego, o abandono.<sup>334</sup> Lembrava que era impossível descansar enquanto o povo sentia-se frustrado e saqueado, num momento em que a vida institucional da nação sofria constante ameaça. Convidava a todos a permanecer em vigília já que os interesses internacionais sentiam-se “mais livres para agir em prejuízo do povo”.<sup>335</sup>

### 1.6.2. ECLESIAÍSTICO

Refletindo sobre o envolvimento da Igreja com a realidade que o cercava, Aço fez um estudo sobre as cartas do Apocalipse, no qual salientou o aspecto da avaliação. Na sua visão, Igreja e indivíduo, Igreja e contexto se interpenetravam e se influíam mutuamente. Ora a Igreja, como serva do Senhor, se submetia à vontade do Espírito Santo, ora o contexto vivencial da Igreja a corrompia. Segundo ele, a Igreja vivia no mundo que tinha pretensões a escravizá-la, mas era neste mundo que a Igreja se revelava como cerne de uma nova humanidade. Essa Igreja que deveria ser sal (Mt 5.13) e fermento (Lc 13.21) precisaria permanecer onde Deus a havia colocado. A Igreja era “sempre tentada a deixar-se envolver pelas forças demoníacas do século, mas sempre de novo chamada a não se comprometer nem

<sup>330</sup> Criado em 16 de janeiro de 1988 por ato do XXVIII Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista conforme QUARTA sessão. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVIII CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIAÍSTICA DA IGREJA 28., 1988. Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: IPA, 1990, p. 27-30.

<sup>331</sup> AÇO, Isac. [**Correspondência: aos pastores e colegas**]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 19 de julho de 1990, 1 f.

<sup>332</sup> AÇO, Isac. [**Correspondência: aos pastores e colegas**]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 23 de abril de 1990, 1 f.

<sup>333</sup> “**Plano Collor** - No dia seguinte ao da posse, ocorrida em 15 de março de 1990, o Presidente lançou seu programa de estabilização da moeda, o Plano Collor, baseado em um gigantesco e inédito confisco monetário, congelamento temporário de preços e salários e reformulação dos índices de correção monetária”. (DUBEUX, Rafael. Fernando Collor de Mello: 1990-1992. In: **História da República do Brasil: Página nota 10 Escola Net**. Disponível em: <<http://elologica.br.inter.net/crdubeux/hmello.html>>. Acesso em: 30 jun. 2007).

<sup>334</sup> AÇO, **Correspondência...** 19 de julho de 1990, 1 f.

<sup>335</sup> AÇO, **Correspondência...** 19 de julho de 1990, 1 f.

se conformar”<sup>336</sup> com o mundo, “deixando-se renovar pelo Espírito”.<sup>337</sup> Refletia sobre a Igreja de Filadélfia (a do Apocalipse), à qual o Senhor se apresentou como a autoridade que julgava e condenava os que, sem escrúpulos enfraqueciam a comunidade, mas que, por outro lado, trazia “alegria aos fiéis pela palavra de sua boca”.<sup>338</sup>

Aço reconhecia a expectativa de Jesus de que a Igreja deveria permanecer no mundo, mas não descuidava da observação paulina de que jamais deveria se contaminar com este. Dizia que “ainda que todas as forças” se levantassem “contra sua permanência no mundo, foi para aí que o Senhor a enviou”. Acreditava que sua vida não era “uma perspectiva cômoda de viver, nem uma felicidade barata”, era “um compromisso com Aquele que, por se tornar um escândalo insuportável, moveu contra si as forças do mal” que teimavam ainda, “levantar-se contra sua Igreja”.<sup>339</sup> Mesmo com este ideal, encimando sua reflexão, não hesitava em admitir o envolvimento da Igreja com o contexto no qual deveria estar sempre inserida ao dizer que o drama da vida da Igreja no mundo desenvolvia-se “entre dois pólos: a presença do Senhor na Igreja e a presença desta, no mundo sob cuja pressão”,<sup>340</sup> não raro, acabava cedendo.

Um traço marcante na vida de Aço era o seu inconformismo. Não admitia a injustiça e era capaz de se pronunciar, apontando as conseqüências de injustiças praticadas por organismos, instituições e pessoas. Tendo como pano de fundo a reflexão que fez sobre as cartas do Apocalipse, Aço decidiu escrever às autoridades da Igreja Metodista para expressar sua inconformidade com o rumo dos acontecimentos que sucederam à crise envolvendo a Igreja e a Faculdade de Teologia.<sup>341</sup>

Em 1970 a Igreja Metodista vivia um momento tenso. A Faculdade de Teologia havia sido fechada em 1968, quando seus professores/as foram dispensados/as e os/as alunos/as devolvidos para as suas devidas regiões eclesiais.<sup>342</sup> A Igreja preparava-se para

<sup>336</sup> AÇO, Isac. **Igreja de Jesus Cristo uma avaliação em profundidade**. [Arquivo Familiar] maio 1970, p. 1.

<sup>337</sup> AÇO, **Igreja...** maio 1970, p. 1.

<sup>338</sup> AÇO, **Igreja...** maio 1970, p. 2.

<sup>339</sup> AÇO, **Igreja...** maio 1970, p. 2.

<sup>340</sup> AÇO, **Igreja...** maio 1970, p. 3.

<sup>341</sup> A crise da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista teve início com uma greve geral de estudantes iniciada em 26 de abril de 1968; o impasse estabelecido entre as autoridades da Igreja e os estudantes culminou com a convocação de um Concílio Geral extraordinário que se reuniu em setembro do mesmo ano na cidade de Piracicaba, SP o qual ratificou do documento do Gabinete Geral que intervinha na Faculdade de Teologia e determinava uma completa reestruturação da casa. (MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. A Faculdade de Teologia da Igreja Metodista na crise planetária de 1968: interação entre o micro e o macro. **Revista do COGEIME**, Piracicaba, ano 6, n. 10, p. 105-116, 1997).

<sup>342</sup> CAVALHEIRO, 2003, p.55

a realização do primeiro Concílio Geral, após este evento. Preocupado com a direção das decisões conciliares, Aço, que na época tinha menos de quatro anos de pastorado, escreveu uma carta, em maio de 1970, ao Bispo João Augusto de Amaral, presidente do Gabinete Geral da Igreja Metodista<sup>343</sup>, manifestando sua apreensão e inconformidade quanto à realização do próximo Concílio Geral da Igreja:

E neste quinquênio acontecimentos houve pelos quais o julgamento do Senhor tem calado sobre todos nós. Não vou detalhá-los; citarei apenas alguns que me parecem os mais determinantes, por suas conseqüências. Ei-los: [...] 3) Relações cada vez mais difíceis entre a Faculdade de Teologia e a direção da 3ª Região e conseqüente radicalização de posições, que culminou no fechamento da Faculdade, dispensa de professores e alunos e, conseqüentemente rápida desagregação de grande parte da mocidade metodista, seguida logo de uma reação radical, quando, então, o diálogo não foi mais possível.<sup>344</sup>

Nesta mesma correspondência expressava a sua preocupação com o momento, salientando a falta de habilidade do Gabinete Geral ao tentar salvar a unidade da Igreja Metodista pelo lado da estrutura e não pelo lado cristológico:

A Igreja Metodista do Brasil (no quinquênio 1965 - 70) ainda que com as melhores intenções, comete um tremendo erro de perspectiva: quis salvar a sua unidade justamente por aquilo que na Igreja é mais precário e vulnerável, mais mutável e circunstancial - a unidade estrutural. A visão vertical da Igreja partindo do Cristo Exaltado que a detém em sua mão, faz-nos perceber que a Unidade tem que ser CRISTOLÓGICA, UNIDADE DA OBEDIÊNCIA A CRISTO, UNIDADE EM CRISTO, mesmo que a "forma" da obediência possa ser diversa. Quisemos salvar a unidade pelo lado oposto e acabamos também perdendo a unidade em Cristo, a unidade, que vem do amor.<sup>345</sup>

Em outro lugar da missiva relacionava diversas irregularidades constatadas na Igreja Metodista, no período logo após o fechamento da Faculdade de Teologia. Cópia da correspondência foi distribuída a todos os delegados/as leigos/as e clérigos/as que participaram do Concílio Geral daquele ano:

Rogando a Deus que tenham uma reunião proveitosa, aproveito para comunicar que enviarei cópias desta carta aos Revmos. Bispos e Secretários Gerais, bem como aos delegados ao Concílio Geral. Humildemente. Isac Aço.<sup>346</sup>

Ainda impulsionado pelos acontecimentos, envolvendo esta crise na qual a Igreja Metodista do Brasil estava envolta, após o Concílio, Aço publicou um artigo no Expositor Cristão, abordando a unidade da Igreja do ponto de vista bíblico e teológico, que

<sup>343</sup> O Gabinete Geral da Igreja Metodista do Brasil se constituía no órgão máximo de administração da Igreja durante o interregno dos concílios gerais (CÂNONES da Igreja Metodista 1965. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1965, p. 101).

<sup>344</sup> AÇO, Isac. [Carta para João Augusto do Amaral]. Porto Alegre: [Arquivo Familiar], maio 1970, 2 f.

<sup>345</sup> AÇO, [Carta...], maio 1970, 2 f.

<sup>346</sup> AÇO, [Carta...], maio 1970, 2 f.

fundamentava a sua postura cristã diante do assunto. Neste artigo ele ressaltou a importância da diversidade para que a unidade fosse autêntica:

Essa realidade é descrita na imagem do corpo e seus membros e pela videira e as varas. É justamente por que indivíduos e grupos são diferentes e apresentam características multiformes que a unidade tem sentido e valor, pois a despeito da multiforme variedade dos dons de Deus a soberania de Jesus Cristo é suficientemente poderosa para unir todos em um propósito comum e justamente apresentar essa variedade para realização do propósito de Deus.<sup>347</sup>

Ao refletir sobre a evangelização, Aço se colocava uma porção de questões que o inquietavam. Algumas delas, por exemplo, referiam-se ao dinamismo da realidade e à necessidade da evangelização. Neste sentido, se perguntava sobre quais eram as linhas mestras da evangelização, que deveriam ser perseguidas na década de 1970. Perguntava-se se não seria pretensioso demais querer traçar linhas de ação para uma década em que a única coisa estável era a contínua mutação. Outra questão era se a Igreja como guardiã do passado deveria aderir a essa aventura da mudança ou teria “o próprio Evangelho em sua mesma natureza elementos que o devam colocar como uma permanente novidade (boa notícia)?”<sup>348</sup>

Ao acompanhar a reunião do Comitê Central do CMI, em Utrech, 1972, Aço teve o seu primeiro contato com o movimento “Jesus People”<sup>349</sup> também conhecido como “Jesus Revolution”. Admirado com a experiência daqueles jovens, no qual encontrou um casal de brasileiros, comentou que percebia neles uma “experiência profunda” e que essa experiência passava a ser o critério para todo o resto da vida, inclusive para interpretar a Bíblia. Na sua interpretação, para estes jovens a vida cristã, passava a ser estandardizada e o abandono das drogas químicas era imediatamente substituída por uma outra “droga” que, no conceito daqueles jovens era muito melhor:

Ser cristão é trocar uma droga por “outra muito melhor”, por uma alienação, como nos disse um ex-viciado de Cannes e que agora pertence ao povo de Jesus e trabalha entre os viciados em Paris. — “Mas esta droga é muito melhor, é o máximo. Aleluia!”<sup>350</sup>

Quando se aproximava uma outra reunião do Concílio Geral, em 1982,<sup>351</sup> agora já como Reitor da Faculdade de Teologia, escreveu um artigo com considerações questionadoras

<sup>347</sup> AÇO, Isac. Unidade e Missão da Igreja. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 11, set. 1970.

<sup>348</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>349</sup> Movimento de juventude fundado nos Estados Unidos da América em 1971, baseado na vivência comunitária com base em At 2.44-47 e 4.32-35 (JESUS People USA. Disponível em: <<http://religiousmovements.lib.virginia.edu/nrms/jpusa.html>>. Acesso: 24 ago. 2006).

<sup>350</sup> AÇO, Isac. Carta da Europa (VII) Meu encontro com a “Revolução de Jesus”. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 16, jan. 1972.

<sup>351</sup> XIII Concílio Geral da Igreja Metodista reunido em Belo Horizonte, MG, jul. 1982.

sobre a administração da Igreja. Sua palavra contestava a necessidade de sempre se ter uma “Comissão de Legislação”, encarregada de oferecer ao Concílio propostas de mudanças. Seu brado era na direção de que as mudanças deveriam emergir das bases, a partir de experimentações que as pessoas haviam realizado no exercício da vigência das leis antigas. Sugeriu que apenas fossem alteradas aquelas coisas que se mostraram inócuas e que se corrigissem os erros de estrutura, permitindo à administração da Igreja certa estabilidade:

Mude-se o que se mostrou inócuo, corrijam-se os erros de estrutura (- ou são as pessoas?), mas tenha-se uma certa estabilidade que dê credibilidade à Igreja! Minhas considerações, no entanto, não dizem respeito à proposta de legislação; são antes, questões de base para uma proposta administrativa da Igreja, quero dizer uma proposta de viabilização pastoral.<sup>352</sup>

O contexto eclesiástico na Segunda Região se alterou a partir da aprovação do PVMI, em 1982. Como era um documento orientador que contemplava uma nova visão de Missão, as forças conservadoras da Igreja se manifestaram contra, formando um bloco de oposição que atacava em diversas frentes. Esta oposição aparecia mais fortemente dentro das instituições regionais de educação. Coincidentemente, Aço assumiu o episcopado da Segunda Região no início de 1983. Como tivesse participado efetivamente da elaboração do Documento e tivesse colocado como objetivo de seu governo a implantação daquelas metas, a oposição se voltou para o seu episcopado:

De nada adiantará orarmos, cantarmos ou darmos a impressão de estarmos em sintonia com Deus, se intimamente estivermos prevenidos, dispostos a marcar as pessoas contra quem antecipadamente temos problemas. Deus não pode agir assim e estamos aqui, sobretudo para procurarmos ouvir a voz de Deus e uns dos outros.<sup>353</sup>

A reflexão sobre a interação de Aço com o seu contexto, seja o político e econômico mais amplo, seja o contexto eclesiástico, mostra um quadro de inconformidade sem ser agressivo. Não negociava com as forças contrárias ao Reino de Deus, estivessem essas fora ou dentro da Igreja. Sua voz de protesto se fazia ouvir fora e dentro da instituição eclesiástica por que sua orientação permanecia constante: Jesus Cristo e a libertação que oferecia a todos/as.

---

<sup>352</sup> AÇO, Isac. Considerações sobre administração eclesiástica. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>353</sup> MENSAGEM episcopal. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVI CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIÁSTICA DA IGREJA METODISTA. 26., 1986, Santa Maria. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1986, p. 48-49.

*As crianças**Isac Aço*

*Vejo as crianças correndo  
Com os cabelos em pé;  
O vento bate no rosto  
Felizes, cheias de fé!*

*Vejo-as imaginarem brigas,  
Com monstros que ainda existem;  
Vejo-as forjarem intrigas  
Sem deixar de ser amigas,  
Pois o mundo não tem mal!  
Ouço-as gritando por nada,  
Vejo-as sorrindo por tudo:  
Na vida, tudo é real!*

*Vejo-as chorarem sentidas,  
Com as severas medidas  
Que os adultos lhes impõem;  
Vejo-as sendo deformadas  
Pelas vidas transformadas  
De um mundo já pervertido!  
Gostaria que soubessem  
Que os mais velhos esquecem  
Que assim, não tem sentido!*

*Crianças: corram sem medo!  
Vão com os cabelos em pé.  
Que o vento bata no rosto,  
Enfrentem-no com todo o gosto,  
Ensinem a lição da fé!  
E elas o enfrentam com gosto.*

*Santa Maria, 11 de outubro de 1975.*

## 2. A TEOLOGIA DE AÇO NA PERSPECTIVA DO REINO DE DEUS

### 2.1. FUNDAMENTAÇÃO

Isac Aço era intransigente em relação ao tema do Reino de Deus. Não fazia concessões, por mais sutis que fossem às forças contrárias ao Reino e sua luta cotidiana era pela busca dele, empenhando todos os esforços para vê-lo cada vez mais efetivo e pujante. O Espírito lembraria à “Igreja que não lhe é permitida nenhuma contemporização”.<sup>354</sup> O Evangelho<sup>355</sup> era destinado a todas as pessoas, a começar pela classe social que dominava, “como destinado ao homem e à sociedade, destinado, portanto, à classe média dominante e de modo geral tão esquecida dos valores do Evangelho”.<sup>356</sup> Esta classe havia se voltado para os “valores pragmáticos de uma busca materialista”<sup>357</sup> e, portanto, precisava ser atingida por uma mensagem que falasse do Reino de Deus como valor maior. Aço entendia que o Evangelho se destinava ao jovem, bem como ao operariado, que procurava se adaptar ao novo mundo da técnica e do conhecimento científico, e ao morador da zona rural:

O Evangelho se nos apresenta como destinado ao Jovem em fase de “formação para decisões”, o jovem estudante, o universitário, mas também àquele jovem cuja falta de oportunidades o relegará inevitavelmente a uma situação de lutador pela sobrevivência ou pouco mais; o Evangelho dirige-se ao operariado em fase de adaptação e organização vivendo todas as dimensões da técnica e da ciência mas, por outro lado, gozando delas para seu benefício e de sua família apenas em grau diminuto. Finalmente o Evangelho que se dirige ao homem da zona rural e à sociedade que o domina.<sup>358</sup>

Considerando a década de 1970 como desafiadora à Missão da Igreja, Aço provocava as pessoas no sentido de uma presença efetiva no mundo do trabalho, na família, nas relações humanas, nas agências de evangelização. A vida do novo homem estava dominada pelo senso crítico do mundo que o envolve, no sentido de que deveria discernir o tempo no qual estava inserido. Deveria estar dominado “pela criatividade do amor que Deus lhe exige”<sup>359</sup> em termos de um testemunho concreto, uma atuação positiva neste contexto. A plenitude em

<sup>354</sup> AÇO, Isac. **Igreja de Jesus Cristo uma avaliação em profundidade**. [Arquivo Familiar], maio 1970, p. 2.

<sup>355</sup> Como “Evangelho” entendia toda a nova maneira de relação entre Deus e o ser humano inaugurada com Jesus Cristo.

<sup>356</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>357</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>358</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>359</sup> AÇO, Isac. **O novo homem em Cristo. Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 20, out. 1974.

Cristo deveria ser vivida pelos cristãos/ãs em todas as dimensões do ser humano, de tal forma que o Reino de Deus se tornasse uma realidade concreta. Assim como o corpo se desenvolvia, Cristo, a cabeça da Igreja, também não podia ter a sua forma acabada, mas se desenvolvia no conjunto do corpo. O corpo estava em crescimento e por isso Cristo também estaria a caminho da maturidade. Evidentemente estava se referindo ao Cristo-Corpo vinculado ao Corpo-Igreja que, crescendo e amadurecendo como um todo, também proporcionava o mesmo crescimento à cabeça. O conjunto todo crescia e amadurecia vinculado a Cristo.<sup>360</sup>

As questões relacionadas com o trabalho humanizado, o desemprego, a degradação familiar, a supervalorização do sexo deveriam fazer parte da preocupação da evangelização na perspectiva da implantação<sup>361</sup> do Reino. Com isso tanto a Igreja quanto as agências de evangelização deveriam se ocupar:

Devemos enfrentar conscientemente questões como humanização do trabalho e desumanização do desemprego, ameaça da desagregação da família e sub realização da família, supervalorização do sexo e realização cada vez menos autêntica da dimensão sexual do ser humano. Enfim, devemos perceber que as agências de evangelização estão cada vez menos dentro da Igreja, mas que a Igreja deve estar presente nessas agências não apenas com a presença física de indivíduos, mas com a presença consciente da Igreja.<sup>362</sup>

A relação de Deus com o ser humano tinha que passar por uma renovação no espírito. Os cidadãos/ãs do Reino não se contentariam com o mundo estabelecido, com as coisas ordenadas, com a realidade posta e dada como pronta e decidida. Aço acreditava que “somente se o Espírito do Senhor encontrar corações e mentes abertas, disponíveis”<sup>363</sup> seria possível realizar a renovação tão desejada. Estas pessoas seriam aquelas que não ficariam restritas ao dever, mas dariam um passo além, na direção de descobrir as causas das ações e antever as conseqüências das decisões. Partindo do texto bíblico no qual Jesus encontrou um grupo de dez leprosos (Lc 17.11-17) verificava que a ingratidão era muito mais normal entre homens e mulheres do que a gratidão,<sup>364</sup> pois as pessoas contentavam-se em realizar o dever ao invés de partirem em busca da plenitude da vida. Aço achava que as pessoas faziam apenas o necessário para viver suas vidas simples, sem refletir sobre a própria existência. Ao

<sup>360</sup> AÇO, Isac. Maturidade total. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 37, out./dez. 1973.

<sup>361</sup> Para Aço, o Reino de Deus em parte era dom divino no sentido de que em sua misericórdia entregou seu Filho amado, Jesus Cristo para assumir a culpa em lugar do ser humano e, por outro lado, era construído por este ser humano transformado no sentido de que participante desse Reino queria envolver as pessoas nesta nova dimensão de amor. (AÇO, Isac. Já estamos no segundo semestre. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 4, ago. 1981).

<sup>362</sup> AÇO, p. 2-4, out. 1970.

<sup>363</sup> AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 2, ago. 1984.

<sup>364</sup> AÇO, Isac. Da ação de graças. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 2, nov. 1974.

contrário disso, o estilo de vida do cidadão/ã do Reino deveria ser de louvor e de gratidão ao Criador porque teria descoberto que a vida era um dom. Caso não reagisse assim diante da magnitude deste dom, o ser humano estaria preso a características parciais e alheio à totalidade do mundo criado por Deus. Sem esta atitude não iria além de sua vocação humana e nunca ascenderia à graça divina:

Mas se o homem não for capaz de descobrir um modo de relacionar os bens recebidos com o seu Doador — que é a fonte de todo o bem — e, num certo momento, não voltar as costas à natureza, para dar glória a Deus em alta voz, ele estará se escravizando aos aspectos parciais, sem descobrir as dimensões da totalidade. Importa que todos sejam capazes de encontrar renovação total, sem se sentirem como tendo encontrado na “matéria” a realização total de suas aspirações. É importante que eles se “levantem” dela até ao Criador e de sua vocação humana à participação divina, passando assim da ação de homens à graça de Deus.<sup>365</sup>

Neste Reino, que contemplava uma dimensão diferente em relação aos outros reinos, os seus cidadãos/ãs também deveriam ter um outro tipo de relação uns com os outros/as e com o seu Senhor. As responsabilidades do ser humano seriam distintas daquelas que caracterizavam os cidadãos/ãs dos outros reinos, assim como também os seus benefícios. Dessa forma a relação que caracterizaria o novo ser humano tinha, necessariamente que ser distinta comparando com as relações vividas fora do Reino.

## 2.2. REINO E SER HUMANO

Aço entendia que a relação do ser humano com Deus incluía uma dimensão coletiva e uma dimensão pessoal. Em diferentes textos deixou registrada a sua forma de pensar sobre a ligação direta, demonstrando sensibilidade à ação de Deus sobre a pessoa individualmente. Como já foi referido anteriormente<sup>366</sup>, entre as formas de construir sua reflexão, Aço se servia da poesia. Em outubro de 1975 o Expositor Cristão publicou um poema com o título “Pai, obrigado!” Através deste poema Aço falou sobre os diversos aspectos da sua relação com Deus. Sinalizou a relação com a natureza na perspectiva da bênção divina, que tornava possível a vida. Mencionava o sol, a chuva, a lágrima, a aprovação, o pão, a flor, etc. e em tudo manifestava sua gratidão:

Pai, obrigado,  
pelo sol que hoje brilhou,  
pela chuva fecundante,  
que nosso rincão molhou;  
pela lágrima furtiva

<sup>365</sup> AÇO, p. 2, nov. 1974.

<sup>366</sup> Conforme p. 8.

que dos meus olhos rolou,  
pelo “dez” da sabatina  
e o exame que passou.

(...) Pai, obrigado,  
pelo pão que hoje comprei  
e pela flor que colhi  
e a árvore que plantei;<sup>367</sup>

Neste mesmo poema sinalizava a maneira como Deus se manifestava ao ser humano na dimensão das relações humanas. Através delas, também podia perceber a ação divina se manifestando nas diferentes formas destas relações, que eram travadas pelo ser humano, tanto na dimensão familiar como na dimensão social de forma mais ampla:

Pai, obrigado,  
pela lição que aprendi;  
pela carta da mamãe  
pela oferta que coloquei  
e a Bíblia que reli;  
de tudo que vem de Ti,  
e os amigos de tantos anos  
que, sem esperar, reví.<sup>368</sup>

Noutro trecho deste mesmo poema ele se refere à relação com o ambiente físico de sua própria vida relacionando dons divinos com a noção de finitude presente em todo o ser humano. De forma concreta ele percebeu isto ao constatar que o próprio chão que o sustentava haveria um dia de abrigá-lo finalmente:

Pai, obrigado,  
pelo céu que eu diviso  
e o chão que agora piso,  
de onde vim e aonde vou!  
Deixa-me olhar para cima  
e transformar esta rima,  
numa oferta que te dou!<sup>369</sup>

Refletindo sobre as diferentes formas de utilização dos motivos de Natal pela propaganda moderna, Aço resgatou, em meio à confusão e dissimulações, o significado solidário do ser humano Jesus, esquecido durante as comemorações natalinas. Para Aço, a sua solidariedade com a raça humana, poeticamente festejada no Natal, foi uma constante afirmação de solidariedade com os outros, especialmente os mais desprezados, as vítimas das injustiças e dos poderes arbitrários. Na sua concepção de ser humano, espelhado no homem

<sup>367</sup> AÇO, Isac. Pai, obrigado! **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p, 20, out. 1975.

<sup>368</sup> AÇO, p, 20, out. 1975.

<sup>369</sup> AÇO, p, 20, out. 1975.

Jesus, estava a noção de “estar solidário e irremediavelmente ligado com os outros, num serviço objetivo e redentor”.<sup>370</sup>

Aço fez outro destaque sobre o perfil do ser humano quando se referiu à inconformidade de Jesus Cristo desde o seu nascimento. Começou com o anúncio do seu nascimento, pois foi proclamado à gente humilde dos campos. Salientava que o ministério de Jesus foi marcado pela pregação das antíteses do tipo ouviste o que foi dito aos antigos... eu, porém vos digo... e isto sinalizava que algo novo deveria romper num mundo onde até mesmo a religião se tornara instrumento de exploração do ser humano.

Examinando o confronto ser humano versus instituição, Aço recuperava a verdadeira prioridade para Deus: o ser humano. Discutindo com seus contemporâneos sobre o valor do sábado, uma das principais instituições do seu tempo, Jesus reafirmava o valor inquestionável do humano sem menosprezar a instituição. Dizia que a diferença estava no momento em que a instituição se tornava “instrumento de opressão e escravização”<sup>371</sup> perdia “todo o significado e valor, pois o valor máximo nesta relação é o próprio ser humano”.<sup>372</sup>

A sua preocupação com o humano não se restringia aos excluídos socialmente. Englobava todas as pessoas e dizia respeito também àquelas que atuavam na administração da própria Igreja. Mesmo a respeito de situações tensas como um Concílio Regional<sup>373</sup> tinha uma palavra de acolhimento. Acreditava que não importavam quais fossem as circunstâncias, era inimaginável abandonar o amor que unia os/as irmãos/ãs de fé. Embora as situações fossem tensas e difíceis ainda assim era necessário “aprender a somar sempre que possível”.<sup>374</sup>

Ao se aproximar o XIII Concílio Geral da Igreja Metodista<sup>375</sup> e na qualidade de Reitor da Faculdade de Teologia, Aço escreveu uma série de considerações sobre a administração da Igreja, através da qual levantou questionamentos significativos. Falando sobre a eficiência administrativa, enfatizou que esta deveria ser pautada na consciência missionária. Ressaltava a importância de valorizar as pessoas que nela participavam e

<sup>370</sup> AÇO, Isac. Alguns modelos de realização. **A Razão**, Santa Maria, p. 10, 25 dez. 1974.

<sup>371</sup> AÇO, p. 10, 25 dez. 1974.

<sup>372</sup> AÇO, p. 10, 25 dez. 1974.

<sup>373</sup> “Eu caracterizo como um Concílio tenso, porém produtivo. A tensão era esperada, pois antecede um Concílio Geral e eleições para delegados a esse Concílio, além de outros assuntos”. (AÇO, Isac. Desafio para uma Igreja missionária. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 4, jun. 1990).

<sup>374</sup> AÇO, p. 4, jun. 1990.

<sup>375</sup> O XIII Concílio Geral da Igreja Metodista reuniu-se na cidade de Belo Horizonte, MG, em julho de 1982, aprovou significativos documentos sobre a base missionária da Igreja, vigentes até hoje: PVMI e Diretrizes para a educação na Igreja Metodista; foi também neste Concílio que o Bispo Isac Aço foi eleito Bispo.

acrescentava que não podia haver antagonismo entre o que fazia o administrador e o que fazia a Igreja em nível pastoral.<sup>376</sup> Deveria haver uma preocupação fundamental para que não se criassem “estruturas que se sobreponham às pessoas, classificando-as em categorias hierárquicas”<sup>377</sup> que as viessem oprimir. As pessoas que atuavam na administração da Igreja faziam parte do corpo de Cristo, e as diferenças de função deveriam manifestar riqueza de vida. Considerava necessário um esforço pastoral para que estas pessoas tivessem uma experiência de vida cristã crescente.<sup>378</sup> Manifestava a sua indignação porque a vida administrativa muitas vezes se tornava uma experiência negativa para quem dela participava. Acabava servindo de “jogo político para interesses pessoais, e para ‘queimar’ as pessoas”.<sup>379</sup> A estrutura administrativa deveria existir “em função da missão”<sup>380</sup>, servir às pessoas ao invés de “servir-se delas para sua auto-manutenção”.<sup>381</sup> Não negava a necessidade de elementos administrativos e burocráticos. Sua preocupação era com as dimensões e com as finalidades dessa burocracia: “A burocracia necessária deve servir as manifestações da vida e não consumi-las, possibilitar-lhe a manifestação autêntica, e não dominá-la”.<sup>382</sup>

Indignado com a condição miserável de muitas pessoas, excluídas pela sociedade contemporânea, Aço escreveu um longo poema, abordando o tema da miséria e da exploração. Como um viajante, ia descrevendo cada excluído diante do seu algoz. Sobretudo, anunciava o Reino de Cristo como àquele que sentia as dores de todos os empobrecidos e humilhados e se fazia solidário em sua dor. Seus temas incluíam a desesperança, gente enganada, criança abandonada, a mulher explorada sexualmente, o desempregado atormentado entre outras tantas vítimas da sociedade de então:

### **Desesperança**

Gentes que da humanidade  
só lhes restava a saudade  
de esperanças que morreram;  
gentes de destino amargo,  
olhar distante, bem vago,  
vegetando entre a opulência,  
lutando pela sobrevivência.

<sup>376</sup> AÇO, Isac. Considerações sobre administração eclesiástica. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, ano 07, n. 1, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>377</sup> AÇO, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>378</sup> AÇO, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>379</sup> AÇO, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>380</sup> AÇO, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>381</sup> AÇO, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>382</sup> AÇO, p. 8, mar./maio 1982.

Gente tornada diferente  
pela vida indigente,  
jogo d'interesses d'alguém,  
gente sem pai e sem mãe,  
gente olhada com desdém. . .

Vi gentes sendo levadas  
para terras mui distantes;  
das famílias separadas  
espoliadas, deserdadas  
pelos vis negociantes.<sup>383</sup>

### Gente enganada

Vi gente sonhar com vantagens  
oferecidas em imagens  
de um mundo desconhecido;  
gente oferecendo tudo  
em um sacrifício mudo,  
gente de um mundo oprimido,  
gente reduzida a nada  
pela ganância esmagada,  
de interesses — não os seus;  
sangue qui'nda brada aos céus  
história que não foi contada;  
que um dia será vingada,  
com juros e correção;  
gente que tinha coração,  
gente que sabia sentir,  
gente que também era amada  
mas jamais considerada  
como outro ser humano...  
gente que tinha vontade,  
mas reduzida à metade,  
ao mínimo de dignidade.<sup>384</sup>

### Criança abandonada

Crianças abandonadas  
matando a fome no lixo  
botado à beira das ruas,  
gente transformada em bicho,  
crianças morrendo nuas  
por culpas que não as suas,  
num mundo que as renegou;  
vítimas de loucas paixões  
vivendo sem afeições  
e aprendendo as lições  
do crime e marginalidade:  
crianças, sim, na idade,  
mas não no haver sofrido!<sup>385</sup>

<sup>383</sup> AÇO, Isac. A quem vi? **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 17, abr. 1976.

<sup>384</sup> AÇO, p. 17, abr. 1976.

<sup>385</sup> AÇO, p. 17, abr. 1976.

## Mulher explorada sexualmente

Mulheres jogadas à sarjeta,  
 numa atitude abjeta  
 da ignóbil perversão.  
 Mulheres querendo encontrar-se,  
 mas sem poder levantar-se  
 e olhar o mundo de frente,  
 caindo então na corrente  
 de uma ilusão solvente  
 no meio da humanidade:  
 roubada na dignidade,  
 no mínimo de amor próprio,  
 mulher carregando o opróbrio  
 de uma sociedade vil  
 — objeto, do mundo “viril”!<sup>386</sup>

## Desempregado

Vi homens desanimados,  
 mãos feridas, pés inchados,  
 tentando se levantar;  
 homens carregando fardos  
 de uma sociedade injusta,  
 homens desumanizados  
 ouvindo clamor dos filhos,  
 homens cuja vida custa fome,  
 desemprego, sarilhos!

Homens já conformados  
 com o fardo e com a sorte,  
 vivendo dentro da morte!

Homens para quem a vida,  
 vegetada, não vivida,  
 tem horizonte sombrio;  
 homens que já perderam o brio,  
 interiorizando o desânimo;  
 reduzidos à impotência,  
 considerando-se “pobres”,  
 vivendo da dependência  
 e à sombra da clemência.<sup>387</sup>

A visão de Aço sobre a miséria a que a sociedade havia relegado importantes extratos da população era clara e inegável. Partindo da desesperança que tomava conta de muita gente, passando pela forma como pessoas eram enganadas, mulheres eram exploradas, homens desempregados eram indignados pela sua condição e crianças abandonadas à própria sorte, Aço desafiava a Igreja. Esta visão da tragédia humana, muito concreta e cruel o mobilizava a uma tarefa missionária, na qual desejava ver toda a Igreja envolvida. Percebia que esta, como serva de Deus, tinha o compromisso ético de estar a serviço dessa população.

---

<sup>386</sup> AÇO, p. 17, abr. 1976.

<sup>387</sup> AÇO, p. 17, abr. 1976.

O/a cidadão/ã do Reino de Deus merecia ter dignidade. A sociedade havia roubado esta dignidade de uma parcela significativa de pessoas. Muitas pessoas foram relegadas a uma situação de vida de miséria e indignidade incompatíveis com o Reino de Deus. Aço desejava que esta situação pudesse ser revertida e acreditava que a Igreja poderia desenvolver ações nesta direção. A Missão da Igreja era ir ao encontro destas pessoas, conviver com elas, solidarizar-se com elas e resgatá-las, pelo amor de Deus, desta indignidade. O Reino de Deus era o lugar onde o ser humano deveria ser tratado com compaixão, ter suas feridas saradas e sua dignidade restaurada.

### 2.3. REINO, AMOR E ESPERANÇA

Ao encerrar o primeiro semestre na reitoria da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, Aço falou à comunidade acadêmica enfocando o tema do amor que os uniu ao longo daqueles meses. Relacionou este amor, provocado pela vivência de companheiros de jornada, com o amor de Cristo que unia todos os cristãos/ãs. Não se tratava de um amor que provocava a acomodação temporária, resultado de alguns anos convividos juntos. Tratava-se de uma convivência fraterna, diferente daquela que apenas aguardava o término do curso para se eximir de determinadas companhias. Comparava com o amor experimentado por Cristo, do despojar-se, do servir, do doar-se:

Este amor que vos falo não é o amor que virá por uma acomodação provisória de alguns anos juntos, até que nos vejamos livres uns dos outros e cada um volte ao seu caminho. Mas é o amor que provém do mesmo sentimento que houve em Cristo — o de despojar-se, o de servir, o de doar-se, o de “ser para os outros”.<sup>388</sup>

Ao falar do amor de Cristo, no contexto da Faculdade referia-se ao preceito cristão de ser uns para os outros. Admitia que isto somente seria viável na medida em que juntos fosse possível ser para outros/as fora da comunidade acadêmica que muitas vezes poderia se assemelhar a um gueto de santos/as que se enclausuram. Nestes “de fora”, incluía os outros que sofriam mais, que choravam mais, que eram pisoteados, incompreendidos, vilipendiados, explorados mais do que eles próprios. O amor de Cristo seria vivenciado pela comunidade na mesma proporção que esta se abria para estes “outros/as de fora” da comunidade, mas que não deveriam ficar privados do mesmo amor. Dessa forma nasceria a nova e libertadora Igreja:

Na medida em que, juntos, estivermos voltados para esses, com Cristo, é que nos identificaremos em amor criativo, em amor lutador, amor libertador. Na medida em que, juntos, com o Cristo e a partir dele, vivermos o amor contra a injustiça, amor

---

<sup>388</sup> AÇO, Isac. Ser para os outros: 1 João 4.16-21. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 16, jan. 1981.

contra a desumanização é que estaremos em condições de ajudar a fazer nascer uma nova igreja que não viva para si mesma, mas para os pobres, os presos, os cegos e os oprimidos, e uma nova pastoral onde possamos transcender os interesses pessoais e nos inserirmos com os outros no processo de libertação.<sup>389</sup>

Ao reiniciar o segundo semestre letivo de 1981, Aço voltou a insistir na necessidade de vivenciar o amor de Cristo nas relações interpessoais, na Faculdade como forma de transformação e libertação. Sentia que esta forma de vivência exigia um esforço maior de todos/as porque cobrava de cada um/a, um estilo em função dos/as outros/as. Era dessa forma que enxergava a Missão sendo realizada pela comunidade acadêmica: “Isto tudo exige muito de todos nós. Em primeiro lugar temos que deixar de viver em função de nós mesmos para nos vermos como comunidade – em missão”.<sup>390</sup>

Em sua visão, o cristão/ã necessitava caminhar para um amadurecimento no qual a percepção de amplitude estivesse relacionada à esperança. Dizia que este amadurecimento era “uma busca de compreensão do que significa estar no tempo, que não é nosso, mas de Deus, um tempo que está aberto à Sua operação e à nossa co-operação”.<sup>391</sup> Este amadurecimento deveria conter a nova criação proporcionada pelo Espírito. O “resultado da esperança no Deus da esperança”<sup>392</sup> não deveria ficar preso ao desespero do ser humano. Nesta perspectiva entendia que o corpo de Cristo também estava em crescimento e os seus membros também cresciam na mesma proporção:

Mas o corpo de Cristo está em crescimento, e nós crescemos nele. Participamos desse crescimento não como seres irremediavelmente predestinados a isso, mas como seres responsáveis (que respondem) ao seu amor, como resultado da graça.<sup>393</sup>

A Igreja deveria caminhar na direção da plenitude do Reino de Deus. Incentivava às comunidades locais a cultivarem a comunhão como caminho para atingirem esta plenitude. Percebia como era necessário viver intensamente os atos de piedade ao mesmo tempo em que constatava a necessidade de aliar isto às obras de misericórdia. Resumia esta dupla dimensão da plenitude como a prática da santidade engajada, que não poderia ser consequência de um projeto pessoal, individualista, mas um projeto social do Reino de Deus. Esta santidade engajada era uma das mais efetivas contribuições do metodismo para a Igreja na América Latina:

Que coisas podem nos ajudar a viver na plenitude? É necessário que nossas

<sup>389</sup> AÇO, p. 16, jan. 1981.

<sup>390</sup> AÇO, Isac. Já estamos no segundo semestre. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, ano 06, n. 4, p. 3, jul. 1981.

<sup>391</sup> AÇO, p. 38, out./dez. 1973.

<sup>392</sup> AÇO, p. 38, out./dez. 1973.

<sup>393</sup> AÇO, p. 38, out./dez. 1973.

comunidades locais cultivem a comunhão; é necessário viver intensamente os atos de piedade (o culto, o cultivo da Palavra, pessoal e comunitariamente, o amparo mútuo). É necessário para viver plenamente aliar isto às obras de misericórdia, expressas no PVMI como - “o trabalho que valoriza e realiza a pessoa enquanto constrói em amor e justiça a nova comunidade e o Reino de Deus”. Para fomentar a vida plena há que praticar uma santidade engajada, que estou certo é a contribuição específica do metodismo a Igreja na América Latina. Viver o horizontal como presença e ação do Espírito.<sup>394</sup>

A convivência de amor e de esperança, em qualquer que fosse a comunidade, deveria estar repleta de perdão. O perdão constituía a maneira humilde do/a cidadão/ã do Reino se relacionar com seus irmãos/ãs porque era uma conseqüência do reconhecimento do perdão de Deus refletido na convivência humana.

## 2.4. REINO E PERDÃO

A concepção de Reino de Deus abarcava a noção de perdão. Ao refletir sobre a cura dos dez leprosos (Lc 17.11-17) entendia que o leproso grato, aquele que voltou, foi capaz de ir além do recebimento de uma bênção. Transformou-a numa experiência profunda e fundamentalmente renovadora quando foi ao encontro das causas das bênçãos, “a própria ação de Deus”.<sup>395</sup>

Num artigo para a *Voz Missionária*<sup>396</sup> descreveu uma visão na qual aparecia, repetidamente, durante o sono, a face de uma pessoa inimiga. Em determinado momento se viu no paraíso celeste e percebeu como as pessoas estavam felizes. De repente, quando ensaiava uma maneira feliz de se apresentar aos companheiros de céu, enxergou, justamente, a figura do seu inimigo. A partir deste sonho descobriu a necessidade de oferecer o perdão para quem carregava como maior inimigo. Tomou uma atitude corajosa e buscou o inimigo para se reconciliar, considerando que seria um inferno passar a eternidade tendo que conviver com alguém que não aceitava como amigo:

Arrumei-me e saí em busca do meu inimigo, ou melhor, do meu amigo, pois, se era inferno viver aqui com ele “por dois dias”, muito pior seria contemplar por toda a eternidade o olhar d’Aquele que perdoou aos seus inimigos.<sup>397</sup>

Ao refletir sobre os mistérios da estrela de Natal e da cruz do Calvário, fez um trocadilho teológico ao relacionar a luz da estrela com a escuridão da cruz. Recordava que, com à luz da estrela, a cruz não parecia mais ser um irremediável desfiar de absurdos. A

<sup>394</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>395</sup> AÇO, p. 2, nov. 1974.

<sup>396</sup> Conforme p. 11.

<sup>397</sup> AÇO, Isac. Aquele céu infernal. *Voz Missionária*, São Paulo, ano 52, n. 02, p. 5, abr./jun. 1971.

estrela, com seu esplendor, permitia caminhar na noite, esperando o renascer. Utilizando a imagem de uma constelação de estrelas do hemisfério Sul<sup>398</sup> disse que a estrela transformava-se em Cruzeiro e iluminava “nosso caminhar (...) na direção certa”.<sup>399</sup>

Respondendo ao perdão divino, manifesto na ação de Cristo, a gratidão<sup>400</sup> aparecia reiteradamente nos seus escritos. Manifestava a gratidão diante da multiplicidade de benefícios recebidos de Deus. Em uma poesia sobre a ação de graças, intitulada “As bênçãos recebidas” falava das alegrias vividas, que deveriam ser contadas como bênçãos sem esquecer nenhuma. Salientava a imensidade dessas alegrias e como elas se refletiam na convivência comunitária:

Contas as bênçãos recebidas  
conta-as, sem nada esquecer;  
lembra as horas sentidas,  
e as alegrias vividas:  
lembra-as para agradecer!

Conta as bênçãos recebidas  
percebe que não têm fim;  
há sempre um pouco das lidas  
trazendo as almas unidas:  
ligando-as a ti e a mim!<sup>401</sup>

O Dia de Ação de Graças era motivo para expressar as dores da humanidade diante de Deus. Para celebrar esta data, em 1973, compôs um poema que falava, com muita evidência, de toda a luta vivida pelas pessoas. Tomava alguns temas que representavam muito bem os sofrimentos da época. Falava de trilha de gente abatida, gente pisada e ferida. Noutros versos falava de atalhos e trabalhos, curtindo dureza e lida. A solidariedade também deveria ser tema da ação de graças. O chorar e o rir juntos, a busca do perdão para quem havia provocado ferimentos faziam parte de suas poesias. Para Aço, a gratidão não se resumia aos momentos de alegria pelas bênçãos recebidas: a própria ação de graças se tornava em motivo para a denúncia e para o anúncio de um mundo diferente que poderia nascer da libertação promovida por Cristo e construída por todos/as. Um misto de denúncia, sacerdócio e anúncio brotavam dos versos que diziam: “Eis-nos de todos os lados, estamos sobrecarregados e

<sup>398</sup> O Cruzeiro do Sul é uma constelação de estrelas do hemisfério Sul no formato de cruz. Esta constelação é formada pelas estrelas “*Acrux*” de magnitude 0,76, “*Mimosa*” de magnitude variável, “*Gacrux*” de magnitude 1,61, “*Pálida*” de magnitude 3,08 e “*Intrometida*” de magnitude 3,59.

<sup>399</sup> AÇO, Isac. A estrela e a cruz. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 27 nov.1975.

<sup>400</sup> A resposta do ser humano ao perdão divino muitas vezes tomava a forma da ação de graças no pensamento teológico de Aço. Conforme p. 59, 86.

<sup>401</sup> AÇO, Isac. As bênçãos recebidas. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 3, fev. 1976.

somos dos revoltados e dos marginalizados...”<sup>402</sup> Firmeza na luta, decisão, segurança no Senhor são temas dos últimos versos do seu poema:

Senhor;  
depois desta etapa,  
estamos gratos a Ti,  
e nos sentimos felizes  
por estarmos a caminho  
e por não termos parado,  
apesar de toda a luta,  
mas topamos a parada,  
com decisão absoluta!  
Estamos peregrinando  
no tempo e no espaço,  
até que, contigo, um dia,  
acertemos nosso passo  
e, então, caminhemos  
livres pela estrada do bem.  
Aqui, os caminhos são duros,  
mas, contigo, bem seguros,  
havemos de chegar além!<sup>403</sup>

Esta resposta ao perdão divino que alimentava a convivência comunitária tinha como resultado uma noção diferente em relação à criação de Deus. Ao contrário de se sentir como um consumidor dos bens naturais, o/a cidadão/ã do Reino sentia-se responsável por aquilo que utilizava para o seu benefício vital. A noção de mordomia se aliava a concepção de humildade produzida pela atitude de perdão.

## 2.5. REINO E MORDOMIA

Ao se referir à parábola da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 3.2-12), Aço entendia que Deus provocava, no ser humano, uma angústia fecundante. Compreendia que “a árvore provocava certa inquietação para que o homem não pudesse sentir-se realizado sem escutar Deus”.<sup>404</sup> Ao considerar-se pleno dominador da natureza e capaz de planificar a história, o ser humano poderia assumir uma quietude estéril. Isto significava que Deus estava desafiando o ser humano no sentido de que essa pretensa natureza conquistada e a história planificada não lhe custasse a própria humanização.<sup>405</sup> Estava claro que a realização do ser humano não consistia nem em fugir do mundo e nem em renunciar à história. Representaria

<sup>402</sup> AÇO, Isac. Gratidão do peregrino: Dia de Ação de Graças - 1973. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 17. jan. 1977.

<sup>403</sup> AÇO, p. 17. jan. 1977.

<sup>404</sup> AÇO, Em busca ... parte II., p. 15, 18 fev. 1975.

<sup>405</sup> AÇO, Em busca ... parte II., p. 15, 18 fev. 1975.

um inconformismo recalcado e uma traição à sua natureza de imagem de Deus.<sup>406</sup> Esta realização não consistiria “na tentativa científica, tecnológica, econômica, psicológica ou religiosa de eliminar os elementos de desequilíbrio e de crítica da contingência humana”.<sup>407</sup> A realização do ser humano consistia “em polarizar no homem sua criatividade e sua contingência”.<sup>408</sup> Ele encerrou suas reflexões sobre “Em busca de um pensamento aberto” concluindo que a realização humana resultava em viver o desequilíbrio provocado pela tensão entre contingência e possibilidade:

A realização humana está em viver esse desequilíbrio causado pelo próprio Cristo que fecundou a natureza e a história com sua presença; a realização está em viver intensamente esta tensão entre a realidade humana e esta possibilidade (anunciada) em Cristo no poder contínuo de Deus presente pelo seu Espírito criador. Anunciar uma antropologia para o homem da segunda metade do século XX não pode ser de modo nenhum encontrar um elemento que atenua a tensão do homem frente a uma natureza já exausta e a uma história cada vez mais cansativa. Pelo contrário é anunciar, no amor no elemento criativo [*sic*] para que o homem não se refugie nem na natureza nem no ativismo de uma história sem crítica, mas seja ao mesmo tempo natureza e história crítica como Cristo foi!<sup>409</sup>

O ser humano tinha direito a uma realização plena. Encontrava no relato da criação contido no livro de Gênesis, elementos para justificar a forma como este cuidado deveria estar na agenda de preocupações de cristãos/ãs. Muitas vezes no afã de atender os indivíduos, a Igreja acabava encontrando, neste assistencialismo, “uma forma de escape e um ‘entorpecente’, desviando suas preocupações de uma solução mais dignificante e realizadora”.<sup>410</sup> Considerava a responsabilidade social de cristãos/ãs numa dimensão integral ao falar sobre mordomia. Entendia que a realização do ser humano não poderia se restringir ao sucesso econômico. Caso o ser humano não tivesse uma de suas dimensões desenvolvida isto poderia significar uma deformação da imagem divina presente nele:

A mordomia deve manifestar clara e decisivamente que a realização do homem integral não se pode reduzir à sua realização econômica, mas é um todo que inclui dimensões diversas e o esquecimento de alguma delas será, ainda, uma deformação da verdadeira “imagem de Deus” que deve existir ou realizar-se no homem.<sup>411</sup>

Dentro desta visão de mordomia e de ser humano como imagem de Deus, preocupava-se também com o patrimônio da Igreja. Na maioria das vezes as salas, salões e templos eram sub usados. Ficavam fechados quase todo o tempo durante a semana, para

---

<sup>406</sup> AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto IV: temas para reflexão: o homem (parte III). **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 19 fev. 1975.

<sup>407</sup> AÇO, Em busca ... parte III., p. 15, 19 fev. 1975.

<sup>408</sup> AÇO, Em busca ... parte III., p. 15, 19 fev. 1975.

<sup>409</sup> AÇO, Em busca ... parte III., p. 15, 19 fev. 1975.

<sup>410</sup> AÇO, A Igreja..., p. 10, out. 1970.

<sup>411</sup> AÇO, A Igreja..., p. 10, out. 1970.

serem utilizados apenas nos finais de semana. Havia “clamores gritantes da comunidade que bem poderiam aproveitar-se para atendimento à população esquecida, e pobre”<sup>412</sup> o que justificaria uma utilização mais cuidadosa de tudo que a Igreja possuía. Preocupava-se quando “o serviço cristão passou a ser interpretado como ajuda e não como participação no empreendimento comum”.<sup>413</sup> O exercício da mordomia assumia muito mais um caráter de “socorro do que o despertar da consciência do valor próprio, independente da posição social ou classificação econômica”.<sup>414</sup>

A imagem e semelhança de Deus somente se realizavam plenamente no ser humano quando este era capaz de abrir-se para o outro. Quando conseguia se integrar no sentido maior da criação de modo “solidário e capaz de perpetuar sua presença com a criação de outras imagens de Deus”.<sup>415</sup> Enxergava nisto a Missão maior do ser humano que era criado para o outro num dar-se constante pela convivência e só assim alcançaria a plenitude para a qual foi criado. Entretanto, esta imagem de Deus não podia se tornar plena apenas pelo relacionamento com o outro/a. Para atingir essa plenitude de vida o ser humano dependia de sua vivência na área econômica, que tinha especial importância. Questionava-se sobre a condição das pessoas espezinhadas, exploradas, desnutridas ou subnutridas, doentes e desabrigadas, se verdadeiramente sentiam-se realizadas. Tomava de Santo Agostinho a expressão “é necessário o mínimo de condição de vida para se cultivar a virtude”,<sup>416</sup> para afirmar um mínimo de possibilidades econômicas capaz de realizar em si esta imagem divina. Definia economia como “a humanidade em relação plena com os bens deste mundo”.<sup>417</sup> A relação do ser humano com os bens materiais tinha a dimensão de ser apenas um meio de conduzir o ser humano a viver bem na área econômica e nunca permitir que a economia viesse a tornar-se um fim. A economia deveria ser objeto de contínua análise e julgamento. O cristão/ã deveria perceber e denunciar tanto o capitalismo, com sua tendência de enriquecimento desmedido dos que já têm muito, como o socialismo, cujas finalidades econômicas tendiam a absorver o indivíduo.<sup>418</sup> O que deveria estar no foco de visão

---

<sup>412</sup> AÇO, p. 8, mar./maio 1982.

<sup>413</sup> AÇO, Isac. Crescendo na vida de serviço. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 27, out./dez. 1973.

<sup>414</sup> AÇO, p. 27, out./dez. 1973.

<sup>415</sup> AÇO, Isac. A criatura. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 2, p. 41, abr./jun. 1975.

<sup>416</sup> AÇO, Isac. Não somos dono. **Em Marcha**, São Paulo, ano 51, n. 2, p. 15-16, 30 abr. 1978.

<sup>417</sup> AÇO, p. 16, 30 abr. 1978.

<sup>418</sup> AÇO, p. 16, 30 abr. 1978.

econômica seriam o desenvolvimento e o progresso da comunidade. O objetivo maior da economia deveria ser o acesso de todas as pessoas aos bens que Deus concedeu.<sup>419</sup>

O conceito de mordomia do ser humano incluía a noção de ser “responsável por aquilo e por aqueles que com ele venham a relacionar-se”.<sup>420</sup> Pensando no cuidado que este deveria ter para com tudo o que Deus criou aparecia a temática da dualidade corpo-alma. Percebia o ser humano como a mais alta expressão da criação divina. O ser humano era uma totalidade compreendendo que o corpo não era um simples depósito onde se encobria ou se escondia a alma. A valorização do corpo ficava clara ao reconhecer que não havia existência humana que não fosse a existência corporal. Cria que o corpo expressava a realidade daquilo que constituía o ser humano. Era no corpo que o princípio de vida subsistia no ser humano.<sup>421</sup> Entendia o ser humano com “parte daquilo que é Deus!”<sup>422</sup>. Vivendo em comunhão, liberdade e serviço, o ser humano cumpria sua responsabilidade diante de Deus cuidando do mundo criado:

Todo seu ser, toda sua vida - seu corpo, sua alma, seu espírito, vivem em função do sentido que Deus dá à sua vida - um ser em comunhão, vivendo em liberdade e amor, responsável pelo mundo criado por Deus, unido a todos através da comunhão e do serviço.<sup>423</sup>

Outro aspecto que salientava na sua reflexão sobre o exercício da mordomia cristã era que o serviço cristão caracterizava-se por ser feito no Espírito do Senhor Jesus, sem que isto significasse ser uma cópia do que Jesus fez. Ficava claro o fato de que as situações eram diferentes e a lição que o cristão/ã deveria reter era a encarnação como possibilidade de viver a realidade do seu tempo. Insistia em que o serviço cristão não podia se transformar na defesa de um sistema de privilégios, de benfeitorias, ou de serviços. Não era um programa de mútua ajuda, mas “uma criação, uma nova encarnação (pelo Espírito) onde Cristo deve ser sentido na libertação dos cativos pelo poder de Deus”.<sup>424</sup>

Na sua compreensão de mordomia afirmava que tudo pertencia a Deus e ao ser humano na dimensão de que a Deus pertencia a criação e ao ser humano o dom de administrar sua obra.<sup>425</sup> Entretanto, esta obra humana não poderia visar ao desenvolvimento da natureza apenas para o bem individual, mas principalmente para o bem comum. Nesta visão, “o pecado

<sup>419</sup> AÇO, p. 16, 30 abr. 1978.

<sup>420</sup> AÇO, p. 14, 30 abr. 1978.

<sup>421</sup> AÇO, Isac. Homem: um ser total. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 02, p. 43, abr./jun. 1975.

<sup>422</sup> AÇO, Homem..., p. 45, abr./jun. 1975.

<sup>423</sup> AÇO, Homem..., p. 45, abr./jun. 1975.

<sup>424</sup> AÇO, Isac. Crescendo na vida de serviço. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 28, out./dez. 1973.

<sup>425</sup> AÇO, Isac. A parábola e o Credo Social. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 02, p. 23, 21 maio 1975.

constituiu-se numa quebra desta relação (do homem) com Deus e com a natureza”<sup>426</sup>, mas em Cristo deveria ressurgir novamente a dignidade perdida do ser humano e da natureza.

Quando se referia à maneira como o ser humano administrava o mundo de Deus, pensava no cuidado que este necessitava ter em relação aos dons recebidos. Entendia que Deus nos cobraria pesadamente a utilização do tempo. Juntava ao tempo os demais cuidados que o ser humano deveria dispensar à comunicação, à natureza, etc. Entendia que estas seriam as cobranças mais duras que Ele haveria de fazer: “O tempo vazio, a palavra vã, a árvore estéril... Sobre isso Jesus deu ênfase especial. Podia fazê-lo? Claro que sim! Ele era o tempo cheio, a palavra fecunda, a vida abundante”<sup>427</sup>.

O ser humano era o trabalhador que tinha a responsabilidade de cuidar do “jardim” recebido de Deus. Na parábola dos trabalhadores da vinha quando o patrão indicou que pagaria o justo, os trabalhadores se puseram a caminho da lavoura. Criam na honestidade de quem lhes contratava, pois só os honestos acreditavam na honestidade dos outros. Por isso eram merecedores de justiça. Jesus não concordava com a injustiça. Falava a respeito do que era justo nas relações entre empregadores e empregados e sobre o ganho justo dos que trabalhavam.<sup>428</sup> A justiça não poderia se restringir a uma concepção legalista regulada pelo fiel da balança determinado pelas leis e normas de convivência social, mas deveria estar aliada à misericórdia que levava em consideração a situação humana de cada pessoa. A justiça além de ser uma correspondência ao serviço prestado necessitava ser, também, um elemento de construção da dignidade do ser humano. Refletindo sobre a atitude do patrão da parábola, ele utilizou uma expressão poética para ressaltar a atitude magnânima daquele dono da vinha:

Orvalhou com simpatia humana, ungiu com a caridade o calibre da justiça e, assim, desafogou o homem. Justo para ele — porque o é para Cristo — não é soma correspondente ao esforço e ao trabalho, mas a que salva a vida do operário e de sua casa.<sup>429</sup>

Mesmo tendo o olhar socialista a respeito do capital não desprezava quem detinha muitos recursos financeiros. O perigo não residia na quantidade de bens materiais que um ser humano podia ter. O pecado estava em confiar nestas riquezas.<sup>430</sup> Considerava uma bênção quando o dinheiro estava nas mãos de pessoas que tinham um coração generoso e não

---

<sup>426</sup> AÇO, p. 23, 21 maio 1975.

<sup>427</sup> AÇO, p. 23, 21 maio 1975.

<sup>428</sup> AÇO, p. 24, 21 maio 1975.

<sup>429</sup> AÇO, p. 25, 21 maio 1975.

<sup>430</sup> AÇO, p. 25, 21 maio 1975.

permitiam que os recursos financeiros o deformassem. Quase como se fosse um hino ele dizia: “Bendito o dinheiro quando serve a um coração bem formado, altruísta, e não deforma esse coração, antes acresce as possibilidades de fazer o bem”.<sup>431</sup>

Qualquer solução para os problemas sociais, ditada apenas pelos cérebros humanos ou pelos computadores seria perigosa. Sua indicação era a de que valia a pena consultar o Evangelho e os conceitos de Jesus Cristo a respeito da vida e dos homens.<sup>432</sup> O poder do dinheiro tinha sido a fonte das injustiças. O dinheiro que enriquecia os afortunados tinha custado uma fortuna social para muitos. Criticava a maneira como as pessoas ganhavam seus bens. Era comum o enriquecimento a partir do pagamento de baixos salários aos trabalhadores/as. As fontes de recursos deveriam ser sagradas, que não significassem prejuízo social, físico ou moral para qualquer que fosse:

Quantos não têm se enriquecido às custas de salários retidos. O nosso ganho deve vir de fontes “sagradas”, isto é, fontes que não prejudiquem física, moral, social e espiritualmente nosso próximo. O preço do dinheiro tem custado caro. Boa parte dos homens se desgastam a si mesmos, deixam de dar atenção ao lar, à igreja e às suas responsabilidades individuais e sociais por causa da ânsia e da busca desenfreada dos bens materiais.<sup>433</sup>

Era crítico com relação à forma como se administrava modernamente os recursos materiais. Partindo da pergunta do profeta Isaías,<sup>434</sup> levantava uma série de indagações sobre a maneira equivocada como as pessoas gastavam os salários. Com o desenvolvimento da sociedade, com o avanço da ciência e da técnica e com o crescimento cultural surgiu no ambiente secular, uma série de falsas necessidades.<sup>435</sup> Contrapunha esta superficialidade do consumo, insuflada pela sociedade moderna de consumo, a constatação de que havia no ser humano, necessidades vitais, tais como, alimentação, vestuário, sono, habitação, educação, recreação, segurança, afeição, amor, entre outras coisas que deveriam ser satisfeitas antes de outras meramente supérfluas. Boa parte das pessoas lutava para conseguir satisfazer suas necessidades fundamentais. Muitas destas pessoas gastavam seus recursos em coisas que visavam salientar-se socialmente. Estas falsas necessidades haviam influenciado famílias de baixa renda a consumir seus poucos recursos em futilidades. Os modernos meios de comunicação, através de programas de publicidade tinham pressionado as pessoas empobrecidas a gastar o seu dinheiro naquilo que não era essencial.

---

<sup>431</sup> AÇO, p. 25, 21 maio 1975.

<sup>432</sup> AÇO, p. 25, 21 maio 1975.

<sup>433</sup> AÇO, Isac. Bens materiais. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 51, p. 18, 07 maio 1978.

<sup>434</sup> “Por que gastai o dinheiro naquilo que não é pão: e o vosso suor naquilo que não satisfaz?...” (Is 55.2).

<sup>435</sup> AÇO, p. 19, 07 maio 1978.

Falsas necessidades a sociedade capitalista e mercantil tem criado. E elas adentram à mente e aos lares dos menos favorecidos, estimulando-os através da comunicação do rádio, TV, publicidades em geral, e muitas vezes, levando-os a deixar de gastar o seu “pouco” dinheiro no essencial, para gastá-lo no que é fútil.<sup>436</sup>

Partindo da orientação do fundador do metodismo dizia que, “Wesley, ao aconselhar os membros de seu grupo a ‘economizar’, queria dizer que eles deveriam cortar todas as despesas que apenas visam dar satisfação aos ‘loucos’ desejos da carne e à vontade e cobiça dos olhos”.<sup>437</sup>

Continuando a sua reflexão sobre as orientações econômicas deixadas por Wesley<sup>438</sup> enfocou a maneira adequada de gastar. Assim como os cristãos/ãs devem ter consciência na maneira como ganham e economizam seus recursos devem ter cuidado quanto à maneira como utilizá-los. Uma de suas preocupações era a forma como os recursos econômicos estavam sendo utilizados para gerar mais riquezas. Os próprios cristãos haviam aceitado a agiotagem. Segundo a sua interpretação da doutrina cristã “o amor cristão deveria ser traduzido em desenvolvimento humano dos mais fracos”.<sup>439</sup> Porém, na medida em que cristãos/ãs e até igrejas estavam usando seus recursos através de aplicações financeiras com o objetivo de gerar mais recursos sentia que o dinheiro de muitos cristãos tinha se transformado em fonte de exploração.<sup>440</sup> Como parte do testemunho de fé, incentivava as pessoas a desenvolverem uma atitude disciplinada: marca dos costumes metodistas. No seu relatório ao Concílio Regional lembrava que a Missão da Igreja, a construção do Reino de Deus tinha uma força que exigia disciplina. Quem colocasse a mão no arado não deveria olhar para trás, pois não era possível querer salvar tudo e ao mesmo tempo ganhar o Reino (Lc 9.62): “Há que se disciplinar no estudo bíblico, nas orações, no tempo oferecido no serviço aos outros, à família, à comunidade de fé, enfim ao Culto e a manutenção da Missão da Igreja. Disciplina é condição de espiritualidade”.<sup>441</sup>

Ao meditar sobre a diferença que percebia entre dom do Espírito e o dom espiritual, Aço fazia questão de dizer que este último não era tratado no Novo Testamento. Levantava a necessidade que as pessoas tinham de discernir entre a objetividade do dom do Espírito manifestada em cada cristão/ã para capacitá-lo e a noção do dom espiritual como uma experiência subjetiva. Lembrava que ela não se esgotava apenas nisso. Havia um risco em

<sup>436</sup> AÇO, p. 19, 07 maio 1978.

<sup>437</sup> AÇO, p. 19, 07 maio 1978.

<sup>438</sup> CÂNONES, 2002, p. 44.

<sup>439</sup> AÇO, p. 19, 07 maio 1978.

<sup>440</sup> AÇO, p. 19, 07 maio 1978.

<sup>441</sup> RELATÓRIO... 1986, p. 54-70.

confundir estes dois elementos. Era necessário evitar este perigo. Recomendava uma fórmula para fugir disso que consistia na recomendação do apóstolo Paulo aos Coríntios<sup>442</sup>:

Ora é preciso discernir muito bem o que se quer dizer com dom do Espírito e dom “espiritual”, aliás não tratado no Novo Testamento. O primeiro dá objetividade a uma capacidade subjetiva do Espírito em nós; o segundo vagamente insinua uma experiência subjetiva que se esgota aí, sem se objetivar na comunidade. Há que fugir deste perigo! A forma de fugir é a prática do amor como dom supremo: “Aspirai aos dons mais altos. Aliás passo a indicar-vos um caminho que ultrapassa a todos... Procurai a caridade”.<sup>443</sup>

Diante da decisão da Igreja Metodista em se organizar como ministérios para suprir sua vida doméstica,<sup>444</sup> a construção do Reino de Deus constituída pela ação de evangelizar os pobres, curar os doentes, visitar as famílias em aflição, lutar pelos direitos do órfão e pela causa das viúvas era compreendida como Missão da Igreja. Segundo Aço, a Igreja deveria evitar a preocupação unicamente com o cultivo espiritual piedoso<sup>445</sup> para mantê-la como organização. Sua atuação voltada para o mundo, para os pobres, para os menores abandonados, para as vítimas da guerra, do racismo, para os lavradores sem terra representaria o cumprimento da vontade divina. Aço percebia que o rosto de Cristo deveria ser encontrado na face destas pessoas que sofriam:

Não se trata de olhar os interesses e as necessidades dos membros da mesma comunidade, denominação religiosa, ou classe social. Trata-se de olhar os interesses e necessidades dos oprimidos, sem levar em conta sua confissão religiosa. Olhar para o oprimido é ver o rosto do Cristo sofredor. O rosto do Cristo deve ser visto no rosto do oprimido, e não no do opressor.<sup>446</sup>

Com este propósito e diante de um mundo carregado de violências de toda ordem a Igreja era desafiada a se organizar em ministérios como resposta aos dramas de seu tempo e de seu lugar. Tinham que ser ministérios voltados às necessidades do povo e para a esperança de vida plena. O ministério da reconciliação, proclamado pelo apóstolo Paulo (2Co 5.18) continuava na ordem do dia:

Se nossa compreensão é a do Deus voltado para o mundo, para os pobres, os menores abandonados, as vítimas da guerra, do racismo, os lavradores sem terra, enfim, se entendermos que a vontade de Deus é a implantação do seu Reino de justiça, paz e amor; se nosso entendimento de Deus é que a obra de Cristo (na cruz)

<sup>442</sup> “Prática do amor como dom supremo” (1 Co 12.31).

<sup>443</sup> AÇO, Isac. **Dons e Ministérios**. Porto Alegre: Sede Regional da Igreja Metodista da Segunda Região Eclesiástica, 1989, p. 14.

<sup>444</sup> Manutenção da estrutura administrativa da própria Igreja, tanto em nível local como Regional e Geral.

<sup>445</sup> A espiritualidade piedosa da Igreja Metodista se concentrava no cultivo de atos devocionais tais como frequência aos cultos, participação nos sacramentos, leituras bíblicas e orações individuais.

<sup>446</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola; Ciências da Religião, 1990, p. 231.

reconciliando o mundo com Deus ainda está em dia, então nossos ministérios organizar-se-ão com a finalidade de evangelizar os pobres, curar os doentes, visitar as famílias em aflição, lutar pelos direitos dos órfãos e pela causa das viúvas. Em um mundo carregado de violências de toda ordem, a Igreja tem que se aperceber do que está sendo requerido dela e organizar seus ministérios como resposta aos dramas de nosso tempo e lugar.<sup>447</sup>

Ao colocar as ênfases para o planejamento do biênio 1990-1991, além de nomear as crianças como meta mais saliente, continuava apregoando a necessidade da Igreja voltar-se para outros dois segmentos empobrecidos da população: o povo que vivia da terra e o povo que vivia à margem das grandes cidades. Estes segmentos constituíam partes de um mesmo povo, pois os/as agricultores/as não encontrando terra para colocar suas sementes, ou não encontrando apoio governamental, vendiam suas pequenas propriedades e iam se instalar “na periferia como estranhos na sua própria terra”.<sup>448</sup> Cria que “o compromisso missionário” teria a força de levar as igrejas a se renovarem e a crescerem: “O trabalho com pequenos agricultores e povo sem terra, e um correspondente avanço nas zonas rurais, e o trabalho em favelas e outras áreas pobres na periferia das nossas cidades”.<sup>449</sup>

Em setembro de 1990 foi à Europa acompanhado do Bispo Adriel de Souza Maia. Numa missão do Colégio Episcopal fez contato com diversas denominações do continente europeu bem como com igrejas metodistas na Alemanha e em Portugal. Entre os frutos dessa viagem destacou-se a Missão que a Igreja Metodista desenvolvia no Brasil, a partir do seu novo lema, “Comunidade missionária a serviço do povo”. Impressionou os cristãos/as da Europa a posição de “uma Igreja de classe média a serviço dos pobres e a espiritualidade de engajamento na transformação do mundo como parte do Reino”.<sup>450</sup>

O novo ser humano, o autêntico cidadão/ã do Reino, possuidor de uma nova concepção de responsabilidade diante da criação divina freqüentemente era também um membro de Igreja. Esta Igreja, segundo Aço, deveria assumir um papel diferente em relação às pessoas que não pertenciam a esta instituição. Como a Igreja representava um ante-gosto do Reino, os seus membros deveriam investir todos os esforços para que este sabor diferente de vida estivesse disponível para pessoas de fora da Igreja, como os pobres, as crianças abandonadas, os excluídos de forma geral.

<sup>447</sup> AÇO, Isac. **Dons e Ministérios**. Porto Alegre: Sede Regional da Igreja Metodista da Segunda Região Eclesiástica, 1989, p. 15.

<sup>448</sup> AÇO, Isac. [**Linhas Mestras da Ação Pastoral**]. [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], [S.I.: s.n.], p. 2.

<sup>449</sup> AÇO, [**Linhas...**] [S.I.: s.n.], p. 2.

<sup>450</sup> AÇO, [**Correspondência:...**], out. 1990, 2 f.

## 2.6. REINO E IGREJA

Comentando o encontro que teve com o Dr. H. Fiolet,<sup>451</sup> Secretário do Conselho de Igrejas da Holanda, que incluía igrejas protestantes e católica romana, afirmava que um dos problemas da Igreja estava relacionado à disciplina em relação ao seu Senhor. A Igreja necessitava se desvencilhar do seu passado, enquanto amarrado à tradição. Necessitava valorizar o momento presente como desafio à Missão ao invés de continuar carregando um fardo pesado de estrutura. Ao se preocupar demasiadamente com a parte administrativa, perdia o tempo do acontecimento hodierno no qual o Senhor pedia que ela estivesse mostrando os sinais da sua justiça e manifestando a benevolência da sua graça:

A nós pareceu-nos que o grande problema continua sendo o da autoridade e o da compreensão do homem. Se em um mundo em que Cristo vai adiante de nós a caminho do Reino, a Igreja continua olhando para trás como base para sua vivência atual, corremos o risco de um *desnivelamento* entre *estrutura* e *acontecimento*. E este não é problema apenas da Igreja Católica em relação a Roma. É a pergunta colocada permanentemente à Igreja de Jesus Cristo.<sup>452</sup>

Refletindo sobre os desafios do Reino de Deus e a caminhada da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul, por ocasião das comemorações do seu Centenário<sup>453</sup>, conceituou a Igreja como um espaço de experimentação do Reino vinculado ao exercício da justiça, do amor e da paz. Desejava que a Igreja ajudasse a fazer brotar o Reino, que compartilhasse uma visão de esperança com as pessoas que ainda não tinham provado dele: “Neste ano do Centenário temos que alimentar e repartir uma visão de esperança: a do Reino de Justiça, amor e paz, a visão do mundo como campo de germinação do Reino e da Igreja como animadora da experimentação do Reino de Deus.<sup>454</sup>

Conforme Aço, no Reino, a Igreja era chamada a desenvolver a sua Missão. Tratava-se de um chamado que transcendia o compromisso e a renovação da aliança: tinha a dimensão da celebração, da alegria, da posse dos direitos que a salvação concedia aos/às fiéis do Senhor. Queria que todos/as os metodistas, naquele momento em que celebravam o seu primeiro centenário, pudessem fazer uma grande festa para comemorar e agradecer as bênçãos

<sup>451</sup> Teólogo de vanguarda da Igreja Católica Romana que buscava a autonomia da sua Igreja na Holanda na década de 1970, autor de *Fin del cristianismo convencional Nueva perspectivas*, Sígueme. Salamanca 1969.

<sup>452</sup> AÇO, Isac. Carta da Europa (VI) A Igreja Católica na Holanda tem um encontro com o Dr. H. Fiolet. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 4, jan. 1973.

<sup>453</sup> O metodismo teve início no Rio Grande do Sul a partir de um trabalho missionário de um colportor de bíblias, o Dr. João da Costa Correa, médico brasileiro natural de Jaguarão, mas residente no Uruguai, em 1885 (JAIME, Eduardo Mena Barreto. **História do metodismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: [s.n.], 1963, p. 22).

<sup>454</sup> AÇO, Isac. Uma visão global: o desafio do Reino. **Voz Missionária**, São Paulo, ano 55, n. 03, p. 21, jul./set.1985.

recebidas ao longo da trajetória da Igreja Metodista no Rio Grande do Sul. Queria que fossem referidas as bênçãos pessoais e as bênçãos comunitárias. Queria uma celebração significativa com pastores/as, leigos/as, crianças, jovens e famílias assumindo o seu direito de celebrar a caminhada histórica de sua Igreja: “Enfim, um ano de bênçãos pessoais e Comunitárias. Eu vos convido, irmãs e irmãos, em nome do Senhor, a todos, sem exceção, leigos e pastores, crianças e jovens, as famílias, a tomarem posse do direito de viver plenamente a salvação.”<sup>455</sup>

Imaginava que o Centenário seria um momento para repartir mais do que uma visão de esperança. Queria que a Igreja se dedicasse a compartilhar a própria esperança num contexto de necessidades que se multiplicava por todos os espaços. Seria o compartilhar de uma esperança celebrada na união de esforços. Tinha que conter a mensagem do amor redentor de Cristo, da graça que transformava, de uma Igreja que estava a serviço de quem estava passando por necessidades:

Queremos repartir a esperança de que vamos trabalhar juntos nas lides da Igreja e do Reino. Queremos repartir a esperança de que o amor redime e a graça transforma. Queremos repartir a esperança de que a Igreja, suas instituições e organizações estão a serviço dos que precisam, quem quer que sejam e quaisquer que sejam suas necessidades.<sup>456</sup>

Ao se referir ao Reino e à Igreja, queria transmitir a noção de que a Igreja deveria avançar como um *locus* da alegria das coisas novas: das esperanças. Abandonando a noção de uma Igreja que permanece amarrada às tradições, tentando se auto-preservar, desejava celebrar o centenário do metodismo no Rio Grande do Sul com a proposta de uma Igreja aberta para a ação libertadora de Cristo. Esta visão diferente teria como resultado a condução da Igreja para a esperança da realização plena do Reino.

## 2.7. REINO E PAROUSIA

O Reino de Deus, para Aço, era decorrência da justiça e alimentado pela esperança de um mundo cheio de paz. Entretanto, “a paz desejada, como característica do Reino de Deus”<sup>457</sup>, ainda não ultrapassava a dimensão da esperança. Carecia de concretização real para a humanidade toda ainda mergulhada na injustiça. Este Reino era concebido como uma

<sup>455</sup> AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, set. 1985.

<sup>456</sup> AÇO, Uma visão... p. 21, jul./set.1985.

<sup>457</sup> AÇO, Isac. “...E venha a paz sem fim...”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 16, maio 1973.

promessa que já mostrava os seus sinais.<sup>458</sup> Já estava em fermentação no meio do povo cristão, não apenas como uma realidade particular<sup>459</sup>, mas como um desafio e uma provocação.<sup>460</sup> O Reino, na sua perfeição, ainda estava por acontecer no futuro. Ao mesmo tempo em que era uma dádiva de Deus contemplava uma parte que deveria ser resultado do esforço do ser humano. Os/as cristãos/ãs eram impulsionados em direção ao Reino<sup>461</sup> ao mesmo tempo em que eram provocados pela alegria da experimentação destes sinais. Desse desafio e dessa provocação nasceria a Missão da Igreja como um todo e dos cristãos/ãs em particular. Aço entendia que a paz, característica desse Reino, seria fruto da justiça. Não separava a vinda do Reino da aspiração da esperança: “A aspiração da vinda do Reino de Deus, quando a paz será uma realidade, tem sido uma constante de todos os que têm esperança. Essa esperança não é nem arbitrária nem incondicional: a paz será decorrência da justiça, ou não será paz verdadeira”.<sup>462</sup>

A paz era um bem desejado por todas as pessoas. Buscar o Reino, para Aço, implicava em buscar a paz verdadeira. Como todo o bem, a paz também tinha um custo que poucos/as estavam dispostos a pagar. Implicava numa “mudança de mentalidade, uma renúncia à opressão dos demais, uma renúncia ao desejo de supremacia”.<sup>463</sup> Havia uma premissa de que os mais ricos seriam necessariamente os mais dotados moralmente e que o progresso material, industrial, científico ou militar era sinônimo de humanização. O indicativo de mudança proposto por Aço rompia com esta premissa. Referia-se à história da humanidade na qual se constatava “que os poderosos caíram no momento em que a grandeza material ocupou o lugar dos valores humanos”.<sup>464</sup> Lembrava que em alguns momentos da “História Contemporânea, algumas nações poderosas [...] pensaram poder construir a paz a seu modo, dizerem o que seria a paz, ditarem as normas que regeriam a paz cujas condições seriam unicamente sua própria segurança”.<sup>465</sup> Tinha um entendimento crítico quanto à tentativa de nações e pessoas que desejavam construir a paz com base no crescimento da riqueza. Esta

---

<sup>458</sup> Estes sinais do Reino já podiam ser vividos pelos/as cristãos/ãs que aderiram a Cristo e se manifestavam como amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio, justiça, verdade (Gl 5.22-23; Ef 5.9).

<sup>459</sup> Ainda restrita aos cristãos/ãs que experimentavam os sinais do Reino na fraternidade comunitária de suas igrejas.

<sup>460</sup> AÇO, “...E venha ...”, p. 16, maio 1973.

<sup>461</sup> O direcionamento para o Reino sinalizava uma realização que aconteceria no futuro, mas dentro da história.

<sup>462</sup> AÇO, “...E venha ...”, p. 16, maio 1973.

<sup>463</sup> AÇO, “...E venha ...”, p. 16, maio 1973.

<sup>464</sup> AÇO, “...E venha ...”, p. 16, maio 1973.

<sup>465</sup> AÇO, “...E venha ...”, p. 16, maio 1973.

atitude representava uma rebeldia do ser humano que esquecia que, somente Deus é quem poderia oferecer a verdadeira liberdade:

A História Contemporânea (quem quiser que a saiba ler!) vem insistentemente nos mostrando que a criatividade humana é ambivalente e que toda nossa recente civilização, baseada numa busca incessante da riqueza, da produção e do consumo a troco dos bens mais profundos da existência não passam de um “bezerro de ouro” diante do qual nos dobramos esquecendo Deus que nos pode libertar da escravidão aos poderes, quaisquer que sejam.<sup>466</sup>

Ao tratar do tema Reino de Deus, uma diferença entre o “antes” e o “depois” fica evidente no pensamento de Aço. O antes, muito mais do que uma questão cronológica era o tempo do velho. Para isso ele se servia das categorias paulinas sobre o velho<sup>467</sup> e o novo.<sup>468</sup> O antes era o tempo no qual o conhecimento de Cristo não existia ou porque se relacionava com o antes de Cristo ou porque a pessoa não o conhecia com a profundidade de transformar radicalmente sua vida. O velho se referia muito mais ao modo de vida do que ao tempo em que a vida tomava um sentido novo. Examinando 2Co 5.16-20 ele dizia que o “antes” e o “já agora” eram muito mais do que momentos definidos no tempo. Tratava-se de perspectivas novas, de nova visão dos homens, olhando-os não mais “segundo a carne”<sup>469</sup>, mas olhando-os com os olhos de Deus. O novo tempo se referia ao agora e o para frente como sendo o espaço da renovação proporcionada por Cristo, pois nele a humanidade toda recuperava seu valor e sua dignidade diante de Deus. Em Cristo, o mundo se dividia em antes e daqui por diante. Cristo era o sinal evidente de que a renovação do mundo já começou no tempo e no modo. Dessa forma fundamentava-se no pensamento paulino para afirmar que o Reino já estava ali mas também era o que havia de vir para frente. Dizia que esta presença do novo “era como se a vida de Cristo trouxesse já o Reino, fosse já a presença antecipada do ‘novo’ que se aguarda, Ele é ‘as primícias’, o primeiro Homem ‘novo’, restaurando a imagem de Deus nos homens”<sup>470</sup>.

Nesta dimensão do novo inaugurada em Jesus Cristo, Aço concebia todo o relacionamento humano e divino que tinha implicações horizontais sérias a ponto de

<sup>466</sup> AÇO, “...E venha ..., p. 16, maio 1973.

<sup>467</sup> “Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado.” (Rm 6.5-8).

<sup>468</sup> “Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.” (Cl 3.9-11).

<sup>469</sup> AÇO, Implicações... [S.I.:s.d.], [Arquivo Familiar], p. 2

<sup>470</sup> AÇO, Implicações... [S.I.:s.d.], [Arquivo Familiar], p. 2

modificar, radicalmente, a maneira como o ser humano se relacionava com o seu semelhante, concebido como um outro. Na sua concepção não se tratava de uma construção do ser humano, mas um dom de Deus através de Jesus. Tal relacionamento se estabelecia numa dimensão que transcendia a concepção humana, mas inaugurava a dimensão divina no relacionamento do ser humano. Significava um novo relacionar-se com o outro. Não trazia os traços da uniformidade de pensamento, mas se referia a comum “participação na graça reconciliadora de Deus”.<sup>471</sup> A obra da reconciliação não era uma construção meramente humana, pois estava ligada à dimensão da novidade em Cristo. Era uma dimensão que somente poderia ser entendida a partir da cruz e da ressurreição, que manifestavam a vida plena. A reconciliação significava a aceitação da outra pessoa, não na dimensão humana, mas na mesma perspectiva da aceitação da cruz por Cristo:

Reconciliação não é algo que possamos fazer “segundo a carne” mas pertence à ordem das coisas novas que Jesus instaurou e que só podem ser entendidas a partir da cruz, da ressurreição onde a plenitude da novidade se manifestou. Reconciliação é a aceitação do “outro” não como o aceitaríamos naturalmente “segundo a carne”, mas como Deus o aceitou em Cristo, na cruz.<sup>472</sup>

Aço considerava que a ação reconciliadora era um processo contínuo, vivido em luta contra as próprias tendências, pois a pessoa não era automática e definitivamente detentora da graça e nem da reconciliação. Entendia que esta reconciliação não era um momento estático, da qual se participava apenas uma única vez pela graça de Deus.<sup>473</sup> Uma consequência desta nova dimensão do relacionamento humano era o crescimento no amor. Crescer em amor, não se constituía apenas numa bela decisão própria, mas “o resultado de profunda comunhão com Cristo, do conhecimento dele e da vivência com ele”.<sup>474</sup> A vivência do amor possibilitava a superação da ganância, da injustiça e do desrespeito aos direitos dos outros/as e a reconciliação seria a manifestação mais surpreendente deste amor.<sup>475</sup>

Segundo Aço, a convivência no Reino futuro seria consequência da vida de liberdade que implicava numa postura ética. A liberdade cristã, decorrente da responsabilidade pessoal, era a aceitação do ato de viver em comunidade e não uma alienação fruto de qualquer forma de isolamento.<sup>476</sup> Deveria ser uma maneira de viver em comum, assumindo riscos e buscando

<sup>471</sup> AÇO, Implicações... [S.I.:s.d.], [Arquivo Familiar], p. 5.

<sup>472</sup> AÇO, Implicações... [S.I.:s.d.], [Arquivo Familiar], p. 4.

<sup>473</sup> AÇO, Isac. Crescendo em relação com os outros. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 31, out./dez. 1973.

<sup>474</sup> AÇO, Isac. Santificação: crescendo em amor. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 21, out./dez. 1973.

<sup>475</sup> AÇO, Isac. Como se escreveria hoje o Natal. **A Razão**, Santa Maria, p. 9, 18 dez. 1973.

<sup>476</sup> AÇO, Crescendo... p. 32, out./dez. 1973.

alternativas desse viver conjunto que proporcionaria crescimento e maturidade na convivência coletiva, resultado do perdão de Cristo.<sup>477</sup> Assim, a liberdade cristã não deveria ser entendida como uma autonomia em relação ao mundo e nem como uma anomia, de quem age sem lei, mas um ato consciente de quem está envolvido numa estrutura social de co-responsabilidades.

A postura de denúncia aparece muito forte nos textos de Aço. Inconformado, com a situação de injustiça, exercia o seu direito de protestar. Juntamente com a denúncia, seus escritos mostravam o anúncio de um mundo diferente, construído a partir da realização do Reino de Deus. Um poema escrito a propósito do “Dia Nacional de Ação de Graças”, em 1981, misturava estes dois ingredientes. Depois de apresentar uma série de denúncias conclamava as pessoas para celebrarem o anúncio de um mundo novo. As condições dignas para um ser humano apareceram ao mencionar alimentos, moradia, remédios. Imaginava uma banda proclamando alegre a chegada de um tempo de abundância:

Vamos sair  
com todos os instrumentos,  
tocando na banda que anuncia  
a abundância de alimentos,  
moradia para todos,  
remédios que não fazem mal,  
e pessoas que buscam o bem.

Quero que  
todos os instrumentos toquem  
a música da vida,  
e o povo dance em procissão  
como nos tempos bíblicos,  
louvando o autor da Vida.<sup>478</sup>

Esta noção de realização plena do Reino não ultrapassava as fronteiras da esperança. Mas Aço queria que esta esperança fosse compartilhada com cada vez mais pessoas. Que além do sonho, pudesse conter traços de realização. Para tanto, convocava as pessoas e a Igreja para a obra missionária transformadora, visando à libertação proporcionada por Cristo e já vivida como experimentação no seio da Igreja. Queria todos/as vestindo o perfil de missionários/as para a realização do Reino de Deus.

<sup>477</sup> AÇO, Crescendo... p. 32, out./dez. 1973.

<sup>478</sup> AÇO, Isac. Poema em prosa para o Dia Nacional de Ação de Graças. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 16, nov. 1981.

**Gratidão do peregrino****Isac Aço**

*Estamos chegando, Senhor,  
pelas estradas da vida;  
por caminho tortuoso  
e por uma estrada sofrida  
E, enquanto caminhamos  
pela vida, qual estrada,  
nossa peregrinação  
foi testada e abençoada!*

*Estamos chegando, Senhor,  
pelas estradas da vida,  
trilhas de gente abatida,  
gente pisada e ferida.  
Senhor: somos peregrinos  
de um tempo que não é nosso;  
e nesta luta do tempo,  
amparaste nosso esforço.*

*Estamos chegando Senhor,  
pelas estradas da vida:  
por atalhos e trabalhos,  
curtindo dureza e lida.  
Choramos com os que choram,  
sorrisimos com os que riram  
e até pedimos perdão  
pr'aqueles que nos feriram!*

*Estamos chegando, Senhor,  
  
pelas estradas da vida:*

*com cautela percorridas,  
pelas surpresas colhidas.  
Eis-nos de todos os lados,  
estamos sobrecarregados  
e somos dos revoltados  
e dos marginalizados...*

*Senhor, depois desta etapa,  
estamos gratos a Ti,  
e nos sentimos felizes  
por estarmos a caminho  
e por não termos parado,  
apesar de toda a luta,  
mas toparmos a parada,  
com decisão absoluta!*

*Estamos peregrinando  
no tempo e no espaço,  
até que, contigo, um dia, acertemos  
nosso passo  
e, então, caminhemos livres  
pela estrada do bem.  
Aqui, os caminhos são duros,  
mas, contigo, bem seguros,  
havemos de chegar além!*

Este poema foi escrito para o “Dia Nacional de Ação de Graças”  
Santa Maria, novembro de 1973.

### 3. A TEOLOGIA DE AÇO NA PERSPECTIVA DA MISSÃO

#### 3.1. FUNDAMENTAÇÃO

Em sua visão crítica, Aço considerava que a Missão, objeto de preocupação das igrejas cristãs do ocidente, estava longe de aproximar-se do fim. Esta tarefa estava em seu recomeço. O cristianismo que apelava para a racionalidade do crente, pregado pela maioria dos missionários, havia deixado falhas em sua trajetória nos diferentes continentes. Já não estava correspondendo aos questionamentos substanciais da vida humana. Chegava a ser quase esterilizante a alternativa de uma religiosidade mística, que trazia no seu bojo a alienação e a fuga. Aço desafiava à geração contemporânea que constitui a Igreja a encarar a tarefa missionária, partindo da sua realidade contextual. A mensagem de esperança deveria dar uma resposta ao mundo decadente: “E a “Missão”, está no fim, ou anuncia-se uma era de recomeço? Isto dependerá muito de como nós formos capazes de responder ao desafio missionário de nossa época, encarnando uma mensagem de esperança para um mundo decadente.”<sup>479</sup>

Havia momentos em que Aço se servia de comparações para expressar o seu pensamento. Certa vez comparou o envolvimento das pessoas na Missão do Reino de Deus, com uma partida de futebol. No campo havia um grupo de onze jogadores para cada equipe e nas arquibancadas uma torcida de milhares de pessoas. Assim como no jogo, um pequeno grupo de pessoas assumia o compromisso e realizava a obra de Cristo: como o grupo de jogadores. Enquanto isso uma grande massa de torcedores do cristianismo se dizia cristã. O grupo que assumia a Missão do Reino de Deus tinha que “ser de boa qualidade para poder dar uma certa ‘forma’ a essa massa amorfa, e encarnar um pouco de suas esperanças e frustrações”.<sup>480</sup> Algumas pessoas tinham dificuldade de entender a abrangência da Missão da Igreja. Aço definia a Igreja Metodista na Segunda Região como uma igreja missionária. Ao responder a uma pergunta do jornal regional “Vida e Missão” conceituou a Missão da Igreja como uma nova dimensão qualitativa da vida resultante do compromisso da pessoa com Cristo. Disse que a Missão da Igreja resultava em assumir “o compromisso de Cristo com a vida abundante”.<sup>481</sup>

<sup>479</sup> AÇO, p. 7 jan. de 1975.

<sup>480</sup> AÇO, Isac. As lições do futebol. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 8, mar. 1975.

<sup>481</sup> AÇO, Isac. Entrevista com o Bispo Isac. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 4, abr. 1988.

Aço falou ao jornal regional “Vida e Missão” sobre as metas do Plano Regional. Motivado pela aprovação do PVMI pelo XIII Concílio Geral realizado em Belo Horizonte, em julho de 1982, procurava adequar o planejamento regional às diretrizes deste documento. Entre os elementos destacados no documento enfatizava o sentido do ministério sacerdotal de todos os crentes, com o propósito de envolver as pessoas da Igreja como participantes efetivas. Queria que todos/as se sentissem parte do corpo de Cristo e assumissem uma Missão específica de acordo com os seus dons. Desafiava as pessoas a se dedicarem às obras de misericórdia, que se constituíam no serviço consciente prestado à comunidade. Por outro lado, não descuidava de incentivar os/as metodistas à prática dos atos de piedade entendidos como participação nos atos litúrgicos e nos sacramentos da Igreja.<sup>482</sup> Acrescentava que o metodismo deveria, como testemunho dessa dupla dimensão, buscar a solidariedade, recusar a injustiça, a opressão e qualquer outro tipo de exploração:

O Metodismo vive entre dois pólos: o da fé como experiência de graça, dimensão vertical de comunhão com Deus (atos de piedade, segundo Wesley) e da vida de testemunho e serviço, dimensão horizontal da comunhão com o próximo em amor, e recusa da injustiça, da opressão e da exploração (atos de misericórdia).<sup>483</sup>

Complementando as metas já mencionadas, Aço destacava a importância da Igreja direcionada para o atendimento aos necessitados. As necessidades das pessoas entre sofrimentos e lutas deveriam estar na ordem do dia da Igreja. Desejava que a Igreja estivesse onde estavam “esses sofrimentos e essas lutas, tentando atendê-los na medida do possível”.<sup>484</sup> Incentivava as igrejas a apelarem para a participação da comunidade em geral quando as possibilidades da própria Igreja fossem extrapoladas. Salientava o perfil plural da Igreja e convocava às ações que demonstrassem amor, honestidade e capacidade de uma convivência cristã com a finalidade de edificar o corpo de Cristo e o seu Reino: “A diversidade existe e pode tornar-se riqueza ou embaraço, dependendo do nosso amor, de nossa honestidade e de nossa capacidade de conviver em Cristo, com vistas à edificação de Seu corpo e a implantação de Seu Reino.”<sup>485</sup>

Preparando o XXIV Concílio Regional da Segunda Região<sup>486</sup> Aço escreveu um documento, que se constituiu na diretriz para os diferentes segmentos da Igreja regional montar seus planejamentos. O documento, intitulado “Ênfases Regionais” constatava a

<sup>482</sup> CÂNONES, 2002, p. 22.

<sup>483</sup> AÇO, Isac. Palavra do Bispo: Graça e Paz. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, ago. 1985.

<sup>484</sup> AÇO, Isac. Conselho Geral. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 5, mar. 1983.

<sup>485</sup> AÇO, Palavra... p. 4, abr. 1988.

<sup>486</sup> O XXIV Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica foi realizado de 15 a 18 de dezembro de 1983 nas dependências do Instituto Metodista Centenário em Santa Maria, RS.

existência de uma dificuldade por parte das igrejas locais em considerar o trabalho com crianças<sup>487</sup> empobrecidas parte do trabalho missionário como um todo.<sup>488</sup> No início do seu episcopado<sup>489</sup>, as pessoas das igrejas locais enfrentaram dificuldades em aceitar as novas ênfases regionais, mas “com o passar dos meses, entretanto, houve um despertar das pessoas movido certamente pela situação precária do nosso povo que tem nas crianças um de seus indicadores mais agudos”.<sup>490</sup>

Esta mesma preocupação é possível encontrar no texto que escreveu sobre as comemorações do “Dia da Independência” de 7 de setembro de 1987. Sobre esta comemoração afirmava que “neste dia da Pátria vale a pena começar a reflexão a partir delas, *as crianças*, futuro da Pátria”<sup>491</sup> cujo presente ele considerava sombrio, agressivo e violento. Sua percepção era a de que, uma vez que a violência e a agressão estivessem instauradas contra as crianças a mesma coisa podia se dizer a respeito do futuro da própria Pátria, pois delas dependia a integridade da nação. A sociedade estava em guerra contra as crianças indefesas e os sobreviventes acabavam “entrancheirados nas Febens<sup>492</sup>, nas prisões, nas calçadas, ruas e favelas”.<sup>493</sup> Para Aço o evangelho declarava ser das crianças o Reino dos céus (Mc 10.14). Como tais, deveriam ser libertas da opressão para se tornarem “agentes da construção do novo mundo”.<sup>494</sup> Partindo do Evangelho de Mateus (Mt 9.35-38) entendia que no Reino de Deus só haveria privilégios se estes fossem para os esquecidos. Da mesma forma só haveria prioridades se estas fossem para as crianças.

A Missão da Igreja podia toda ser enfocada a partir da atenção às crianças empobrecidas conforme a visão missionária de Aço. Centralizando a Missão da Igreja nas crianças, poder-se-ia desenvolver uma ação globalizada caracterizada pela:

Ação Social, expansão missionária, crescimento em maturidade da igreja local através da capacitação de leigos e pastores, dinamização da igreja local,

---

<sup>487</sup> Como já foi mencionado no capítulo I, as crianças constituíam uma preocupação constante da pessoa e do trabalho do Bispo Isac Aço.

<sup>488</sup> Em 1983 a Igreja Metodista da Segunda Região Eclesiástica chegou a atender cerca de duas mil crianças empobrecidas. (AÇO, Isac. **Ênfases regionais**. Porto Alegre: Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista, [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], [s.d.], p. 01).

<sup>489</sup> Janeiro de 1983.

<sup>490</sup> AÇO, **Ênfases...**[s.d.], p. 01.

<sup>491</sup> AÇO, p. 15, out.1987.

<sup>492</sup> FEBEM – Fundação do Bem-Estar do Menor, na época, era uma instituição governamental que abrigava crianças e adolescentes infratores e se constituíam em prisões das quais se ouvia falar de maus tratos.

<sup>493</sup> AÇO, p. 15, out.1987, p. 15.

<sup>494</sup> AÇO, [Correspondência...] 19 de julho de 1990, 1 f.

aproveitamento de recursos humanos envolvimento com as agências de serviços, transformação da realidade.<sup>495</sup>

A expectativa dele era a de que através do trabalho sistemático com as crianças empobrecidas pudesse haver um maior acesso da Igreja a essa parcela da sociedade mais sofredora. Com isso, a Igreja encontraria a libertação em dupla mão: tanto das pessoas que sofriam, quanto da própria Igreja. Tinha a esperança que dessa aproximação intensa com as crianças empobrecidas e com suas famílias, poderia nascer um aprendizado e uma conscientização das pessoas da própria Igreja. Esta esperança era tão consistente que chegava a falar de conversão dos próprios crentes: uma conversão de usuários de igreja em servos como o Senhor Jesus:

Será também um aprendizado de acesso à sociedade mais sofredora e oprimida para, com ela, todos nos libertarmos dos poderes que nos impedem a plenitude. É a esperança de que, a partir da criança carente e abandonada, Deus nos converta em servos, à semelhança de Jesus.<sup>496</sup>

As comemorações do Centenário do Metodismo no Rio Grande do Sul<sup>497</sup> se constituíram num momento de inspiração missionária para Aço. Diversos foram os textos publicados em diferentes periódicos da Igreja, abordando este assunto.<sup>498</sup> Escrevendo à Voz Missionária enfocou o momento histórico no qual a Igreja do Rio Grande do Sul estava atravessando. Enfatizou o desafio que Deus colocava sobre a Igreja. Em sua visão, os missionários que começaram a obra metodista no Rio Grande do Sul fizeram um trabalho de ocupação do território. Estabeleceram igrejas e escolas, principalmente nos grandes centros urbanos, mas a primeira e a segunda gerações de metodistas<sup>499</sup> já havia desaparecido. A Igreja passava por um momento de consolidação, mas corria o risco da estagnação. Com esta reflexão em mente percebia os desafios que estavam colocados. As diferenças e contradições, próprias de uma transição de gerações, necessitavam ser superadas. De um lado, encontravam-se aquelas pessoas que desejavam permanecer com os antigos paradigmas de avanço territorial baseado nas glórias das conquistas missionárias do passado. De outro, estavam aqueles/as que estavam dispostos/as a encarar um novo momento missionário baseado na proposta de transformação da sociedade e de inclusão dos empobrecidos.

<sup>495</sup> AÇO, Ênfases...[s.d.], p. 02.

<sup>496</sup> AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, set. 1987.

<sup>497</sup> A entrada do metodismo no Rio Grande do Sul é 27 de setembro de 1885, data que marca a inauguração da primeira Igreja Metodista em Porto Alegre (JAIME, 1963, p. 22).

<sup>498</sup> Expositor Cristão; Vida e Missão, Voz Missionária, etc.

<sup>499</sup> Considera-se que a primeira geração de metodistas foi constituída pelas pessoas que tiveram contato direto com os missionários que implantaram o metodismo no Brasil e a segunda geração constituída pelos filhos/as dessa primeira geração.

Propunha que estas diferenças e contradições se transformassem em energias para o crescimento. Partia da convicção de que Deus estava pedindo à Igreja um grande passo de fé na direção da construção de um futuro compatível com esperança do Reino de Deus. Animava a todos/as que concentravam suas energias em fomentar contradições que as direcionassem para este avanço e aperfeiçoamento:

Não daremos um grande passo, encolhidos, e estou certo que Deus está nos pedindo um grande passo de fé neste momento. Nosso passado rico exige um presente corajoso para construirmos um futuro condizente com a esperança do Reino. As diferenças e contradições devem tornar-se força e energia para avançarmos e nos aperfeiçoarmos.<sup>500</sup>

Por ocasião das comemorações dos 250 anos da experiência religiosa de João Wesley, chamada mais tarde de experiência do “coração aquecido”<sup>501</sup>, Aço escreveu um texto relacionando a Teologia do fundador do metodismo com a realidade na qual Wesley estava inserido – e que o desafiou. A Igreja, que fazia justiça a Wesley, deveria, em primeiro lugar, ser fiel ao Cristo dos Evangelhos e, em segundo lugar, “capaz de ser crítica no momento próprio”<sup>502</sup>, ou seja, uma Igreja com capacidade de reconhecer a raiz dos clamores do seu tempo. Do ponto de vista da experiência em si, foi uma etapa desafiadora para a compreensão da Teologia da graça de Deus ao mesmo tempo em que impulsionava a pessoa na direção das desgraças do mundo. Estas desgraças deveriam transformar as pessoas em “agentes de anúncio das boas novas do Reino”<sup>503</sup>: “A experiência foi ponto de chegada e ponto de partida: etapa que continua nos desafiando a mergulhar nas profundezas da graça e agir no mar da desgraça como agentes de anúncio das boas novas do Reino.”<sup>504</sup>

Quando Aço colocava as linhas mestras da ação pastoral da Igreja, salientava a necessidade da integração, ilustrando suas idéias no formato de uma cruz. A dimensão vertical contemplava, em seus aspectos fundamentais, “a Evangelização global incluindo a experiência e o compromisso pessoal e social”.<sup>505</sup> Na dimensão horizontal, destacava-se “o serviço (a dimensão diaconal): serviço com as crianças empobrecidas e suas famílias e serviço com pessoas e grupos marginalizados (nas áreas rurais, nas favelas e em outras áreas pobres

<sup>500</sup> AÇO, Uma visão... p. 21, jul./set.1985..

<sup>501</sup> Esta data é assinalada por João Wesley como 24 de maio 1738 quando participou de uma reunião na Aldesgate Street, em Londres (HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista**. EDITEO/Pastoral do Bennet: São Bernardo do Campo / Rio de Janeiro, 1996, p. 80).

<sup>502</sup> AÇO, Isac. A Igreja que faz jus a João Wesley. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, jul. 1988.

<sup>503</sup> AÇO, **A Igreja que...** p. 15, jul. 1988.

<sup>504</sup> AÇO, **A Igreja que...** p. 15, jul. 1988.

<sup>505</sup> AÇO, Isac. [**Linhas Mestras da Ação Pastoral**]. [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], [S.I.: s.d.], p. 1.

das nossas cidades)”.<sup>506</sup> Salientava que o centro desta cruz era composto pelas igrejas locais<sup>507</sup>, instituições<sup>508</sup>, ministérios<sup>509</sup> e federações de grupos societários<sup>510</sup> de onde deveria irradiar a caminhada para fora na direção da Missão do Reino de Deus.

As crianças empobrecidas, que perambulavam pelas ruas das diferentes cidades, como Porto Alegre e Santa Maria onde Aço fora pastor, como até de outras nações, haviam marcado a sua vida. A compaixão por estas crianças o levou a manter o mesmo tema como centro do trabalho missionário da Segunda Região. Percebia-se convertido à justiça do Reino de Deus, pelas crianças, ao mesmo tempo em que esperava que elas continuassem a provocar, de forma intensa a toda Igreja. Este centro constituía o âmago da cruz, do qual, inspirado nos escritos do apóstolo Paulo (Rm 6.6), irradiava e mobilizava a Igreja a se voltar para fora:

Daí irradia (ou deveria irradiar) essa caminhada para fora - a missão. Esse âmago é ao mesmo tempo o lugar de irradiação e de sofrimento: é o que Paulo dizia “já estou crucificado com Cristo”. Para ir e servir preciso romper a inércia, assumir o sofrimento dos outros, mudar de ênfase: não mais para si, mas para fora, para os outros.<sup>511</sup>

Neste sentido notava que a evangelização não se constituía numa prioridade na Segunda Região enquanto ajuda às pessoas para que respondessem “positivamente ao amor de Deus revelado em Cristo”.<sup>512</sup> Em contrapartida a Região havia dado muita ênfase ao trabalho educacional e social. Ficava, num plano mais secundário, o trabalho evangelístico enquanto sensibilização de pessoas à conversão pessoal.<sup>513</sup> O trabalho evangelístico, trazido pelos missionários e implantado no Brasil, se apresentava como “uma alternativa à Igreja Católica”.<sup>514</sup> Nesta etapa, a evangelização consistia em pregar a mensagem, afirmando que “ser salvo” significava abandonar o catolicismo e ingressar na Igreja Metodista onde era possível ler a Bíblia, viver a santidade, ouvir o culto em português, adorar somente a Cristo:

<sup>506</sup> AÇO, [Linhas...] [S.I.: s.d.], p. 1.

<sup>507</sup> Igreja local é a base da estrutura eclesiástica da Igreja Metodista e é composta de uma comunidade de fé, autônoma administrativamente, vinculada às instâncias superiores: Distrito e Região Eclesiásticos (CÂNONES, 2002, p. 255).

<sup>508</sup> “As instituições da Igreja são organismos estabelecidos e institucionalizados para a realização da Missão, segundo áreas do Plano para a Vida e a Missão”. (CÂNONES, 2002, p. 283).

<sup>509</sup> Forma de organização missionária da Igreja Metodista conforme regimento das igrejas, regiões e área geral (CÂNONES, 2002, p. 267).

<sup>510</sup> Grupos Societários são segmentos da Igreja Metodista compostos por pessoas de diferentes faixas etárias e agrupamentos específicos, reunidos para tratar de necessidades específicas de cada faixa etária e normalmente reúnem homens, mulheres, jovens, juvenis e crianças em segmentos separados. (CÂNONES, 2002, p. 271).

<sup>511</sup> AÇO, [Linhas...] [S.I.: s.d.], p. 1.

<sup>512</sup> AÇO, Isac. [Correspondência: Avaliação da Evangelização]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], out. 1990, p. 1.

<sup>513</sup> AÇO, [Correspondência: Avaliação...], out. 1990, p. 1.

<sup>514</sup> AÇO, [Correspondência: Avaliação...], out. 1990, p. 1.

A verdade é que, até a bem poucos anos, o nosso “evangelismo” era também proselitismo, no sentido de que “ser salvo” significaria sair da Igreja Católica Romana para a Igreja Evangélica ou, mais especificamente, para a Igreja Metodista. Podia não ser dito explicitamente para a Igreja Metodista. Podia não ser dito explicitamente, mas a motivação era forte: lá não se lia a Bíblia, aqui era conhecida de cor; lá não se enfatizava a santidade, aqui era exigida; lá ninguém estava consciente da missão, aqui se enfatizava o testemunho; lá se falava em latim e se adoravam os “ídolos”, aqui era diferente.<sup>515</sup>

Segundo AÇO, durante a obra de implantação do metodismo no Brasil, a evangelização propunha a valorização do indivíduo, especialmente quando se considerava “os grupos liberais, livres pensadores, maçons e outras pessoas que desejavam uma religião mais racional”.<sup>516</sup> Suas marcas eram a “leitura e interpretação individual das escrituras, a fé como decisão pessoal e o sacerdócio universal de todos os crentes”.<sup>517</sup> Estes ingredientes eram particularmente atrativos para a sociedade brasileira acostumada a ceder, diante das imposições do clero católico. Esta evangelização protestante, que propunha um projeto político claro, tanto na Europa como nos Estados Unidos da América do Norte, consistia em uma alternativa de democracia. Por se constituírem em grupos minoritários, não identificados com a cultura popular e particularmente divididos por causa das disputas entre si, o protestantismo brasileiro não conseguiu construir um “projeto político homogêneo, muito menos hegemônico”.<sup>518</sup> Por isso mesmo não foi capaz de se colocar como alternativa social e política. Dessa forma, o protestantismo implantado no Brasil preferiu permanecer no campo exclusivamente religioso, dando ênfase à conversão pessoal, ao conhecimento da Bíblia acentuando, por isso, o individualismo proporcionado por “uma religião de decisão pessoal e não de engajamento social, familiar”.<sup>519</sup> Neste contexto a prioridade foi o crescimento numérico de pessoas sem uma proposta social significativa. Dessa maneira buscou a inserção na sociedade através de um projeto alternativo pela via das instituições educacionais. Mesmo que representasse uma nova visão de educação e de democracia, o protestantismo brasileiro como um todo, e o metodismo em particular, não foi capaz de se constituir numa proposta de justiça e igualdade social. Em função disso o metodismo optou por um processo de absorção social, buscando a legitimação ao invés de se constituir num “grupo questionador da situação e estrutura político-social e econômica”.<sup>520</sup>

---

<sup>515</sup> PARA, 1992, p. 57.

<sup>516</sup> AÇO, Isac. [**Correspondência: Evangelização: desafio e possibilidades**]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], out. 1990, p. 1.

<sup>517</sup> AÇO, [**Correspondência: Evangelização...**], out. 1990, p. 1.

<sup>518</sup> AÇO, [**Correspondência: Evangelização...**], out. 1990, p. 1.

<sup>519</sup> AÇO, [**Correspondência: Evangelização...**], out. 1990, p. 1.

<sup>520</sup> AÇO, [**Correspondência: Evangelização...**], out. 1990, p. 1.

Aço entendia que o projeto político desenvolvido pelos protestantes apareceu no Brasil somente na década de 1990, durante o governo do Presidente José Sarney, com o ressurgimento da Confederação Evangélica do Brasil. Entretanto, travava-se de um projeto de submissão ao poder vigente com o objetivo de “busca de benefícios tais como concessões de emissoras de rádio e repasse de verbas”.<sup>521</sup> Ficava caracterizado o perfil pragmático do projeto político representado pelos deputados da chamada “bancada evangélica”<sup>522</sup> que, ao contrário da sua natureza protestante, tendia “a assumir postura não crítica, de submissão aos interesses do capitalismo, receosa de mudanças”<sup>523</sup> que poderiam parecer esquerdistas, isto é, comunistas. Este perfil foi reforçado mais uma vez pela postura da ideologia liberal norte-americana que alimentava os novos grupos protestantes do país:

Ainda que os evangélicos não apresentem um Projeto Político de evangelização das estruturas, mas envolvimento pragmáticos, ocasionais, vai-se estabelecendo que as Igrejas evangélicas ao contrário de sua natureza protestante tendem a assumir postura não crítica, de submissão aos interesses do capitalismo, receosas de mudanças que possam comprometer-se com qualquer tendência de esquerda por receio do comunismo. Nesta postura, jogou papel importante toda a ideologia liberal norte-americana repassada pelos grupos evangelizadores em avalanche no país.<sup>524</sup>

Algumas igrejas históricas, segundo Aço, enfrentavam um dilema por causa de sua postura ecumênica, que contrastava com o projeto de evangelização que estimulava a conversão pessoal, individualista, sem compromisso com o envolvimento pela transformação social. Este tipo de projeto de evangelização buscava o crescimento numérico das comunidades como paradigma de igreja viva, evangelizadora. Os defensores da evangelização conversionista acusavam o outro grupo de se constituir numa “Igreja sem força” que não crescia.

Em 1969 Aço já constatava, através das estatísticas das igrejas locais, cujos números que não cresciam no mesmo ritmo de antes, a perda de membros das igrejas locais. Sinalizava que a época áurea dos templos repletos pertencia ao passado, bem como as séries de pregações<sup>525</sup> não conseguiam mais encher os templos e os apelos à conversão não eram “tão prontamente atendidos como outrora”.<sup>526</sup>

<sup>521</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 2.

<sup>522</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 2.

<sup>523</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 2.

<sup>524</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 2.

<sup>525</sup> Campanhas evangelísticas baseadas em promoções efetivas de convites públicos para ouvir as pregações de pastores ou evangelistas entusiastas; este projeto evangelístico alinhado com o projeto missionário liberal grassava nas décadas de 1950 e 1960.

<sup>526</sup> PARA, 1992, p. 57.

O desenvolvimento das novas igrejas<sup>527</sup> servia de argumento para contrastar com a estagnação numérica das igrejas com ênfase no evangelho de libertação social. A Igreja Metodista estava neste impasse e necessitava resolvê-lo: deveria decidir entre ser fiel à evangelização que envolvia a totalidade da pessoa ou aderir ao grupo de igrejas que se preocupava com o seu próprio crescimento:

É este o dilema em que nos encontramos neste momento, como Igreja minoritária. Quem está engajado em uma evangelização global, cresce pouco e parece, por isso, perder a legitimidade. Por outro lado há cada vez maior número se envolvendo em uma evangelização pragmática a troco de resultados tais como promessa de cura, de emprego, de soluções, familiares, o que de fato, teria relação com a busca de plenitude, porém não toca a raiz do mal no mundo – os poderes em luta pelo domínio e a exploração do homem pelo homem.<sup>528</sup>

Aço procurava responder aos questionamentos e desafios a partir de suas concepções teológicas pastorais. Cria que a conversão era um processo contínuo de mudança e que o batismo deveria ser apenas o ingresso na Igreja/corpo de Cristo. A apropriação da graça era uma busca e não um ponto de chegada e sem ela, a Igreja não seria mais do que um povo vazio. Por isto, deveria ser um princípio para todos/as os/as metodistas, “encaminhar as pessoas a uma comunidade de fé, para crescimento, para comunhão e para o exercício dos ministérios correspondentes aos carismas, e às necessidades da comunidade”.<sup>529</sup> Entendia que o apelo à conversão não poderia se transformar num apelo para a fuga, mas um desafio ao compromisso. A conversão não significava “sair do mundo, mas não se conformar com ele”.<sup>530</sup> Deveria ter a dimensão da novidade, de viver na fé, viver em amor, viver na esperança.<sup>531</sup> Portanto, o processo da conversão deveria conter o profundo chamamento do Espírito para viver no Reino de Deus. O apelo para voltar-se para Deus, movimento que só adquiria valor e sentido como demonstração de vontade de voltar-se para o próximo, tinha a dimensão de re-nascer no Espírito e sempre deveria fazer parte da Missão evangelística dos metodistas.<sup>532</sup> A conversão não era o resultado de um enfrentamento entre o ser humano e Deus onde acontecia um ato de humilhação e uma conseqüente ação do perdão divino. Era um processo de direcionamento, de levar a pessoa “a mudar para o lado do povo”.<sup>533</sup> Esta concepção estava relacionada com uma proposta de solidariedade com o povo e de

<sup>527</sup> Considere-se as igrejas do grupo chamado neo-pentecostal (Ex: Universal, da Graça, etc.).

<sup>528</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

<sup>529</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

<sup>530</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

<sup>531</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

<sup>532</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

<sup>533</sup> AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 2, abr. 1988.

“identificação e compromisso na esperança de que o Reino de Deus”<sup>534</sup> se estabelecesse. Noutra dimensão, a conversão se constituía na condução de pessoas ao encontro celebrativo com Deus. Era dessa forma que acontecia o reconhecimento do senhorio de Cristo. A partir da constatação de que o verdadeiro confronto entre o ser humano e Deus já havia acontecido um dia no calvário e o sacrifício já havia sido selado restava ao ser humano celebrar a misericórdia divina num culto de ação de graças:

Também estamos chamados a uma conversão não como um momento em que Deus e o homem se confrontam, sós, inexoravelmente, entre castigo e salvação, mas quando uma comunidade apresenta a Deus seus filhos, ou convidados, em resposta ao convite divino para integrar a festa do Reino e o compromisso da obediência. O confronto entre Deus e homem deu-se já em Cristo, na cruz.<sup>535</sup>

Aço percebia que a preocupação com o crescimento numérico da Igreja era uma característica das pessoas da classe média em ascensão, as quais tendiam a converterem-se “em carismáticos com forte dose de alienação, consumindo bens espirituais sem compromisso social”.<sup>536</sup> Notava que os metodistas sentiam considerável atração por esta tendência em função da identificação social com os segmentos que aderiam à tendência carismática.<sup>537</sup> Todas estas situações o conduziam a levantar uma série de questões, as quais a Igreja necessitava encontrar uma resposta com certa brevidade:

Nossos impasses são também nossos desafios. Caracteriza-se da seguinte forma: como sermos fiéis a nossa Teologia evangelizadora, apelativa à conversão, em um contexto ecumênico? Como chamar à conversão e à adesão à Igreja Metodista, pessoas que, em princípio pertencem à Cristandade Católica? Como superar o aparente impasse entre o apelo à conversão pessoal e o engajamento no Reino como semente de nova estrutura social?<sup>538</sup>

Aço entendia que a obra missionária, realizada em diferentes continentes, ainda havia muito que fazer em virtude de novos desafios que se impunham para as igrejas. Por um lado havia a noção de uma Igreja desencarnada da realidade das populações, por outro, o avanço de uma forma alienante de religiosidade que cada vez mais avançava sobre as populações marginalizadas. Um novo momento se instalava como possibilidade para a Igreja Metodista através do PVMI, que trazia a proposta da Teologia da Libertação. Era tempo de aproveitar para corrigir as falhas iniciais e apresentar o Evangelho como uma boa notícia de libertação para todas as pessoas. Percebia que o cumprimento desta Missão não deveria ser obra de uma

---

<sup>534</sup> AÇO, Palavra..., p. 2, abr. 1988.

<sup>535</sup> RELATÓRIO, 1990, p. 59-80.

<sup>536</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

<sup>537</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

<sup>538</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 3.

ou de outra denominação, mas do conjunto das igrejas cristãs, unidas, formando um único corpo de Cristo.

### 3.2. MISSÃO E UNIDADE

Uma sabotagem à Missão – era dessa forma que Aço conceituava a desunidade<sup>539</sup> da Igreja. Sabotagem porque retardava o plano de redenção de Deus. Refletindo sobre a relação que deveria haver entre unidade da Igreja e Missão, constatava que a desunião se constituía num pecado. Isto representava “a negação da própria natureza da Igreja”.<sup>540</sup> Partindo da Epístola de Paulo aos Efésios nas expressões de dizem: “há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”, (Ef 4.5-6) Aço entendia que a garantia da unidade da Igreja repousava sobre o próprio Cristo. Não era algo que as pessoas de boa vontade pudessem criar por vontade própria, mas se tratava de uma unidade cuja essência repousava sobre a obra reconciliadora do Senhor. Segundo ele, a unidade pertencia à natureza da própria reconciliação. Assim, a unidade da Igreja não podia ser criada ou promovida por ela, pois já era parte da sua existência. Ao se dividir, a natureza dela própria era negada, perdia a autenticidade e o senhorio de Cristo desaparecia.<sup>541</sup>

Entretanto, ao falar do pecado que a Igreja cometia ao se dividir, afirmava que mesmo assim Deus, em sua infinita misericórdia, havia usado a Igreja, a despeito de sua divisão, para salvar vidas e realizar sua obra no mundo.<sup>542</sup> A unidade da Igreja não era apenas uma questão de querer aparecer aos olhos do mundo com uma pretensa unidade. Não existindo a Igreja, senão por sua Missão, a questão da desunidade era um escândalo em toda a sua existência, em sua fidelidade.<sup>543</sup> O século XX que tinha se iniciado como o “século missionário”<sup>544</sup> no qual as diferentes denominações protestantes expandiram suas fronteiras em direção aos novos continentes (América Latina e África) passou a ser entendido como o “século ecumênico”<sup>545</sup>, no qual a Igreja tentava superar suas divisões e ser fiel ao seu Senhor. Esta superação passou a ser o desafio que se colocou para toda a Igreja, já que sem unidade

<sup>539</sup> Neologismo criado pelo Bispo Isac Aço para salientar a falta de unidade da Igreja.

<sup>540</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>541</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>542</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>543</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>544</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>545</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

não poderia haver Missão.<sup>546</sup> A unidade era um dom e a Missão era a resposta que a Igreja deveria dar a esse dom. Aço salientava a afirmação bíblica (Jo 17.23) de que a unidade era essencial para que o mundo viesse a crer. Considerava a unidade fundamental para a Missão. Neste sentido ressaltava a importância da obra reconciliadora da Igreja como elemento indispensável ao cumprimento desta Missão. Negar a unidade significava empanar a visão da Missão, pois na desunião não se consegue reconhecer a ação de Deus. A tendência do cristão/ã é identificar a ação de Deus com a própria posição pessoal e individual ou com a posição da sua denominação ou instituição. Esta unidade deveria preparar a Igreja para o diálogo cujo objetivo seria conhecer a posição do/a outro/a ao contrário de tentar “converter” o outro/a a sua visão, “mas compreender sua posição e descobrir nele as marcas legítimas cristãs”.<sup>547</sup>

Refletindo sobre a expressão de Atos dos Apóstolos segundo a qual “todos os que creram estavam juntos” (At 2.44), questionava a validade da Igreja que não conseguia estar junta. Em um poema intitulado “Estavam juntos”, ele perguntava:

- Será que ainda hoje vivemos assim?
- Ou cada um foge de ti, e de mim?
- Será que ainda hoje nós somos Igreja?
- Ou vivemos longe, que ninguém nos veja?<sup>548</sup>

A partir de sua participação na Conferência da IAMS, na Alemanha, em 1974<sup>549</sup>, fez uma reflexão sobre a metodologia da Missão que as Igrejas desenvolviam nos diferentes continentes considerados pagãos. Cria que havia chegado a hora dos cristãos/ãs examinarem seus pressupostos missiológicos e promoverem um exame de consciência sobre as suas posturas missionárias, caracterizadas mais com a imposição de uma maneira de ser do que com um compartilhar evangélico de vidas. Havia chegado o momento dos/as cristãos/ãs refletirem, com humildade, sobre a postura que assumiram, confundindo sua Missão com a imposição de uma maneira de ser comprometida com os pecados da sociedade. Muitas vezes esta postura representou a falta de solidariedade no que se referia às riquezas da graça:

Chegou a hora de aceitar humildemente que nosso cristianismo se confundiu terrivelmente com os pecados de nossa sociedade e que muitas vezes o que

<sup>546</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>547</sup> AÇO, Unidade..., p. 11, set. 1970.

<sup>548</sup> AÇO, Isac. “Estavam juntos”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 3, jan. 1976.

<sup>549</sup> Conforme p. 41.

quisemos foi impor um modo de vida e não compartilhar as riquezas da graça que é repartida a todos.<sup>550</sup>

Aço entendia que a unidade deveria ser buscada através do diálogo, da ação conjunta entre as Igrejas e no próprio conteúdo da educação cristã. O fundamento bíblico e teológico para esta afirmativa era o de que a Igreja se constituía no corpo, do qual Cristo era o cabeça. Portanto deveria haver unidade no corpo a despeito de suas particularidades.<sup>551</sup> A unidade se expressava em duas dimensões, “a vertical”, como o dom de Deus e a “horizontal”, como “a resposta do povo de Deus vivendo em unidade para a Missão”.<sup>552</sup> A dimensão vertical, a essência da unidade, repousava sobre a obra reconciliadora de Cristo e sua relação com o Pai. Não havia unidade que fosse apenas “espiritual” como também não havia Igreja “invisível”.<sup>553</sup> A unidade no Espírito era “para ser manifesta no verdadeiro amor e no verdadeiro testemunho da fé”.<sup>554</sup> Existiam razões históricas e sociológicas para tais divisões, mas quaisquer que fossem os motivos e as “desculpas”, ainda assim permanecia o fato de que a desunião era pecado. A desunião significava a negação de tudo o que a Igreja tinha para afirmar: “unidade na reconciliação, amor na vivência e submissão ao Senhorio único de Cristo”.<sup>555</sup>

A dimensão horizontal era constituída da resposta do ser humano ao dom da unidade. Não se tratava apenas de um dado estatístico, mas uma resposta de obediência em que o objetivo seria para que o mundo conhecesse a Cristo e se tornasse participante da obra da reconciliação. A dimensão vertical da unidade estava perfeita, mas o que faltava era a dimensão horizontal da unidade, aquela que pertencia à Igreja.<sup>556</sup>

Aço cria que a unidade se constituiria na superação da suspeita de que essas diferenças ameaçavam a integridade denominacional.<sup>557</sup> A unidade deveria ser construída dentro de um espírito de arrependimento. Por outro lado, ele não confundia unidade com uniformidade. Não cria que a riqueza de Deus fosse mesquinha a ponto de enquadrar a realidade toda em um único padrão. A diversidade deveria constituir o pano de fundo da unidade. A unidade, portanto, não significava a anulação das diferenças. Não era possível reconhecer a ação de Deus nos outros sem projetar a própria posição como sendo a ação de Deus. A unidade deveria ser construída diante da cruz de Cristo. Diante dela, as posições

---

<sup>550</sup> AÇO, p. 7, jan. 1975.

<sup>551</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>552</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>553</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>554</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>555</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>556</sup> AÇO, Unidade..., p. 10, set. 1970.

<sup>557</sup> AÇO, Unidade..., p. 11, set. 1970.

personais pareciam tão mesquinhas, tão egoístas que restaria apenas confessar o próprio fracasso. A Igreja não poderia eximir-se do diálogo com os demais cristãos/ãs, mas ao contrário, deveria promovê-lo.<sup>558</sup>

Para Aço, na concepção de unidade da Igreja estava contida a noção de diversidade. A diversidade, no entanto, não deveria ser interpretada como divisão. A presença de Cristo por Seu Espírito na Igreja era a garantia suficiente de que as forças demoníacas não a dominariam. Caso a presença do Espírito Santo não representasse a garantia da unidade não seriam pelos esforços humanos que ela aconteceria.<sup>559</sup> A busca pela unidade deveria consistir no diálogo, buscando na metodologia de aproximação. O diálogo possibilitava a liberdade cristã.<sup>560</sup>

Quando a Igreja Metodista filiou-se ao CONIC, em 1982, no XIII Concílio Geral, o mesmo que elegeu Isac Aço, bispo, o “Mosaico”<sup>561</sup> promoveu uma entrevista para saber qual a sua opinião sobre esta filiação. Alguns aspectos desta entrevista foram reveladores das posições pastorais e teológicas dele sobre a unidade da Igreja. Em sua primeira resposta apontou para as tensões relativas à participação da Igreja Metodista no CONIC salientando pontos de oposição no seio da Igreja. Identificava a resistência de algumas pessoas das igrejas locais em se associar com a Igreja Católica Apostólica Romana, receosas de que isto pudesse representar certa ingerência nas áreas política e social. Muitas pessoas entendiam que a Igreja deveria preocupar-se com exclusividade das “coisas do espírito” e, portanto, desistir da questão ecumênica.

Segundo Aço, a participação da Igreja no CONIC não representava qualquer risco de interferência doutrinária. Tratava-se de uma associação para testemunho naquilo que, juntas, as Igrejas podiam testemunhar. Representava uma grande oportunidade de participação para a Igreja Metodista, pois o CONIC destinava-se ao serviço comum ao ser humano, em suas grandes necessidades. Através desta participação a Igreja poderia ampliar seu compromisso com a sociedade. Em especial, a Igreja poderia erguer a sua voz profética para denunciar situações que descaracterizavam o ser humano como imagem de Deus:

---

<sup>558</sup> AÇO, *Unidade...*, p. 11, set. 1970.

<sup>559</sup> AÇO, [*Carta...*], maio 1970, 2 f.

<sup>560</sup> AÇO, *Crescendo...* p. 31, out./dez. 1973.

<sup>561</sup> Órgão de divulgação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.

Creio que as tensões relativas à nossa participação no CONIC giram em torno de duas questões básicas: a primeira, pelo receio de não aceitação por parte das Igrejas locais em participarmos de uma associação com a Igreja Católica; e a outra, que traz no seu bojo o receio de que esta relação com a Igreja Católica corra o risco da interferência na área política e social o que, para muitos, não deve ser do domínio da Igreja que deve preocupar-se mais, se não exclusivamente, com as coisas do Espírito.<sup>562</sup>

A vivência da presença do Espírito Santo, concretizada no amor transformador, se constituía num desafio à Igreja fiel, naquele momento histórico, segundo a visão de Aço. Entretanto, isto não seria tarefa para uma pessoa ou para uma Igreja isolada apenas. Deveria ter uma amplitude ecumênica das igrejas que tinham o sentido da unidade: “Viver esta presença do Espírito na prática do amor transformador é o desafio proposto à Igreja fiel neste final de milênio. Esta não será obra de uma pessoa, mas de uma Igreja ou da Igreja em seu sentido ecumênico; precisamos da unidade.”<sup>563</sup>

A despeito dos receios que havia no interior da Igreja Metodista, o seu ingresso no CONIC foi um passo marcante para Aço. Tinha convicção de que a vivência ecumênica não resultaria da desfiguração de qualquer identidade denominacional. A prática da Missão de forma isolada representava um pecado contra o corpo de Cristo: era uma sabotagem à Missão. Em unidade com as demais Igrejas, o cumprimento da Missão era uma responsabilidade pastoral de toda a Igreja, na qual todos os ministérios deveriam se envolver.

### 3.3. MISSÃO E PASTORAL

A preocupação com a ação pastoral da Igreja apareceu numa mesa redonda, na qual se refletia sobre a Autonomia da Igreja Metodista<sup>564</sup>, realizada com os bispos que lhe antecederam no episcopado da Região<sup>565</sup>, no ano em que se comemorava cem anos de presença do metodismo no Rio Grande do Sul.<sup>566</sup> Entre as preocupações de Aço estavam as famílias do campo. Cria que a Igreja deveria avançar bastante para as zonas rurais, sentindo

<sup>562</sup> AÇO, p. 3, dez. 1982.

<sup>563</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>564</sup> A Autonomia da Igreja Metodista no Brasil foi assinada em 2 de setembro de 1930 e resultou de um processo de negociação construído por uma comissão conjunta formada por leigos/as e clérigos da Conferência Central da Igreja Metodista Episcopal do Sul, no Brasil e missionários representando a Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos da América (CÂNONES, 2002, p. 15.).

<sup>565</sup> Bispo José Pedro Pinheiro, período de 1957 a 1971; Bispo Sady Machado da Silva, período de 1971 a 1983 e com o Rev. Derly de Azevedo Chaves (pastor aposentado) conforme QUADRO cronológico dos concílios: 2ª Região Eclesiástica. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVI CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 26., 1986, Santa Maria. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1986, p. 14.

<sup>566</sup> Esta edição do jornal foi lançada durante a Concentração dos Cem Anos de Metodismo como parte das comemorações do centenário do metodismo no Rio Grande do Sul, ocorrida em 28 de setembro de 1985 no Ginásio Moreland, do Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista.

que o campo continuava sendo um desafio pastoral para a Região.<sup>567</sup> Segundo Aço, o crescimento da Igreja passava pelo envolvimento de leigos/as. Neste cenário, o trabalho do/a pastor/a voltaria a ser como no passado, um itinerante, um peregrino.

Além disso, toda a Igreja, imbuída do espírito missionário, deveria se tornar peregrina na mesma proporção em que habitava no meio de um povo peregrino que vivia em um mundo onde havia “violência, guerra, poderes malignos que se defrontam, para sugar o sangue inocente”.<sup>568</sup> Por isso considerava fundamental que a Igreja conhecesse essa sociedade naquilo que determinava a vida de seu povo. Da mesma forma constatava que esta Igreja era uma instituição real “composta de homens e mulheres com seus posicionamentos, sua busca de poder”.<sup>569</sup> Queria uma Igreja identificada com a sociedade e seu povo na medida em que se voltasse para o campo e para bairros desatendidos nas cidades: “Os desafios estão aí, e eu acho que a Igreja Metodista, pela sua tradição e a sua origem, realmente é uma Igreja peregrina e itinerante. O espírito é que tem de exigir. O espírito de que a Igreja vive em Missão, vive em trabalho, vive em ação”.<sup>570</sup>

Uma das características distintas do metodismo do Rio Grande do Sul estava entre as suas preocupações pastorais no cargo de Bispo. O metodismo no Rio Grande do Sul foi consequência da obra da Igreja Metodista Episcopal do Norte dos Estados Unidos.<sup>571</sup> Na Igreja do Norte havia uma mentalidade mais voltada para o Evangelho Social e menos preocupada com regras puritanas de combate aos vícios do fumo, do consumo da bebida alcoólica e da prática da dança. Nas demais regiões da Igreja Metodista o metodismo foi obra da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos onde alguns costumes puritanos tiveram maior influência.<sup>572</sup> Esta característica do metodismo no Estado buscava a inclusão de segmentos sociais comumente deixados de lado no trabalho por outras Igrejas. Olhava com preocupação o crescimento da pobreza no país e a ausência de pessoas empobrecidas no seio das igrejas locais. Esta preocupação deveria se tornar uma diretriz pastoral com a intenção de mudar o rumo da ação pastoral da Igreja Metodista nesta Região:

---

<sup>567</sup> AÇO, Isac. Do lombo do cavalo ao dia de hoje (mesa redonda). **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, set. 1985.

<sup>568</sup> AÇO, Isac. História da fé e coragem. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 8, set. 1985.

<sup>569</sup> AÇO, História..., p. 8, set. 1985.

<sup>570</sup> AÇO, Do lombo..., p. 3, set. 1985.

<sup>571</sup> JAIME, Eduardo Mena Barreto. **História do metodismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Própria, 1963, p. 21.

<sup>572</sup> LONG, Eula Kennedy. **Do meu velho baú metodista**. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1968, p. 98.

Nós somos um Estado onde a família tem características muito próprias de comunidade. Então isso tem uma conotação diferente de estados como São Paulo, por exemplo, onde as relações familiares têm outra conotação. Talvez uma das coisas dentro disso seria de nós, além de continuarmos uma Igreja aberta, como sempre fomos, particularmente aqui no RS, aberta para todos, e isso é importante, não apenas para alguns grupos, e especialmente hoje que o Brasil se empobreceu num certo sentido, há muito mais gente pobre, e as classes pobres são muito grandes, que nós estejamos abertos também para esse povo das periferias.<sup>573</sup>

A orientação pastoral que Aço imprimia ao seu episcopado incluía elementos básicos, tanto do ponto de vista doutrinário, utilizando textos bíblicos para sustentar suas reflexões, quanto buscando ancorar sua ação episcopal nos documentos aprovados pela Igreja. Referindo-se ao PVMI, utilizava seus relatórios para lançar desafios, incentivar, animar, fortalecer a vida e a esperança da Igreja. Ao relatar ao XXIV Concílio Regional falou aos delegados sobre caminhada e caminho, fazer paradas e avançar, ter direção e orar.<sup>574</sup> Não descuidava de referir-se à cautela e à avaliação constante, ao mesmo tempo em que salientava a necessidade de ser rápido em outros momentos. Constatava que a direção já estava dada. Com a sabedoria que Deus poderia oferecer havia a necessidade de experimentar a andança e aceitar as críticas como importantes, mas seguir em frente com a proposta:

Irmãos é preciso que entendamos a caminhada em que nos encontramos. Estamos no caminho! Nele temos que ir cautelosamente, nos avaliarmos constantemente, fazer paradas aqui, avançar mais rapidamente ali. Temos a direção. Peçamos a Deus sabedoria para experimentá-la. As críticas são valiosas, não as dispensamos, mas não podemos deixar de seguir a proposta que nos é feita pela Igreja.<sup>575</sup>

A ação pastoral da Igreja tinha que contemplar a Missão como prioridade. Mas não era qualquer missão, mas a Missão transformadora que levava à libertação. Era um tempo difícil, pois esta proposta incomodava segmentos dentro da Igreja. Com uma avaliação constante, Aço desafiava à Região a não retroceder. Entendia que este apelo à Missão libertadora deveria estar contemplado também nos momentos litúrgicos, pois eram nestes momentos que as pessoas se reabasteciam para voltar à Missão.

### 3.4. MISSÃO E LITURGIA

A ênfase nos atos de piedade que valorizavam a dimensão da espiritualidade pessoais como a participação nos cultos, na Santa Ceia, nas orações, nos estudos da Bíblia constituía uma de suas metas. Dentro do tema da Missão havia um espaço para a reflexão sobre o culto, momento considerado importante. Na “Palavra do Bispo” da primeira edição do

<sup>573</sup> AÇO, Do lombo..., p. 3, set. 1985.

<sup>574</sup> RELATÓRIO, 1984, p. 18-25.

<sup>575</sup> RELATÓRIO, 1984, p. 18-25.

jornal “Vida e Missão”, de 1987, Aço formulou um convite às pessoas da Igreja falando de elementos significativos do culto. A participação no culto deveria ser assídua, com alegria e com toda a família. Os cultos deveriam se transformar numa festa verdadeira onde deveria haver “confissão e arrependimento, mas também um tempo de ressurreição e renovação total da vida”.<sup>576</sup> O verdadeiro culto que Deus esperava dos seus filhos/as era a “fidelidade posta a serviço da construção do Seu Reino”<sup>577</sup> onde não haveria “lugar para hesitação, e muito menos para desistência”.<sup>578</sup>

Ao escrever sobre os desafios que se colocavam diante da Igreja Metodista na Segunda Região, por ocasião das comemorações do seu centenário de vida no Rio Grande do Sul, Aço recordava a todos/as metodistas o compromisso realizado por cada um/a, individualmente, com Deus. Refletindo sobre a expressão “congregai o meu povo, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifício” (Sl 50.5), falava sobre um novo desafio que se abria diante da Igreja. Os/as metodistas, ao serem recebidos como membros da Igreja celebravam uma aliança com Deus, comprometendo-se a sustentá-la com orações e com a participação efetiva nos ministérios e nas celebrações.<sup>579</sup> Em sua concepção teológico-pastoral, a aliança se constituía em compromisso sério, considerado gesto sagrado, já que quebrá-la significava trair-se a si mesmo. Muitas pessoas se colocavam aquém da condição a que tinham direito. Para tanto se utilizou da seguinte ilustração: “Irmãs e irmãos: não precisamos viver com fome, se há abundância de alimentos, e nem como estranhos, se, realmente, somos filhos. Muitos de nós temos vivido aquém da sua condição de filhos de Deus, com quem Ele celebrou uma aliança para a vida”.<sup>580</sup>

O chamado de Aço dirigia-se para a inclusão de pessoas que haviam se afastado do convívio das comunidades. Tratava-se de gente que havia batizado seus filhos/as ou se casado no seio da Igreja, mas que agora estava desligada do convívio comunitário. Ele chamava a todos/as para restaurarem sua aliança, desenvolverem a Missão e construïrem o Reino de Deus com “esperança e paixão”: “Este apelo também é para vocês, que foram batizados, ou casaram ou freqüentaram a Escola Dominical: retornem! A Igreja vos espera, e o Senhor tem

---

<sup>576</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, abr. 1987.

<sup>577</sup> AÇO, p. 3, set. 1985.

<sup>578</sup> AÇO, p. 3, set. 1985.

<sup>579</sup> CÂNONES, 2002, p. 147.

<sup>580</sup> AÇO, p. 3, set. 1985.

bênçãos para os que estão prontos a renovar a Aliança e cumprir os votos para com o Altíssimo”.<sup>581</sup>

Também fazia parte desta proposta a ênfase no envolvimento de toda a Igreja “com as camadas da sociedade mais esquecidas: favelados, lavradores, crianças carentes, mulheres, negros e outros”<sup>582</sup> e o comprometimento de todas as pessoas através da confirmação de votos de membros da Igreja, enfatizando a “sua participação nos cultos, seu engajamento no serviço, nas contribuições e no testemunho”.<sup>583</sup>

Tudo na Igreja deveria estar relacionado com a Missão que construía o Reino de Deus. Aço fazia uma crítica às pessoas que assistiam aos cultos sem deles participarem efetivamente como missionárias. Até mesmo a liturgia deveria direcionar-se à obra missionária através do compartilhamento de experiências. A Igreja não deveria continuar a ser apenas auditiva, passiva, constituída de um grupo de pessoas que, domingo após domingo, sentava-se nos bancos do templo para cantar, orar, escutar as mensagens e depois se retirar para a sua vida cotidiana sem nenhuma consequência. O culto deveria ser transformado num acontecimento missionário. O/a cristão/ã deveria ser um/a missionário/a em nome do Grande Missionário que era Deus:

Temos que superar o imobilismo litúrgico, e a passividade “auditiva” de um grupo que vem indefinidamente ao culto para “ouvir”, trocando-a pelo compartilhamento das experiências missionárias, pela mútua instrução (Cl 3.16) [...] O culto terá que ser em função da missão, pois é o Deus missionário que adoramos, em nome do Grande Missionário e orando para que a missão chegue ao seu final: “venha o Teu Reino”<sup>584</sup>

A proposta de liturgia de Aço tinha a profundidade do compartilhar das lutas e vitórias reais do cotidiano de cada membro da comunidade. Aço incentivava os momentos devocionais da Igreja, mas desejava que o louvor fosse parte da postura do fiel diante do Senhor do mundo e da vida. Percebia que em muitas igrejas o momento de louvor, constituído de muitos cânticos, repetidos várias vezes, tinha absorvido o restante da liturgia. O louvor precisava ter o compromisso do serviço e ser elemento de inserção na ação transformadora de Deus, visando ao seu Reino.<sup>585</sup> Segundo Aço, o momento litúrgico mais importante do Novo Testamento ocorreu durante a Páscoa, quando Jesus identificou “o ato de louvor com a

---

<sup>581</sup> AÇO, p. 3, set. 1985.

<sup>582</sup> RELATÓRIO 1988, p. 43-56.

<sup>583</sup> RELATÓRIO 1988, p. 43-56.

<sup>584</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>585</sup> AÇO, Isac. Louvor e amor que libertam. **Louvor e Oração**, Porto Alegre: Segunda Região, p. 1, jul. 1990.

entrega de sua própria vida, ‘em favor de muitos’”.<sup>586</sup> Corroborando com este pensamento, salientava um dos textos mais geniais da epístola aos Romanos (12.1-2) no qual o apóstolo Paulo mencionava que o culto verdadeiro e racional era a entrega do corpo (ser total) como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. O louvor sem compromisso para o serviço seria vazio e parcial.<sup>587</sup> Deste momento litúrgico, que se constituía também num acontecimento missionário, toda a família deveria estar envolvida, pois nela também deveria acontecer a Missão. A família deveria contemplar uma vivência missionária.

### 3.5. MISSÃO E FAMÍLIA

Entre os temas prediletos da reflexão pastoral de Aço, estava a família. As relações que aconteciam no seio da família foram o tema central de um livreto de sua autoria, intitulado “A vida começa em casa: estudo sobre a família cristã”. Foi escrito em diferentes períodos de sua atuação pastoral em Santa Maria, entre 1971 e 1975.

A família, para Aço, desempenhava múltiplos e significativos papéis no contexto da criação divina que apontavam para uma dimensão missionária. A família não se restringia apenas à dimensão da criação, mas abrangia também o amor, o sexo, o companheirismo entre outras. Comparava o relacionamento entre homem e mulher com o sacrifício de Cristo pelo ser humano, só que em dupla dimensão: o sacrificar-se de um/a aguardava a resposta de amor do outro/a. A relação matrimonial espelhava o amor de Deus por seus filhos/as. Quando o amor estava disposto ao sacrifício e ao perdão tornava possível o equilíbrio na relação homem-mulher, sem degradar o ser humano ao nível apenas dos instintos. A dimensão missionária era refletida pelo amor verdadeiro “motivado pelo desejo de realização mútua na paternidade responsável, como participantes que somos do grande plano da criação divina”.<sup>588</sup> O amor vivido pela família era reflexo do próprio amor de Deus: “Para os cristãos, tal tipo de amor, disposto a sacrificar-se pela pessoa a quem se ama, tanto quanto a gozar de seu amor, é motivado pelo próprio amor de Deus, que também se sacrificou por nós”.<sup>589</sup>

Ao se referir à dimensão conjugal, abordou o relacionamento sexual entre homem e mulher, no qual se estabelecia um diálogo corporal necessário ao aprofundamento do amor. Dessa forma se desenvolvia a confiança e o entendimento mútuo. Este diálogo corporal

---

<sup>586</sup> AÇO, Louvor..., p. 1, jul. 1990.

<sup>587</sup> AÇO, Louvor..., p. 1, jul. 1990.

<sup>588</sup> AÇO, 1976, p. 21.

<sup>589</sup> AÇO, 1976, p. 20.

significava o coroamento da vida em sua unidade, ao mesmo tempo real e transcendente. A negação desta mutualidade no sexo poderia resultar em discrepâncias prejudiciais a ambos. Esta relação apontava para a dimensão divina do amor humano, pois Deus também tinha uma relação corporal com o ser humano. Dessa forma, na opinião de Aço, a realização sexual sem amor degradava a imagem divina no ser humano e o rebaixava “a uma condição inferior”.<sup>590</sup>

Preocupava-se com o cuidado que o ser humano deveria merecer de parte da Igreja. Sua reflexão dirigia-se ao que era necessário à realização de uma família. Aço percebia certa dicotomia entre o que era esperado pela família e o que era possível realizar. Havia uma oscilação entre o tradicional e o moderno. As dificuldades cresciam quando a família encarava a sua própria realidade. Não havia caminhos prontos e era necessário construir o caminho enquanto se caminhava. Até mesmo os/as mais experientes acabavam sendo aprendizes de caminheiros. A tentação de aguardar as experiências se realizarem para depois aderir aos bons resultados, tomava conta das famílias, algumas delas buscando o refúgio na dimensão mais conservadora. Aço percebia que por vezes as famílias se viam flutuando num mar de interrogações, entre avanços e recuos:

Às vezes nos damos conta e gostaríamos de ficar do lado mais seguro, talvez o mais tradicional, deixando que os outros se “percam” do lado de lá, da mudança e da transformação. Mas, de repente, percebemos que nós também somos os outros que estamos flutuando muito mais num mar de perguntas e revisões do que em posições seguras.<sup>591</sup>

Segundo Aço, a família necessitava descobrir a sua significação e finalidade diante dos desafios de um mundo em transformação. Era aí que via o esforço de muitos/as adentrando “as águas conturbadas”<sup>592</sup> do mundo moderno para descobrir o papel da convivência familiar. Era necessário fazer escolhas. A família cristã não podia assumir as características da família patriarcal, nem da sofisticada e egoísta família burguesa, tão pouco o estilo de vida da família materialista, em moda na contemporaneidade. Cria numa família aberta, concebida como um elemento em permanente diálogo crítico e solidário com a modernidade, que ampliasse e consolidasse seus laços:

Que não seja nem a estrutura patriarcal superada, nem a família sofisticada e egoísta do mundo burguês, nem a família diluída do ideal materialista, mas a “família

---

<sup>590</sup> AÇO, 1976, p. 22.

<sup>591</sup> AÇO, 1976, p. 18.

<sup>592</sup> AÇO, 1976, p. 18.

aberta”... ao mundo e preparando [sic] criticamente para ele, aberta aos outros numa solidariedade que amplia os laços familiares.<sup>593</sup>

Falando sobre a felicidade no âmbito família, Aço dizia que a reverência a Deus teria como consequência uma caminhada segura pela vida, que podia ser considerada como caminhos do próprio Deus por onde o ser humano encontraria a sua realização. Seriam caminhos de felicidade, de trabalho, de construção de um mundo humano que realizasse tanto a família quanto a pessoa em si mesma (Sl 128.2): “A felicidade é consequência desse sentimento que se nutre em relação a Deus, dessa reverência que não é superstição, mas, fonte de poder, de amor, de coragem, de persistência e de bons propósitos”.<sup>594</sup>

Aço afirmava que a família é o local onde se moldam caracteres e se descobrem valores latentes nos indivíduos e nas comunidades, que tinham como resultado o crescimento através de “relações construtivas e a vida digna de ser vivida”.<sup>595</sup> Partindo da interpretação do Sl 128, concebia a estabilidade social ligada ao sucesso da estrutura básica da sociedade: a família. A vivência em amor era um “produto de paciência e de ajustamento altruísta”.<sup>596</sup> A Missão dos pais e das mães na geração de seus filhos consistia numa contribuição à criação divina, onde a “aceitação consciente da missão de pais, como uma incumbência de Deus é parte da criação”.<sup>597</sup> A partir deste enfoque compreendia que o lar não aparecia por acaso, “mas como parte do plano de Deus para a continuidade do mundo”.<sup>598</sup> Entendia que a família também era detentora de uma vocação missionária.

### 3.6. MISSÃO E VOCAÇÃO

Partindo da expressão bíblica do chamado de Abraão “de ti farei...”, (Gn 12.2; 17.6) a vocação, para Aço, se revestia de um significado especial justamente por causa do seu autor: Deus. Nesta direção a vocação tanto se aplicava às pessoas, individualmente, que eram chamadas para uma missão, quanto para àquelas que eram chamadas a integrar um determinado grupo, um povo escolhido: como no caso de Israel.<sup>599</sup> No caso do chamado cristão, a expressão da epístola de Pedro (1 Pe 2.9) resumia o sentido do vocacionamento: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de

<sup>593</sup> AÇO, 1976, p. 18.

<sup>594</sup> AÇO, 1976, p. 13.

<sup>595</sup> AÇO, 1976, p. 14.

<sup>596</sup> AÇO, 1976, p. 14.

<sup>597</sup> AÇO, 1976, p. 26.

<sup>598</sup> AÇO, 1976, p. 35.

<sup>599</sup> AÇO, Isac. O chamado de Deus e a responsabilidade do homem. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, mar. 1975.

Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”.<sup>600</sup> A vocação não dependeria dos méritos pessoais, mas daquele que realizava o chamado e capacitava o ser humano com os diversos dons ou carismas. O questionamento aparecia quando o ser humano se perguntava sobre a sua significação para a vocação. Como resposta encontrava a obediência ao chamamento divino sem questionar qual fosse o seu papel. Simplesmente ia como quem avançava para uma aventura no escuro, tendo a certeza da fidelidade de quem o chamou.<sup>601</sup>

Para enfrentar os desafios que se colocavam diante da Igreja, Aço, na qualidade de Bispo, promoveu um chamamento para que pessoas de diferentes idades se consagassem ao trabalho evangelístico. Foram oferecidos diversos cursos de capacitação de evangelistas.<sup>602</sup> Por ocasião da consagração deste/as evangelistas, ele os incentivou-os à Missão com palavras de desafio, sinalizando a natureza deste novo momento missionário que a Igreja Metodista estava vivenciando na Região:

Entrai em cada lar; visitai os enfermos, os presos, acolhei os menores abandonados, lutai em favor dos desempregados, dos direitos das viúvas, e dos sem-terra; anunciem as boas novas aos que vivem em guerra; ajudem a destruir as estruturas que oprimem e a construir novas relações que ajudem as pessoas a crer que efetivamente Deus tem um propósito para cada um, e esse propósito é a salvação, a alegria, a esperança e a paz! Eis que o Senhor vai adiante de vós.<sup>603</sup>

Como parte da preocupação com a vocação, Aço agregava a preocupação com a formação teológica. Questionava a maneira como a educação teológica, responsável pela formação de pastores/as, deveria ser ministrada. Como a Missão dependia em boa parte do trabalho dos/as pastores/as, do ponto de vista da Igreja, era significativa a sua preocupação neste sentido. Em um artigo publicado no *Expositor Cristão* de setembro de 1975, Aço abordou o assunto, salientando que a educação teológica não poderia simplesmente partir de certas afirmações dogmáticas como verdades absolutas, axiomáticas. Os sujeitos da formação teológica eram diversos e necessitava ser considerada a participação de estudantes,

<sup>600</sup> AÇO, O chamado..., p. 2, mar. 1975.

<sup>601</sup> AÇO, O chamado..., p. 2, mar. 1975.

<sup>602</sup> Estes cursos de Evangelistas, promovidos pelo Centro Teológico João Wesley, antecessor do Instituto Teológico João Wesley eram oferecidos em diversos distritos da Segunda Região Eclesiástica conforme Planejamento Regional. (PLANEJAMENTO Regional: prioridades regionais. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVI CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 26., 1986, Porto Alegre. *Anais...* Segunda Região Eclesiástica, 1986, 1986, p.111-147).

<sup>603</sup> AÇO, Isac. II Região tem novos evangelistas. *Expositor Cristão*, São Bernardo do Campo, p. 15, set. 1986.

professores e principalmente da Igreja, que era finalmente a quem se destinava o resultado final da Teologia:

Questionando - na educação teológica, pretende-se ensinar algumas afirmações dogmáticas como sistema plenamente aceito, tanto pelo estudante, quanto pela Igreja, ou pretende-se propiciar ao aluno (e ao professor!) que a experiência de “estudo” vá-se transformando no processo de fazer sua Teologia própria? Quem é o sujeito da educação teológica? O estudante e o professor que juntos se enriquecem na busca comum de sentido bíblico e teológico para o mundo e para a sociedade em que vivem? — A comunidade cristã, não deve ela, também, ser sujeito da educação teológica, enquanto comunidade que reflexiona sobre sua própria vida e ação, como comunidade-para-o-testemunho e comunidade-para-o-serviço?<sup>604</sup>

O projeto de ação missionária, proposto por Aço, tinha como primeira ênfase a educação. A segunda ênfase era o serviço social. Esta ênfase tornava a Segunda Região numa das regiões com maior número de instituições desse gênero. Houve também uma clara participação ecumênica, o que fez a Região tornar-se pioneira nesta área ao investir esforços com outras Igrejas para o desenvolvimento de projetos conjuntos. Acrescente-se a isto a educação teológica dos pastores da Região que mereceu especial atenção durante o seu episcopado.<sup>605</sup>

Por diversas vezes, Aço insistia na necessidade de se firmar uma aliança. Entendia com isto, um compromisso entre o povo metodista da Região e Deus, baseado na nova proposta de missão orientada pelo documento PVMI.<sup>606</sup> Em seu relatório ao XXIV Concílio Regional referiu-se freqüentemente a esta aliança como sendo um momento de encontro significativo que mudaria a disposição do povo da Igreja na nova direção<sup>607</sup>:

Note-se: a capacitação em si, não assegura o comprometimento, a fidelidade, a consagração, mas a capacitação que desejamos deve ter esta dimensão: renovar a vocação, propiciar uma renovação da aliança “viver no Espírito”, para “andar no Espírito” ser uma Igreja Carismática, no sentido bíblico.<sup>608</sup>

Ao concluir seu relatório elencou vários pontos nos quais resumia concretamente tudo o que tinha dito e por último fez menção novamente à aliança, agora como um momento de reunião celebrativa, na qual aparecia outra vez a Missão e Deus como elementos marcantes ao dizer: “É necessário que nos encontremos todos para uma nova aliança com Deus e sua missão”.<sup>609</sup>

<sup>604</sup> AÇO, Isac. A Educação questionada. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 14, set. 1975.

<sup>605</sup> RELATÓRIO [1991?], p. 49-64.

<sup>606</sup> Conforme p. 7.

<sup>607</sup> Conforme p. 105.

<sup>608</sup> RELATÓRIO, 1984, p. 18-25.

<sup>609</sup> RELATÓRIO, 1984, p. 18-25.

Outra preocupação constante era com a capacitação das pessoas que desenvolveriam a Missão. Reconhecia que leigos/as e pastores/as não estavam preparados para realizar este tipo específico de trabalho. Tinha consciência de que tentar fazer o trabalho sem capacitação só geraria desapontamento e frustração. Desde o princípio do seu pastorado procurou elaborar um programa de capacitação de pastores, a fim de que estes/as pudessem, adequadamente, “capacitar seus próprios leigos da igreja local”.<sup>610</sup> Esta capacitação das pessoas se dava no estabelecimento das relações que se construía entre a meditação e a ação, entre a fé e as obras<sup>611</sup>, bem como entre a palavra e o serviço. Salientava que estas conexões, pertencentes à doutrina cristã, eram muito próprias do metodismo: “Os binômios meditação-ação, fé-obras, palavras-serviço são muito próprios do Cristianismo, e do metodismo em particular. Atos de piedade e obras de misericórdia são para nós, metodistas, as faces da mesma moeda”.<sup>612</sup>

Era possível perceber que na visão missionária de Aço, previa-se o envolvimento de toda Igreja de tal sorte que não houvesse uma parcela de “espectadores/as” e outra de “obreiros/as”. Pastores/as e leigos/as eram chamados a um envolvimento efetivo ao ponto de que ninguém se sentisse excluído, sem espaço de atuação. Percebia a necessidade de uma capacitação arrojada para fazer frente aos desafios da Missão. Neste sentido, quando concebia o conteúdo dessa formação teológica, Aço imaginava uma disciplina integrada por cinco elementos fundamentais. Primeiro falava de uma educação teológica criativa, desprendida dos padrões dogmáticos. Em segundo salientava a necessidade de a educação teológica propiciar situações de questionamentos que levassem à busca de alternativas importantes. Em terceiro, pensava numa educação que tivesse flexibilidade. Em quarto lugar desejava que esta educação fosse construída à luz da história bíblica e da proclamação do Evangelho, isto é, centrada na Bíblia. Por último, defendia a idéia de que a educação teológica deveria levar em conta a realidade eclesial subjacente, pois a igreja local, onde efetivamente as pessoas viviam a sua fé, é que deveria ser o campo de relevância teológica. Esta concepção de formação

---

<sup>610</sup> AÇO, **Ênfases...**[s.d.], p. 03.

<sup>611</sup> Apesar da crítica que os arminianos sofriam por crerem na atividade humana na salvação, sempre reconheceram a primazia da graça de Deus para a salvação. A controvérsia que se armou sobre este assunto no séc. XVIII acabou influenciando a denominação depreciativa à pregação de Wesley como metodista. (HEITZENRATER, 1996, p. 17) No sermão intitulado “*The Scripture Way of Savation*”, de 1756, depois de ter pregado mais de quarenta vezes sobre o assunto ele reafirmou a ênfase na graça – proveniente, convincente, justificadora, santificadora – ao mesmo tempo em que salientava a necessidade de boas obras. (HEITZENRATER, 1996, p. 220) A relação entre a fé e as obras é fundamental para o metodismo desde a sua mais antiga tradição. O 10º artigo de religião do Metodismo Histórico fala: “Posto que as boas obras, que são o fruto da fé e seguem a justificação, não possam tirar os nossos pecados, nem suportar a severidade do juízo de Deus, contudo são agradáveis e aceitáveis a Deus em Cristo, e nascem de uma viva e verdadeira fé, tanto assim que uma fé viva é por elas conhecida como a árvore o é pelos seus frutos”. [CÂNONES, 2002, p. 35].

<sup>612</sup> AÇO, p. 3, maio 1986.

teológica, indispensável ao atendimento vocacional para a Missão, segundo Aço, resultaria na formação do “teólogo-em-processo”<sup>613</sup>, distinto do teólogo “formado”. O teólogo-em-processo teria condições de compreender a sociedade, e o ser humano na sociedade, como destinatários do amor e da justiça de Deus, com vistas à implantação do Seu Reino.<sup>614</sup>

Para Aço, o/a professor/a deveria ser como “aquele que ajuda a questionar e que juntamente procura interpretar o significado à luz da revelação, (...) um caminhante na mesma estrada”.<sup>615</sup> Percebia a necessidade de não enclausurar o estudante de Teologia num conjunto de conteúdos ou num sistema teológico-filosófico, dando-lhe assim a “oportunidade de confronto da fé e de sua reflexão, com as situações pastorais da Igreja no mundo”.<sup>616</sup> Isto o levaria a uma busca de interpretação da Missão e a uma ação educativa voltada para esta mesma Missão. Definia a educação teológica voltada para a Missão do Reino de Deus como uma ciência de relações, onde estariam envolvidos os seres humanos, Deus e o mundo, numa interpenetração relacional constante. Dessa forma concebia o estudo teológico como uma avaliação contínua e crítica destas diferentes relações: “Considerando a Teologia como a ciência das relações — Deus-Homem; Homem-Deus; Deus-mundo e homem-mundo; homem-outros homens — o estudo teológico deve ser a avaliação contínua e crítica dessas relações”.<sup>617</sup>

Ao examinar a Missão da Igreja, Aço pensava na importância da educação. Especialmente quando pensava na Missão da Igreja Metodista que apesar de pequena, possuía uma variedade de instituições educacionais. Neste sentido pensava que a Missão da educação metodista nesse país, diferentemente de outras Igrejas, deveria assumir o seu papel diante do que vinha acontecendo e com o que poderia acontecer com a tarefa educativa.<sup>618</sup> O conceito comum de ciência podia incluir qualquer noção de conhecimento, até mesmo de conhecimento destinado a destruir a vida. Educar, no conceito metodista<sup>619</sup>, trazia consigo a noção de aprender a viver. Partia da afirmação que a educação se inspirava num modelo: o modelo de Jesus Cristo. Não tinha necessariamente um rosto, uma aparência, mas trazia consigo a marca do questionamento do sistema de morte. A ciência não se restringia ao

---

<sup>613</sup> AÇO, A Educação..., p. 14, set. 1975.

<sup>614</sup> AÇO, A Educação..., p. 14, set. 1975.

<sup>615</sup> AÇO, A Educação..., p. 14, set. 1975.

<sup>616</sup> AÇO, A Educação..., p. 14, set. 1975.

<sup>617</sup> AÇO, A Educação..., p. 14, set. 1975.

<sup>618</sup> PARA, 1992, p. 44.

<sup>619</sup> CÂNONES, 2002, p. 113.

relacionamento sujeito-objeto, mas englobava a noção de conhecimento como relação para recriar e humanizar a vida: fomentar o novo:

O conhecimento e, portanto, a educação, neste sentido, implicam em criar, ou melhor re-criar, aportar algo novo às relações. A própria ciência não relaciona sujeito-objeto, mas o conhecimento como relação de recriar a vida e humanizá-la. Criar ciência para matar pode ser tudo menos educar. Educar é aprender a viver!<sup>620</sup>

A educação deveria possuir uma prática libertadora que se situava na dimensão social. Enfatizava a prática da justiça, da solidariedade e da participação de todos como agentes do processo de educação. O saber não podia ser privilégio de algumas pessoas, mas conteúdo compartilhado de forma solidária para que o Reino de Deus se fizesse entre todos/as. Inconformista, a educação deveria estimular a consciência crítica de tal sorte que não houvesse apenas uma assimilação da realidade, mas a prática superadora do individualismo e do espírito de concorrência. Nesta perspectiva educar deveria ser entendido como participar na mudança, mas tinha que ser da mudança em vista do Reino de Deus.<sup>621</sup>

Aço acreditava que as soluções de amor, de justiça e de dignidade humana, que levassem à construção do Reino, não seriam alcançadas sem mudanças radicais. Considerava que a Igreja tinha uma missão educacional. Mas esta missão deveria ir muito além de educar algumas pessoas, para que estas fossem as mantenedoras das coisas como elas se apresentavam. O papel de reconciliadores/as, de que fala o Evangelho, era o resultado da denúncia dos poderes que se uniram para crucificar aquele a quem, ironicamente, havia sido oferecidos os reinos do mundo.<sup>622</sup> A educação metodista na década de 1980 estava numa encruzilhada e podia permanecer assim ou dar um salto significativo em direção à Missão de construir o Reino de Deus. Em um estudo que fez para educadores metodistas<sup>623</sup>, inspirado em parábolas de Jesus, afirmava que não havia seguranças sobre o novo. Este salto tinha o preço de romper com o passado e buscar o futuro do Reino:

É preciso passar a olhar nossa vida institucional (e pessoal) a partir dessa incrível abertura para o futuro de Deus. O preço que temos que pagar pelo futuro do Reino é o rompimento com o nosso passado, construindo sobre ele a novidade da vida. E isto só crendo que o Reino está aí, embora não saibamos como! É uma aventura para os que têm fé!<sup>624</sup>

<sup>620</sup> PARA, 1992, p. 44.

<sup>621</sup> PARA, 1992, p. 45.

<sup>622</sup> AÇO, Isac. Educação metodista: aventura da fé! **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 9, mar. 1982.

<sup>623</sup> Esse texto foi apresentado no culto de abertura da Assembléia do COGEIME, em 23 de janeiro de 1982.

<sup>624</sup> AÇO, Educação..., p. 10, mar. 1982.

Ao falar sobre a falta de envolvimento das pessoas nas comunidades e igrejas, Aço percebia três situações às quais a Igreja Metodista do Rio Grande do Sul não havia conseguido dar uma resposta adequada. A primeira referia-se a terceira geração de metodistas que não encontraram, no projeto liberal de Igreja, respostas às questões fundamentais de sua geração. Buscavam um envolvimento político e social consistente que apontasse para mudanças radicais. Desejavam aprofundar a relação entre fé e questões existenciais e sociais do momento. Entretanto, o “titubear da Igreja diante das ditaduras”<sup>625</sup> e o “implícito apoio à política norte americana”<sup>626</sup> a desacreditaram diante da juventude:

As gerações metodistas subseqüentes às primeiras e segundas não encontraram na Igreja respostas às questões históricas da década de 50, 60, particularmente no que respeita às questões então vitais: envolvimento político e social; política estudantil, expectativa de revolução social, justiça, secularização, desenvolvimento, enfim à profunda relação de fé com as questões candentes de então.<sup>627</sup>

Uma outra situação percebida por ele que atrapalhava a Missão da Igreja, do ponto de vista do projeto liberal, foi protagonizada pela atualização da Igreja Católica Apostólica Romana, sob a liderança do Papa João XXIII. Com o advento do Concílio Vaticano II, diversas “bandeiras”, que impulsionaram o avanço do metodismo até a década de 1960, caíram por terra. Dessa forma, foram retiradas, da Igreja Metodista, algumas das principais motivações missionárias tais como a leitura e interpretação da Bíblia pelos leigos/as, a utilização do idioma vernáculo na missa, participação leiga na liturgia, a conversão e até experiências carismáticas.<sup>628</sup> Estas modificações acontecidas no principal celeiro missionário dos metodistas, a Igreja Católica, foi corroborado por outros dois elementos que aumentaram o descontentamento de quem desejava manter o projeto liberal como proposta missionária: o movimento pentecostal e a Teologia da Libertação. Estes dois últimos acabaram se tornando “combustíveis” para um fechamento daquilo que era uma proposta renovadora no passado:

Uma segunda questão é que, enquanto a Igreja Católica era embaraço para o projeto liberal, democrático, aspiração das classes mais liberais, o metodismo constituía-se uma alternativa religiosa aceitável ainda que nunca totalmente aculturada. Desde que João XXIII e o Vaticano II trouxeram a Igreja a um “aggiornamento” nossa alternativa foi-se tornando desnecessária. Quase todas as nossas bandeiras: leitura e interpretação da Bíblia, missa (cultos) em português, participação dos leigos nos cultos, experiência de conversão e até, mais recentemente, experiências

---

<sup>625</sup> Ditaduras militares que vigoraram na maioria dos países da América Latina da metade da década de 1960 até o início da década de 1980.

<sup>626</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>627</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>628</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

carismáticas, foram também assumidas pela Igreja Católica, trazendo, é verdade, descontentamento a certos setores, mas abrindo portas a muito dissidentes.<sup>629</sup>

A terceira situação foi criada pela irrupção dos pentecostais, carismáticos e neofundamentalistas. Os carismáticos se tornaram críticos áspers do protestantismo liberal e atingiram os estratos mais populares do metodismo, enquanto que os carismáticos de classe média “atingiram nossas igrejas ‘frias’”<sup>630</sup>, trazendo como oferta em seus cultos a revitalização da experiência religiosa. Isto acabou retirando do convívio comunitário metodista muitas pessoas bem intencionadas e descontentes, que se somaram às descontentes “com a linha de envolvimento político-pastoral da Igreja”.<sup>631</sup>

Por outro lado o projeto liberal metodista repudiava os fundamentalistas e os neofundamentalistas, que ameaçavam não apenas os metodistas, mas de resto todo o protestantismo, por causa da sua proposta de “controle ideológico pró-estadunidense, pregando a “democracia” e o anticomunismo”.<sup>632</sup> Aço percebia um impasse neste confronto, que romperia com a hegemonia da classe média na Igreja Metodista. O desaparecimento das primeiras gerações de metodistas, o envelhecimento da segunda geração e o abandono da terceira geração levaria o projeto missionário liberal a se confrontar com a nova proposta que postulava “uma interpretação política de vida e uma categoria política para a interpretação da esperança: o Reino de Deus”.<sup>633</sup> Esta nova proposta já era alimentada pela mente e coração de Aço, desde o final da década de 1960, quando o Gabinete Episcopal lhe tinha solicitado idéias para um projeto de evangelização. Contestando a metodologia de evangelização baseada no convite para “vir”, ele perguntava se não seria melhor a Igreja “ir”: ao invés de oferecer uma solução porque não “perguntar” o que as pessoas necessitavam:

Por que ficar frustrados por não conseguir trazer gente à igreja se esta deve ir onde eles estão? Por que insistir em falar-lhes nossa linguagem se eles só entendem a deles? Por que apresentar-lhes uma solução já pronta se nem sequer nos contaram seus problemas?<sup>634</sup>

Aço aprofundava a sua crítica ao chamado projeto liberal afirmando que faltou à Igreja Metodista da Segunda Região um “projeto para engajar a própria Igreja na evangelização de sua classe e/ou ir ao encontro de outras classes menos privilegiadas”.<sup>635</sup>

<sup>629</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>630</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>631</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>632</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>633</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>634</sup> PARA, 1992, p. 57.

<sup>635</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

Quando a Igreja conseguia chegar às camadas mais pobres não conseguia desenvolver lideranças próprias, situação que provocava o fenômeno do trabalho de cuidado das congregações, sendo realizado por lideranças alheias ao metodismo, não se popularizando, nem se renovando.<sup>636</sup> Não negava que houve tentativas diversas que não conseguiram obter resposta satisfatória para renovar a Igreja e nem fazê-la mudar de rumo. Mencionava as campanhas evangelísticas que tiveram um cunho expansionista como a “Cristo Agora”<sup>637</sup> e a “Mais um para Cristo”.<sup>638</sup> O próprio movimento carismático que poderia ter se tornado um desafio de renovação da Igreja “acabou se separando da Igreja Metodista”.<sup>639</sup> Constatava que o movimento carismático tornava-se cada vez mais uma espécie de modelo para criar um projeto evangelizador próprio, mas que, infelizmente, não servia, pois entre os metodistas, tal movimento havia se tornado um elemento que não se multiplicava, mas acabava dividindo as congregações:

A Igreja na Região não consegue um projeto evangelizador próprio - fica muito atrelada ao movimento carismático que desponta e que não consegue aglutinar a base da igreja e criar novos membros. Aliás, está provado que o movimento carismático entre nós, divide, não multiplica.<sup>640</sup>

Na visão de Aço, ao aderir a um novo momento com ênfase no Programa de Dons e Ministérios<sup>641</sup>, a Igreja Metodista corria o risco de caminhar na direção dos dons e ministérios do sobrenatural e da palavra. Caso cedesse a esta tentação poderia “suplantar os dons do amor e os correspondentes ministérios de misericórdia, solidariedade e promoção humana”.<sup>642</sup> Para Aço, uma Igreja de ministérios representava uma aventura. Poderia acontecer que pessoas se arvorassem ao direito de sentirem-se dotadas para discernir e coordenar os dons dos outros. Para que a tentação não se tornasse realidade alertava à Igreja para se manter vigilante.<sup>643</sup>

<sup>636</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>637</sup> Campanha evangelística desenvolvida no início do episcopado do Bispo Sady Machado da Silva a partir de janeiro 1972.

<sup>638</sup> Campanha evangelística desenvolvida no episcopado do Bispo Sady Machado da Silva a partir de janeiro de 1977.

<sup>639</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>640</sup> MENSAGEM do Bispo ao 3º Concílio Regional Extraordinário. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO III CONCÍLIO REGIONAL EXTRAORDINÁRIO DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIÁSTICA DA IGREJA METODISTA. 3., 1989, Porto Alegre. **Anais...**: Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista, 1990, p. 233-234.

<sup>641</sup> No XIV Concílio Geral de 1987 a Igreja Metodista aprovou uma nova estrutura de ação missionária baseada no sistema de Dons e Ministérios, afastando-se de uma Igreja de cargos que resultavam de um processo de eleição nos concílios, desde a instância básica – a igreja local até a instância mais superior que se constituía do Concílio Geral [CÂNONES da Igreja Metodista 1992. Colégio Episcopal da Igreja Metodista: São Paulo, 1991, Art. 127, §5º, p. 221]; os dons e ministérios reconhecidos pela Igreja passam a ser critérios para uma pessoa ser membro efetivo. (CÂNONES, 2002, Art. 2º, p. 145).

<sup>642</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>643</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

A preocupação mais urgente de Aço era estabelecer, para a Segunda Região, uma ação missionária que fosse ao encontro das classes menos favorecidas. Diante do modelo liberal de Igreja e deste novo desafio, se questionava sobre como seria possível direcionar a visão missionária da Igreja para uma proposta de igreja popular sem romper com a postura anterior. Considerava necessário um processo de conversão aos valores do Reino de Deus, pois os valores da proposta liberal acabaram coincidindo com um momento de crise na religião ocidental<sup>644</sup>, que resultava em secularização e em modernismo. Essa proposta buscava aliar religião, ciência e progresso para proporcionar uma sociedade mais justa, mas que, infelizmente ainda não havia “impedido o fosso de marginalização entre ricos e pobres em nível dos países entre si e dentro de cada país”.<sup>645</sup>

Na visão de Aço, a evangelização havia se convertido numa prática de levar as pessoas a uma experiência espelhada nos méritos do perdão pessoal, oferecido por Jesus Cristo, com base na fé e impulsionando as pessoas a uma vida nova do ponto de vista moralista que pregava o afastamento de vícios comuns. O abandono desses vícios equivalia à conversão à Cristo. Com esta perspectiva em mente a Igreja crescia pela anexação de novas pessoas registradas no rol das igrejas. Esta prática não envolvia compromisso com a dimensão social, nem contemplava transformações sociais mais profundas que resultassem em maior dignidade para o ser humano, num âmbito mais coletivo:

Neste contexto, a evangelização, quase invariavelmente tornou-se a prática de convencer pessoas sobre os méritos de Cristo para perdoar os pecados pessoais, através da fé, e o começo de nova vida, a busca de uma moral irrepreensível, caracterizada por não participar nos vícios comuns: “não beber, não fumar, não dançar, não adular...” A evangelização caracterizou-se por um processo de chamamento à mudança da razão do sentimento e do procedimento. O alistamento no rol das Igrejas era operação eminentemente individual, íntima em sua natureza e frutos, sempre num círculo restrito, sem dimensão social, sem igual compromisso com a transformação da sociedade.<sup>646</sup>

Esta visão da evangelização, vinculada ao crescimento do rol da Igreja, corroborava com a percepção de Aço desde o final da década de 1960.<sup>647</sup> Nesta época, a pedido do Gabinete Episcopal<sup>648</sup>, teria elaborado um estudo sobre a montagem de um plano de trabalho para a Região. Sua análise era a de que mesmo quando escapava desta noção pastorcêntrica, a

<sup>644</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>645</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

<sup>646</sup> AÇO, [Correspondência: Evangelização...], out. 1990, p. 2.

<sup>647</sup> Em 1969, Isac Aço, recém ordenado Presbítero da Igreja Metodista foi designado Secretário Regional de Missões e Evangelização conforme CAVALHEIRO, 2003, p. 20.

<sup>648</sup> Instância de decisão regional, composta por párocos e presidida pelo Bispo da Região. (CÂNONES da Igreja Metodista do Brasil 1965. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1965, p. 77).

tarefa da evangelização havia ficado sob a responsabilidade de determinadas pessoas e em ocasiões específicas<sup>649</sup>. A estrutura da igreja local favorecia essa compreensão na medida em que o compromisso maior parecia ser a manutenção da congregação. O ser igreja baseava-se mais sobre a noção de “estar presente no culto do que o estar no mundo”.<sup>650</sup> Aço constatara que por longos anos o entendimento da Missão, enquanto obra de evangelização estava ligado ao trabalho do pastor, enquanto que o seu entendimento era o de que esta tarefa era de toda a Igreja: “Parece-nos, no entanto, que por longos anos, a compreensão da missão ligada especialmente à pessoa do pastor, ter-lhe-ia atribuído uma tarefa que, genuinamente, pertence a toda a Igreja”.<sup>651</sup>

Aço constatava que a evangelização desenvolvida pela Igreja não levava em consideração a proposta de mudança social. Com isto em mente, trouxe ao plenário do XXVII Concílio Regional uma proposta para superar tal impasse. Propunha a superação do projeto liberal através da implantação do PVMI<sup>652</sup> e Diretrizes para a Educação<sup>653</sup>. Aço considerava que estes dois documentos representavam uma tomada de posse da Teologia brasileira na Igreja Metodista.<sup>654</sup> Esta Teologia não deixava de ter raízes no projeto liberal, mas emergia de um momento marcante para a Igreja Metodista no Brasil que era a crise dos anos 60.<sup>655</sup> Era uma Teologia alimentada por uma releitura da Bíblia, enfatizando o senhorio de Jesus Cristo e da realidade do Reino de Deus em todas as áreas da vida.<sup>656</sup> Salientava que esta opção se constituía numa alternativa para romper com o impasse entre o projeto missionário liberal e o novo projeto missionário<sup>657</sup>. Teria como conseqüência a criação de uma crise que, na sua visão, seria a “crise da esperança, do reencontro do metodismo brasileiro em sua releitura da proposta wesleyana de atos de piedade e obras de misericórdia”.<sup>658</sup>

A partir destas críticas e constatações ele propunha, ao Concílio, o estabelecimento de algumas metas que, de certa forma, sintetizaram a nova proposta missionária. Esta proposta contemplava a conscientização da Igreja, de todos os seus membros, com relação a

---

<sup>649</sup> Realizadas através de campanhas pontuais de evangelização (conforme p. 139).

<sup>650</sup> PARA, 1992, p. 56.

<sup>651</sup> PARA, 1992, p. 56.

<sup>652</sup> CÂNONES, 2002, p. 71.

<sup>653</sup> CÂNONES, 2002, p. 111.

<sup>654</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>655</sup> Em maio 1968 a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista mergulhou numa profunda crise que culminou com o seu fechamento e a expulsão de dezenas de estudantes de Teologia; este fato teve repercussões nas igrejas locais de forma geral como o abandono das comunidades por segmentos jovens (REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984. p. 354).

<sup>656</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>657</sup> Esta proposta de “novo projeto missionário” estava baseada no PVMI.

<sup>658</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

sua vocação missionária na qual se inseria a “interpretação da missão como participação na construção do Reino de Deus”<sup>659</sup>, onde deveria ser enfatizada a busca da justiça, do amor e da paz, com a proclamação da boa nova para todas as pessoas.

Nesta nova proposta havia lugar para todas as pessoas e o pensamento missionário de João Wesley<sup>660</sup> poderia se aplicar perfeitamente à proposta que trazia. Acreditava que a Missão de Deus não tinha fronteiras, mas deveria ter prioridades que necessariamente passavam “pelo sofrimento humano, pelo menor carente, a família perturbada, o lavrador que não perdeu a esperança a despeito de todo o esquecimento, enfim, o doente, o viciado, o que não encontrou sentido para viver”.<sup>661</sup> O Reino de Deus se destinava a este mundo que Deus amava que incluía toda a realidade cotidiana manifesta na multiface da cada dia:

É este mundo que Deus ama, essa realidade social, política e econômica riograndense, com suas cidades e favelas, suas terras e “sem-terra”, seus bairros de classe média, sua juventude e suas (nossas) crianças carentes. Suas necessidades, meios de comunicação, sua política e seus políticos, seus empresários e empregados, os pobres, os doentes e os desesperados. Terra onde vivemos em tempo de expectativa como em todo Brasil, com o cruzado<sup>662</sup>, a reforma agrária, a dívida externa e suas conseqüências na vida de todos nós.<sup>663</sup>

Aço não era ingênuo no sentido de que esta nova proposta missionária certamente receberia crítica<sup>664</sup> consistente dos setores conservadores da Igreja, que não desejavam a mudança. Estas tensões já se manifestavam e apareciam por todo o lugar por causa de uma visão de mundo diferente. A nova proposta missionária, aliada à Teologia que a sustentava, e o papel da Igreja, nas mudanças necessárias para a sua implantação, marcavam as divisões ideológicas e se personalizavam em muitos momentos “escravizando a grandeza da luta pelo Reino”.<sup>665</sup> Estas tensões sinalizavam uma busca pela continuidade da antiga proposta que por

<sup>659</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>660</sup> “O mundo é a minha paróquia” é uma das expressões de Wesley mais citadas pelos/as metodistas quando se referem à amplitude da obra missionária; proibido de pregar nos templos das Igrejas da Inglaterra Wesley partiu para as minas de carvão e nos cemitérios ao lado das paróquias (HEITZENRATER, 1996, p. 99); na verdade a frase de Wesley é um pouco mais ampla e foi pronunciada utilizando um argumento que havia escrito anteriormente numa carta a um amigo; diz ao Bispo de Bristol, Joseph Butler o seguinte: “Deus me chamou para pregar o evangelho e, como *fellow* de um *college*, minha ordenação não é para qualquer paróquia particular, mas para qualquer parte da Igreja da Inglaterra; portanto, meu ministério não está limitado pelas fronteiras paroquiais, mas ‘eu encaro todo o mundo como a minha paróquia’” (HEITZENRATER, 1996, p. 101); embora resistente, acabou pregando em praça pública e neste contexto pronunciou esta célebre frase.

<sup>661</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>662</sup> Cruzado foi a moeda que circulou no Brasil entre 28 de fevereiro de 1964 e 15 de janeiro de 1967. (CRUZADO. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?CRUZA86>>. Acesso em: 25 ago. 2006).

<sup>663</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>664</sup> Conforme pp. 15, 38, 67-68.

<sup>665</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56.

si mesma se inviabilizou. Aço sentia que, a Igreja sob seu pastoreio, estava “vivendo no meio da luta, porém com vida”.<sup>666</sup> Insistia na necessidade da conversão, não como um momento marcante da pessoa, mas como um processo contínuo. Longe de ser uma experiência meramente pessoal e emocional, sustentava que esta conversão tinha que ser mais profunda, pois necessitava ser conversão ao Reino de Deus inaugurado por Jesus Cristo. Reconhecia que tal modelo de conversão ao Reino, trazia consigo desgastes e humilhações, mas que isto fazia parte da Missão de quem lutava com amor:

Para levar adiante um projeto de Igreja voltada para os outros, sinal do Reino de Deus, solidária com os que sofrem e comprometida com a mudança para uma sociedade mais justa, precisamos continuamente nos converter a Cristo e seu Reino, buscando uma vida de in-conformismo com os valores deste mundo e busca de novos valores em Cristo. Esta caminhada por vezes nos leva a sofrer desgastes e até humilhações, porém nossa vocação mantém-nos amando e lutando.<sup>667</sup>

Em um de seus artigos para o jornal da Região, “Vida e Missão”, Aço escreveu sobre o sentido da persistência, desafiando os metodistas. Partindo do sonho do apóstolo Paulo registrado no livro de Atos (At 16.9) no qual ouvia uma voz que o convidava a passar à Macedônia para ajudar, falou sobre o sonho de uma Igreja missionária. Uma Igreja que estivesse a serviço das pessoas que sofriam e nunca esquecendo as crianças empobrecidas. O sonho de uma Igreja que fosse o testemunho da libertação através da fé em Jesus Cristo. Sobretudo, que fosse um sonho eterno, que nunca acabasse. Para este sonho, desafiava as pessoas para que colocassem em prática a sua vocação missionária:

Querida irmã, meu irmão: sonhe com uma igreja missionária a serviço dos que sofrem, especialmente das crianças, sonhe com uma Igreja testemunha da libertação através da fé e ação em Jesus Cristo (a fé que opera pelo amor). Este caminho é vida e promove a vida. Que o sonho não se acabe.<sup>668</sup>

Quando desafiava as pessoas para se envolverem na obra do Reino, não se referia à possibilidade de muitas pessoas não terem escutado a Cristo. Acreditava que muitas pessoas não tinham conhecimento de que Cristo amava e libertava aos desvalidos e com eles se identificava em seus sofrimentos. Para muitos/as, Cristo era concebido como manipulação religiosa que impedia o “olhar com clareza a verdadeira tragédia de nossos povos”.<sup>669</sup> Na verdade, Aço queria que os/as metodistas se envolvessem mais com a Missão de manifestar o Reino. Queria que todos/as respondessem a sua vocação, desacomodando-se de uma prática

<sup>666</sup> AÇO, [Correspondência: Mensagem...], 19 de julho de 1990, 1 f.

<sup>667</sup> MENSAGEM, 1990, p. 233-234.

<sup>668</sup> AÇO, Isac. Conversando com o Bispo: que o sonho não se acabe. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, abr. 1990.

<sup>669</sup> PARA, 1992, p. 72.

meramente devocional e partindo em busca dos pequeninos, dos empobrecidos, das crianças, dos desesperançados. Assim entendia a vocação cristã. Assim entendia que a Igreja deveria responder à Missão que Cristo esperava dela como seu corpo vivo.

### 3.7. MISSÃO E IGREJA

A Igreja fundamentalmente não podia desvincular-se da Missão em nenhum momento. Este era o pensamento de Aço quando dizia que a maneira de ser Igreja era aquela na qual as pessoas que não participavam dela, se constituíam na preocupação das pessoas que formavam a família da fé. Como membro da Igreja o ser humano está colocado entre Deus e o mundo. Aço excluía do conceito de Igreja o grupo de pessoas cuja principal preocupação era o interesse de satisfazer exclusivamente suas necessidades. As responsabilidades sobre os destinos e a caminhada da Igreja não pertenciam a este grupo de pessoas já que atuava apenas como “observadores ou, quando muito, um tipo de ‘torcedores’ religiosos”.<sup>670</sup> Tinha a convicção de que, naquele momento, o perfil da Igreja Metodista se caracterizava por uma existência em torno do pastor.<sup>671</sup> A função do pastor/a acabava determinada pela manutenção da Igreja e de sua estrutura. A Missão e o testemunho da Igreja no mundo ficavam em segundo plano. Os motivos que levaram a isto estavam ligados a “uma visão demasiadamente sacerdotal do ministério”<sup>672</sup> pastoral.

Outra situação complicada era o fato histórico de figuras carismáticas de pastores que marcaram época. A influência da Teologia e da prática devocional tradicional, acrescida ou prejudicada pela Teologia liberal, trazida pelos missionários estrangeiros, não havia auxiliado a Igreja e nem ao ministério pastoral “na busca de uma espiritualidade condizente, com nossa cultura e de expressões cúlticas e litúrgicas adequadas à vida do nosso povo”<sup>673</sup> brasileiro. O trabalho missionário deveria ser realizado preferencialmente pelos leigos/as, desclericalizando a ação da Igreja, tornando-a mais próxima das pessoas atendidas: “Ressalta-se que o (a) pastor (a) não deveria ser a pessoa para dirigir o momento religioso e sim um leigo ou leiga preparado por ele. Desta forma procuraríamos evitar uma atitude mais clericalista e impopular”.<sup>674</sup>

<sup>670</sup> AÇO, Isac. Como ser uma verdadeira igreja de Cristo. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, out. 1972.

<sup>671</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>672</sup> AÇO, Isac. Ministério pastoral. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 14, abr. 1984.

<sup>673</sup> AÇO, Ministério..., p. 14, abr. 1984.

<sup>674</sup> AÇO, **Ênfases...**[s.d.], p. 03.

Quando se referia ao avanço missionário da Igreja, entendia uma participação ampla de leigos/as, reafirmando o ministério universal de todos os crentes, uma doutrina cara aos evangélicos. Entendia que o ministério de todos/as era a ação missionária. Por outro lado, Aço tinha uma posição crítica com relação a esta ação missionária dos leigos/as. Ao contrário de pregar o envolvimento dos mesmos em cargos e funções dentro da Igreja ele recomendava uma capacitação especial, para que estas pessoas testemunhassem o Evangelho em seus postos cotidianos.<sup>675</sup> Entendia que esta missão do/a leigo/a deveria ser desenvolvida junto à sua atividade profissional e também nos momentos de lazer. A ação missionária do/a leigo/a deveria se desenvolver na encarnação do Evangelho nas diferentes situações em que ele vivesse. Esta mobilização dos/as leigos/as deveria partir de uma mentalidade aberta já que não competia à Igreja padronizar as ações dos seus membros. A participação na obra missionária não deveria ser quantificada por números, mas considerada na dimensão da fidelidade ao Senhor do Reino:

Esta mobilização do Laicato, além de um programa, tem que ser uma mentalidade aberta, pois a função da Igreja não é padronizar, mas fomentar a criatividade e dar aos ministérios uma dimensão “evangélica”, não puramente ativista, quero dizer: o trabalho do laicato não pode ser medido em número de atividades, mas em termos de fidelidade ao Mestre, à encarnação do Evangelho nas situações concretas do dia a dia.<sup>676</sup>

O projeto missionário da Segunda Região, por causa de suas características liberais, havia “atingido principalmente as classes médias do Rio Grande do Sul, através dos colégios<sup>677</sup> e Igrejas”.<sup>678</sup> Tornava-se necessário um novo modelo de pastor/a, mas este ainda não existia. Era urgente construí-lo com criatividade. Tinha que ser um modelo em que o pastor/a fosse um/a ministro/a entre muitos outros. Parte da resistência<sup>679</sup> a um novo tipo de modelo pastoral estava ligada ao receio de que a diversidade de ministérios<sup>680</sup> pudesse ameaçar o ministério especial do pastor/a. Um modelo assim, pelo contrário, viria consagrá-lo. Este novo modelo seria de um ministério pastoral no qual a Igreja seria “parte da sociedade e do mundo, [...] o campo de ação do ministério pastoral”.<sup>681</sup> Este novo modelo de ministério pastoral deveria considerar a necessidade de que o trabalho do pastor/a, aquele que mais o desgastava deveria estar voltado para o atendimento dos/as excluídos/as:

---

<sup>675</sup> AÇO, p. 4, out. 1970.

<sup>676</sup> AÇO, p. 4, out. 1970.

<sup>677</sup> Conforme p. 17.

<sup>678</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>679</sup> Na ocasião em que o Programa de Dons e Ministérios foi aprovado (conforme p. 15) houve resistência entre alguns pastores/as no sentido de que isto diminuiria a significação do ministério pastoral.

<sup>680</sup> Conforme p 15.

<sup>681</sup> AÇO, Ministério..., p. 14, abr. 1984.

Queremos voar [sic] sentir que nosso trabalho nos desgasta e que até mesmo a oferenda de nossa vida vai-se gastar e esgotar na sociedade, no mundo, entre “as ovelhas perdidas da Casa de Israel” e ver que as “99”, dentro do aprisco, estão em função da “outra”: uma igreja voltada para o mundo, os pobres, os marginalizados, os doentes e defraudados e um ministério que consubstancie esta opção de Igreja toda.<sup>682</sup>

Aço defendia uma Igreja que se renovava com o seu foco na obediência à vontade de Deus manifestada por Cristo. Deveria ser uma Igreja bem diferente daquela que muitos desejavam, aprisionada à tradição. Certa vez, ao contemplar Roma<sup>683</sup>, como palco de momentos significativos do cristianismo, Aço refletiu sobre aquilo que chamava de horizonte da Igreja que nascia nova, sem ser aguardada, a partir de ações concretas de um servo humilde e obediente. Pensava na caminhada ecumênica da Igreja Católica Apostólica Romana a partir do pontificado de João XXIII:

É que no horizonte parece surgir uma nova Igreja, nascendo do inesperado, talvez mesmo, da humilde e singela obediência. Pensei nisso ao visitar o túmulo simples de João XXIII; quem diria que, como instrumento do Espírito Santo, haveria de desencadear toda essa “reforma” cujo começo temos presenciado? Afinal, pareceu-me que, apesar de nossas contradições e desvios na história, Deus está por cima; e se já não é certo que “todos os caminhos vão dar a Roma”, é bem certo que Deus está em muito mais caminhos do que imaginamos, fazendo ressurgir a Sua Igreja.<sup>684</sup>

A visão de Aço sobre o envolvimento da Igreja na sociedade foi reforçada quando comentou a postura das Igrejas protestantes de Portugal. Analisava a presença protestante naquele país considerando que ao ser “uma igreja de minoria, a Igreja protestante poderia ter optado por uma participação ativa, conscientizadora”.<sup>685</sup> Ao invés disso, as igrejas agrupadas sob a denominação de “protestantes” haviam se contentado com um desenvolvimento proselitista. Haviam se afastado da realidade social do país e colocado como Missão à salvação de almas:

Contudo, o que nos parece, ao menos pelo que nos tem sido dado apreciar, é que a Igreja se contentou com uma posição “defensiva” e com uma Teologia de não participação na vida da sociedade: trabalho de proselitismo, repúdio de participação nas instituições, enfim, aceitação de uma missão de “salvar almas” em lugar da compreensão da tarefa cristã como presença significativa na sociedade.<sup>686</sup>

Aço constatava que esta mesma ausência de envolvimento na sociedade acontecia com a Igreja no Brasil. Criou-se uma noção distorcida a respeito do relacionamento da Igreja

<sup>682</sup> AÇO, Ministério..., p. 14, abr. 1984.

<sup>683</sup> Em 1974 em viagem pela Europa passou dois dias em Roma visitando os locais mais significativos para a história do cristianismo nascente (AÇO, Isac. Minhas impressões de Roma. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 4, dez. 1974).

<sup>684</sup> AÇO, Minhas..., p. 4, dez. 1974

<sup>685</sup> AÇO, Isac. Aqui está para você uma carta da Europa (I). **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 8, set. 1972.

<sup>686</sup> AÇO, Aqui..., p. 8, set. 1972.

com as autoridades governamentais: governos não devem ser criticados e a Igreja não deve se meter em esferas de mandos governamentais. A Igreja teria perdido a noção de que é a presença de um outro Reino no reino dos humanos. Criou-se o mito<sup>687</sup> de uma suposta neutralidade e perdeu-se a consciência de que atitudes e ações dos governos repercutem na vida das pessoas e do povo como um todo. Dessa forma, partindo desta suposta neutralidade, a Igreja adotou “uma atitude conformista, quando não conivente com os frutos da corrupção”.<sup>688</sup> Não se tratava da pregação de desobediência às autoridades que o apóstolo Paulo condenava (Rm 13.1-7). Muito pelo contrário, sua postura era a de respeitar as autoridades que são ministros de Deus para o bem, mas nada autorizava a crer que fossem a última palavra, a última obediência.

A Igreja deveria exercitar sua Missão profética na denúncia, buscando o aperfeiçoamento por causa da nação e do povo. Fazia uma análise da postura da Igreja Metodista e afirmava que, por sua tradição, seu Credo Social<sup>689</sup>, seu Plano Quadrienal<sup>690</sup>, devia se entender como um comprometimento com a maioria do povo brasileiro que passava fome, que não tinha habitação, não gozava os benefícios da educação entre outras necessidades fundamentais.<sup>691</sup> Tanto o sistema como os governantes deveriam ser alvos da crítica dos cristãos/ãs, quando necessários, e a denúncia às autoridades não deixava de ser evangélica. Sistemas e governos têm a oportunidade de aperfeiçoamento através da crítica:

Nem por que essa crítica atinge o sistema e os governantes deixa de ser autêntica, evangélica, de cunho bíblico e profundamente ético. Os sistemas devem aperfeiçoar-se através da crítica, os governos mudam, renovam-se: a nação e seu povo permanecem e são eles que devem ser objeto maior de nossa participação consciente.<sup>692</sup>

Ação fazia uma crítica às pessoas de classe média que, no final de semana, se dirigiam às zonas de periferia das grandes cidades no intuito de fazer a obra missionária entre as pessoas empobrecidas. A ação missionária destas pessoas deveria ser realizada entre os

---

<sup>687</sup> O termo “mito” empregado aqui tem o significado de uma história criada para justificar determinada postura que não corresponde nem à interpretação do Evangelho, nem uma doutrina da Igreja.

<sup>688</sup> AÇO, Isac. Igreja, estado e o compromisso. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 9, jan. 1981.

<sup>689</sup> O Credo Social da Igreja Metodista é o documento oficial que contém a doutrina social aprovada pelo X Concílio Geral realizado em 1970. [CÂNONES, 2002, p. 45].

<sup>690</sup> Os planos quadrienais da Igreja Metodista resultaram de um debate da Igreja sobre o direcionamento de sua missão. Houve dois planos: o Primeiro Plano Quadrienal aprovado pelo XI Concílio Geral em 1974 e o Segundo Plano Quadrienal aprovado pelo XII Concílio Geral em 1978; em 1981 houve uma consulta geral à Igreja sobre o tema da Missão, que juntamente com o planos quadrienais resultaram na aprovação do PVMI em 1982 pelo XIII Concílio Geral (CÂNONES, 2002, p. 71).

<sup>691</sup> AÇO, Igreja..., p. 9, jan. 1981.

<sup>692</sup> AÇO, Igreja..., p. 2, jan. 1981.

parceiros da sua própria classe. Percebia, na atitude de ir ao encontro dos desfavorecidos/as como uma atitude de fuga, já que o desafio missionário estava bem ao seu lado:

Este fenômeno já foi racionalizado de modo que passa a ser até uma atitude de humildade, de um grupo que não teme “descer” às classes mais baixas, quando na verdade é uma fuga de estar presente na sua classe média a quem o Evangelho praticamente não está atingindo.<sup>693</sup>

A Missão dos/as cristãos/ãs não se esgotava em levar pessoas à conversão<sup>694</sup>. Este momento do novo crente não podia ser um fim, mas apenas um começo. Um começo auspicioso – uma nova vida trabalhando já para um novo mundo.<sup>695</sup> O trabalho missionário tinha que abranger a educação cristã, que capacitaria os novos convertidos à obra missionária num processo de crescimento contínuo do Reino de Deus. Não era sua preocupação apenas expandir as fronteiras da Igreja para os mais variados bairros das cidades, mas desejava que os fiéis estivessem presentes, de forma significativa, nos diversos segmentos da vida urbana como nas escolas, nos postos de trabalho, nos negócios, nas casas de decisões:

Na década de 70 não é apenas importante colocar igrejas em todos os bairros de uma cidade, mas é importante estar presente na vida dos grupos que têm significado nessa cidade: estudantes, operários, homens de negócios, políticos, educadores, financistas.<sup>696</sup>

Os membros da Igreja necessitavam passar por um processo de conversão no qual os pobres migrariam da periferia para o centro das atenções missionárias. Todos/as deveriam se envolver num processo de mudança de mentalidade radical, passando do consumismo e da ganância para a disponibilidade. Esta conversão deveria provocar uma alteração significativa, ao ponto de operar uma mudança de mentalidade, capaz de criar uma mente transformadora.

A Missão da Igreja, no que dizia respeito à ação social, segundo Aço, tinha dois objetivos. Por um lado deveria se tornar um serviço de assistência concreta e urgente: os mais carentes não podiam esperar. Esta ação visava ao socorro de quem já estava sofrendo as agruras do empobrecimento. Um outro objetivo teria um tempo mais flexível e se preocuparia com as mudanças profundas da sociedade dando oportunidade para que crianças e famílias pudessem se desenvolver condizentemente. Destinava-se a mudar completamente a situação social a fim de que cessassem as causas que criavam as vítimas:

---

<sup>693</sup> AÇO, A Evangelização..., p. 2, out. 1970.

<sup>694</sup> Conversão ao Reino de Deus que abrangia a visão da nova proposta missionária da Igreja.

<sup>695</sup> AÇO, p. 4, out. 1970.

<sup>696</sup> AÇO, p. 4, out. 1970.

Esta ação deverá ter um objetivo imediato: assistência concreta e imediata aos mais carentes; e um objetivo mais a médio ou longo prazo: transformação das condições precárias de vida destas crianças, de suas famílias, de seu bairro, etc., pela educação, evangelização, orientação para a participação social, etc.<sup>697</sup>

A atitude assistencialista ainda tinha o seu valor, mas a Igreja e a sociedade civil deveriam encontrar novas propostas de participação, de denúncia e para o restabelecimento da dignidade dos menos favorecidos. Não cabia à Igreja ser governo. Seu papel era o de “juntamente com o povo, saber exigir o mínimo que o governo deve atender para dignificar a pessoa”.<sup>698</sup> A Igreja deveria ter uma postura pacífica em oposição à violência institucionalizada que relegava à miséria, à marginalização e à carência, setores tão vastos da população. A ação da Igreja deveria ser autônoma, apoiando os programas assistenciais civis ou de governo, na medida em que dignificassem o ser humano e contribuíssem para uma sociedade mais justa e menos violenta. Por outro lado, deveria se tornar crítica em relação aos programas cujo objetivo fosse defender interesses escusos. Em sua visão, a Igreja deveria orientar os seus membros que pertencessem a um partido político a continuarem a ser um “instrumento desta ação dignificante”<sup>699</sup> pregada pelo evangelho.

Os membros da Igreja estavam acomodados a determinadas práticas, que não refletiam as lutas do Reino de Deus. O testemunho era pequeno sobre aquilo que recebiam de Deus. Ficava na dimensão da individualidade, caracterizando-se pela posse de bens, típicos da classe média. A Igreja não necessitava de mais pregação, liturgias, estudos bíblicos, reuniões. Tudo isto tinha o seu valor, mas ele levantava um questionamento significativo a respeito dessa postura dos metodistas: tudo isto em função de quê? Muitas vezes a pregação pretendia amenizar as disputas travadas durante a semana e assim a experiência de fé se esgotava em poucas coisas direcionadas para a individualidade do próprio membro da comunidade. Enquanto a Igreja continuasse envolvida nesta experiência devocional, permanecia o desafio em favor da vida: “o sofrimento como campo comum de trabalho, o pequenino, o nu, o prisioneiro, o doente e o estrangeiro inatendidos”.<sup>700</sup> A luta pelo direito dos/as excluídos/as não aparecia no elenco das lutas dos membros da Igreja Metodista da Segunda Região. Incomodava-se com a acomodação dos membros da Igreja. As manutenções da estrutura e da tradição se sobressaiam ao exercício da Missão:

---

<sup>697</sup> AÇO, *Ênfases...*[s.d.], p. 01.

<sup>698</sup> AÇO, *Igreja...*, p. 2, jan. 1981.

<sup>699</sup> AÇO, *Igreja...*, p. 2, jan. 1981.

<sup>700</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

Nós, como Igreja, temos estado acomodados. Trabalhamos muito para nós mesmos. Queremos manter nossa estrutura e tradição e aparência. Mas temos testemunhado pouco do que Deus está fazendo entre nós, e além de nós. Somos poucos e, no conjunto nem sempre disponíveis. Lutamos pelo direito de posse - nossa casa, nosso carro, nossa família, nosso lazer, nosso lugar na igreja, nosso poder e menos pelo direito à vida para todos, pelo direito de ser uns para os outros, uns com os outros, todos em favor do mundo a quem Deus ama e quer salvar!<sup>701</sup>

Aço queria que as reuniões da Igreja fossem um colocar-se diante de Deus como humildes operários do Reino que necessitavam de recursos e de apoio. Era chegada a hora de mudar o foco das tensões e das disputas que se concentravam nos interesses individualistas dentro da própria Igreja. Considerava que era chegado o tempo de encarar as verdadeiras tensões que envolviam a busca da dignidade de imagem do Senhor:

É hora de pararmos nosso pequeno mundo cheio de tensões para passarmos às verdadeiras tensões do grande mundo onde se trava a batalha de Deus com os poderes demoníacos, a batalha de morte contra a vida, a batalha do sub-humano em favor da plena humanidade à imagem de Cristo, a luta do Reino das trevas contra o ‘Reino do Filho de seu amor’.<sup>702</sup>

A posição teológica de Aço em relação à participação missionária das pessoas na Igreja ficou nítida ao comentar a decisão do Conselho Geral sobre o estabelecimento de metas e alvos para o exercício eclesiástico de 1973, com projeção em 1974, onde uma delas expressava a intenção de desafiar a ser “Cada Metodista, um missionário”.<sup>703</sup> Segundo Aço, o Conselho Geral atuaria como uma consciência crítica e seria “um brado de alerta, afirmando que o Espírito nos diz que cada um de nós seja um missionário e o que podemos assegurar é que o mesmo Espírito providenciará ‘meios’ para que realmente o sejamos”.<sup>704</sup>

Aço entendia que na pastoral da Igreja no Brasil, como de resto na América Latina, estava em jogo uma concepção de ação missionária da Igreja que tinha pelo menos duas escolhas cruciais. A Igreja deveria se decidir firmemente por uma delas. Por um lado poderia ser legitimadora da injustiça que se abatia sobre o Brasil e o continente latino americano. Esta injustiça ampliava a exclusão de segmentos da população e preservava interesses estrangeiros e de uma pequena minoria nacional. Por outro lado, poderia virar as costas para esta postura de Igreja e tornar-se um laboratório do Reino, no qual seria forjada “uma nova realidade de justiça, de esperança e de realização de vida para todos os ‘pobres e aleijados, os coxos e os cegos’ que têm estado ‘fora da festa!’ (Lc 14.21)”.<sup>705</sup> A Igreja vivia um momento forte de

<sup>701</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>702</sup> RELATÓRIO, 1988, p. 43-56

<sup>703</sup> AÇO, p. 16, mar. 1973.

<sup>704</sup> AÇO, p. 16, mar. 1973.

<sup>705</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

tensão, derivado da sua posição a respeito da estrutura injusta na qual a América Latina, e em particular o Brasil, estavam mergulhados. Esta posição estava relacionada ao conceito que a Igreja tinha dos pobres. Uma parte tratava os empobrecidos como pacientes que deviam ser ajudados através de programas assistencialistas. Aço, por outro lado, representava uma parcela da Igreja que entendia serem os pobres os agentes da transformação do mundo. Lembrava que os pobres eram considerados, no Evangelho, como ricos em fé e herdeiros do Reino (Tg 2.5; 1 Co 1.27).<sup>706</sup>

Quando se referia à opção pelos pobres, Aço fazia questão de esclarecer que não se tratava de uma rejeição aos ricos ou às pessoas que, pela sua posição social e econômica, se encontravam na chamada classe média. O convite à conversão evangélica não significava a conversão a uma classe social e econômica, mas conversão a Cristo que veio trazer vida plena, que não acontecia enquanto persistisse “a injustiça, a exploração, a dominação de uns pelos outros”.<sup>707</sup> Estranhava a forma como as riquezas estavam distribuídas entre a população mundial e manifestava tristeza diante do escândalo de riquezas tão fabulosas convivendo com proporções da miséria tão absurdas e tão desnecessárias. A Teologia da vida plena se propunha a denunciar estas desigualdades que ameaçavam a obra de Cristo. O Senhor sofreu por se identificar com o lado mais enfraquecido da sociedade do seu tempo: pobres, mulheres, doentes, etc.:

Nunca o mundo gozou tanta riqueza, tão fabulosa, e nunca as proporções da miséria se fizeram tão absurdas e desnecessárias. A Teologia de vida plena denuncia estas injustiças, como fonte de pecado e, portanto, passíveis de destruição pela obra de Cristo. E mais: que Jesus de Nazaré foi morto por causa de sua identificação com os sofredores e marginalizados – os pobres, as mulheres, os doentes de toda ordem e os excluídos das bênçãos divinas por questões raciais ou culturais (gentios) e ou por questões doutrinárias (publicanos, leprosos). Jesus foi morto por anunciar-lhes que eram parte do novo Reino (Lc 4.18-19; Mt 21.31)<sup>708</sup>

Ao relatar ao XXVIII Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica, o primeiro após a sua reeleição ao episcopado para mais um quinquênio, Aço fez uma reflexão sobre a sua proposta missionária, relacionando-a com a caminhada que a Região já havia realizado. Percebia a resistência do plenário do XIV Concílio Geral da Igreja Metodista em reelegê-lo, relacionada justamente com esta caminhada feita na Região.<sup>709</sup> Planejava uma Igreja que fosse

<sup>706</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>707</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>708</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>709</sup> A reeleição do Bispo Isac Aço ocorreu com a menor votação (54 votos) do primeiro escrutínio, distinta da reeleição de todos os demais bispos que já exerciam suas funções nos mandatos anteriores: Nelson Luiz Campos Leite (94 votos), Adriel de Souza Maia (89 votos) e Paulo Tarso de Oliveira Lockmann, (75 votos); o XIV Concílio Geral da Igreja Metodista teve lugar nas dependências da Universidade Metodista de São Paulo e julho de 1987. (REGISTROS, Atas e Documentos do XIV Concílio Geral da Igreja Metodista. Colégio Episcopal: São Paulo, 1988, p. 45).

inclusiva, aberta às manifestações do Espírito Santo, que fosse voltada para os pobres e excluídos, mas que não deixasse de lado as camadas mais abastadas da população. Deveria ser uma Igreja empenhada no serviço, na Missão onde as pessoas pudessem descobrir a riqueza da graça de Deus na vida comunitária e amorosa:

Porém, não me identifico com uma Igreja excludente, mas integradora; não me identifico com uma Igreja de manutenção, mas de missão e serviço; não me identifico com uma Igreja anticarismática, mas uma Igreja onde o carisma seja buscado em função do serviço ou do testemunho, e não como compensação para debilidades de ação e legitimação da liderança; não me identifico com uma Igreja que não tem uma missão aos ricos ou aos poderosos, mas tem na definição de sua identidade, que a riqueza e o poder pertencem a Deus e que qualquer uso que se dê, que não vise à justiça, à equidade e à paz social no sentido da plenitude para todos é ilegítima e no tempo próprio deverá prestar contas a Deus e à sociedade. Identifico-me com uma Igreja onde todos são convidados a reconhecer sua pobreza para daí, vivermos a riqueza da graça e do poder e da vida comunitária em amor, e uma Igreja onde o poder deve ser ocupado não em benefício pessoal, mas em função do projeto do Reino de Deus – o poder da obediência e do serviço; uma Igreja onde o louvor toma conta da vida de todos, sem manipular as pessoas usando, por justificativa, a vontade de Deus.<sup>710</sup>

Em agosto de 1989 Aço convocou um Concílio Extraordinário para construir o planejamento do biênio seguinte (90/91). A despeito das pressões que o seu episcopado recebia e da resistência que o PVMI encontrava na Região, não desistia da nova proposta missionária. Em sua mensagem de abertura continuava a desafiar a Igreja a não permanecer como apenas de manutenção, mas como uma Igreja encarnada que se envolvesse com todos os segmentos da sociedade que compunham o seu contexto:

Não propomos apenas uma igreja de manutenção, nos locais onde existe há décadas, mas uma igreja encarnada, nas periferias, nas zonas rurais, comprometida com os jovens, com as situações de sofrimento humano, quer de injustiça ou de opressão.<sup>711</sup>

Nesta mensagem, Aço destacava a necessidade da Igreja na Região continuar a busca pelo amadurecimento da nova visão missionária. Propunha que se buscasse cada vez mais ser uma Igreja-em-missão em todos os seus setores e serviços a começar pelo culto e incluindo o testemunho de serviço na vivência cotidiana. Quando o XXIX Concílio Regional aprovou o Planejamento Regional para o biênio, o tema foi fixado como “Igreja: Uma Comunidade Missionária”.<sup>712</sup> Aço desafiava aos conciliares a construírem um planejamento que superasse a tentação da Igreja voltada para ela mesma apenas oferecendo meios de graça para o consumo

<sup>710</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>711</sup> MENSAGEM, 1990, p. 233-234.

<sup>711</sup> MENSAGEM, 1990, p. 233-234.

<sup>712</sup> AÇO, Isac. Entrevista com o Bispo Isac. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 4, abr. 1988.

dos seus membros. Queria que o planejamento avançasse em direção a uma Igreja de serviço, na qual cada pessoa pudesse encontrar o seu ministério e avançar na Missão do Reino. Outro aspecto salientado em sua mensagem era a necessidade de se pensar uma Igreja que considerasse a diversidade de manifestações humanas. Reconhecia que tal projeto tinha que considerar o sacrifício que muitas pessoas teriam que fazer para colocá-lo em prática:

Propomos uma igreja-em-missão, através do culto, do testemunho e do serviço. Sabemos da tentação de ser uma igreja de consumo, mas propomos ser uma Igreja serva, onde o poder seja posto a serviço e não na conquista de cargos. O poder tem que ser ocupado, porém, na Igreja, deve ser ocupado por aqueles que estão dispostos a viver a experiência de Cristo – a de servo – e a de ser fiel àquilo que a Igreja nos está propondo como caminho da Missão. Também não queremos ser uma Igreja monolítica, mas diversificada, unida em Cristo e no projeto da própria Igreja. Esta opção – a de Cristo – inclui a cruz, quem sabe, a crucificação!<sup>713</sup>

Aço acreditava que a Segunda Região Eclesiástica estava caminhando para a maturidade e esta seria alcançada através do exercício da Missão. O alvo principal da Missão continuava a ser as crianças. Apontava que elas se constituíam em sintoma de uma sociedade doente que necessitava de cura, mas que representavam uma luz apontada para o futuro no qual se construiria uma sociedade diferente, afinada com o Reino de Deus.<sup>714</sup> O Planejamento Regional enfocava o “aumento significativo das iniciativas de serviço social, com ênfase nas crianças e família, creches, classes de reforço, pastorais do menor, ações com crianças de rua, etc.”.<sup>715</sup> Uma das finalidades da adoção desta ênfase era justamente a conversão da própria Igreja no processo de reflexão e ação. Convocava a Região para atender às crianças com a finalidade de superar as condições que as violentavam:

Nossa prioridade: as crianças [sic] organizemo-nos em função de atendê-las; refletimos sobre as estruturas que as violentam, lutemos em frentes, as mais diversas. Elas (as crianças) são ao mesmo tempo sintoma de uma sociedade doente e esperança de nova sociedade, de acordo com o Reino de Deus.<sup>716</sup>

A Igreja necessitava ser um agente efetivo da Missão. Não poderia se restringir ao atendimento às necessidades dos seus membros. Superando isto, a Igreja precisava tornar-se uma agência de serviço aos excluídos, ao mesmo tempo em que deveria fomentar a transformação na sociedade. Para tanto, o testemunho que dava era fundamental, pois mostrando os sinais do Reino de Deus no contexto onde subsistia, mobilizaria as pessoas para o seu interior.

<sup>713</sup> RELATÓRIO, 1990, p. 233-234.

<sup>714</sup> AÇO, Entrevista..., p. 4, abr. 1988

<sup>715</sup> AÇO, Entrevista..., p. 4, abr. 1988

<sup>716</sup> AÇO, Entrevista..., p. 4, abr. 1988

### 3.8. MISSÃO E TESTEMUNHO

Aço entendia que o testemunho, enquanto sinônimo de sacrifício e de entrega, expressava o sentido da Missão e incluía a presença do amor, como entrega solidária e empática. Fazia parte da sua concepção de testemunho a denúncia proclamada contra todas as formas de exclusão e contra todas as práticas de injustiça. Em um poema intitulado “Amor”, abordou a profundidade do testemunho enquanto “imolar-se” na luta:

Amor não é deleitar-se  
Em virtude imaginária;  
É antes comprometer-se  
Fremindo a vida diária.

Amor não é empolgar-se  
Naquilo que não existe  
Mas é antes imolar-se  
Numa luta que persiste.<sup>717</sup>

Durante os festejos de Natal era comum o comércio tomar imagens construídas para celebrar o nascimento de Cristo, incentivando sempre o consumo de bens. Neste contexto, Aço fez uma reflexão sobre outros paradigmas vividos pelo homem Jesus, que apontavam para aspectos fundamentais da mensagem e Teologia cristãs. A solidariedade era um desses elementos analisada com a visão teológica e ressaltada em seus escritos. Aço salientava que a solidariedade era “indiscutivelmente um dos modelos ou um aspecto do modelo de realização humana que Jesus nos ensinou e viveu”.<sup>718</sup> Ressaltava isto tomando por base a solidariedade de Jesus com a humanidade manifesta desde o Natal até sua tortura e morte como criminoso. A vida de Jesus foi uma constante afirmação de solidariedade com os mais desprezados, as vítimas das injustiças e dos poderes arbitrários.<sup>719</sup>

A propósito das comemorações relativas ao “Dia Nacional de Ação de Graças“, Aço compôs um poema no qual incentivava as pessoas a comemorar, protestando. Falou de sua recusa de agradecer pela insensatez com que o patrimônio do povo era assaltado quando lhe era negado o acesso aos bens sociais a que tinha direito. Neste poema convidava as pessoas a juntarem as suas vozes com as vozes de tantas outras pessoas que denunciavam e até se tornaram vítimas dos poderosos, por causa de sua postura profética. Seu desejo era o de que as pessoas da Igreja se juntassem para engrossar o coro dos que protestavam e assim buscar a

<sup>717</sup> AÇO, 1976, p. 9.

<sup>718</sup> AÇO, Isac. Jesus de Nazaré: alguns modelos de realização do homem. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 12, jan. 1976.

<sup>719</sup> AÇO, Isac. Jesus de ..., p. 12, jan. 1976.

libertação de uma sociedade que estava oprimida por uns poucos que dela se beneficiavam. Num poema cheio de denúncias, convidava as pessoas a comemorarem através de uma das festas mais tradicionais dos metodistas, a celebração do “Dia Nacional de Ação de Graças”:

Vamos celebrar protestando  
denunciando a iniquidade  
Não vamos agradecer  
pela insensatez  
nem pelo vergonhoso  
assalto da minoria  
aos bens da coletividade;  
vamos anunciar a morte do perverso,  
e que o Reino vedado ao  
cheio de si mesmo.  
Vamos protestar cantando,  
Vamos engrossar a marcha  
de todos os profetas,  
apóstolos e mártires;  
dos santos e dos revolucionários  
e dizer com Cristo:  
“Graças te dou, oh! Pai,  
porque ocultaste  
aos sábios e entendidos  
e as revelaste aos pequeninos”.<sup>720</sup>

A visão de Aço era clara quando tocava no seu dever moral de exercer o direito à denúncia. Fazia isto com relação aos direitos dos pobres, considerando a causa dos aposentados e das viúvas. Para ele, a ação de graças incluía a celebração dos atos poderosos de Deus para a qual convidava as pessoas simples, crianças, pobres, idosos/as, deficientes:

Não vamos nos omitir  
na violação dos direitos do pobre,  
nem da causa aos aposentados  
e das viúvas.  
É assim que quero celebrar o  
Dia Nacional de Ação de Graças!

Vamos dar graças a Deus  
exaltando o seu poder,  
e chamar as pessoas simples,  
as crianças e os pobres,  
os idosos e os deficientes,  
para levantarem as mãos  
e baterem palmas gritando:  
“Os céus e a terra  
estão cheios da tua glória”.<sup>721</sup>

Aço concebia que a denúncia visava à mudança de postura e de trajetória dos poderosos. Seria uma denúncia que o povo faria juntamente com Cristo, numa marcha

<sup>720</sup> AÇO, Poema em..., p. 16, nov. 1981.

<sup>721</sup> AÇO, Poema em..., p. 16, nov. 1981.

conjunta para a qual ele convocava os anjos e os exércitos da paz para desmascarar os reis e tornar obsoletas as armas da guerra:

Quero convocar os anjos  
e os exércitos da paz.,  
para combater os exércitos da guerra,  
e os que violentam a terra.

Vamos sair em passeata  
com o Príncipe da paz,  
e desmascarar os reis da terra,  
e transformar em ferramentas,  
tornando obsoletas  
as armas da guerra.<sup>722</sup>

Ao analisar o contexto das contradições sociais e políticas da década de 1980, quando se preparava para assumir o episcopado, Aço levantou a voz para denunciar “a interferência das grandes potências na vida de populações humildes”<sup>723</sup>, que acabavam por torná-las marginais em um mundo que lhes pertencia. A Missão da Igreja também consistia em combater como abomináveis e desumanas estas ingerências externas. Reconhecia que na Igreja da Segunda Região, também havia questionamentos sobre as posições assumidas no Concílio Geral<sup>724</sup>, especialmente em questões sociais, educacionais e políticas.<sup>725</sup> Tratava-se de uma questão esperada na medida em que o Evangelho questionava a posição de acomodação e condescendência com a desumanização.<sup>726</sup> Muitas pessoas sentiam-se atingidas e reagiam, pois confundiam “reconciliação com conformismo diante do mal, e amor complacência diante da ganância selvagem”.<sup>727</sup>

A propósito da descoberta de valas comuns na Argentina “onde centenas (milhares?) de cadáveres de homens e mulheres que ofereceram sua vida em troca de assegurar o direito de outros viverem”<sup>728</sup> e de massacres de palestinos por judeus pelos quais há pouco todos/as choravam, Aço se referia ao pastorado como parte da vocação cristã num contexto de contradições sociais. Salientava a ambigüidade dessas contradições dizendo que a vocação

<sup>722</sup> AÇO, Poema em..., p. 16, nov. 1981.

<sup>723</sup> AÇO, Isac. Palavra do Reitor: resistir e persistir rumo à nova humanidade. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 2, dez. 1982.

<sup>724</sup> Referia-se ao XIII Concílio Geral da Igreja Metodista, Igreja Metodista, reunido em Belo Horizonte em julho de 1982.

<sup>725</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, dez. 1982.

<sup>726</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, dez. 1982.

<sup>727</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, dez. 1982.

<sup>728</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, dez. 1982.

pastoral se constituía numa “vocação, assaz, utópica, dentro deste ambiente onde a força impera e o amor parece irrelevante”.<sup>729</sup>

Ao se referir à Igreja no contexto da sociedade, Aço falava de uma instituição real envolvida com as lutas cotidianas das pessoas. Referia-se a uma Igreja que se defrontava “com problemas sociais, tais como a fome e a falta de habitação, a falta de atendimento à educação, a exploração do trabalhador, o desespero da juventude”.<sup>730</sup> Era nesta sociedade concreta que uma Igreja concreta deveria atuar missionariamente, sinalizando a esperança do novo:

Quando falamos em Igreja e Sociedade não falamos apenas na Igreja ideal, mística, esposa de Cristo, povo da aliança, propriedade particular de Deus, mas neste povo que vive numa sociedade onde há doença, fome, sofrimento e desespero e onde se constrói a esperança de um “novo céu e uma nova terra”, onde habite a justiça.<sup>731</sup>

Ao indicar as diretrizes para a Igreja montar o planeamento de 1984, Aço salientava a atitude da Igreja Metodista em seus documentos quanto ao reconhecimento de que a situação de miséria do nosso povo se constituía na negação concreta do Reino de Deus. A partir disto convocava a todos os segmentos da Região para trabalharem no sentido de transformar a sociedade como parte de sua vocação missionária. Aço considerava esta transformação um imperativo com o qual era necessário um confronto permanente. Insistia, com as lideranças da Região para que orientassem as pessoas atendidas pela ação social e evangelização, no sentido de engajá-las na luta pela superação das estruturas que negavam a Cristo e seu Reino.<sup>732</sup> Considerava isto um passo essencial da evangelização que poderia ser realizado através do encaminhamento destas pessoas atendidas às entidades nas quais poderiam “participar como membros legítimos: associações de moradores, sindicatos, etc... comprometendo-as com suas organizações populares”.<sup>733</sup>

Ao abordar o tema da evangelização para favorecer a vida, Aço analisava que a pregação praticada na Igreja Metodista parecia ser sempre a mesma, que podia “até mudar um estilo de linguagem, de acordo com o nível da congregação”<sup>734</sup>, mas o conteúdo permanecia o mesmo sempre: ricos e pobres, sofredores e opressores ouviam a mesma mensagem que apelava para uma decisão em favor de assegurar um lugar no céu. Nesta mensagem, “o

<sup>729</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, dez. 1982.

<sup>730</sup> AÇO, Isac. História da fé e coragem. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 8, set. 1985.

<sup>731</sup> AÇO, Isac. História da..., p. 8, set. 1985.

<sup>732</sup> AÇO, Isac. **Ênfases**...[s.d.], p. 04.

<sup>733</sup> AÇO, Isac. **Ênfases**...[s.d.], p. 04.

<sup>734</sup> AÇO, Isac. Evangelização: em favor da vida. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 15, out. 1983.

compromisso de tornar a boa-nova o fator preponderante da mudança na terra, aqui e agora”<sup>735</sup>, era esquecido. Insistia que a mensagem pregada pela Igreja deveria ser a mesma no sentido de anunciar a boa-nova para todas as pessoas, porém, para os sofredores, pobres ou explorados, a boa-nova deveria vir como promessa, enquanto que para os exploradores deveria vir “como apelo ao arrependimento”.<sup>736</sup> Não se tratava de um arrependimento com o propósito de condenação eterna, mas no sentido da conversão a Deus.<sup>737</sup> A evangelização, como elemento de renovação, tinha dupla face: a que se dirigia às pessoas, convocando-as ao arrependimento e à fé, e a que se dirigia às estruturas de decisão que careciam “ser confrontadas com a vontade de Deus”.<sup>738</sup>

A propósito da passagem do Dia do Trabalhador, em 1º de maio de 1983, fez uma declaração enfatizando desafios que envolviam a massa trabalhadora brasileira naquele momento de transição política do país.<sup>739</sup> Colocava-se ao lado das pessoas exploradas através do seu trabalho. Pedia às igrejas que se solidarizassem com os desempregados, semeando a esperança de uma sociedade justa e fraterna. No referido documento destacava a realidade do trabalho como elemento próprio do ser humano, que estava lhe sendo negado. Denunciava a presença de um modelo econômico concentrador da riqueza, o esforço de produção para pagamento da dívida externa e a intervenção dos capitais estrangeiros sem a preocupação de geração de empregos e conseqüente aumento do endividamento externo.<sup>740</sup> A partir destes destaques proclamava a posição da Igreja Metodista que se colocava junto com os/as trabalhadores/as em ações de solidariedade e união em torno de suas demandas:

Neste Dia do Trabalho, juntamente com o “PVMI”, proclamamos que estamos “ao lado daqueles que são explorados em seu trabalho e daqueles que nem sequer conseguem trabalhar” e pedimos a todas nossas igrejas que se esforcem para ser testemunhas de solidariedade aos desempregados e trabalhem para criar consciência das prioridades para a família brasileira, a fim de que não se perca a esperança de uma sociedade mais justa e fraterna.<sup>741</sup>

<sup>735</sup> AÇO, Isac. Evangelização: em..., p. 15, out. 1983.

<sup>736</sup> AÇO, Isac. Evangelização: em..., p. 15, out. 1983.

<sup>737</sup> AÇO, Isac. Evangelização: em..., p. 15, out. 1983.

<sup>738</sup> AÇO, Isac. Palavra do..., p. 2, ago. 1984.

<sup>739</sup> O ano de 1983 marcado pela movimentação política popular em torno da campanha pelas eleições diretas chamada “Diretas Já” apontava para a passagem da política autoritária do período de Ditadura Militar (1964-1982) para o primeiro governo democrático com a eleição do primeiro presidente civil, Tancredo Neves, substituído pelo vice-presidente, José Sarney em razão da morte do presidente eleito em março de 1985. (KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil**. Disponível em: <<http://www.fundacaoperseuabramo.org.br/especiais/diretas/cronologia.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2006).

<sup>740</sup> AÇO, Isac. Dia do trabalhador. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 16, maio 1983.

<sup>741</sup> AÇO, Isac. Dia do..., p. 16, maio 1983.

Ao salientar a obra de Jesus Cristo como inspiradora das ações do ser humano, Aço recuperava sua atitude questionadora e revolucionária diante da sociedade do seu tempo. Quando Jesus pregava utilizando a antítese “eu, porém, vos digo” (Mt 5.22) propunha uma nova dimensão para uma sociedade que estava acostumada com as imposições regulatórias da religião. Esta mensagem de Jesus apontando para um novo horizonte de vida era tomada como indicativo para a ação missionária da Igreja na atualidade, na direção do mesmo Reino e da mesma justiça:

Outros aspectos mais objetivos nos contam que Jesus se rebelou contra a sociedade de seu tempo, colocando alternativas completamente revolucionárias em relação aos padrões aceitos. As profundas antíteses — “ouviste o que foi dito aos antigos... eu, porém vos digo...” — mostram que algo novo deveria romper num mundo onde até mesmo a religião se tornara instrumento de exploração do ser humano. Sua atitude foi “qualitativamente questionadora”, não apenas por questionar, mas mostrando o verdadeiro modelo de realização e as prioridades: “buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e o mais vos será acrescentado”.<sup>742</sup>

Ao se referir às crenças, Aço manifestava sua fé em Cristo Jesus como um novo caminho aberto para o ser humano. Em sua visão, esse Cristo consistia num modelo diante do qual, as ações do ser humano deveriam passar por uma crítica contínua. O parâmetro da crítica tinha que ser o caminho com destino ao Reino de amor, de fé, esperança e paz. Acreditava numa postura de denúncia como seguidor de Cristo quando escreveu:

CREIO no Senhorio de Jesus Cristo  
que nos permite a nós, seus seguidores,  
denunciarmos toda a injustiça  
e carregarmos a cruz sem temores!<sup>743</sup>

Confiava que o Reino de Deus era um evento temporário que estava sempre vindo pelo poder de Deus, mas que resgatava o querer de Cristo no ser humano como um desejo antigo sempre novo agora:

CREIO que o justo juízo de Deus  
está sempre vindo pelo seu poder;  
e que seu Reino, embora provisório,  
atualiza, em nós, o seu querer!<sup>744</sup>

Em uma poesia preparada para a liturgia de um culto comunitário, sob o título “Oração do Povo de Deus”, Aço abordou temas provocadores na direção da denúncia e da proclamação da esperança. Pediu que Deus não permitisse que a Igreja vivesse na rotina.

<sup>742</sup> AÇO, Isac. Jesus de ..., p. 12, jan. 1976.

<sup>743</sup> AÇO, Isac. Credo..., p. 1, out. 1976.

<sup>744</sup> AÇO, Isac. Credo..., p. 1, out. 1976.

Manifestou o desejo de ter a boca aberta e os ouvidos alertas para ter a sabedoria no ouvir e no dizer. Pedia a orientação para falar sem medo, na proporção que desejava escutar sem vergonha, para viver num mundo real. Que tudo isso, no entanto, não lhe tirasse a dimensão do sonho da esperança. Salientava a necessidade de o pensamento estar focado nas pessoas que viviam sorrindo ou gemendo, mas que desejavam se encontrar:

Senhor!  
 Dá que sejamos teu povo,  
 e que neste mundo novo,  
 não vivamos na rotina;  
 Dá-nos boca bem aberta,  
 e ouvidos, também, alerta:  
 saber ouvir e dizer!  
 Saibamos falar sem medo  
 e escutar sem vergonha,  
 viver na realidade  
 e não no mundo do sonho,  
 sem perder a qualidade  
 de sonhar com esperança,  
 pois que nossa fé descansa  
 no poder renovador  
 de teu amor permanente!  
 Faz que pensemos na gente  
 que por aí vai vivendo:  
 uns sorrindo,  
 Outros gemendo,  
 querendo se encontrar.<sup>745</sup>

Na mesma proporção que era capaz de fazer críticas sérias à estrutura eclesiástica ou a estrutura política do país, Aço também era capaz de reconhecer os sinais de esperança que se mostravam na prática cotidiana da Igreja e do povo brasileiro. Por ocasião da morte do Presidente eleito Tancredo Neves emitiu uma mensagem aos metodistas e ao povo gaúcho na qual aliava a luta e o sofrimento do povo às esperanças de democracia. O luto e a dor de todos/as recebiam a solidariedade na forma de oferecimento de uma parte de cada um/a como participante da morte coletiva de todos/as os brasileiros/as. Reinterpretava o mistério da morte e ressurreição de Cristo, anunciando a ressurreição na forma de uma nova era na democracia do país. Assim, morte, envolvimento coletivo e esperança de ressurreição se apresentavam como maneira de perceber o acontecimento trágico da vida nacional:

Neste momento de luto, todos oferecemos parte de nós mesmos: cada um de nós participa desta morte coletiva, para que ressurja vigorosa a Nova República, firmada sobre o “movimento das diretas”, confirmado sobre o sacrifício do presidente Tancredo Neves e sobre o exercício da esperança de trinta e nove dias de vigília.<sup>746</sup>

<sup>745</sup> AÇO, Isac. Oração do povo de Deus. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 3, jan. 1976.

<sup>746</sup> AÇO, Isac. p. 2, jun. 1985.

Na mensagem introdutória ao seu relatório para o XXIV Concílio Regional<sup>747</sup>, Aço falava das dificuldades e desafios da Região no período. Apontava para a esperança que sempre alimentou a sua visão missionária. Salientava a companhia do Senhor, apontando os momentos de dificuldades, de incertezas vividas, mas apontando sempre para a fé como instrumento de superação. A sua visão missionária se caracterizava pela consideração da realidade vivida (e sofrida) pelo povo e pela Igreja. Força, convicção e segurança não significavam facilidade na caminhada, mas a marca da esperança, da companhia divina em meio às dificuldades:

Chegamos ao final de um ano de trabalho, podemos dizer com convicção: até aqui nos ajudou o Senhor! Esta força, esta convicção, esta segurança não significam que tenha sido uma caminhada fácil. Tão pouco podemos dizer que tenha Deus nos provado além de nossas forças. A caminhada teve as dificuldades inerentes a um momento difícil na vida de nossa sociedade, difícil e esperançoso na vida e missão da Igreja Metodista.<sup>748</sup>

Aço mantinha a vigilância atenta para possíveis indícios de desmobilização da ação da Igreja. A nova proposta operacionalizada com base no PVMI podia perder adesão. Na conclusão do seu relatório fez um alerta aos pastores/as e leigos/as no sentido de que a nova postura da Igreja poderia despertar até o ódio da sociedade circundante. Mexer com o *status quo* de determinados grupos provocava reações contra a própria Igreja. Indicava que não era possível abrir mão, como Igreja de ser um sinal do Reino. Advertia a todos/as para um risco muitas vezes desconhecido aos metodistas: tornar-se alvo da desconfiança da sociedade. Por isso, a Igreja não podia ser simplista em considerar a neutralidade da sociedade ao mexer com valores e denúncias significativas para a mesma. Comparava isso com a parábola do evangelho de Marcos, que fala das ovelhas sendo enviadas para o meio de lobos:

Não podemos, porém ser simplistas a ponto de achar que a sociedade que nos envolve é neutra a nosso respeito e a respeito da Missão da Igreja. Na medida em que nossa Teologia interferir no “status quo”, na manutenção das situações de miséria e opressão, e criticar a fonte de onde os poderes do mal maquinam a impotência econômica e financeira dos países menos ricos e pobres, aí a Igreja, sinal do Reino, é olhada com desconfiança, talvez até ódio. “Eis que vos envio como ovelhas para o meio de lobos”,<sup>749</sup> disse Jesus!<sup>750</sup>

Contrastando com a concepção de espiritualidade metodista da época, baseada na prática da devoção individual e piedosa<sup>751</sup>, a concepção de Aço incluía a prática da justiça.

<sup>747</sup> O XXIV Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista realizou-se em Santa Maria, de 15 a 18 de dezembro de 1983 e foi o primeiro Concílio presidido integralmente pelo Bispo Isac Aço.

<sup>748</sup> RELATÓRIO, 1984, p. 18-25.

<sup>749</sup> Mt 10.25.

<sup>750</sup> RELATÓRIO, 1984, p. 18-25.

<sup>751</sup> MENDONÇA, 1990, p. 205.

Esta espiritualidade se ligava à preocupação com o sofrimento do povo brasileiro, latino-americano e do terceiro mundo com todas as suas mazelas envolvendo a dívida “com o FMI, reforma agrária, agrotóxicos, direitos humanos”.<sup>752</sup> Defendia uma espiritualidade que contemplava a ação do Espírito Santo na vida dos que eram considerados a escória do mundo (1 Co 4.13) de forma que estes pudessem “tornar-se também instrumentos de mudança, visando à implantação do Reino de Deus”.<sup>753</sup> A sua mensagem e a sua prática pastoral se dirigiam para uma espiritualidade que levava em consideração a justiça com amor, como reflexo da obediência ao Espírito Santo. Propugnava por uma transformação de mentalidade que tornasse concreta a fé através da ação. Isto implicava a luta pelo fim das opressões e pela busca da vida plena. Estava consciente de que esta nova mentalidade não condizia com o comumente chamado de espiritual. No preâmbulo do seu relatório ao XXVI Concílio Regional escreveu:

No que concerne à espiritualidade, tem sido feito algum esforço no sentido de que a prática da fé se concretize em ação; há que persistir para que essa ação tenha como referência a transformação da mentalidade em vistas de um mundo de mais justiça, menos opressão, de vida plena em todos os sentidos. É provável que nesta ênfase se tenha prejudicado o lado mais comumente chamado, de espiritual, pois se passou a enfatizar como espiritual a obediência ao Espírito na prática de justiça e do que concerne à vida cotidiana.<sup>754</sup>

Aço apregoava uma espiritualidade voltada para a restauração do direito à vida, com base nos ensinamentos de Jesus Cristo como aquele que inspirava a Missão. Uma espiritualidade que não repudiava a cultura: corpo, voz, mãos ritmos, ou a criação comunitária, mas que transformava “essas manifestações em expressões criadoras do sentido último: vida voltada para Deus e para o próximo”.<sup>755</sup> Esta nova visão consistia numa espiritualidade de resistência, de solidariedade. Tinha em vista tanto a interioridade como se fosse uma reserva de resistência ao mal como um elemento de questionamento e denúncia contra “a injustiça, a opressão a exploração como incompatíveis com a vida plena”.<sup>756</sup> Tratava-se de uma resistência às formas deteriorantes da verdadeira espiritualidade.<sup>757</sup> Ser complacente com os que destruíam o corpo significava “permitir também, o aniquilamento do espírito, uma vez que o ser humano”<sup>758</sup> tinha que ser entendido sempre como uma integralidade. Concebia assim uma santidade que se nutria no Espírito de Cristo e dele tomava

<sup>752</sup> RELATÓRIO, 1986, p. 54-70.

<sup>753</sup> RELATÓRIO, 1986, p. 54-70.

<sup>754</sup> RELATÓRIO, 1986, p. 54-70.

<sup>755</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>756</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>757</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>758</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

o modelo para a transformação “do pecado para o amor, da opressão para o serviço, da autoconfiança para a graça redentora, da morte para a vida, enfim, uma maturidade restauradora”.<sup>759</sup> Tratava-se de uma espiritualidade ligada ao mundo: um mundo resgatado pelo Espírito para uma visão libertadora.<sup>760</sup> Sinalizava os fracassos humanos ao mesmo tempo em que apontava para a esperança do novo homem e mulher, do novo céu, da nova terra.<sup>761</sup> Falava de uma espiritualidade visionária e missionária capaz de fazer a leitura da realidade que comprometia as pessoas com o Espírito, assim como o próprio Cristo se comprometeu com cativos, cegos e pobres (Lc 4.18). Este compromisso tornou-se a semente embrionária do Reino de Deus:

É uma espiritualidade que restaura a vida, capacita continuamente, coloca Cristo diante de nós como doador da vida e inspirador da Missão. É uma espiritualidade visionária e missionária: como Cristo, gerado pelo Espírito e cheio do Espírito, viu os cativos libertos, os cegos, vendo, os pobres, ouvindo as boas novas, e isso o comprometeu, também nós inseridos nele, pela mesma fonte – o Espírito - nos comprometemos com essa visão e essa missão do mundo restaurado - o embrião do Reino de Deus!<sup>762</sup>

Aço acreditava que a pressão política, exercida pelas pessoas da Igreja, podia ajudar a mudar sociedade. Como uma de suas maiores preocupações era o atendimento às crianças, sua ação pastoral também ia nesta mesma direção. Não queria que a Região desenvolvesse projetos de puro assistencialismo, mas que as crianças fossem atendidas em suas necessidades integrais, tais como alimentação, carinho, educação, recreação e a dimensão religiosa.<sup>763</sup> Incentivava o atendimento às famílias especialmente nas suas carências em relação às necessidades das crianças com o propósito de “torná-las agentes na educação e na transformação, e não apenas pacientes ou dependentes”.<sup>764</sup> Queria que a Igreja se esforçasse para criar uma consciência política de estrutura. O objetivo da ação pastoral de atendimento às crianças era na direção do “caminho da libertação pessoal e da transformação social”.<sup>765</sup> Acreditava ser possível construir um caminho que permitisse às famílias e às crianças terem noção do que produzia as anomalias da antívida. Incentivava as pessoas da Igreja a se organizarem para exercer pressão sobre a Assembléia Constituinte, que deveria elaborar uma nova carta em 1988: “Por que não organizar um grupo de acampamento e, se necessário,

<sup>759</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>760</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>761</sup> AÇO, Isac. Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>762</sup> AÇO, Espiritualidade..., p. 11, abr./jun. 1986.

<sup>763</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, abr. 1987.

<sup>764</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, ago. 1988.

<sup>765</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, ago. 1988.

pressão sobre a Constituinte, com agente de outras igrejas, partidos e grupos, visando assegurar a dignidade e cuidado com a criança na nova Constituição”<sup>766</sup>

Aço escreveu uma meditação, a partir do texto de Mc 14.36, sobre a oração do Getsêmani, numa alegoria, deslocando a autoria de Jesus para todos os cristãos/ãs. Falava sobre a crucificação de Cristo que acontecia novamente, não mais naquele jardim de Jerusalém, mas nas crianças da África, Ásia e América Latina assim como nas adolescentes que eram “exploradas a manipuladas por agentes da morte e da destruição”.<sup>767</sup> Enfatizava os gritos de desespero que denunciavam as dores de milhões de pessoas que sofriam e pedia que a vontade do Pai se realizasse mesmo sabendo que o cálice já havia sido tomado e a cruz já tivesse sido erguida, tanto em Jerusalém quanto nos diferentes lugares onde as pessoas, crianças e adultos, haviam sido sacrificadas. Diante deste novo calvário emitia um desafio para mobilizar todos os mundos: “mundo industrializado e empobrecido, mundo de *apartheid* e mundo militarizado, mundo do capital e do trabalho”<sup>768</sup> para a vitória de Cristo. Seu apelo enfático transformava-se em três imperativos do verbo pregar, como se estivesse gritando no meio da praça. O primeiro “pregai” referia-se ao sofrimento e à exploração que provocava a antívida, o segundo anunciava a libertação aos excluídos socialmente e o terceiro se endereçava a quem promovia a exclusão:

Pregai que o sofrimento, a fome, a exploração e antívida, tornou-se abominável, diante do cálice que Jesus tomou”, e a vida plena é a exigência da nova criação — impedí-la é degenerar-se! “Pregai a toda a criatura”, pregai a libertação, aos pobres, às crianças, aos enfermos, aos jovens, às maiorias deserdadas; libertação para vida, para o amor, para a reconstrução do mundo. Pregai a toda a criatura, aos opressores, o arrependimento, aos algozes, a humilhação e a confissão; aos que ajuntam terra sobre terra, a repartição justa; aos que tiraram do salário do trabalhador, os reparos ainda possíveis; aos que acumularam juro sobre juro, a devolução social para a vida.<sup>769</sup>

Ao refletir sobre a situação das crianças empobrecidas, maltratadas por todas as partes, Aço entendia como um sinal pálido do que poderia acontecer num futuro dentro de vinte anos. Caso a situação não mudasse, a estrutura econômica continuasse a mesma e a corrupção persistisse corroborada pelo descontrole dos gastos públicos, a dívida externa do país seria paga “à custa da fome, do desemprego, da migração”.<sup>770</sup> Sobre tudo, perturbava-se com a situação da Reforma Agrária não viabilizada, da falta de escola entre outras situações

<sup>766</sup> AÇO, Palavra do..., p. 2, abr. 1987.

<sup>767</sup> AÇO, Isac. “E dizia: Aba”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 11, maio 1987.

<sup>768</sup> AÇO, “E dizia...”, p. 11, maio 1987.

<sup>769</sup> AÇO, “E dizia...”, p. 11, maio 1987.

<sup>770</sup> AÇO, p. 15, out.1987.

sociais doentias. Tudo isso considerava as causas de uma meninice pisoteada e de uma mocidade que só sobrevivia “dos restos de uma sociedade saqueada”.<sup>771</sup>

Diante da agressão imposta às crianças fazia um apelo à sociedade de forma geral, formada de homens e mulheres de bem, de instituições que eram prezadas pela dignidade que carregavam que reconhecessem as causas verdadeiras do massacre que impunham às crianças, comparando com a situação bíblica do massacre dos inocentes provocado por Herodes em Belém:

Urge que todas as forças vivas, todos os homens e mulheres de bem, todas as instituições que se prezam da dignidade que lhes confere a sociedade - políticas, econômicas, religiosas, militares, educacionais etc. - reconheçam as verdadeiras causas do massacre ao qual sujeitamos nossas crianças, numa repetição ampliada do infinito, da mortandade das crianças de Belém, pelo desmando de Herodes, pelo temor de que os filhos do povo venham a assumir os destinos da Pátria ainda tão subjugados aos interesses internacionais, aliados à ganância dos que deles se servem em benefícios próprios.<sup>772</sup>

Ao encerrar o seu relatório ao XXVIII Concílio Regional, Aço levantou cinco questões sobre a nova proposta missionária que estava sendo construído na Região. Inicialmente abordou a maneira como a Igreja estava respondendo às inquietações sociais e pessoais da realidade na qual estava inserida. Depois se perguntava se a Igreja tinha capacidade para reconhecer, nas inquietações, os elementos verticais e horizontais da espiritualidade das pessoas com as quais convivia. Questionou se a Igreja tinha a capacidade de realizar uma síntese entre aquilo que respondia para Deus e o que respondia para a sociedade. Formulou uma pergunta sobre a clareza que a Igreja tinha a respeito do sentido de viver a fé unicamente em favor da justiça, da dignidade humana e de um compromisso histórico de transformação. Finalmente inquiriu o Concílio sobre como este entendia a santidade social:

1° - como respondemos à profunda inquietação social e pessoal que vivemos hoje? 2° - somos capazes de reconhecer nesta inquietação os elementos verticais e horizontais que a compõem? Reconhecemos a sede que pessoas e grupos têm de Deus e as respostas às suas questões profundas “espirituais”? Ou ainda vivemos a Teologia da secularização que se esvaziou na década passada? 3° - seremos capazes de fazer a síntese entre a resposta a Deus e a resposta à sociedade integrando ambas na mesma vocação cristã? 4° - entendemos com clareza, embora em tensão que viver para Deus, o Deus de Jesus Cristo, só tem sentido em viver em favor da justiça e da dignidade humana, em favor de um compromisso histórico, transformador? 5° - é isto que entendemos e vivemos por santidade social?<sup>773</sup>

---

<sup>771</sup> AÇO, p. 15, out.1987.

<sup>772</sup> AÇO, p. 15, out.1987.

<sup>773</sup> RELATÓRIO, 1990, p. 59-80.

Em diferentes momentos do seu episcopado, Aço enfatizava a proposta da Segunda Região como uma Igreja que necessitava exercer a solidariedade com as pessoas atingidas pelo sofrimento. Deveria ser companheira das parcelas mais populares e ao mesmo tempo exercer o testemunho profético contra todas as formas de opressão. Deveria discernir as maneiras sutis de certos setores religiosos, que alienavam e dominavam as pessoas pelo lado místico, negando a necessidade de uma transformação social:

Nosso projeto de Igreja exige solidariedade para com os que sofrem, co-participação com as classes populares, denúncia das forças que oprimem, discernimento das formas sutis que assumem certos movimentos religiosos, dominando pelo lado místico alienante em detrimento do aspecto social transformador.<sup>774</sup>

Segundo Aço, uma parte da Missão da Igreja deveria ser o testemunho efetivo dos metodistas na conjuntura política de modo geral, tanto na área nacional quanto na área internacional. Alertava para as estratégias de invasão da política norte-americana além das suas fronteiras. Mencionava o caso da invasão do Panamá, em 1989, conhecida como “Operação Justa Causa”<sup>775</sup>, bem como outras atitudes em desacordo com convenções da diplomacia internacional.<sup>776</sup> Através desta reflexão incentivava a Igreja militante a continuar o seu caminho de lutas, pois antevia que o futuro exigiria fidelidade e obediência ao Senhor do Reino.<sup>777</sup> A Igreja não deveria ser substituta dos partidos políticos e nem de organizações populares ou das ações do governo, mas cria que a ação do Espírito, a prática do amor e a certeza da esperança significavam força para testemunhar. A vontade de Deus se constituía na vida plena para toda a criatura e levava cristãos/ãs a lutar por esta plenitude:

Essa estratégia já está surgindo: a despuorada invasão do Panamá, a descarada invasão das embaixadas, contrariando todos os acordos internacionais “decentes”, reprovados por todas as instâncias internacionais, mostra-nos que a política de quintal apenas vai mudando de formas, uma vez que se mantenham sob controle os povos do continente. Isto só é mais descarado que o apoio aos partidários de Somoza e a outros governos ditatoriais. Tudo isso significa que a Igreja militante tem um caminho de luta para diante. Os dias que estão à frente exigem fidelidade e obediência ao Senhor do Reino.<sup>778</sup>

A partir de uma meditação sobre Mt 9.35-38 dirigiu uma mensagem aos participantes da Assembléia do CIEMAL.<sup>779</sup> Referiu-se à humanidade do tempo de Jesus, como desorientada, aflita e desprovida de pastoreio. Relacionou com a humanidade do tempo em que se realizava a Assembléia, que vivia na mesma condição. Desafiava à Igreja a assumir

<sup>774</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>775</sup> Conforme p. 49.

<sup>776</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>777</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>778</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>779</sup> Conforme p. 46.

uma visão de coragem como aquela que o/a pastor tem ao olhar para seu rebanho, quando descobre doentes e desvalidos:

É uma visão cheia de paixão: Ele olha as pessoas que estão aflitas e cansadas, ovelhas sem pastor. É como se fosse uma radiografia muito clara da humanidade de então e, muito mais, de agora; humanidade aflita, fatigada, dispersa, sem orientação, ovelhas dispersas, sem pastor. Não é esta também a situação de grande parte da humanidade, de nosso povo? É uma visão de coragem, de pastor que olha as suas ovelhas é as descobre doentes e desvalidas.<sup>780</sup>

Em outubro de 1990 fez uma avaliação da ação missionária no âmbito da Segunda Região. O metodismo, no aspecto da evangelização, vivia uma dupla experiência como uma condição intrínseca. Por um lado a evangelização necessitava ajudar a pessoa a nascer de novo como fruto de uma experiência pessoal de conversão verdadeira. Esta experiência deveria levar a pessoa ao segundo aspecto, que consistia em oferecer condições de uma nova vida. Sentia que às vezes pairava sobre a Igreja o medo de falar desta dupla dimensão, pois isto poderia parecer “pietismo, individualismo e até mesmo retorno a uma Igreja descompromissada com o social”.<sup>781</sup> Este medo era infundado já que a nova proposta de ação missionária tinha base no PVMI. Além disso, entendia que a ação transformadora não dependia apenas dos agentes, mas do próprio Espírito de Deus. Era necessário ter uma base engajada e convicta que experimentasse em si mesma os sinais da renovação e a experiência do novo.<sup>782</sup> A ação missionária da Igreja podia ser comparada a uma guerra e não se podiam fazer guerras com soldados sem convicção, sem clareza de propósitos. Queria dizer que, juntamente com a proposta engajada na mudança de paradigma missionário, deveria estar a experiência de fé profunda e o compromisso de amor. Sentia falta desta conjugação na realidade da Região:

Esta breve avaliação, resumo de uma avaliação mais ampla, não visa acentuar nossa evangelização engajada no social, mas enfatizar o outro lado que lhe dá consistência e resistência: a experiência profunda daqueles que, pela fé, assumem o compromisso do amor. Este aspecto parece não estar sendo uma das nossas prioridades.<sup>783</sup>

Março de 1991 foi o mês em que Aço viria a falecer. Foi em março que escreveria sua última mensagem às igrejas e instituições da Região. Impactado com a ferocidade da “Operação Tempestade no Deserto”, atividade militar desenvolvida no sul do Iraque pelas forças aliadas da ONU entre os dias 24 e 28 de fevereiro de 1991, falou sobre “a guerra que

---

<sup>780</sup> PARA, 1992, p. 71.

<sup>781</sup> AÇO, [Correspondência: Avaliação...], out. 1990, p. 1.

<sup>782</sup> AÇO, [Correspondência: Avaliação...], out. 1990, p. 1.

<sup>783</sup> AÇO, [Correspondência: Avaliação...] out. 1990, p. 1.

travam todos os dias às nossas populações pobres”.<sup>784</sup> Nesta guerra elencou as principais vítimas: “as crianças empobrecidas; o agricultor sem terra; o funcionalismo; os professores(as)”.<sup>785</sup> Somavam-se a estas vítimas a recessão, o desemprego e o arrocho salarial.

Em meio a estas tantas manifestações de horror, Aço desejava a paz que dispensava justificativa porque se tratava da paz carregada de justiça, oferecida por Jesus Cristo. Desejava a paz que era vida em meio à morte, que resultava da boa vontade de homens e mulheres:

A paz com justiça, a paz construída, conquistada a cada dia, seja aquela que Cristo nos oferece, perdoando-nos; os nossos pecados, inclusive os da omissão à paz que resulta das ações conjugadas dos homens e mulheres de boa vontade, para implantar a vida em meio à morte, proclamá-la e vivê-la e de todos os modos compartilhá-la para que se reproduza na vida de cada pessoa e da sociedade.<sup>786</sup>

Aço entendia que o fato de a Igreja permanecer alheia às questões da realidade assustava a muitas pessoas que estranhavam esta alienação. Não se comprometer com a “guerra”, com o desemprego e com diferentes formas de exploração significava uma infidelidade para com o Senhor. Ser fiel significava um posicionamento claro de rompimento com o mundo pecaminoso, marcado pela opressão. O Senhor esperava de seus fiéis seguidores que participassem da nova vida, dom de Deus em Jesus Cristo. Vivendo em meio a um mundo sobrecarregado de problemas e de expectativas sombrias os cristãos/ãs seriam chamados a testemunhar a vida abundante compartilhada em solidariedade, sem temores, ameaças ou perturbações. Convidava a deixar as traições e as hesitações para os filhos das trevas, enquanto os fiéis deveriam se dedicar à implantação do Reino de Deus de forma voluntária e apaixonada.

---

<sup>784</sup> AÇO, Isac. [Correspondência: mensagem às igrejas, instituições e pastorais]. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], mar. 1991, p. 1.

<sup>785</sup> AÇO, [Correspondência: mensagem...], mar. 1991, p. 1.

<sup>786</sup> AÇO, [Correspondência: mensagem...], mar. 1991, p. 1.

*“Querida irmã, meu irmão: sonhe com uma igreja missionária a serviço dos que sofrem, especialmente das crianças, sonhe com uma Igreja testemunha da libertação através da fé e ação em Jesus Cristo (a fé que opera pelo amor). Este caminho é vida e promove a vida. Que o sonho não se acabe”.*

*Bispo Isac Rodrigues Aço*

Texto publicado no “Vida e Missão” em setembro de 1990.

## 4. REINO DE DEUS E MISSÃO: SÍNTESE DO PENSAMENTO DE AÇO

### 4.1. A VISÃO DA CAMINHADA

As pessoas são influenciadas pelo contexto no qual são formadas. Estão imersas no emaranhado dos elementos que influem diretamente sobre cada uma, sem é claro, negar-lhes a individualidade. A trama<sup>787</sup> contextual e histórica age sobre as pessoas ao mesmo tempo em que delas recebe influências. Como é do senso comum, a personalidade e nela a maneira de pensar, a visão de mundo, as convicções e a fé, estão diretamente relacionadas com o meio no qual a pessoa se desenvolveu, juntando contribuições da educação informal e formal que a determinam. No caso de Aço pode se dizer que o contexto no qual foi formado comprova estas influências. O seu nascimento no seio de uma família evangélica<sup>788</sup>, com o olhar missionário direcionado para Angola<sup>789</sup>, uma colônia explorada por Portugal<sup>790</sup>, teve como resultado dois fatores que influíram na sua formação: a fé cristã como fundamento de vida<sup>791</sup> e a prática desta fé no contexto social.<sup>792</sup>

Aço teve sua infância no contexto de igrejas evangélicas em Angola e Portugal. A partir dos vinte anos de idade, a Igreja Metodista teve maior influência sobre a sua vida com a sua contratação para servir na coordenação das escolas rurais da Igreja em Angola.<sup>793</sup> Seguiu-se a sua viagem de estudos<sup>794</sup> para o Brasil<sup>795</sup> e a permanência neste país, de forma definitiva na Igreja Metodista.<sup>796</sup> Com esta decisão, a Teologia metodista<sup>797</sup> com a sua visão voltada

---

<sup>787</sup> O termo “trama” utilizado aqui, é explicada por Paul Marie Veyne da seguinte forma: “Os fatos não existem isoladamente, nesse sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e de acasos.” (VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 3ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 28)

<sup>788</sup> Conforme p. 22.

<sup>789</sup> Conforme p. 22.

<sup>790</sup> Conforme p. 29.

<sup>791</sup> Conforme p. 22.

<sup>792</sup> Conforme p. 24.

<sup>793</sup> Conforme p. 27.

<sup>794</sup> Conforme p. 30.

<sup>795</sup> Conforme p. 59.

<sup>796</sup> Conforme p. 57.

<sup>797</sup> KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. **Viver a graça de Deus: um compêndio de Teologia metodista**. São Bernardo do Campo / São Paulo: Editeo / Cedro, 1999, p. 385.

para as questões sociais<sup>798</sup> passou a cativar Aço que a abraçou com determinação.<sup>799</sup> Neste sentido é significativo analisar os seus textos, partindo deste enfoque: a Teologia metodista e sua visão direcionada para as questões sociais:

A Igreja Metodista afirma sua responsabilidade cristã pelo bem-estar integral do homem como decorrente de sua fidelidade à Palavra de Deus, expressa nas Escrituras do Antigo Testamento e Novo Testamento. Essa consciência de responsabilidade social constitui parte da preciosa herança confiada aos metodistas pelo testemunho histórico de João Wesley.<sup>800</sup>

Disto manifesta-se a sua adesão<sup>801</sup> a uma nova maneira de pensar a relação do ser humano com Deus na construção do Reino<sup>802</sup>, na década de 1970: a Teologia da Libertação.<sup>803</sup>

Uma das características da personalidade de Aço era a determinação<sup>804</sup>. Ao deixar Angola para buscar uma oportunidade de estudos no Brasil, sentia-se constrangido<sup>805</sup>, mas sabia que não haveria outro caminho. Embora enfrentando dificuldades com a obtenção do passaporte e estudos preparatórios não desistiu da empreitada, mesmo quando os policiais colocaram-lhe empecilho no aeroporto de Lisboa.<sup>806</sup>

A preocupação e o cuidado com as pessoas que se tornaram vítimas da sociedade ocupavam a mente e a prática pastoral de Aço. Neste rol encontravam-se as mulheres<sup>807</sup>, os desempregados<sup>808</sup>, os pequenos agricultores, as crianças<sup>809</sup> entre tantas outras pessoas atingidas pela discriminação e pelo desprezo.

A paixão pela Missão o levava à reflexão sobre o Reino de Deus. Era um compromisso que assumia com Cristo e consigo mesmo. Sentia que o processo da libertação o aguardava e ele não pretendia protelar. A determinação que marcava sua personalidade se manifestava nesta paixão por testemunhar a graça libertadora de Cristo ao mesmo tempo em que fazia um convite desafiador às pessoas que participavam da Igreja. A realidade de um mundo cruel com os explorados movia seu pensamento e sua ação pela urgência de um Reino,

---

<sup>798</sup> CÂNONES, 2002, p. 88.

<sup>799</sup> Conforme p. 27.

<sup>800</sup> CÂNONES, 2002, p. 45.

<sup>801</sup> Conforme p. 68.

<sup>802</sup> Conforme p. 84.

<sup>803</sup> Conforme p. 68.

<sup>804</sup> Conforme p. 77.

<sup>805</sup> Conforme p. 30.

<sup>806</sup> Conforme p. 29.

<sup>807</sup> Conforme p. 88.

<sup>808</sup> Conforme p. 90.

<sup>809</sup> Conforme p. 115.

que restabeleceria a justiça e a dignidade roubada a tantas pessoas. Sua visão desse Reino se enchia de esperança confiada, por um lado, no dom divino e, por outro, na capacidade das pessoas de se mobilizarem em sua busca.

#### 4.2. A VISÃO DO REINO DE DEUS

A visão que Aço tinha do Reino de Deus era a de um mundo cheio de paz<sup>810</sup> e de justiça para todas as pessoas. Não se confundia com uma esperança distante, que nunca se realizava. Pelo contrário, ele o concebia como um mundo concreto construído por Deus, mas com a participação direta do ser humano. Tinha a noção de um Reino não acabado, pois ainda estava sendo construído e, por isso, ficava, por enquanto, no horizonte da esperança e do sonho humano.<sup>811</sup> Entretanto, já era possível perceber os seus sinais.<sup>812</sup> Ao mesmo tempo em que desafiava as pessoas a buscarem este Reino de paz, advertia-as sobre o seu preço – a mudança de mentalidade que compreendia a renúncia de privilégios calcados na exploração de uns pelos outros.<sup>813</sup> Tratava-se de uma posição afinada com a Teologia expressa no PVMI:

O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da completa paz. Tudo isto está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito Santo está fazendo brotar, como lemos em Rm 8.23: nós temos as primícias do Espírito, aguardando a adoção de filhos, ou ainda em II Co 7.21-22: “mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações”.<sup>814</sup>

Entendia que o Reino de Deus consistia na concretização do novo tempo, não no sentido temporal da expressão, mas no sentido de uma nova realidade transformada a partir da graça de Cristo, que deixava para trás todas as “velhas” e castigadas formas de existir fora da libertação que Ele representava.<sup>815</sup>

O conceito de Reino de Deus, para Aço, era muito próximo do conceito de Reino de Deus para a Teologia da Libertação, calcado na fundamentação bíblica sobre esta nova condição humana: a da libertação. É um novo estado de coisas que se instala superando o velho mundo, agora totalmente envolvido pela presença do divino.<sup>816</sup> É Jesus Cristo quem

---

<sup>810</sup> Conforme p. 6, 66.

<sup>811</sup> Conforme p. 143.

<sup>812</sup> Conforme p. 105.

<sup>813</sup> Conforme p. 106.

<sup>814</sup> CÂNONES, 2002, p. 78.

<sup>815</sup> Conforme p. 107.

<sup>816</sup> BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 76.

instala esta novidade e muda completamente a noção de relações do ser humano, entre si e com Deus. O Reino desse novo tempo estava alicerçado em relações de justiça e de solidariedade. Abandonava a antiga visão de um mundo hierarquizado e dividido entre poderosos e servos, senhores e escravos, ricos e pobres, e assumia as relações horizontais, que somente quem vive a libertação proporcionada pela graça consegue perceber. Antes, tratava-se de uma relação vinculada à aliança, normatizada por um código opressivo, ditada por limitações impostas por patriarcas e reis. Agora, na nova ordem, a libertação está ao alcance do ser humano na mesma proporção em que se manifesta a graça de Deus em Jesus Cristo: “Reino de Deus significa a realização de uma utopia do coração humano de total libertação da realidade humana e cósmica. É a situação nova do velho mundo, totalmente repleto de Deus e reconciliado consigo mesmo”.<sup>817</sup>

Esta visão que Aço tinha do Reino contemplava a presença do novo, inaugurado por Cristo e que se opunha ao “velho mundo”<sup>818</sup> dos privilégios e das opressões.<sup>819</sup> Um Reino que compreendia o dom de Deus e a ação humana, ambos conjugados. Ainda que não estivesse totalmente implantado, os seus sinais podiam ser experimentados na comunidade dos fiéis.<sup>820</sup> Este Reino tinha dupla dimensão, uma que era em nível pessoal e outra em nível coletivo: estava no meio do ser humano, naquilo que se manifestava como obra da graça libertadora de Cristo, e na sociedade, naquilo que se apresentava como transformadora para a justiça.

#### 4.3. A VISÃO DO REINO NO INDIVÍDUO E NA SOCIEDADE

Aço desejava que o Reino de Deus fosse instaurado para todas as pessoas. Não concordava com a noção de que este Reino fosse uma exclusividade dos cristãos/ãs que se enclausuravam na Igreja.<sup>821</sup> Entendia que isto demandava a ação direta de Deus<sup>822</sup>, por um lado, mas exigia a ação do ser humano, por outro. Neste novo modo de viver, inaugurado em Cristo, havia uma nova maneira do ser humano se relacionar entre si. Nesta nova maneira, uma parte era constituída pelo dom de Deus que confiava ao ser humano a reconciliação das pessoas com Ele. Esta obra de reconciliação faz parte da graça reconciliadora de Deus e inaugura a dimensão divina do relacionamento humano. Ela se constitui num processo

---

<sup>817</sup> BOFF, 1972, p. 76.

<sup>818</sup> A visão que as pessoas possuíam antes do evento inaugural do novo Reino, a partir de Cristo.

<sup>819</sup> Conforme p. 106.

<sup>820</sup> Conforme p. 167.

<sup>821</sup> Conforme p. 140.

<sup>822</sup> Conforme p. 85.

contínuo e envolve a superação das “coisas velhas”<sup>823</sup> como a mentira, a ganância, a injustiça e inaugura o novo tempo, o tempo do amor, um tempo de profunda comunhão com Cristo.<sup>824</sup> Ambos, ser humano e Deus<sup>825</sup>, estão implicados nesta tarefa missionária de redenção<sup>826</sup>, que tem uma dimensão pessoal (individual) e outra coletiva (social). Esta concepção de Aço a respeito do Reino de Deus em duas dimensões é coerente com a doutrina metodista, expressa no PVMI, que afirma uma dimensão comunitária e outra pessoal da experiência do crente:

O Metodismo afirma que a vida cristã comunitária e pessoal deve ser a expressão verdadeira da experiência pessoal do crente com Jesus Cristo, como Senhor e Salvador (Ef. 3.14-19). Através do testemunho interno do Espírito sabemos que somos feitos filhos de Deus, pela fé no Cristo que nos salva, nos liberta, nos reconcilia, e nos oferece vida abundante e eterna (Rm 8.1-2, 14-16; Jo 10.10; II Co 5.18-20).<sup>827</sup>

A dimensão pessoal era vivida com intensidade por Aço conforme demonstram seus textos. A maneira como se dirigia ao Pai<sup>828</sup> em oração de agradecimento demonstrava sua concepção de dependência divina. Dessa forma, sua gratidão pelos dons da natureza tais como o sol, a chuva, o rincão<sup>829</sup> e o próprio chão, que reconhecia como sua origem e sua futura sepultura<sup>830</sup>, demonstra seu reconhecimento diante dos dons da providência de Deus.

Aço por diversas vezes se refere em seus escritos à devoção como um elemento significativo da vida das pessoas e das comunidades. Refletia uma prática cara aos metodistas desde o seu fundador Wesley entendia a necessidade de momentos devocionais, mas mais do que isto, toda a vida da pessoa e da comunidade deveria ser uma vida de espiritualidade:

Damos um grande passo na devoção cristã quando a encaramos como uma vida a ser vivida, em vez de simplesmente uma porção de tempo a se observar. Assim, é mais apropriado falar de “vida devocional” do que “momentos devocionais”. Quando estudamos a espiritualidade de Wesley percebemos isto com muita clareza. Ele nunca dividiu a sua vida em compartimentos. A seu ver, a essência da vida era espiritual.<sup>831</sup>

Esta gratidão se estende a outros elementos sobre os quais cria que Deus agia, mas que envolviam a ação do ser humano, tais como a lágrima, a nota na prova, o pão de cada dia, a lição aprendida, etc.<sup>832</sup>. A mesma percepção se manifesta ao incluir em sua oração, as

<sup>823</sup> A visão que o ser humano possuía antes do evento inaugural do novo Reino em Cristo.

<sup>824</sup> Conforme p. 108.

<sup>825</sup> Conforme p. 105.

<sup>826</sup> Conforme p. 162.

<sup>827</sup> CÂNONES, 2002, p. 74.

<sup>828</sup> Conforme p. 85.

<sup>829</sup> Conforme p. 85.

<sup>830</sup> Conforme p. 86.

<sup>831</sup> HARPER, Steve. **A vida devocional da tradição wesleyana**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992, p.23.

<sup>832</sup> Conforme p. 85.

relações humanas e a prática da piedade<sup>833</sup> como elementos pelos quais sentia necessidade de agradecer ao Pai. No mesmo sentido, incluía a imensidade de bênçãos que passavam despercebidas no cotidiano, cujo reconhecimento representava um elo de comunhão diante de Deus<sup>834</sup>. Esta dimensão pessoal da fé está ancorada na compreensão metodista da Teologia bíblica. Antes de tudo, Deus tem uma relação individual com cada pessoa. Esta relação envolve o perdão pessoal e a conseqüente certeza da salvação em Jesus Cristo<sup>835</sup>:

A religião experimentada é uma religião pessoal. É algo muito mais amplo que as formas exteriores, as cerimônias e a religião secundária. Significa que acreditamos que Deus nos perdoa porque Cristo morreu por nós. Significa o novo nascimento: a vida transformada pela graça e pela fé. Significa a certeza interior de que somos filhos de Deus hoje e que estamos a caminho dos céus.<sup>836</sup>

Esta dimensão pessoal contempla também o prisma do amor fraterno no convívio comunitário. Ele parte da pessoa, mas se dirige ao outro como exercício do amor de Cristo. A experiência do amor fraterno, doutrina fundamental do cristianismo também é afirmada pela Teologia metodista:

Portanto, é necessário ter equilíbrio nesse aspecto. O que é, então, o amor cristão? Dentro da comunidade dos remidos, significa paixão ardente em fazer a obra de Deus em conjunto, na Igreja. Significa o desejo de carregar nossa parte do fardo e, ao mesmo tempo, levar o fardo dos outros.<sup>837</sup>

A dimensão pessoal da espiritualidade não significa individualismo. Cada ser humano necessita, individualmente, dos meios de graça para sua sustentação vital e missionária. Esta sustentação pessoal tem como objetivo o cumprimento do compromisso missionário que é desafiador e, por vezes, complexo. Ele envolve, por um lado, a dimensão pessoal e, por outro, a dimensão social. Na dimensão social, a espiritualidade necessita ter a perspectiva da restauração da vida plena para todas as pessoas. Ela implica em respeito à diversidade cultural que em determinadas circunstâncias envolve sons, corpo, gestos, ritmos diferentes daquela postura tradicional de liturgia. É uma espiritualidade que envolve lutas, solidariedade e busca incessante da justiça social. É uma espiritualidade de resistência, visionária e capaz de perceber o contexto no qual as pessoas se encontram ao mesmo tempo

---

<sup>833</sup> Conforme p. 86.

<sup>834</sup> Conforme p. 94.

<sup>835</sup> HEITZENRATER, 1996, p. 80.

<sup>836</sup> STOKES, Mack B. **As crenças fundamentais dos metodistas**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992, p. 9.

<sup>837</sup> STOKES, 1992, p. 94.

em que percebe a ação do Espírito que semeia a vida. É a espiritualidade do Reino<sup>838</sup> que alia a ação do Espírito Santo ao testemunho pessoal do/a cristão/ã:

O Metodismo proclama que o poder do Espírito Santo é fundamental para a vida da comunidade da fé, tanto na piedade pessoal como no testemunho social (Jo 14.16-17). Somente sob a orientação do Espírito Santo pode a Igreja responder aos imperativos e exigências do Evangelho, transformando-se em meio de graça significativo e relevante às necessidades do mundo (Jo 16.7-11; At 1.8, 4.18-20).<sup>839</sup>

É necessário refazer-se dos revezes inerentes à luta pelo Reino. Do contrário, a pessoa poderá sucumbir diante das tentações individualistas do velho mundo. Por trás dessa necessidade de refazer as energias do espírito está a perspectiva da busca coletiva pelo Reino. É por isso que quando se refere aos meios de graça, o metodista crê em ambas as dimensões: aquela que alimenta a espiritualidade pessoal e que pode ser um exercício institucional ou puramente individual através, especialmente da oração, e a dimensão coletiva. É através de ministérios e de grupos que estes meios de graça chegam às pessoas. Boa parte da Missão da Igreja é efetivada através destas expressões coletivas de fraternidade e de misericórdia:

Ninguém pode desenvolver uma espiritualidade madura sozinho. [...] Através da variedade de ministérios de grupos oferecidos pelas Sociedades Unidas, Wesley percebia a mediação de certos elementos essenciais: nutrição, estudo, encorajamento, mordomia, testemunho e serviço.<sup>840</sup>

O Novo Testamento corrobora com a visão de que o relacionamento de Deus com o ser humano inclui a dimensão social. A intenção da revelação realizada em Jesus Cristo se destinava a servir à vida como um todo, mas de forma especial se endereçava aos pobres, escravos, presos, cegos e oprimidos (Lc 4.18). Deus não se relaciona apenas com indivíduos, mas entende que a sua justiça e a sua graça são para todos/as, a começar por aquelas pessoas que estão em situação de risco:

Jesus desejava salvar as almas dos indivíduos. Mas deseja, também, transformar a vida da comunidade judaica. Ele veio para trazer vida abundante às multidões. À luz do que Jesus ensinou de como viveu, é tremendamente patético separar sua mensagem da totalidade da nossa condição humana.<sup>841</sup>

Como metodista, Aço entendia que a dimensão fraterna necessitava ser vivida com paixão na comunidade. Não podia ser um sentimento superficial de quem apenas tolerava o irmão/ã ou companheiro/a. Neste sentido, Aço assumia uma posição semelhante à visão de

---

<sup>838</sup> Conforme p. 162.

<sup>839</sup> CÂNONES, 2002, p. 74.

<sup>840</sup> HARPER, 1992, p. 63.

<sup>841</sup> STOKES, 1992, p. 120.

Segundo<sup>842</sup> sobre a escatologia cristã como “‘um sentido do bem’, inerente à consciência coletiva da humanidade”<sup>843</sup>, na qual a solidariedade entre as pessoas contribuía para este alvo. Entendia que a convivência no Reino futuro se expressava como resultado da liberdade proporcionada pela graça de Cristo e implicava na responsabilidade humana sobre as outras pessoas. Portanto, esta vivência fraterna não se constituía numa postura de alienação, mas na aceitação do outro/a e dos riscos que este relacionamento implicava. Também não significava uma vida sem lei, de anomia visto que, viver no mundo implica em conviver com a alteridade.<sup>844</sup> Ainda que o metodista confie numa relação direta individual entre Deus e o ser humano e na importância da salvação pessoal, não há como negar a preocupação divina com a coletividade e esta preocupação com o coletivo, com a inclusão e com a diversidade também faz parte da orientação metodista. O Antigo Testamento, ao falar da promessa aos patriarcas, menciona a descendência como herdeira da bênção destinada a Abraão:

O Velho Testamento não trata apenas dos indivíduos, mas, também, dos filhos de Israel. A promessa de Deus a Abraão também envolvia sua descendência. [...] Os Dez Mandamentos dizem respeito à ordem de uma sociedade terrena sob a direção de Deus. E os escritos dos salmistas e dos profetas demonstram o santo propósito de Deus para toda a ordem social.<sup>845</sup>

Por outro lado, dimensão fraterna e a solidariedade não deveriam se restringir aos momentos de convivência forçada por quaisquer contingências. Tinha que ser a expressão do amor de Cristo vivida pelo cristão no seio da comunidade.<sup>846</sup> Aço considerava ainda, que nesta vivência do amor de Cristo na comunidade deveria estar inserida a dimensão externa deste amor.<sup>847</sup> Cria que a experiência do amor cristão em comunidade se fortalecia e se aprofundava com a vivência fora da comunidade.<sup>848</sup> Esta visão de Aço tem uma relação íntima com a da Teologia da Libertação na qual o conceito de Reino de Deus adquire a conotação de justiça social. Não se trata de qualquer justiça social, mas aquela que tem base na mensagem e no testemunho de Jesus Cristo. É algo concreto que atinge a vida das pessoas justamente onde ela está sendo precarizada pelo pecado humano.

<sup>842</sup> Juan Luis Segundo citado por BONINO, José Míguez. **A fé em busca de eficácia: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre libertação.** Sinodal: São Leopoldo, 1987, p. 59.

<sup>843</sup> BONINO, 1987, p. 59.

<sup>844</sup> Conforme p. 108.

<sup>845</sup> STOKES, 1992, p. 119.

<sup>846</sup> Conforme p. 91.

<sup>847</sup> Conforme p. 91.

<sup>848</sup> Conforme p. 91.

Para Aço, o ser humano era responsável pela história que construía e o seu corpo era um elemento fundamental de sua existência.<sup>849</sup> Ao preocupar-se com esta dimensão declarava a sua preocupação com a integridade corpórea do ser humano, especialmente quando pensava no corpo debilitado das pessoas atingidas pela pobreza ou pela opressão. Esta visão em torno da integridade e da dignidade do ser humano, considerando o corpo sofrido dos pobres, também é uma das principais preocupações na concepção do Reino de Deus, segundo a Teologia da Libertação:

Para mim, o Reino de Deus de que falou Jesus é uma sociedade fraterna, justa e livre. É isso. A salvação é a libertação. É acabar com as misérias que o povo sofre. E pecado não é algo de puramente espiritual e interior. É a exploração, as injustiças, a opressão, soltas por esse mundo afora e destruindo a gente.<sup>850</sup>

Aço desafiava a comunidade à prática de uma “santidade engajada”<sup>851</sup>, resultado de uma conjugação da experiência da piedade pessoal com a prática de atos de misericórdia. Entendia que esta santidade, também chamada por ele de “santidade social”<sup>852</sup> tinha implicações na vida da Igreja e de seus fiéis tais como viver em favor da dignidade do ser humano e da justiça de Deus, assumir um compromisso com a transformação social e com a libertação. Este desafio só seria respondido quando a Igreja conseguisse realizar a síntese entre a resposta que dava ao amor de Deus e sua atuação na sociedade como parte da mesma vocação cristã.<sup>853</sup> Acreditava que esta conjugação, dentro de um equilíbrio de proporções, levaria a comunidade a um amadurecimento na direção da plenitude do Reino de Deus. Esta percepção, além de ser uma afirmação da doutrina bíblica do amor de Cristo refletia um ensinamento doutrinário fundamental do metodismo:

Fora da comunidade, o amor é um desejo ardente de que todos no mundo tenham as bênçãos de Deus. O amor não reconhece barreiras e não se nega a ninguém. Não procura seu próprio caminho, pois é o caminho de Deus. Deseja alimentar os famintos, vestir os nus, hospedar os estrangeiros, visitar e curar os enfermos, levantar os caídos e, acima de tudo, atrair todo ser humano à órbita do amor de Deus em Cristo Jesus.<sup>854</sup>

Uma outra dimensão da visão de Aço sobre a relação do ser humano com o Reino de Deus situa-se entre a dimensão pessoal e a dimensão coletiva: trata-se de uma visão antropológica de sua relação com Deus. Para ele, o ser humano está imbricado entre a

<sup>849</sup> Conforme p. 98.

<sup>850</sup> BOFF, 1979, p. 77.

<sup>851</sup> Aço entendia “santidade engajada” como o equilíbrio perfeito entre atos de piedade e obras de misericórdia. Conforme p. 92.

<sup>852</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>853</sup> Conforme p. 165.

<sup>854</sup> STOKES, 1992, p. 94.

contingência e a possibilidade.<sup>855</sup> A contingência é determinada pela natureza, obra da criação divina, portanto, inquestionável. A possibilidade é determinada pela construção da história, dos próprios caminhos e é obra do ser humano. Este, por sua parte, poderia se apropriar da natureza e, cômico da sua autonomia em relação a Deus, determinar os passos da história sem dar ouvidos ao Eterno. Segundo Aço, esta postura determinaria a desumanização do ser humano. Dessa forma, para não sucumbir na desumanização, o ser humano necessita viver a tensão do desequilíbrio entre a contingência e a possibilidade.<sup>856</sup> É a noção da responsabilidade com aquilo que está sob os seus cuidados que leva o ser humano a construir a sua história com o cuidado de um mordomo. Esta seriedade no trato com os elementos da contingência determina as condições das possibilidades e por consequência a construção ou não do Reino de Deus:

Assim, na vida econômica precisamos sempre que a “razão e a vontade de Deus prevaleçam”. E o que significa isto? Significa, basicamente, absoluta honestidade e justiça em todas as transações. Significa servir a Deus com riqueza. Neste particular, nós, metodistas, nos unimos a todos os cristãos, na afirmação da santidade de todo o trabalho útil. É uma alegria poder trabalhar. E toda tarefa necessária tem sua glória no Reino de Deus.<sup>857</sup>

Entre a natureza quando busca ouvir a determinação divina e a história onde o ser humano tem a autonomia para planejar cada passo de sua caminhada deve se inscrever a construção do Reino. De certa forma, esta terceira dimensão do relacionamento humano com o Reino de Deus tem uma equivalência na doutrina metodista da santificação no que se refere à perspectiva da esperança, quando alia fé e responsabilidade social:

Portanto, a santificação se realiza sempre como serviço a Deus no dia-a-dia no mundo e como testemunho sobre a presença do Reino de Deus. A ação é acompanhada e impelida pela oração, na qual o homem ora pela vinda do Reino e entrega o seu destino, bem como o dos outros homens, à fidelidade de Deus, junto com o destino de todas as criaturas. Fé e responsabilidade política, esperança no Reino de Deus e trabalho pela realização dessa esperança – eis três coisas que estão interligadas na compreensão metodista de santificação.<sup>858</sup>

Esta tensão do desequilíbrio entre contingência e possibilidade impele o ser humano na direção do trabalho como forma de cuidado daquilo que é contingência. Neste sentido o ser humano é desafiado a se portar como um administrador responsável, capaz de ter a consciência de que a condução da contingência está em suas mãos, mas que a sua irresponsabilidade pode levá-lo à própria desumanização. Percebia que Deus oferecia ao ser

---

<sup>855</sup> Conforme p. 96.

<sup>856</sup> Conforme p. 96.

<sup>857</sup> STOKES, 1992, p. 122.

<sup>858</sup> KLAIBER, 1999, p. 396.

humano a dimensão da vida em tensão entre a contingência e a possibilidade.<sup>859</sup> Por um lado a contingência também passava a ser responsabilidade humana na medida de que ela não era um elemento estático, mas suscetível das ações executadas no âmbito das possibilidades humanas. A responsabilidade do ser humano diante de Deus se inscrevia na mediação desta tensão de desequilíbrio entre a criação que lhe era dada e a possibilidade que lhe era permitida. É nesta tensão que se encontra o pensamento de Wesley sobre criação divina e liberdade do ser humano:

Entretanto, Wesley não seria Wesley se não tentasse dar uma explicação da continuação, no mundo, da maldade destruidora, não obstante a ação conservadora de Deus. Sua interpretação, prudentemente apresentada, soa assim: Deus não poderia negar a si mesmo, não poderia fazer voltar para trás a sua criação nem apagar a imagem de Deus no homem, para afastar o pecado do mundo; do contrário estaria em contradição consigo mesmo. Deus destinou o homem à liberdade e sem liberdade não há maldade, mas também não há virtude. Por isso a providência de Deus se manifesta precisamente no fato de que, em vez de destruir a vontade e liberdade do homem, o guia e orienta para alcançar a meta de sua vida e buscar a sua felicidade em liberdade (Sermão 67,15).<sup>860</sup>

Aço preocupava-se com a necessidade de estabelecer certos elementos que garantissem a plenitude do Reino, não apenas para alguns privilegiados, mas para todas as pessoas. Entendia que o assistencialismo<sup>861</sup>, tantas vezes colocado em prática pela Igreja, não respondia a esta questão ética. Seria necessária uma intervenção criativa do ser humano para estabelecer a justiça nas condições de gozo da plenitude do Reino.<sup>862</sup> O ser humano é merecedor de uma nova consciência, fruto da transformação profunda, que o leve à genuína libertação. Dessa forma redescobriria o seu valor próprio<sup>863</sup> e as suas possibilidades como cidadão do Reino.<sup>864</sup> Estas condições estavam relacionadas também com o fator econômico, cujo objetivo não deveria ser a obtenção do lucro, mas o desenvolvimento humano da coletividade.<sup>865</sup> Para Aço, a justiça não se resumia à correspondência fria à letra da lei, e sim à inclusão da misericórdia que constrói a dignidade do ser humano e salva a vida daquelas pessoas que trabalham para sustentar suas famílias.<sup>866</sup> A antiga ordem pregada pelo judaísmo do tempo de Jesus pressupunha a justiça como normativa ética. Mas esta normativa não servia aos propósitos de Jesus Cristo (Mt 5.27; 33). Não serve aos propósitos do Reino de Deus que

---

<sup>859</sup> Conforme p. 96.

<sup>860</sup> KLAIBER, 1999, p. 106.

<sup>861</sup> Conforme p. 96.

<sup>862</sup> Conforme p. 96.

<sup>863</sup> Conforme p. 97.

<sup>864</sup> Expressão utilizada para definir o novo cidadão portador de uma nova consciência de libertação (Conforme p. 84).

<sup>865</sup> Conforme p. 97.

<sup>866</sup> Conforme p. 99.

ele veio pregando. A ética vinculada à justiça pressupunha a manutenção do *status quo* de cada classe social com o que lhe era devido.<sup>867</sup> No Reino de Deus, anunciado por Jesus, a ética é outra: leva em consideração a fraternidade, como bem expressa Boff, retomando um dos eixos centrais da Teologia da Libertação:

Cristo com a sua pregação no Sermão da Montanha rompe com esse círculo. Ele não prega semelhante tipo de justiça que significa a consagração e legitimação de um *status quo* social que parte de uma discriminação entre os homens. Ele anuncia a igualdade fundamental: todos são dignos de amor. Todos são próximos de cada qual. Todos são filhos do mesmo Pai e por isso todos são irmãos. Daí que a pregação do amor universal representa uma crise permanente para qualquer sistema social e eclesialístico.<sup>868</sup>

Para Aço, o Reino de Deus não se identificava com esse ou aquele sistema econômico ou político, pois os sistemas deveriam estar sempre sob crítica.<sup>869</sup> Entendia que o Reino de Deus transcendia estes níveis sistemáticos, mas nem por isso deixava de estar imbricado na história concreta do ser humano.<sup>870</sup> Qualquer tentativa de ligar o Reino de Deus a um sistema qualquer, fosse econômico, social, político ou religioso, resultaria no empobrecimento do Reino. Esta visão sobre o envolvimento da história do ser humano com o Reino de Deus e transcendência deste último sobre a história, também é defendida com muita propriedade pela Teologia da Libertação ao definir que o Reino não pode ser identificado com qualquer forma de sistema, mas que, nem por isso, esteja fora da história da humanidade:

[...] o Reino de Deus não se identifica adequadamente com sistema nenhum, pois é transcendente. Mas ele sempre se encarna de certo modo na história. Ele não está ligado definitivamente ao capitalismo ou ao socialismo. Nenhum sistema corresponde totalmente ao Reino de Deus. Não vamos fechar a história. Mas ele se acha sempre ligado historicamente com os sistemas sociais existentes.<sup>871</sup>

Quando Aço se referia às diferentes classes<sup>872</sup> como destinatárias do Evangelho, manifestava a inconformidade com a visão de algumas pessoas desejosas de que o Reino de Deus se limitasse apenas para uma pequena parcela da sociedade, constituída de líderes de classe média<sup>873</sup> que, aliás, já haviam perdido muitos dos valores cristãos.<sup>874</sup> Isto não queria dizer que as pessoas que tivessem mais posses materiais estariam afastadas do Reino de Deus.<sup>875</sup> Cria na possibilidade de que esses bens deixassem de ser escândalo<sup>876</sup> para a

---

<sup>867</sup> Conforme p. 99.

<sup>868</sup> BOFF, 1972, p. 84.

<sup>869</sup> Conforme p. 97.

<sup>870</sup> Conforme p. 147.

<sup>871</sup> BOFF, 1979, p. 96.

<sup>872</sup> Conforme p. 83.

<sup>873</sup> Conforme p. 149.

<sup>874</sup> Conforme p. 83.

<sup>875</sup> Conforme p. 150.

<sup>876</sup> Conforme p. 151.

sociedade e se tornassem um dom na forma de generosidade do servir. Estes recursos deveriam se transformar em ações para a construção deste Reino.<sup>877</sup> Queria que a Igreja Metodista, como uma das portadoras da mensagem do Reino, partisse em busca daquela parcela da população que tinha sido negligenciada em sua história.<sup>878</sup> O Reino de Deus não é uma realidade alheia ao crente, do ponto de vista de seu compromisso ético. É justamente neste meio social no qual se encontra e no qual a Igreja está imbricada é que o crente necessitava demonstrar a sua santidade. Tal visão desenvolvida por Aço está embasada na piedade metodista<sup>879</sup>, que não é confundida com um processo de santificação monástica, mas perfeitamente envolvida com a realidade circunstancial do ser humano:

A graça proveniente de Deus coloca os crentes numa nova relação para com o seu mundo ambiente. Assim o Reino de Deus, que “está no meio de nós”, não fica somente “em nosso meio”. A censura de que o Reino de Deus tal como Wesley o entende, levaria a um “piedoso individualismo”, não atinge a Teologia wesleyana. Santificação e senhorio de Deus caminham juntos, e o senhorio de Deus aponta para além dos limites da vida pessoal.<sup>880</sup>

A concepção de Aço sobre o envolvimento do ser humano com o Reino de Deus possuía esta dupla dimensão metodista: a pessoal e a social. Em nível pessoal o ser humano necessitava ser transformado pela graça de Cristo de maneira profunda. Tal transformação levaria a pessoa ao entendimento de que este dom de Cristo não se destinava a ela como fim em si mesmo: deveria ter como consequência a sua ação libertadora dentro da sociedade. Pois bem, esta ação libertadora se traduziria numa pessoa que havia alcançado a sua libertação e que deveria ter como objetivo maior levar outras pessoas à libertação: este deveria se constituir no processo contínuo de construção do Reino de Deus. Para tanto, Deus e o ser humano atuavam em parceria, um como doador e outro como agente efetivo que facilitaria esta doação.

No nível social, além dessa ação facilitadora pessoal, o ser humano transformado e liberto pela graça tinha o compromisso ético de exercitar a justiça de Deus nas suas relações em meio ao seu contexto social. Este compromisso deveria transcender a justiça praticada pelo crente e se transformar em denúncia de toda e qualquer situação iníqua. Mais ainda, em sua atuação social, este novo ser humano tinha o compromisso de atuar junto às causas

---

<sup>877</sup> Conforme p. 99.

<sup>878</sup> Conforme p. 150.

<sup>879</sup> A “piedade metodista” é um conjunto de práticas que pode se caracterizar por uma oração (coletiva ou individual) até uma pequena celebração litúrgica com leituras bíblicas e pregações, bem como a participação em celebrações litúrgicas mais abrangentes. (CÂNONES, 2002, p. 74).

<sup>880</sup> KLAIBER, 1999, p. 395.

provocadoras da injustiça social, não apenas com denúncia, mas incentivando ações concretas de mobilização que levassem à superação das situações de miséria. Dessa forma, entendia Aço, o ser humano transformado cumpriria sua Missão diante de Deus, agindo na contingência, mas exercitando concretamente as possibilidades de libertação.

#### 4.4. A VISÃO DO REINO E DA IGREJA

Certamente o Reino de Deus não coincide com a Igreja, mas nela pode se manifestar. Esta também era a visão de Aço. Ainda que imperfeita, a Igreja, enquanto comunidade eclesial, é como se fosse uma “degustação” do Reino.<sup>881</sup> Através de diferentes elementos que vão desde a convivência comunitária, passando pelos sacramentos, a Igreja é o Reino. Entender a Igreja de outra forma seria uma violação do conceito de Corpo de Cristo. É justamente esta prova<sup>882</sup> do Reino que impulsiona os membros da comunidade em direção ao “mundo”<sup>883</sup>, para divulgar o gosto saboroso de fazer parte da Igreja. Esta concepção de Aço faz parte da noção metodista de Igreja como antecipação do Reino de Deus. Ela aponta para a libertação proporcionada pelo Espírito Santo e testemunha sobre o significado de fazer parte deste novo perfil de ser humano, como parte da comunidade da fé:

O Reino de Deus existe na medida em que homens são libertados pelo Espírito de Deus para crer no Evangelho de Jesus Cristo e para viver neste mundo segundo os seus padrões; no serviço divino, na adoração, na recepção da mensagem do Evangelho e na celebração da Santa Ceia, eles sentem um antegosto do futuro Reino de Deus, o qual não por acaso é representado como participação num banquete.<sup>884</sup>

Aço tinha uma visão semelhante a esta de Klaiber<sup>885</sup> quando se referia a ação da Igreja no mundo. Embora lamentasse que, muitas vezes, a Igreja se atrasava em relação à ação de Cristo na história da humanidade<sup>886</sup>, entendia que a Igreja deveria ser “um espaço de experimentação do Reino”<sup>887</sup>, onde as pessoas poderiam sentir o gosto do que era pertencer ao Reino de Deus em sua plenitude:

A compreensão de Reino de Deus em Wesley significa a presença já agora da ação de Deus no mundo como cumprimento da oração do Pai Nosso, “seja feita a tua vontade”. Wesley invoca a expressão paulina de que o Reino de Deus é “justiça,

---

<sup>881</sup> Conforme p. 161.

<sup>882</sup> Conforme p. 105.

<sup>883</sup> O termo “mundo” é utilizado aqui como a parcela da sociedade à qual se destina a missão libertadora da Igreja para oferecer esta novidade de vida.

<sup>884</sup> KLAIBER, 1999, p. 394.

<sup>885</sup> Veja citação anterior.

<sup>886</sup> Conforme p. 104.

<sup>887</sup> Conforme p. 104.

paz e alegria no Espírito Santo“ (Rm 14.17) para justificar a presença de Deus já e agora.<sup>888</sup>

Sobretudo, viver a experiência de Igreja era viver a experiência da justiça, realizar a degustação da fraternidade servida pelo amor dos irmãos/ãs como reflexo do amor de Deus, perceber a sensação da paz ao mesmo tempo em que vivia o conflito do desafio missionário. Era nesta direção que entendia as relações travadas no seio da Igreja como sendo relações que preservavam a justiça, o amor, a paz e faziam surgir os novos raios da esperança para pessoas acostumadas à opressão.<sup>889</sup> Pode ser entendida como uma realidade que já está presente na história, mas não totalmente realizada. Faz-se presente na medida em que é buscada, em que são realizados esforços para superar a opressão e as desigualdades:

O Reino de Deus não é simplesmente uma utopia situada no horizonte da história. É uma realidade que já está presente no coração da história. E está presente inclusive lá onde existe opressão na medida em que se luta para superá-la.<sup>890</sup>

As relações fraternas, vividas no seio da Igreja deveriam ir muito além da renovação de uma aliança, pois tinham a marca da “alegria e da posse dos direitos que a salvação concedia aos fiéis do Senhor”.<sup>891</sup> Nem por isso, apesar da alegria e da celebração, Aço esquecia-se da Missão como responsabilidade e compromisso da Igreja. Queria que a celebração fosse compartilhada através da união de esforços e que carregasse em seu seio a graça libertadora<sup>892</sup>, segundo a concepção de José Míguez Bonino:

Considerações de ordem pastoral e de ordem teológica reclamavam uma re-concepção da Igreja. A Teologia holandesa do apostolado e a Teologia missionária ecumênica redescobriram o caráter missiológico da compreensão neotestamentária da Igreja. Em meio à luta por uma Igreja confessante, Bonhoeffer apontou para a práxis<sup>893</sup> - que em sua situação concreta se identificava com a proteção dos direitos dos judeus - como uma espécie de meta critério eclesiológico para discernir a verdadeira Igreja, a marca da Igreja-para-os-outros ou da Igreja-serva, conforme com seu Senhor.<sup>894</sup>

Quando Aço se referia à Igreja envolvida com o mundo tinha em mente a noção bíblica em que “mundo” representava o conjunto da humanidade, mas especialmente àquela que está bem ali, junto da Igreja e com a qual ela convive cotidianamente. Não se referia a uma realidade que se opunha a Deus ou da qual a Igreja deveria se afastar. Esta concepção de mundo como contingência criada e *lócus* da Igreja faz parte da noção metodista de mundo:

<sup>888</sup> KLAIBER, 1999, p. 396.

<sup>889</sup> Conforme p. 104.

<sup>890</sup> BOFF, 1979, p. 81.

<sup>891</sup> Conforme p. 104.

<sup>892</sup> Conforme p. 105.

<sup>893</sup> Citação de Bonino sobre as concepções de Bonhoeffer in: DUMAS, A. **Une théologie de la réalité**. Genève, 1968.

<sup>894</sup> BONINO, 1987, p. 120.

[...] - designa, de um lado, “a totalidade do mundo criado por Deus” (portanto, o espaço em que também a Igreja vive), respectivamente, “a totalidade dos homens” (portanto também daqueles que pertencem à Igreja);<sup>895</sup>

O relacionamento entre Igreja e Reino de Deus acontecia, segundo Aço, em duas dimensões. Por um lado, a Igreja, enquanto comunidade de fé necessitava ser aquele lugar onde as relações eram praticadas num ambiente de justiça, paz e autêntica fraternidade, enquanto semeavam a esperança. Esta convivência dos fiéis deveria representar o antegosto, ainda que precário, do que seria a plenitude da vida liberta que aconteceria no Reino. Por outro lado, a Igreja necessitava ser, diante do mundo, um sinal desse Reino que, por um lado trazia o sinal da graça e por outro abrangia o esforço dos/as cristãos/ãs, que respondiam à graça participando efetivamente da construção<sup>896</sup> do mesmo. Esta participação da Igreja se dava de alguma forma também ao testemunhar como as relações aconteceriam de fato quando o Reino de Deus fosse pleno para todos/as. Sabor e sinal consistiam na função que a Igreja deveria assumir, mas que nunca representaria uma coincidência entre Igreja e Reino.

#### 4.5. A VISÃO DO REINO E RESPONSABILIDADE SOCIAL

A preocupação metodista com a dimensão social da fé foi assumida de forma significativa por Aço. Entendia que a demonstração do amor de Deus para com o ser humano mais pobre, realizada por ocasião do nascimento de Jesus Cristo, consistia numa afirmação de solidariedade com os desprezados e com as vítimas das injustiças dos poderosos.<sup>897</sup> Sua atenção às mazelas vividas pelo ser humano no mundo de misérias refletia-se também nas manifestações de ação de graças<sup>898</sup>, demonstrando que a sua preocupação com a libertação dos excluídos não tinha trégua. A Teologia da Libertação assumia um caráter de fundamentação da reflexão de Aço na medida em que também fundamentava a sua prática pastoral:

Os cristãos individualmente, em pequenas comunidades, e mesmo a Igreja toda, vão tomando aos poucos maior consciência política e adquirindo melhor conhecimento da realidade latino-americana atual, particularmente de suas causas profundas. A comunidade cristã começa a ler politicamente os sinais dos tempos na América Latina. Mais ainda, temos testemunhado tomadas de posição que podem ser consideradas audazes, sobretudo se se considerar o comportamento observado até hoje. É uma aposta na opção libertadora que provoca resistências e temores.<sup>899</sup>

<sup>895</sup> KLAIBER, 1999, p. 395.

<sup>896</sup> CÂNONES, 2002, p. 78.

<sup>897</sup> Conforme p. 86.

<sup>898</sup> Conforme p. 94.

<sup>899</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 153.

A Igreja não é do mundo<sup>900</sup>, mas nele está. Não tem como negá-lo como realidade à qual deve se dirigir para exercer ali o seu ministério e nele desenvolver sua Missão de revelar os sinais do Reino. A tentação de tirar a Igreja do mundo é a de quem pretende se isolar no monasticismo<sup>901</sup> de experiências místicas alienantes. Seria a reprodução da antiga concepção de Igreja isolada em seu próprio mundo enquanto que o “resto” se constituía num desafio à Missão:

Durante séculos, prevalecera uma concepção estática de igreja; o mundo fora da igreja era encarado como um poder hostil (Berkhof<sup>902</sup> 1979:411). Ao lermos tratados teológicos de séculos anteriores, temos a impressão de que só existia a igreja; não existia o mundo. Em outras palavras, a igreja era o mundo em si mesma. Fora da igreja, só havia a “igreja falsa”.<sup>903</sup>

Aço tinha presente que cada vez mais a Igreja necessitava se reportar ao mundo concreto<sup>904</sup> constituído não apenas de pessoas e espaços, mas também de momento histórico definido, com suas demandas e desafios. O Reino de Deus está no mundo enquanto realidade, mas não se limita a esta realidade. O seu lugar é também o coração humano, a realização na parousia. Entretanto, a Teologia da Libertação acentua esta presença de Reino de Deus na história, isto é, na sociedade concreta: “A sociedade é um dos tantos topos da realização do Reino. Não é certamente o único lugar, embora hoje apareça como o principal lugar, de realização tópica do Reino e não sua realização simplesmente”.<sup>905</sup>

Como parte desse mundo, os/as cristãos/ãs e a Igreja como um todo necessitava considerar sua a responsabilidade pela transformação radical da sociedade. Por um lado estava a própria transformação da Igreja para que se tornasse inclusiva e por outro, esta Igreja transformada e liberta teria que se ocupar com a libertação do mundo, tomado aqui como o contexto social que a envolvia. Este duplo movimento não seria constituído de dois instantes separados, mas de um único e libertador processo: na medida em que a Igreja avançava como sinal e construção do Reino de Deus se autotransformava e se autolibertava. Esta postura de estar no mundo, mas não pertencer ao mundo representava uma doutrina significativa do metodismo:

<sup>900</sup> O termo “mundo” aqui utilizado significa aquela porção da humanidade que rejeita a libertação de Cristo por causa de interesses obscuros (injustiças, corrupções, etc.).

<sup>901</sup> O termo “monasticismo” (do grego μοναστήριον = residência solitária) é empregado aqui como experiência de pessoas e grupos que se isolam da realidade social (mundo) para viverem uma experiência religiosa.

<sup>902</sup> A citação de Bosch refere-se à BERKHOF, Hendrikus. **Cristian Feith**. Eerdmans: Grand Rapids, 1979.

<sup>903</sup> BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudança de paradigma na Teologia da missão. São Leopoldo: EST; Sinodal, 2002, p. 453.

<sup>904</sup> Conforme p. 83.

<sup>905</sup> BOFF, 1979, p. 83.

“No mundo, mas não do mundo” – esta expressão torna explícita a diferença entre a realidade “mista” da Igreja e a sua relação essencial: o seu espaço vital é o mundo, mas a sua origem ela recebe “de Deus”. Ela é representante do senhorio amoroso do mundo. Assim, o seu “estar-no-mundo” significa existência para os homens, pelos quais Deus enviou o seu Filho amado.<sup>906</sup>

Por outro lado, a Igreja necessita estar no mundo, mas não pode se conformar com ele. Ela deve estar a serviço deste<sup>907</sup>, mas não poderá se constituir numa unidade com ele até porque, na maioria das vezes se estabelece como uma alternativa ao mundo. Tem outra visão, adota outros critérios, que no conjunto, devem fazer uma leitura crítica dele. Dessa forma, como missionária de Deus a Igreja necessita se constituir numa proposta nova que possa acolher aos excluídos do mundo.<sup>908</sup> Esta postura de Aço, diante da realidade social mais cruel do mundo, era coerente com a posição metodista<sup>909</sup> de olhar os defraudados do mundo: “Enquanto ela mesma tenta viver segundo esses padrões, certamente constitui uma alternativa de sociedade, embora ainda imperfeita, a qual, em oposição às normas do mundo, tenta existir e agir e estar a serviço dele.”<sup>910</sup>

A realidade social cruel, presente no mundo, representa um desafio intenso à Missão da Igreja com vistas ao estabelecimento do Reino de Deus. Considerando principalmente as crianças abandonadas, incluindo os desempregados, as mulheres vítimas de exploração, Aço entendia que a Igreja possuía um compromisso efetivo com esta parcela da população. A Igreja, enquanto experimentação do Reino devia ser mais efetiva em sua atuação social, no nível do socorro às vítimas da crueldade social, no nível da denúncia das injustiças e no nível da mobilização das pessoas para conquistarem a sua autonomia. O processo de libertação não aconteceria de maneira natural haja vista as resistências que encontrava no seio da própria Igreja.<sup>911</sup> Entretanto, com resistências ou não a Igreja era desafiada a exercer o seu papel e a sua responsabilidade diante dos empobrecidos. Este processo de libertação aumentava ainda mais com a nova consciência posta pela nova proposta missionária. Socorro às vítimas, formação de uma nova consciência de libertação e estímulo e apoio aos movimentos que empunhavam as bandeiras dos empobrecidos se constituíam em faces de um mesmo processo de libertação.

---

<sup>906</sup> KLAIBER, 1999, p. 392.

<sup>907</sup> Conforme p. 103.

<sup>908</sup> Conforme p. 145.

<sup>909</sup> CÂNONES, 2002, p. 78.

<sup>910</sup> KLAIBER, 1999, p. 392.

<sup>911</sup> Conforme p. 145.

#### 4.6. A VISÃO DA MISSÃO

O Reino de Deus que se manifesta como a realização da libertação de Deus no mundo necessita ser anunciado. Este anúncio é responsabilidade do ser humano que já experimentou a satisfação de viver num mundo de justiça: o ser humano transformado por essa libertação. Pois bem, este anúncio deveria se constituir na proclamação de uma realidade concreta que incluísse os mais variados dons proporcionados por esta libertação e resultado da construção do Reino. Estes dons precisam incluir a justiça onde pão, moradia, remédios, etc., fazem parte da festa que celebra a chegada do Reino de Deus.<sup>912</sup> A concepção de uma Missão da Igreja para o ser humano integral faz parte da Teologia da Libertação. Não é possível atender ao espírito do ser humano sem incluir neste atendimento pastoral as suas demais dimensões. O espírito não está separado do corpo e nem este daquele. Quando se pensa em Reino de Deus o corpo humano está inserido como elemento fundamental:

O segundo grupo afirma que a missão da Igreja é mais do que religiosa, é integral. Ela concerne além do espírito também o corpo e o mundo porque estes são vocacionados igualmente ao Reino de Deus. Por isso, a fé e a Igreja (o espaço organizado da vivência da fé) possuem, independentemente da vontade de seus atores religiosos, uma dimensão política estrutural.<sup>913</sup>

Aço entendia que esta responsabilidade de anúncio e proclamação caberia, em primeiro lugar, aos cristãos/ãs de forma geral e à Igreja Metodista em particular, como parte da ação missionária da Igreja universal de Cristo<sup>914</sup>:

Deveremos continuar o processo que permitirá que tudo na Igreja se oriente para a Missão. A Igreja deverá experimentar de modo cada vez mais claro que sua principal tarefa é repartir fora dos limites do templo o que ela de graça recebe do seu Senhor. Por isto estamos sendo convidados ao desafio tipicamente Wesleyano da santificação. Certamente aqui estamos diante da necessidade de revisarmos profundamente nossa prática de piedade pessoal e a necessidade de revermos nossos atos de misericórdia, entendidos como ação concreta de amor a favor dos outros. Estes são os dois caminhos que traduzem a visão de Wesley sobre a santificação na Bíblia.<sup>915</sup>

Num momento em que a Igreja Metodista se organizava na forma de ministérios locais e regionais, o objetivo desta organização tinha que ser a ação missionária direcionada para o anúncio e para a construção<sup>916</sup> deste Reino<sup>917</sup> A evangelização, a cura e o cuidado dos

<sup>912</sup> Conforme p. 109.

<sup>913</sup> BOFF, Leonardo. **O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida.** Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980, p. 59.

<sup>914</sup> Conforme p. 102.

<sup>915</sup> CÂNONES, 2002, p. 72.

<sup>916</sup> Conforme p. 66.

<sup>917</sup> A construção do Reino de Deus é entendida pelo metodismo como uma tarefa da Igreja. Como tal, é desafiada a se constituir, por um lado, sinal deste Reino e por outro, a participar efetivamente da sua construção. Em síntese, a missão da Igreja, segundo o PVMI, se constitui na “construção do Reino de Deus, sob o poder do Espírito Santo, através da ação da comunidade cristã e de pessoas, visando ao surgimento da nova vida trazida por Jesus Cristo para renovação do ser humano e das estruturas sociais, marcados pelos sinais da morte” (CÂNONES, 2002, p. 87).

desfavorecidos tinham que estar presentes na ordem desta Igreja.<sup>918</sup> No transcorrer da sua história, a perspectiva missionária original havia se alterado pelo entendimento de que os serviços de socorro às populações necessitadas não resolviam suas dificuldades. Mesmo as alterações proporcionadas pela Conferência do Conselho Missionário Internacional (1928), estabelecendo a “abordagem abrangente” não foram capazes de se tornar efetivas soluções para as nações empobrecidas:

Originalmente, o envolvimento das sociedades missionárias com as necessidades do dia-a-dia das pessoas se dava, quase que com exclusividade, no nível da caridade: auxílio em desastres, cuidado de órfãos, a provisão de assistência básica de saúde e afins. Durante a terceira década deste século e, particularmente, na Conferência do Conselho Missionário Internacional realizada em Jerusalém (1928), propagou-se a idéia de uma “abordagem abrangente”. A igreja deveria fazer mais do que apenas proporcionar um “serviço de ambulância”; ela deveria envolver-se na “reconstrução rural”, na solução de “problemas industriais”, etc. Depois da Segunda Guerra Mundial, a “abordagem abrangente” foi recauchutada e substituída pela noção de “desenvolvimento”. Tanto católicos romanos quanto protestantes aderiram com entusiasmo ao novo projeto.<sup>919</sup>

As tentativas de proporcionar o desenvolvimento<sup>920</sup> para o chamado Terceiro Mundo naufragaram, ou porque partiam da premissa de que enviando benefícios para os pobres eles melhorariam seu padrão de vida ou porque o mundo desenvolvido achava que o atraso tecnológico era o que proporcionava a miséria. Os teólogos da Teologia da Libertação da América Latina haviam desenvolvido uma reflexão crítica sobre a incoerência metodológica da forma de ajuda prestada pelas nações desenvolvidas aos países pobres. Não seria possível erradicar a miséria do Terceiro Mundo através de programas de ajuda ou de socorro aos necessitados. As tentativas de “melhorar” a situação dos empobrecidos criavam mais dependência ao invés de proporcionar desenvolvimento econômico e social.<sup>921</sup> Como conseqüência o mundo viu um distanciamento ainda maior entre ricos e pobres no qual aqueles que já se beneficiavam das conquistas do desenvolvimento acabaram se enriquecendo mais ainda aprofundando a miséria das nações e das populações mais enfraquecidas. A partir desta reflexão chegou-se à conclusão de que era necessário romper com as propostas desenvolvimentistas dos programas de ajuda, como por exemplo, a “Aliança para o Progresso” dos países ricos e partir em busca das causas da pobreza:

---

<sup>918</sup> Conforme p. 102.

<sup>919</sup> BOSCH, 2002, p. 428.

<sup>920</sup> BOSCH, 2002, p. 428.

<sup>921</sup> BOSCH, 2002, p. 519.

As conseqüências do modelo de desenvolvimento foram, porém, opostas às que haviam sido esperadas. Os países ricos ficaram mais ricos e os pobres, ainda mais pobres. Nestes últimos, parecia que os já privilegiados eram os que mais se beneficiavam dos programas.<sup>922</sup>

O modelo missionário de ocupação religiosa do país, trazido pelos missionários metodistas norte-americanos<sup>923</sup> e assumido pelas pessoas alcançadas por ele continha um índice de acomodação social e de negação dos dilemas sociais aqui presentes.<sup>924</sup> Tratava-se de um modelo de Igreja que contemplava a implantação de um paradigma ideológico importado dos Estados Unidos, dando ênfase à “democracia” e ao “anticomunismo”.<sup>925</sup> Era uma adesão aos valores culturais dos próprios missionários:

A conversão de brasileiros deveria ser uma adesão à religião puritana, pietista e reavivalista - dos novos missionários, e para isso era necessário mudar profundamente valores culturais e morais. A conversão ao protestantismo e seus valores implicava, portanto, completa rejeição da religião dos colonizadores e de seus valores. Claro que os protestantes não reconheciam o catolicismo romano e seus valores como cristãos. Por isso a conversão pregada pelos novos missionários implicava a adoção não apenas da religião, mas também dos valores culturais e morais anglo-saxões.<sup>926</sup>

A partir da decisão da Igreja de colocar-se solidariamente ao lado dos pobres evidenciou-se um conflito que já estava latente: o conflito entre a Igreja que deseja manter-se ao lado da classe média e a Igreja que deseja ser voz dos que foram calados. Em síntese é o conflito entre a manutenção de uma antiga aliança da Igreja cristandade com a classe hegemônica e a nova Igreja solidária com os excluídos:

O conflito é entre uma Igreja (instituição e bases) que optou pelo povo, por sua libertação e pelos empobrecidos e uma Igreja (instituição e movimentos cristãos, eventualmente cursilhos, carismáticos, grupos de casais cristãos, etc.) que não optou e quer prolongar o velho pacto de uma Igreja incorporada à classe hegemônica da sociedade.<sup>927</sup>

Era necessário estabelecer um novo paradigma missionário, que rompesse com o modelo anterior e estabelecesse o novo modelo a partir das reais necessidades brasileiras.<sup>928</sup> O caminho que surgia diante dos países empobrecidos era o caminho da revolução, estabelecido pelo novo jeito de pensar a Teologia na América Latina, a Teologia da Libertação:

---

<sup>922</sup> BOSCH, 2002, p. 428.

<sup>923</sup> Conforme p. 113.

<sup>924</sup> Conforme p. 116.

<sup>925</sup> Conforme p. 138.

<sup>926</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola; Ciências da Religião, 1990, p. 215.

<sup>927</sup> BOFF, 1980, p. 76.

<sup>928</sup> Conforme p. 117.

Não se erradica a pobreza despejando *know how* tecnológico nos países pobres, mas por meio da abolição das causas fundamentais da injustiça; e como o Ocidente mostrava relutância em endossar tal projeto, os povos do Terceiro Mundo tinham que tomar seu destino em suas próprias mãos e libertar-se através de uma revolução. O desenvolvimento implicava uma continuidade evolucionária com o passado; a libertação significava uma ruptura radical, um novo começo.<sup>929</sup>

Neste novo enfoque traçado pela Teologia da Libertação e a partir da assembléia do CMI, realizada em Melbourne, em 1980, os pobres passaram a ocupar o centro das reflexões teológicas e da perspectiva da Missão.<sup>930</sup> Houve a preocupação de desconstruir alguns termos, que davam margem a interpretações equivocadas e a alegorias presentes na antiga Teologia<sup>931</sup>, modificando e ampliando conceitos. Assim, “salvação” e “comunhão” tiveram uma tradução mais adequada à nova Teologia, a Teologia da Libertação, na qual foram substituídas por “libertação” e “solidariedade“, respectivamente. Os pobres assumiram o *status* de categoria hermenêutica no novo padrão missionário:

Em Melbourne (1980), os pobres foram colocados no centro da reflexão missiológica; de fato, a conferência fez “uma afirmação cristalina de que a solidariedade com eles constitui atualmente uma prioridade crucial e central na missão cristã” (Gort 1980a:11s.). De certa forma, os pobres tornaram-se a categoria hermenêutica dominante em Melbourne.<sup>932</sup>

A Igreja necessitava romper com a sua concepção de “ser para os pobres“. Não se tratava de uma Igreja que, sendo rica agora, iria distribuir seus bens, compartilhando com as pessoas que não tinham. Queria que fosse rompido o círculo cruel da esmola que oprime e escraviza. O desafio era tornar-se uma Igreja “com os pobres”, solidária e completamente comprometida com suas fraquezas e lutas.<sup>933</sup> O olhar missionário da Igreja, de forma especial a Igreja Católica, mudou radicalmente a partir de 1968 com a reunião dos bispos em Medellín. Desde a descoberta da América o compromisso da Igreja de forma geral, e em particular da Igreja Metodista, através da obra dos missionários era com a classe dominante que também lhe dava legitimidade e sustento político e social. A partir deste marco, ratificado em 1979, em Puebla, a Igreja se volta para as classes desfavorecidas social e economicamente da América, numa mudança de paradigma missionário. Não mais uma Igreja para os pobres, mas a partir dos pobres:

Os anos do pós-Medellín (1968-1979) significaram para a Igreja um esforço gigantesco de tradução desta opção fundadora para uma nova prática eclesial. Efetivamente, de Medellín a Puebla (1979), a Igreja configurou uma nova imagem:

<sup>929</sup> BOSCH, 2002, p. 518.

<sup>930</sup> BOSCH, 2002, p. 522.

<sup>931</sup> Teologia clássica européia.

<sup>932</sup> BOSCH, 2002, p. 520.

<sup>933</sup> Conforme p. 111.

solidária com as causas dos pobres, corajosa em face do Estado autoritário, defensora dos direitos dos humildes e encarnada muito mais nos meios populares com milhares de comunidades eclesiais de base onde o povo se reúne para rezar, refletir comunitariamente e organizar práticas comunitárias de sentido libertador.<sup>934</sup>

Aço desejava que a Igreja partisse em direção às periferias<sup>935</sup> para ali viver e sentir a vida como aquelas pessoas sentiam e viviam. Ao contrário da postura de pessoas que iam à periferia para levar ajuda assistencial, o seu desejo era o de que a Igreja vestisse a situação de quem vivia cotidianamente nas vilas.<sup>936</sup> O seu projeto missionário contemplava esta dimensão de viver com os necessitados, como testemunho do amor de Deus. A Igreja não podia se descuidar de oferecer condições para que as comunidades empobrecidas encontrassem o seu caminho de libertação. Era um novo modelo de Missão como estava sendo descoberto, também, pelos bispos católicos em Medellín e Puebla:

Evidentemente, o perigo em tudo isso é que, facilmente, se pode cair de novo na armadilha da “igreja para os outros” em vez da “igreja com os outros”, da “igreja para os pobres” em lugar da “igreja com os pobres”. Melbourne ajudou no distanciamento da tradicional atitude condescendente da igreja (rica) em relação aos pobres; não era tanto o caso dos pobres necessitarem da Igreja, mas da igreja necessitar dos pobres – se desejasse permanecer próxima a seu Senhor pobre.<sup>937</sup>

A escolha dos empobrecidos como objeto da Missão não significava a exclusão da classe média ou até mesmo das pessoas mais aquinhoadas economicamente. Aço entendia que o Reino de Deus era para todas as pessoas, mas que era necessário um processo de conversão de todas as pessoas, de todas as classes ao Evangelho de Cristo, interpretado agora com um novo rosto, o rosto da libertação. Esta conversão implicava numa mudança de percepção deste Evangelho, que antes se concentrava em levar as pessoas a viverem uma postura moralista de afastamento dos vícios e do divertimento.<sup>938</sup> Mesmo que um dia ele tenha sido pregado equivocadamente como um instrumento de enriquecimento (econômico) das pessoas, viver no Reino de Deus significava não compactuar com as desigualdades e injustiças de uma sociedade de consumo. Queria a conversão de ricos e da classe média ao Evangelho do Reino.<sup>939</sup> Entendia a conversão como o ingresso num processo de vida em amor, em fé e em esperança, não como um momento de chegada como se fosse a formatura do/a cristão/ã. Esta conversão tinha uma dupla direcionalidade: voltar-se para Deus no sentido de aceitar a graça divina e o seu perdão e voltar-se para o próximo numa atitude de solidariedade de quem aceita

---

<sup>934</sup> BOFF, 1980, p. 67.

<sup>935</sup> Conforme p. 152.

<sup>936</sup> Conforme p. 115.

<sup>937</sup> BOSCH, 2002, p. 521.

<sup>938</sup> Conforme p. 140.

<sup>939</sup> Conforme p. 151.

o desafio da empatia, de sofrer com o outro/a. Entendia que a conversão só se tornava genuína quando esta segunda intencionalidade se confirmava como disposição voluntária da pessoa.<sup>940</sup> Portanto, a Missão implicava em levar às pessoas à conversão, que não se constituía num embate entre o ser humano e Deus, mas num processo de mudar-se para o lado do povo pobre para com ele sentir suas dores.<sup>941</sup> Para se ter acesso ao Reino de Deus é necessário a conversão. Ela tem início por uma atitude pessoal, mas abrange a totalidade do ser humano. Ninguém pode aderir ao Reino de Deus e depois titubear em algumas atitudes. Trata-se de uma conversão integral e irreversível: “Reino de Deus atinge primeiro as pessoas. Delas se exige conversão. Conversão significa: mudar o modo de pensar e agir no sentido de Deus, portanto revolucionar-se interiormente”.<sup>942</sup>

O Reino de Deus para Aço incluía a figura das crianças abandonadas nas ruas, semáforos e praças das cidades.<sup>943</sup> A Missão da Igreja não podia desconhecer este cenário perverso de miséria explícita. Esta preocupação o levou a montar uma Pastoral da Criança e da Família<sup>944</sup>, cujo principal objetivo era o desenvolvimento de programas direcionados a estabelecer as crianças como prioridade da Missão. Entendia que os únicos privilegiados no Reino de Deus eram as crianças, porque foram assim consideradas pelo próprio Jesus.<sup>945</sup> Sua esperança era que o envolvimento das pessoas com esta parcela da sociedade levasse toda a Igreja à conversão, de “usuários de Igreja” a “servos/as” de Cristo.<sup>946</sup> Seu sonho era o de que deste confronto com a miséria dos inocentes nascesse a empatia do amor e que houvesse um aprendizado com a porção mais sacrificada da humanidade, a dos abandonados empobrecidos.<sup>947</sup> Esta caminhada de Missão a partir das crianças trazia consigo o sonho de uma Igreja transformada pelo impacto que elas representavam. Aço percebia os avanços que esta nova forma de fazer Missão representava, mas preocupava-se com a consolidação desta nova tarefa missionária.<sup>948</sup> Levantava diversos questionamentos sobre a mudança de paradigma missionário quando percebia a Igreja ainda vinculada aos antigos padrões de

---

<sup>940</sup> Conforme p. 118.

<sup>941</sup> Conforme p. 119.

<sup>942</sup> BOFF, **Jesus Cristo libertador...**, 1972, p. 77.

<sup>943</sup> Conforme p. 34.

<sup>944</sup> Esta pastoral teve início com a Pastoral da Periferia localizada em vilas e favelas de Porto Alegre e de Viamão, com a nomeação de um pastor titular em 1982; em 1990 tomou o nome de Pastoral da Criança e da Família como projeto prioritário (NOMEAÇÕES episcopais. In: REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXIX CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 29., 1990. Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: Segunda Região Eclesiástica, [1991?], p. 5-8).

<sup>945</sup> Conforme p. 112.

<sup>946</sup> Conforme p. 113.

<sup>947</sup> Conforme p. 113.

<sup>948</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

aumento de registros de pessoas no rol das comunidades locais. Outro questionamento que fazia era referente aos recursos financeiros para apoiar os projetos com as crianças e a sensibilização das pessoas às necessidades que estas crianças tinham de um atendimento mais condizente:

Como passar uma idéia de que promoção humana na transformação da realidade tem a ver com Evangelização quando grande parte da Igreja considera que Evangelizar é só trazer maior número de pessoas para dentro da Igreja?

Como trabalhar quando temos idéias para avançar, propostas metodológicas para a ação, mas não temos recursos humanos suficientes para fazê-lo?

Como passar uma proposta de trabalho quando muitas vezes a nossa linguagem e a nossa ação não [sic.] compreendidas pela “nossa” comunidade/Igreja?

Como sensibilizar as pessoas para a ação com objetivos comuns e em nome da construção do Reino sem procurar vantagens individuais?<sup>949</sup>

Aço encarava a Missão da Igreja como um desafio a mergulhar no mundo da graça de Deus e de conviver no mundo de desgraça e de miséria, no qual se encontra o ser humano abandonado pelas praças, vilas e favelas. Nesta contradição o/a cristão/ã tinha que exercer o seu testemunho de transformação em direção à genuína<sup>950</sup> libertação<sup>951</sup>.

O pensamento teológico de Aço sobre a Missão era entendido no formato de uma cruz, na qual a dimensão vertical tinha a marca do compromisso com a evangelização, com a transformação pessoal e social. Na dimensão horizontal se localizava o serviço ao próximo, no qual se achavam incluídas as crianças, os habitantes das periferias das cidades, os agricultores empobrecidos dos campos. Em seu pensamento, o centro da cruz era composto pelas diferentes agências de libertação que a Igreja colocava a serviço da transformação, visão teológica que se liga aos primeiros tempos do metodismo wesleyano<sup>952</sup>:

Através da variedade de ministérios de grupos oferecidos pelas Sociedades Unidas<sup>953</sup>, Wesley percebia a mediação de certos elementos essenciais: nutrição, estudo, encorajamento, mordomia, testemunho e serviço. Todos estes deveriam estar presentes na vida de qualquer crente, e eram mediados da melhor maneira através das experiências de grupo.<sup>954</sup>

<sup>949</sup> RELATÓRIO, [1991?], p. 49-64.

<sup>950</sup> Conforme p. 143.

<sup>951</sup> Conforme p. 114.

<sup>952</sup> Conforme p. 115.

<sup>953</sup> As Sociedades Unidas se constituíram em grupos de oração, convivência, ajuda e vigilância mútua; foram o embrião das igrejas metodistas, tanto nos Estados Unidos da América do Norte como na Inglaterra; Wesley teria adotado o nome de “Sociedades Unidas” a partir de 30 de outubro de 1739 ao se referir a unificação das sociedades da rua Baldwin e da rua Nicholas. (HEITZENRATER, 1996, p. 105).

<sup>954</sup> HARPER, 1992, p. 63.

No centro das preocupações de Aço estava o modelo de Missão a ser assumido pela Igreja. Por um lado, Aço enfrentava a crítica ferrenha da parte mais conservadora da Igreja de que este novo modelo de evangelização, proposto pela Teologia da Libertação, não levava ao crescimento numérico das comunidades. Um grupo cada vez maior de pessoas encantava-se com o surgimento das novas igrejas que lotavam seus templos, mas a custo de promessas, na maioria das vezes, fantasiosas. Igrejas que ofereciam as curas milagrosas de enfermidades, a colocação em bons empregos e até o enriquecimento econômico como forma de bênção divina.<sup>955</sup> Mas por outro lado, Aço insistia em que a nova proposta missionária envolvia a totalidade da pessoa e provocava a sua transformação total na direção da libertação das causas dos males sociais do mundo.<sup>956</sup>

Aço percebia que a Igreja Metodista ainda estava muito envolvida com a sua própria manutenção. Ainda perdida, a Igreja permanecia naquele modelo antigo herdado dos missionários metodistas primordiais.<sup>957</sup> O novo modelo missionário que a Igreja ainda não havia descoberto tinha a marca da libertação.<sup>958</sup> Aço desejava que este modelo avançasse em sua proposta missionária no âmbito da Igreja Metodista, mas lamentava que a mesma ainda continuasse presa a um modelo ultrapassado:

A Igreja Metodista no Brasil declarou sua autonomia da Igreja-mãe – Igreja Metodista Episcopal do Sul (EUA) – em 02 de setembro de 1930. A Igreja recém-nascida não soube montar uma estrutura apropriada às exigências do novo momento histórico. Seu grande desafio era forjar uma estrutura que viabilizasse um projeto missionário. No entanto, acabou herdando, da Igreja-mãe, uma estrutura de manutenção e altamente burocrática.<sup>959</sup>

Ainda muito cedo em seu ministério, Aço constatava uma tendência acentuada do ministério pastoral da Igreja Metodista para esta tarefa da manutenção<sup>960</sup>. Posteriormente, como bispo desejava alterar esta tendência na direção da Missão. Era um novo modelo que levava em direção a construção do Reino de Deus e assumido com intensidade pelo ministério pastoral e pela Igreja como um todo.<sup>961</sup> Esta nova concepção de Reino de Deus também está no centro da preocupação missionária na perspectiva da Teologia da Libertação, na qual

---

<sup>955</sup> Conforme p. 118.

<sup>956</sup> Conforme p. 137.

<sup>957</sup> Conforme p. 151.

<sup>958</sup> Conforme p. 91.

<sup>959</sup> CASTRO, Clovis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento. **Forjando uma nova igreja: dons e ministérios em debate**. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2001, p. 17.

<sup>960</sup> Conforme p. 118.

<sup>961</sup> Conforme p. 144.

também aparece a preocupação com a Igreja de manutenção. A Igreja tem que abandonar esta preocupação como prioritária e buscar um novo modelo missionário de amor aos excluídos:

O enfoque central da missão será cada vez mais O REINO DE DEUS, explicitando a idéia do povo de Deus, deixando de voltar-se a uma problemática tipicamente intra-elesial. A transformação do mundo no sentido de criar relações positivas e fecundas entre os povos, com estruturas justas, será o objetivo comum de todas as pessoas religiosas, que amam a Deus e a seu próximo.<sup>962</sup>

A Igreja Metodista havia herdado um modelo missionário de conversão pessoal a Cristo<sup>963</sup>. Tratava-se de um modelo trazido pelos missionários metodistas norte-americanos que chegaram ao Brasil na segunda metade do séc. XIX.<sup>964</sup> Tratava-se de uma proposta inovadora, revolucionária até para uma nação cativa do modelo de cristandade. Mas este modelo missionário metodista atendeu a uma demanda e a um contexto histórico.<sup>965</sup> Agora, já esclerosado, levava as lideranças da Igreja Metodista a ensaios desfigurados desse modelo, através de campanhas de evangelização cujo objetivo era a manutenção da instituição.<sup>966</sup> Aço apresentava à Igreja um novo modelo baseado na Teologia da Libertação e presente nos novos documentos institucionais.<sup>967</sup> Porém, os antigos membros, representantes da primeira e segunda geração de metodistas, agarravam-se ao modelo importado e abriam frente às mudanças propostas. As críticas se concentravam na falta de crescimento numérico da Igreja e na perspectiva marxista<sup>968</sup> da Teologia da Libertação. Aço contra-atacava firmado no cerne da proposta missionária de libertação que envolvia a pessoa como um todo e se dirigia às classes menos favorecidas como também alvos da graça de Cristo. Insistia no fato de que era necessário uma nova Igreja não apenas voltada para as vilas, favelas, campos, mas vivendo solidariamente onde as pessoas sacrificadas viviam. Uma ação solidária, empática com os empobrecidos consistia na nova proposta missionária que propunha à Igreja.

#### 4.7. A VISÃO DA UNIDADE

É possível avaliar o grau de indignação de Aço com a falta de espírito ecumênico encontrado em algumas igrejas e grupos que se dizem “cristãos”. Ele utiliza uma expressão forte que traduz com profundidade esta indignação: “sabotagem à Missão”.<sup>969</sup> Entendia que a

<sup>962</sup> PAPE, Carlos et al. **A missão a partir da América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 160.

<sup>963</sup> Conforme p. 117.

<sup>964</sup> Conforme p. 116.

<sup>965</sup> Conforme p. 116.

<sup>966</sup> Conforme p. 139.

<sup>967</sup> CÂNONES, 2002, p. 71.

<sup>968</sup> Conforme p. 117.

<sup>969</sup> Conforme p. 120.

“desunidade”<sup>970</sup> dos/as cristãos/ãs se constituía numa infidelidade tão acentuada à Missão do Reino de Deus, que poderia ser comparada à traição e negação da natureza mesma do ser Igreja.<sup>971</sup> Sem unidade a Missão se tornava impossível e qualquer que se chamasse pelo nome de igreja, sem a visão da unidade, cometia um pecado. Não haveria Missão caso a Igreja não conseguisse superar as suas divisões, porque não haveria testemunho sem unidade. Assim como “igreja” e desunidade se excluem, desunidade e testemunho se inviabilizam. Esta posição de Aço estava embasada na convicção metodista de que não poderia haver Missão sem unidade:

A busca e vivência da unidade da Igreja, como parte da Missão, não é optativa mas uma das expressões históricas do Reino de Deus. Ela procede do Senhor Jesus Cristo e é realizada por meio do Espírito Santo através da rica diversidade de dons, ministérios, serviços e estruturas que possibilitam aos cristãos trabalharem em amor na construção do Reino de Deus até a sua concretização plena (Jo 10.17; 17.17-23; I Co 1.10-13; 12.4-7, 12 e 13; Ef 4.3-6; Ef 2.10-11).<sup>972</sup>

Colocava-se sobre toda a Igreja o desafio da obra reconciliadora que restauraria a ligação entre o ser humano e Deus. Esta obra iniciada por Cristo, agora estava sob a responsabilidade do ser humano e não poderia ser assumida apenas por uma ou outra denominação nem ser exclusividade deste ou daquele grupo: tinha que ser uma obra realizada solidariamente em unidade. Na divisão provocada pela fragmentação do corpo de Cristo, não se consegue reconhecer a ação de Deus no mundo.<sup>973</sup> Este corpo não pode ser partido na Missão: deve ser repartido na mesa da comunhão.<sup>974</sup> A defesa dessa unidade é afirmada enfaticamente pela doutrina metodista:

O Metodismo é parte da Igreja Universal de Jesus Cristo. Procura preservar o espírito de renovação da Igreja dentro da unidade conforme a intenção da reforma Protestante do século XVI e do Movimento Wesleyano na Igreja Anglicana do século XVIII, que, por circunstâncias históricas, resultaram em divisões. Por isto, dá sua mão a todos cujo coração é como o seu e busca no Espírito os caminhos para o estabelecimento da unidade visível da Igreja de Cristo (Jo. 17.17-23).<sup>975</sup>

Examinava criticamente a ação missionária que algumas Igrejas desenvolviam em regiões consideradas pagãs pelo mundo. Considerava que o trabalho se constituía numa imposição da forma de ser destas Igrejas ao invés de testemunharem o amor de Cristo por aquelas pessoas. Ao contrário de espalharem o Evangelho, semeavam a divisão em nome

---

<sup>970</sup> Conforme p. 120.

<sup>971</sup> Conforme p. 120.

<sup>972</sup> CÂNONES, 2002, p. 107.

<sup>973</sup> Conforme p. 121.

<sup>974</sup> Conforme p. 98.

<sup>975</sup> CÂNONES, 2002, p. 76.

daquele que veio trazer a reconciliação.<sup>976</sup> A iniciativa missionária se confundia com o estabelecimento de determinada denominação, ao contrário de ser um ato de solidariedade para com os povos que não conheciam o Evangelho. Mostrava-se a face de uma denominação, não a face de Cristo.<sup>977</sup> Apesar da diversidade de posições e de visões que pudessem haver a respeito do Evangelho, a Missão deveria ser construída com diálogo, promovido pela própria Igreja<sup>978</sup>, uma tática cultivada pelos metodistas com o objetivo de construir a unidade do corpo de Cristo:

[...] dar continuidade aos esforços e à participação da Igreja Metodista em favor da Unidade Cristã, bem como incentivo à participação e cooperação da Igreja em sinais visíveis; que enriqueçam a unidade cristã;

[...] dar continuidade à tradição metodista reconhecendo que ela oferece uma base própria e condizente para o diálogo entre posições.<sup>979</sup>

A diversidade de visões sobre o Evangelho não poderia se constituir na negação da própria Igreja. Tampouco esta diversidade deveria se tornar um entrave à unidade. Unidade não quer dizer uniformidade.

No caminho da unidade dos cristãos/ãs havia uma dupla dimensão. A vertical estava relacionada com a obra de Jesus Cristo e o dom da graça, que se derramavam sobre toda a humanidade, independente da cor denominacional: referia-se a obra da reconciliação. A horizontal era responsabilidade da Igreja e demandava esforços de esvaziamento denominacional<sup>980</sup> sem necessariamente perder a característica da respectiva denominação. Enquanto os grupos insistissem em tomar posse, fixar denominações em diferentes lugares, o corpo de Cristo continuaria sendo flagelado cruelmente.<sup>981</sup>

Aço entendia a unidade como superação da suspeita de que as diferenças poderiam comprometer a identidade denominacional. A grandiosidade da graça de Deus não poderia estar sujeita a um único padrão de entendimento desta obra.<sup>982</sup> Assim, a unidade não se confundiria com a uniformidade, mas contemplaria a diversidade, pois a unidade não anularia as diferenças. Na medida em que a Igreja vislumbrasse a unidade dos cristãos/ãs diante da cruz de Cristo, perceberia como eram mesquinhas as diferenças tão decantadas pelas distintas

---

<sup>976</sup> Conforme p. 121.

<sup>977</sup> Conforme p. 122.

<sup>978</sup> Conforme p. 123.

<sup>979</sup> CÂNONES, 2002, p. 108.

<sup>980</sup> Esvaziamento deve ser entendido como abrir mão do seu orgulho denominacional para assumir uma missão genuinamente libertadora.

<sup>981</sup> Conforme p. 122.

<sup>982</sup> Conforme p. 122.

denominações.<sup>983</sup> Mais ainda, Aço entendia que a Missão de semear o amor transformador e libertador de Deus não deveria ser tarefa desse ou daquele grupo denominacional isolado, mas de todos os grupos e de todas as Igrejas que, individualmente e isoladas jamais alcançariam os propósitos divinos.<sup>984</sup> Já em 1958, em Jerusalém, se falava de uma “missão em parceria”,<sup>985</sup> com a conotação de que a obra missionária era de Deus e não desta ou daquela denominação e tanto a Igreja quanto a sociedade deveriam ser alvos da Missão. Abandonava-se o conceito de Missão como conversão de fiéis de uma denominação para outra. Esta visão de Aço se baseava, por um lado, na Teologia metodista, como se pode ver e por outro, na perspectiva da Teologia da Libertação com seu envolvimento ecumênico. Pensar a Missão a partir da unidade em torno de projetos e serviços de solidariedade ao povo excluído, bem como de presença animadora em situações de risco é um desafio para todas as denominações:

A Igreja da América Latina está conseguindo mobilizar muitas forças (também de não-praticantes e não-crentes) a serviço dos pobres e necessitados. Nesta linha abrem-se perspectivas positivas para um ecumenismo, cujos primeiros passos são realizados positivamente num serviço ao povo, executado de comum acordo (denúncias, anúncios, projetos, etc.).<sup>986</sup>

Outro aspecto que fortalecia a busca de um trabalho conjunto com outras denominações para o crescimento missionário era que, em seus primórdios missionários, a Igreja Metodista desenvolvia um trabalho proselitista.<sup>987</sup> Com base nas supostas falhas da Igreja Católica Romana, como a missa em latim, a restrição ao exame da Bíblia por todos os crentes e a não participação de leigos/as na liturgia, a Igreja exercitava uma “missão” de “conversão”. A partir do Concílio Vaticano II, estas bandeiras que alimentaram a obra de expansão missionária da Igreja Metodista haviam desaparecido. Crescia a importância de um trabalho conjunto<sup>988</sup> que fugia às iniciativas proselitistas e concentrava energias num trabalho missionário conjunto, genuinamente voltado para o crescimento do Reino de Deus.<sup>989</sup> Tratava-se de uma tarefa mais expressiva do que aquela exclusivamente proselitista e conformista levada a efeito por uma determinada denominação. Para esta nova postura missionária da Igreja o que importavam eram as dificuldades vivenciadas pela população, especialmente aquelas que não dispunham de energias para reivindicar ou sustentar os seus legítimos direitos. A unidade fortalecia a Missão da Igreja assim como fortalecia a identidade

---

<sup>983</sup> Conforme p. 123.

<sup>984</sup> Conforme p. 124.

<sup>985</sup> BOSCH, 2002, p. 445.

<sup>986</sup> PAPE, 1983, p. 159.

<sup>987</sup> Conforme p. 116.

<sup>988</sup> Conforme p. 122.

<sup>989</sup> Conforme p. 137.

das diferentes denominações: quando os cristãos/ãs, em nome do Evangelho de Cristo, exerciam o seu direito de denunciar profeticamente as autoridades estavam dando um testemunho de sua Missão e contribuindo para a construção do Reino de Deus.<sup>990</sup>

Sem unidade não há condições para se realizar a Missão. O Reino de Deus comporta a diversidade de visões a respeito da obra redentora de Cristo, mas não comporta a separação dos cristãos/ãs. Entendida como um pecado, a falta de unidade representa uma afronta ao filho de Deus. Esta “desunidade”, que distancia a Igreja de seu Senhor, se justifica como fundamento para a defesa de bandeiras doutrinárias denominacionais. Boa parte da obra missionária desenvolvida ao longo da história e ao redor do mundo chamado pagão, havia se constituído em projetos proselitistas. Sempre que a Igreja negou a possibilidade de trabalho conjunto negou a essência do Corpo de Cristo. O trabalho missionário isolado, realizado por diferentes denominações cristãs, faz crescer o nome de igrejas, mas diminui a grandiosidade da graça de Cristo.

#### 4.8. A VISÃO DA AÇÃO PASTORAL

De certa forma, a Igreja Metodista no Brasil tornou-se uma instituição urbana, por um lado, visto que as missões primordiais se instalaram nas cidades com uma proposta de educação para formar elites, por outro, porque a partir da década de 1970, boa parte da população rural migrou para os centros urbanos maiores.<sup>991</sup> Como tal, havia perdido o perfil peregrino<sup>992</sup> dos primeiros pregadores bíblicos (quem sabe, profetas) que passavam pelas cidades e campos, anunciando a vinda do Reino de Deus. Chegou o momento de a Igreja reavaliar sua obra missionária e perceber como vastos segmentos da população estavam sendo deixados de lado em sua obra missionária. Ao refletir sobre este aspecto, Aço referia-se aos agricultores camponeses e aos agricultores exilados da terra, que tinham vindo se “alojar” nas periferias destes grandes centros. Queria que a Igreja se voltasse para esta gente marginalizada, vítima da violência, da guerra e de poderes malignos.<sup>993</sup> A ação pastoral da Igreja também deveria ter o perfil da Missão de quem vai habitar no meio de um povo estranho, distinto daquela “classe média” que havia formado as grandes comunidades

---

<sup>990</sup> Conforme p. 147.

<sup>991</sup> Conforme p. 148.

<sup>992</sup> BOSCH, 2002, p. 448.

<sup>993</sup> A expressão “poderes malignos” não se refere, no pensamento de Aço, a entidades sobrenaturais, mas as conseqüências dos desmandos humanos, tanto no âmbito da sociedade de forma geral como de governantes.

urbanas.<sup>994</sup> Entendia que a Missão da Igreja, enquanto ação pastoral precisava contemplar uma significativa doutrina metodista, a da prática das obras de misericórdia:

A santificação do cristão e da Igreja em direção a perfeição cristã é proclamada pelos metodistas em termos de amor a Deus e ao próximo (Lc 11.25-28) e se concretiza tanto em atos de piedade (participação na Ceia do Senhor, leitura devocional da Bíblia, prática da oração, do jejum, participação nos cultos, etc., At 2.42-47) como em atos de misericórdia (solidariedade ativa junto aos pobres, necessitados e marginalizados sociais, At 2.42-47). Os metodistas como Wesley, crêem que tornar o cristianismo uma religião solitária, é, na verdade, destruí-lo (Lc 4.16-19, 6.20-21; Rm 14.7-8).<sup>995</sup>

Inspirado na Teologia da Libertação, Aço percebia que, lamentavelmente, a Igreja Metodista não estava envolvida com as classes mais pobres como seu foco missionário. O direcionamento missionário se endereçava às classes médias em todos os países da América Latina. Voltava-lhe à mente uma pergunta incessante: por quê? Sentia que a ação missionária da Igreja continuava dando respostas para demandas que não existiam. Oferecia aos pobres um perfil de evangelho que não lhes era necessário. Em vez de boa-nova, a Igreja apresentava um evangelho desnecessário em relação às questões fundamentais dessa população desatendida: falava de salvação da alma quando o foco deveriam ser as condições básicas para a sobrevivência. Juntava-se a este questionamento a pergunta sobre o lugar da diversidade cultural em diálogo com a fé cristã:

A Igreja “missionária” deve voltar a ser missionária. Talvez a missão tenha estado de fato, absorvida por problemas intra-eclesiais, relativos à doutrina, à devoção e à disciplina. É preciso perguntar-se qual foi a compreensão crítica da realidade social e cultural nas áreas missionárias? Como foi que a evangelização levou em consideração essa realidade? Por que em muitos lugares a ação da Igreja dedicou-se mais à classe média alta, sem convertê-la? Por que se dirigiu aos pobres de uma forma muito mais assistencial que integralmente libertadora? Por que hoje a inculturação do Evangelho parece uma teoria aceita, mas ainda não uma experiência alimentada?<sup>996</sup>

A caminhada da Igreja em direção às margens das cidades e em direção aos camponeses, com sua proposta tradicional de Missão, se constituía num assistencialismo. Aço entendia que estas populações não deveriam ser alvos de comiserções que as isentassem de suas responsabilidades. Queria que, a ação missionária e pastoral da Igreja, tivesse um caráter libertador e inclusivo. Marginalizados urbanos e camponeses esquecidos deveriam ser incluídos no Reino de Deus na mesma perspectiva de outros segmentos, com os mesmos direitos e responsabilidades.<sup>997</sup> A Missão também deveria se inscrever no compartilhar de

<sup>994</sup> Conforme p. 125.

<sup>995</sup> CÂNONES, 2002, p. 74.

<sup>996</sup> PAPE, 1983, p. 162.

<sup>997</sup> Conforme p. 127.

testemunhos, das alegrias e das desgraças que acometiam os despossuídos do mundo. No culto propriamente dito e na liturgia de forma geral a Missão deveria se estabelecer através desta solidariedade de segmentos, convivendo juntos e juntos atuando na sociedade.<sup>998</sup> Uma dessas formas de ser solidária com os excluídos está a de ser voz dos que não têm voz. Dentro desta perspectiva a Missão da Igreja é ser veículo das demandas deste povo que foi silenciado. Entra nesta Missão a defesa dos direitos humanos, salientando o direito das minorias vítimas de toda a sorte de discriminação:

Nesta realidade, a Igreja decidiu ser a voz dos que não têm voz ou dos que foram silenciados. Optou prioritariamente pelos empobrecidos, decidiu apoiar com firmeza a luta pelos direitos humanos e ficar do lado dos que procuram construir nova sociedade, revelando uma nova vocação para os jovens, que são desafiados a renovarem esta realidade injusta do mundo em que estamos.<sup>999</sup>

O cristão/ã era chamado para exercer o seu papel de missionário no mundo e não lhe competia questionar por que e onde deveria desenvolver a sua tarefa. Tinha certeza de que a fidelidade de Deus era o que lhe importava. Um programa de capacitação de missionários fazia um chamamento para que todas as pessoas da Igreja<sup>1000</sup> se tornassem missionários/as<sup>1001</sup>. Havia um diferencial neste programa: não se tratava de um missionário/a comum, mas agentes de transformação em meio a uma sociedade que construía e mantinha estruturas de opressão. Os/as missionários/as deveriam atuar onde se encontrava a dor e a fraqueza humana para que pudessem ali semear a esperança de libertação.<sup>1002</sup>

Aço entendia que, a capacitação das pessoas, destinadas a trabalhar com os empobrecidos na Missão transformadora, não deveria partir de um grupo de intelectuais os quais determinavam o que era necessário aprender e o que não era, para que alguém fosse considerado capacitado. Queria que os currículos fossem debatidos e construídos em conjunto com as bases sociais e em harmonia com o objetivo a que se destinavam.<sup>1003</sup> Na liderança destes missionários/as queria pastores/as que tivessem um perfil adequado às transformações que a sociedade necessitava. Abandonava o perfil de pastores/as formados, segundo um currículo clássico, no qual os ensinamentos já estavam definidos por um conhecimento prévio e necessitavam ser ministrados impositivamente sobre os estudantes. Propunha um perfil de teólogos-em-processo firmados na leitura da realidade e capazes de interpretar a vontade de

---

<sup>998</sup> Conforme p. 128.

<sup>999</sup> PAPE, 1983, p.157.

<sup>1000</sup> Conforme p. 150.

<sup>1001</sup> Conforme p. 134.

<sup>1002</sup> Conforme p. 132.

<sup>1003</sup> Conforme p. 132.

Deus para o contexto de sua respectiva inserção. Teria como consequência a formação de uma liderança capaz de acompanhar as suas transformações junto à base social, e na medida em que as comunidades experimentassem a libertação pudessem acompanhar este momento dinamicamente.<sup>1004</sup> A Teologia da Libertação inaugurava um novo momento da reflexão teológica, que necessariamente interferiria na formação das lideranças teológicas da Igreja, tanto leigas quanto clérigas:

A partir da práxis ou experiência, a circulação hermenêutica avança para a reflexão como ato segundo (não secundário - cf. Gutiérrez 1988:xxxiii<sup>1005</sup>) da Teologia. A seqüência tradicional, em que a *theoria* é elevada acima da práxis, é invertida aqui. Isso não implica, naturalmente, uma rejeição da *theoria*. Em termos ideais, deveria haver uma relação dialética entre teoria e práxis. “A fé e a missão concreta e histórica da igreja são mutuamente dependentes” (Rütti 1972:240<sup>1006</sup>).<sup>1007</sup>

Dentro desta perspectiva de mudanças, Aço acreditava que uma das tarefas fundamentais da Igreja era a educação libertadora, que desenvolvesse nos estudantes a consciência crítica capaz de superar o individualismo de uma sociedade vinculada ao consumo.<sup>1008</sup>

Aço percebia uma parte da Igreja constituída, principalmente de jovens, que não estava satisfeita com o modelo liberal de Igreja<sup>1009</sup> e nem com o apoio que esta dava à política de ajuda aos países pobres, efetivada pelos países do chamado “Primeiro mundo”. Portanto, em sua visão a Igreja necessitava fazer uma escolha urgente: ser uma Igreja legitimadora da exclusão social, preservando interesses estrangeiros e de segmentos da sociedade nacional que também apoiavam esta visão de dominação sobre a América Latina ou tornar-se um “laboratório do Reino”<sup>1010</sup>, promovendo a justiça e a esperança para os desatendidos<sup>1011</sup>. Era uma parcela da Igreja que desejava um envolvimento mais efetivo com as camadas mais empobrecidas da população. Entretanto, esta juventude tornou-se insegura diante da adesão da Igreja à política da ditadura militar da década de 1970 e se afastou desta, que era nitidamente alimentada pela política norte-americana.<sup>1012</sup>

---

<sup>1004</sup> Conforme p. 132.

<sup>1005</sup> (GUTIERRES, Gustavo. **A theology of Liberation: fifteenth anniversary edition with a new introduction** by the author. Maryknoll, New York: Orbis, 1988).

<sup>1006</sup> (RÜTTI, Ludwi. **Zur Theologie der Mission: Kritische analysen und neue Orientierungen**. München: Chr. Kaiser, 1972).

<sup>1007</sup> BOSCH, 2002, p. 508.

<sup>1008</sup> Conforme p. 136.

<sup>1009</sup> Conforme p. 117.

<sup>1010</sup> RELATÓRIO, 1990, 59-80.

<sup>1011</sup> Conforme p. 150.

<sup>1012</sup> Conforme p. 138.

Aço entendia que a Igreja deveria mudar seu enfoque missionário, abandonando o projeto que consistia em “trazer” as pessoas à Igreja e desenvolver o novo projeto missionário, ecumênico e de serviço que consistia em “ir” ao encontro das pessoas para viver entre elas em solidariedade e amor.<sup>1013</sup> Com a adoção do programa de “Dons e Ministérios”, adotado pela Igreja a partir de 1987<sup>1014</sup>, corria-se o risco de colocar a obra missionária nas mãos de aventureiros que se autoproclamassem iluminados por Deus e a conduzisse aos piores descaminhos<sup>1015</sup>, bem como haver ênfase acentuada nos dons “espirituais” em detrimento de ministérios voltados para a solidariedade.<sup>1016</sup> O temor de Aço voltava-se para a possibilidade do desvirtuamento do trabalho missionário: ao invés de dirigir-se a um conviver com as pessoas das vilas e favelas se transformasse numa pregação proselitista. Seu receio também se manifestava com a possibilidade da obra missionária da Igreja passar a ser liderada por pessoas que viessem a pregar uma doutrina estranha à fé cristã e ao metodismo, considerando o processo de empobrecimento como consequência do pecado individual.<sup>1017</sup>

A ação pastoral embutida neste novo projeto missionário, propugnado por Aço, se sustentava nos princípios do PVMI e das Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista.<sup>1018</sup> Para ele, estes dois documentos significavam o desenvolvimento de uma Teologia genuinamente brasileira<sup>1019</sup>, que apresentava respostas às necessidades sociais deste país<sup>1020</sup>. Estava ciente de que as oposições e os desgastes se tornavam inevitáveis, mas entendia que esta luta fazia parte do processo de conversão, não apenas das pessoas em si, mas da Igreja como um todo.<sup>1021</sup> Percebia que esta conversão era uma necessidade inadiável a partir da qual se criavam as condições para a realização do novo perfil de ação missionária, de ação pastoral e de Igreja:

No entanto, a Igreja tem muitos críticos. Como toda boa força no mundo, ela sofre o batismo de fogo de tempos em tempos. Alguns dizem que a Igreja é muito supersticiosa. Outros dizem que ela perturba demais a consciência das pessoas. Muitos afirmam que ela não transforma seus membros em pessoas diferentes das outras. Alguns se queixam de que a Igreja tem visão social demais; outros se queixam de que não tem suficiente. Ainda outros afirmam que a Igreja está

<sup>1013</sup> Conforme p. 138.

<sup>1014</sup> Conforme p. 139.

<sup>1015</sup> O Programa de Dons e Ministérios pressupõe o voluntariado dentro das comunidades: uma pessoa que se destaca através de suas práticas de piedade pode ser guindada a uma posição de liderança dentro da Igreja; isto poderia favorecer situações em que pessoas inescrupulosas forjassem tais práticas com o objetivo do reconhecimento da comunidade. (CÂNONES, 2002, p. 259).

<sup>1016</sup> Conforme p. 139.

<sup>1017</sup> Conforme p. 139.

<sup>1018</sup> CÂNONES, 2002, p. 111.

<sup>1019</sup> CÂNONES, 2002, p. 71.

<sup>1020</sup> Conforme p. 141.

<sup>1021</sup> Conforme p. 142.

subdividida em muitas partes. E há aqueles que permanecem deitados em suas camas no domingo e dizem que a Igreja está cheia de hipócritas.<sup>1022</sup>

Entendia que a conversão ao Reino de Deus mudava no indivíduo e na Igreja o foco da esperança. A preocupação missionária não seria mais a de trazer todas as pessoas para a Igreja, mas a de “construir um sonho”<sup>1023</sup>, cuja base fosse o exercício do amor solidário, da convivência fraterna como resultado do restabelecimento da justiça. Seria uma nova Igreja que se constituiria como testemunha da libertação que Jesus Cristo opera nas pessoas e na sociedade, promotora de vida.<sup>1024</sup> Numa Igreja que faz a sua escolha pelos excluídos torna-se importante definir, a partir do perfil da libertação, o que significa Missão neste contexto. Aquilo que para muitas pessoas da Igreja na Segunda Região se constituía numa nova e revolucionária forma de ser Igreja, na verdade, era o resgate de uma antiga e sempre nova característica do metodismo desde os seus primórdios. Frequentemente esquecida, a misericórdia necessitava, a cada contexto, assumir a face dos desafios históricos:

Os metodistas de Oxford, no início da década de 1730, quase todos homens da universidade, haviam gasto boa parte de seu tempo, dinheiro e energia no ministério de misericórdia para com o pobre - educando as crianças nos albergues, levando alimento aos necessitados, fornecendo lã e outros materiais com os quais as pessoas pudessem fazer roupas e outras coisas duráveis para usar ou vender. Esta ênfase particular em “amar o próximo” e seguir o exemplo de Cristo (que “andou por toda a parte fazendo o bem”, Atos 10:38), continuou a caracterizar o metodismo, quando ele entrou no reavivamento.<sup>1025</sup>

Entre outros elementos, é possível perceber que a Missão deve ser endereçada para este contingente de pessoas da sociedade, que se encontra excluída dos benefícios do desenvolvimento econômico<sup>1026</sup>, se é que ele existe. Neste sentido a ação pastoral da Igreja precisava considerar os diferentes momentos de sua atuação, o que também tornava diferente a sua forma de intervir socialmente. Dessa forma, a Igreja necessita identificar-se com este segmento em primeiro lugar através da solidariedade:

“A partir dos pobres” significa aqui a solidariedade com eles, solidariedade humana e missionária; significa, a partir da opção por eles, que nos compromete com as suas justas libertações e com o anúncio privilegiado do Reino salvador de Jesus Cristo, ao mesmo tempo.<sup>1027</sup>

Ao pensar um projeto missionário para a Igreja Metodista, Aço entendia que todos os segmentos desta deveriam estar a serviço da Missão. Neste sentido, a ação pastoral precisava

<sup>1022</sup> STOKES, 1992, p.111.

<sup>1023</sup> Conforme p. 143.

<sup>1024</sup> Conforme p. 143.

<sup>1025</sup> HEITZENRATER, 1996, p. 125.

<sup>1026</sup> Conforme p. 97.

<sup>1027</sup> PAPE, 1983, p.145.

ser um agir de pastores/as e leigos/as na mesma direção: a convivência solidária com as pessoas que se encontravam à margem da sociedade, envoltas num processo de empobrecimento. Qualquer outra forma de fazer Missão desvirtuaria este objetivo maior e poderia colocar em risco os próximos passos desta jornada. A ação pastoral tinha que investir esforços para capacitar agentes missionários, ao mesmo tempo em que desafiava todas as pessoas a se tornarem agentes desta obra. Considerava que os verdadeiros agentes de transformação do mundo eram os pobres que representavam um desafio de solidariedade para a ação pastoral e missionária da Igreja.<sup>1028</sup> Mostrava-se apreensivo com relação à possibilidade de pessoas destituídas de um embasamento cristão e metodista tomarem a liderança deste processo e desvirtuarem a caminhada missionária no sentido da libertação.

#### 4.9. A VISÃO DA IGREJA

A Igreja não coincidia com o Reino de Deus, mas também não podia desvincular-se da Missão que lhe estava afeta, ou seja, a construção dos sinais desse Reino e a manifestação da esperança da sua proximidade. Aço entendia que uma parte significativa da responsabilidade sobre a Missão que levava ao Reino de Deus era da Igreja. Aço queria que em sua visão missionária a Igreja se transformasse em uma Igreja-em-missão.<sup>1029</sup> Com este propósito, o planejamento da Região Eclesiástica para o biênio 1990-91 foi fixado com o tema “Igreja: Comunidade Missionária”.<sup>1030</sup> Como Corpo de Cristo, ela tinha, como um dos atributos, este compromisso. Percebia que muitas pessoas conceituavam a Igreja como uma agência de serviços espirituais e se esforçavam para preservar este perfil de Igreja amarrado a uma visão tradicional.<sup>1031</sup> Para Aço, o *locus* do ser humano deveria estar situado entre Deus e o mundo<sup>1032</sup> e nesse ínterim se encontrava a comunidade dos fiéis, a Igreja. A partir da obra libertadora de Jesus Cristo a Igreja estava colocada como elo entre estes dois elementos, como embaixadora de Cristo para a reconciliação do ser humano com Ele. Neste sentido é possível perceber uma convergência entre as posições católicas e protestantes (dos que participam do CMI) em relação à Igreja-em-missão e sua relação com o mundo:

Em quinto lugar, caso a igreja tente manter-se alheia ao envolvimento no mundo e se suas estruturas são tais que obstaculizem qualquer possibilidade de prestar um

---

<sup>1028</sup> Conforme p. 150.

<sup>1029</sup> Conforme p. 152.

<sup>1030</sup> Conforme p. 152.

<sup>1031</sup> Conforme p. 145.

<sup>1032</sup> Conforme p. 143.

serviço relevante ao mundo, é necessário que se reconheçam essas estruturas como heréticas.<sup>1033</sup>

Por outro lado, percebia que a Igreja continuava a ser “pastorcêntrica”<sup>1034</sup>, favorecendo um perfil missionário de manutenção. A Igreja necessitava investir no trabalho dos leigos/as como forma de aproximação das camadas mais populares. As pessoas de fora da comunidade eclesial<sup>1035</sup> identificavam nos leigos/as, alguém como elas mesmas.<sup>1036</sup> Dessa forma, a Missão adquiriria uma face mais laica.<sup>1037</sup> Propugnava por um projeto de capacitação das pessoas da Igreja, que pertenciam à classe média, dando-lhes possibilidade de exercitar o seu testemunho cristão onde quer que estivessem, em sua escola, em seu escritório, etc.<sup>1038</sup> para atuarem como agentes de transformação com capacidade para disseminar a boa-nova de libertação. Evidentemente, este novo perfil de Igreja requeria um novo perfil de pastor/a. Não podia ser um pastor/a preocupado com sua auto-imagem, nem que estivesse atento, exclusivamente, ao sustento da estrutura da comunidade. Tinha que ser um pastor/a coordenador de ministérios, com olhar voltado para as vilas e favelas, para as crianças e famílias abandonadas, para pequenos agricultores esquecidos. O conjunto dos fiéis formaria o “ministério” da Igreja e o pastor seria o seu coordenador, sem risco de perder seu espaço na estrutura. Nesta nova visão de Igreja, o pastor/a teria o seu espaço alterado: de “faz-tudo” na comunidade local para líder dos ministros/as da Igreja<sup>1039</sup>. Esta nova concepção de formação pastoral era definida pelo PVMI com orientações específicas:

Criar instrumentos para a reflexão teológica que propicie a ação pastoral de todo o povo de Deus; preparar pastores e pastoras bem como leigos e leigas para a Missão; capacitar o/a pastor/a para o preparo dos membros com vistas à Missão; [...] preparar obreiros para exercer ministérios em áreas especiais; manter o ministério pastoral e leigo atualizado para a Missão;<sup>1040</sup>

Esta mesma preocupação é compartilhada pelo documento norteador da educação na Igreja Metodista: “Diretrizes para a educação na Igreja Metodista” quando afirma sob a letra “B”, itens 1 e 5:

A Educação Teológica é o processo que visa à compreensão da história em confronto com a realidade do Reino de Deus, à luz da Bíblia, e da tradição cristã reconhecida e aceita pelo metodismo histórico como instrumentos de reflexão e

<sup>1033</sup> BOSCH, 2002, p. 453.

<sup>1034</sup> Uma postura pastoral que colocava o/a pastor/a no centro das atenções de toda a comunidade. (PARA, 1992, p. 56).

<sup>1035</sup> Um sinônimo de igreja local.

<sup>1036</sup> Conforme p. 144.

<sup>1037</sup> Conforme p. 144.

<sup>1038</sup> Conforme p. 144.

<sup>1039</sup> Conforme p. 145.

<sup>1040</sup> CÂNONES, 2002, p. 97.

ação para capacitar o povo de Deus, leigos e clérigos, para a vida e missão, numa dimensão profética. (PVMI).<sup>1041</sup>

A educação teológica será desenvolvida observando-se os seguintes relacionamentos: Relacionamento com o contexto social: a metodologia do trabalho teológico, em todos os níveis, terá relação direta com a realidade da sociedade brasileira, na perspectiva do oprimido, visando ao processo de sua libertação.<sup>1042</sup>

Outro aspecto significativo trata do lugar da Igreja nesta nova visão missionária. O modelo liberal, que acompanhou a chegada dos missionários/as metodistas ao solo brasileiro, trazia em sua bagagem a visão de que a Igreja não deveria se inserir em assuntos relacionados com a política ou com os governos. Deveria dedicar-se exclusivamente às coisas da “alma”, deixando o mundo real para os políticos discutirem e os governantes administrarem. Nesta nova visão missionária era necessário resgatar a noção cristã de que a Igreja está inserida no mundo como peça decisiva. Antes de tudo deveria exercer a consciência crítica na sociedade<sup>1043</sup>, pois a Igreja é parte do Reino no mundo<sup>1044</sup>. Quando se trata das relações sociais mais amplas, as relações políticas, os metodistas se posicionam na direção de uma ordem que atenda aos interesses da coletividade. O bem comum é o desejo de Deus para o bom relacionamento político e social do ser humano. Neste sentido os metodistas acreditam numa participação efetiva nas forças políticas que governam os grupos humanos:

Não podemos nos distanciar do que acontece nos governos da terra. Por quê? Porque Deus estabeleceu a ordem de governo e freqüentemente as pessoas têm corrompido esta ordem. Muitas vezes, o próprio destino da humanidade depende dessas organizações políticas. Nós metodistas, cremos na participação ativa no governo. [...] Cremos que todos os cristãos têm uma tarefa a desempenhar, apontada por Deus para o estabelecimento do Reino, no interesse do bom governo.<sup>1045</sup>

Em muitos momentos a Igreja adotou uma atitude conformista e até conivente com os desmandos e a corrupção que imperavam em diferentes setores da sociedade<sup>1046</sup>. Entretanto, é importante considerar que esta postura crítica não significa assumir um programa de governo e nem fazer adesão a este ou àquele partido. Manter-se ao lado dos desfavorecidos tem o significado de estar isento de tendências partidárias, mas partidário das pessoas que foram colocadas à margem da sociedade. Mesmo partidos e governos que acendem ao poder com propostas de atendimento aos pobres cometem desvirtuamentos e é

<sup>1041</sup> CÂNONES, 2002, p. 125.

<sup>1042</sup> CÂNONES, 2002, p. 126.

<sup>1043</sup> CÂNONES, 2002, p. 99.

<sup>1044</sup> Conforme p. 146.

<sup>1045</sup> STOKES, 1992, p. 123.

<sup>1046</sup> Conforme p. 146.

nesta hora que a Igreja necessita exercer sua função profética de denúncia.<sup>1047</sup> O sentido desta vivência profética da Igreja está de acordo com a noção de um povo peregrino. A Igreja se faz companheira e se movimenta com as pessoas, para fora de si mesma, com o alvo da realização do Reino de Deus:

O arquétipo bíblico, neste caso, é o do povo peregrino de Deus, tão proeminente na Carta aos Hebreus. A igreja é peregrina não apenas pela razão prática de que, na era moderna, ela não mais dá o tom e, em todas as partes, encontra-se numa situação de diáspora; pelo contrário, ser um peregrino no mundo faz intrinsecamente parte da posição *ex-cêntrica* da igreja. Ela é *ek-klesia*, “chamada para fora” do mundo, e enviada de volta para dentro do mundo. O forasteirismo representa um elemento de sua constituição (Braaten<sup>1048</sup> 1977:56).<sup>1049</sup>

A Teologia da Libertação não se ocupa de qualquer forma de libertação, mas da libertação integral do ser humano, a partir da dimensão dos excluídos. Neste sentido, a libertação integral tem a ver com a concepção de Reino de Deus que tem suas bases na sociedade histórica, mas se projeta para a eternidade. Está vinculada à dimensão da utopia de Jesus Cristo:

Como se depreende, libertação não é uma metáfora; é um processo histórico-social. [...] este processo histórico-social se ordena à salvação (ou à perdição), é antecipador e concretizador de dimensões daquilo que na utopia de Jesus Cristo se chamava Reino de Deus. Ele possui, portanto, uma significação transcendente: repercute na eternidade.<sup>1050</sup>

Esta postura profética em relação aos governos não deveria anular o serviço de socorro às vítimas do empobrecimento social. Há situações que requerem urgência e nestes casos a Igreja tem a responsabilidade de providenciar a ajuda dentro daquilo que pode mobilizar.<sup>1051</sup> Por outro lado, não poderia permanecer apenas neste assistencialismo. A partir desta consciência crítica necessitava desenvolver investimentos, para que a transformação da sociedade abolisse as causas do empobrecimento e resgatasse a dignidade das pessoas atingidas.<sup>1052</sup> Ao contrário disso percebia que a Igreja Metodista permanecia acomodada, tendo sua pregação girando em torno de questões pequenas, envolvendo grupos societários<sup>1053</sup> em disputa por espaços intra-eclésiásticos e campanhas para arrecadação financeira<sup>1054</sup>.

<sup>1047</sup> Conforme p. 148.

<sup>1048</sup> A citação de Bosch refere-se a BRAATEN, Carl E. **The Flaming Center**. Philadelphia: Fortress, 1977.

<sup>1049</sup> BOSCH, 2002, p. 448.

<sup>1050</sup> BOFF, 1980, p. 80.

<sup>1051</sup> Conforme p. 148.

<sup>1052</sup> Conforme p. 148.

<sup>1053</sup> Conforme p. 115.

<sup>1054</sup> Conforme p. 149.

Considerava que as genuínas lutas estavam passando ao largo da Igreja, enquanto seus membros de digladiavam por picuinhas<sup>1055</sup>:

O Metodismo demonstra permanente compromisso com o bem estar da pessoa total, não só espiritual, mas também seus aspectos sociais (Lc 4.16-20). Este compromisso é parte integrante de sua experiência de santificação e se constitui em expressão convicta do seu crescimento na graça e no amor de Deus. De modo especial os metodistas se preocupam com a situação de penúria e miséria dos pobres. Como Wesley, combatem tenazmente os problemas sociais que oprimem os povos e as sociedades onde Deus os tem colocado, denunciando as causas sociais, políticas, econômicas e morais que determinam a miséria e a exploração e anunciando a libertação que o Evangelho de Jesus Cristo oferece às vítimas da opressão. Esta compreensão abrangente da salvação faz com que os metodistas se comprometam com as lutas que visam a [sic] eliminar a pobreza e a exploração e toda a forma de discriminação (Tg. 5.1-6; Gl.5.1).<sup>1056</sup>

As preocupações com a realidade miserável de boa parte da população manifestam-se nos textos de Aço<sup>1057</sup>. Estas preocupações abrangiam diferentes dimensões da exploração<sup>1058</sup> a que muita gente era submetida, em função dos tormentos provocados por quem detinha diferentes poderes. Uma dessas dimensões se relacionava com a perda da esperança, que temperava o destino de muitas pessoas com amargor<sup>1059</sup>. Esta morte da esperança transformava suas vidas e afastava umas das outras, por causa do jogo de interesses de negociantes de vida.<sup>1060</sup> Revoltava-se com a maneira como determinadas pessoas eram enganadas por imagens de um mundo ilusório e que acabavam tendo suas vidas reduzidas ao mínimo de dignidade, porém cria que um dia haveria libertação.<sup>1061</sup>

Aço juntava-se à preocupação com as mulheres que se tornavam vítimas de uma sociedade vil, na qual a dignidade lhes era roubada por homens exploradores<sup>1062</sup>, à preocupação com o homem destituído de trabalho<sup>1063</sup>, desumanizado pela busca incessante de emprego, carregando o fardo de fome, de desânimo, de brigas, vivendo à custa da boa vontade de estranhos.<sup>1064</sup>

Sobretudo, Aço se indignava ao perceber a maneira como as crianças eram abandonadas à própria sorte, buscando alimentarem-se de lixo, despidas de roupas e de

---

<sup>1055</sup> Conforme p. 149.

<sup>1056</sup> CÂNONES, 2002, p. 75.

<sup>1057</sup> Conforme p. 88.

<sup>1058</sup> Conforme p. 29.

<sup>1059</sup> Conforme p. 88.

<sup>1060</sup> Conforme p. 89.

<sup>1061</sup> Conforme p. 89.

<sup>1062</sup> Conforme p. 90.

<sup>1063</sup> Conforme p. 88.

<sup>1064</sup> Conforme p. 90.

dignidade e que aprendiam a triste lição do crime e da marginalidade.<sup>1065</sup> Foram estas crianças sujas e abandonadas, que perambulavam pelas ruas dos grandes centros urbanos, as responsáveis pela genuína conversão de Aço à justiça do Reino de Deus.<sup>1066</sup> Aço considerava que as crianças abandonadas se constituíam num sinal de uma sociedade doente, que necessitava ser tratada, em busca de cura. Esta cura deveria incluir o acolhimento às crianças de rua que se transformariam num sinal da nova sociedade, como uma luz envolvendo a Igreja num processo de mudança radical.<sup>1067</sup> Sua expectativa era a de que, também, a Igreja pudesse passar por esta mesma experiência de conversão que ele havia passado.<sup>1068</sup> Este cuidado com as crianças refletia a preocupação que Wesley teve em 1739:

Em junho, Wesley também se encarregou de resolver outro problema na região de Bristol. Na ótica wesleyana de ver as coisas, o conhecimento era a contraparte crucial para a piedade vital. Nessa ocasião, não havia um local escolar nas instalações das minas de Kingswood. Ele, portanto, levou avante um plano que foi concebido primeiramente por Whitefield: construiu uma escola perto de Two-Mile Hill, com um grande espaço para pregação, acomodação para dois professores, e um convite para estudantes de todas as idades, incluindo aqueles de cabelos brancos. Ele estava especialmente preocupado com aquelas crianças pobres que deviam não apenas aprender a “ler, escrever e fazer contas, mas antes particularmente (com a ajuda de Deus) a conhecer a Deus e Jesus Cristo a quem Ele enviara”.<sup>1069</sup>

A Igreja não era o Reino, mas também não deixava de ser um espaço deste. Para que isto se realizasse, necessitava estar a serviço da Missão libertadora. Enquanto permanecesse ao redor do pastor/a, continuaria a ser apenas “de manutenção”. A saída estava em envolver os leigos/as que, por natureza, tendiam mais a se identificar com as pessoas de fora da Igreja. Além dos aspectos espirituais precisava se envolver nas reivindicações comunitárias, no lazer, na política, etc. Esta postura “envolvida” da Igreja tinha que ser uma atitude positiva em direção à abolição das causas que vitimavam as pessoas empobrecidas: as vítimas da sociedade. A Igreja da libertação precisava abandonar a postura conformista que a acompanhava deste os primeiros missionários.

---

<sup>1065</sup> Conforme p. 89.

<sup>1066</sup> Conforme p. 115.

<sup>1067</sup> Conforme p. 153.

<sup>1068</sup> Conforme p. 115.

<sup>1069</sup> HEITZENRATER, 1996, p. 105.

#### 4.10. A VISÃO DO TESTEMUNHO

A Missão da Igreja, e dos seus membros em particular, necessita ter o selo da entrega. Não se vai ao campo olhando para o que ficou perdido para trás: é o exercício de um testemunho cotidiano que envolve solidariedade<sup>1070</sup>, empolgação, compromisso e imolação<sup>1071</sup>. Fazia parte desse testemunho o coro daqueles/as que protestavam, pelas ruas e praças, pelos direitos que lhes haviam sido subtraídos, em busca de libertação.<sup>1072</sup> Engrossava este coro, o grupo daqueles que anunciava a morte do perverso e o anúncio da chegada do Reino que ficava fora do alcance de quem se ensimesmava.<sup>1073</sup> O testemunho tinha que se constituir também numa marcha conjunta com os portadores de necessidades especiais, com as viúvas, com os aposentados, com as crianças e com os pobres e todas as pessoas simples.<sup>1074</sup> Assim como a ação pastoral e missionária da Igreja deveria ter como objetivo a transformação da sociedade, o testemunho dos fiéis necessitava ter como horizonte a mudança mais profunda da sociedade, capaz de transformar os instrumentos de guerra em ferramentas de trabalho a serviço da paz.<sup>1075</sup> Este olhar de Aço quanto ao testemunho dos/as cristãos/ãs e da Igreja refletia os fundamentos da Teologia da Libertação:

A percepção da miséria e o protesto contra ela movem à ação. A Igreja sempre se preocupou com os pobres de nosso Continente; agora esta preocupação assumiu a forma de consciência coletiva, pois a persistência de tal situação se torna mais e mais intolerável. Mas a estratégia de ajuda mudou. Outrora a Igreja se associava às classes dominantes e mediante elas chegava aos pobres que eram auxiliados e assistidos por estas classes dominantes. Era uma presença assistencialista e paternalista que socorria o pobre mas não aproveitava suas forças no processo de mudança. Agora a Igreja vai diretamente aos pobres; associa-se a suas lutas, constitui comunidades de base, onde a fé é vivida em sua dimensão social e libertadora. Portanto, a presença da Igreja na sociedade não se faz apenas mediante a prática religiosa (devocional, cútica, litúrgica); importa articular com ela também práticas éticas, sociais e de promoção do homem todo e de todos os homens. Estas práticas são exigidas pela própria fé cristã que, somente sendo informada pelo amor (que é uma prática e não uma teoria), se torna fé *verdadeira* e salvadora; caso contrário é uma fé vazia que não conduz ao Reino de Deus.<sup>1076</sup>

Este testemunho cristão deveria abranger os diferentes segmentos da Igreja como, por exemplo, o da educação cristã. A Missão que envolvia a transformação e a libertação começava com a mudança da mentalidade desde o início da formação da personalidade:

A Educação Cristã é um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé, e se

<sup>1070</sup> Conforme p. 154.

<sup>1071</sup> Conforme p. 153.

<sup>1072</sup> Conforme p. 154.

<sup>1073</sup> Conforme p. 154.

<sup>1074</sup> Conforme p. 155.

<sup>1075</sup> Conforme p. 155.

<sup>1076</sup> BOFF, 1979, p. 13.

desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras.<sup>1077</sup>

A Igreja e os seus fiéis não podem permanecer apenas no horizonte do cumprimento de uma ação evangelizadora: sua ação necessita envolver a denúncia, tanto no nível nacional como internacional. A Igreja não está isenta aos acontecimentos nacionais, que mexem com a vida da população. Assim, nos infortúnios dos eventos todos/as morrem um pouco, oferecendo de si como parte solidária do sofrimento de todos. Em meio às dores vividas coletivamente, a Igreja deve testemunhar a esperança da ressurreição que sempre deve seguir aos infortúnios coletivos: há um “amanhã” que espera o ser humano para lhe oferecer a possibilidade do Reino.<sup>1078</sup> Este “amanhã” traz consigo os raios da libertação esperados e construídos pelas pessoas marginalizadas e oprimidas:

A missão de libertar os injustiçados e marginalizados é, pela fé e sua tradição, adjudicada ao Messias; a comunidade messiânica se associa a esta tarefa sendo também sinal e instrumento de libertação integral. Pela Teologia da libertação procura dar uma resposta adequada e crítica à pergunta fundamental que angustia nossa consciência cristã e latino-americana: Como ser cristãos num mundo de miseráveis? Só o podemos ser, autenticamente, vivendo nossa fé de forma libertadora.<sup>1079</sup>

Cabe também à Igreja denunciar a forma como as nações mais desenvolvidas impõem a sua influência e a sua dominação<sup>1080</sup> sobre as populações mais fracas, do ponto de vista econômico e político. Estas imposições distorcem a própria liberdade das nações menos desenvolvidas, relegando populações inteiras à marginalidade.<sup>1081</sup> O testemunho sinaliza o perfil de cristãos/ãs que compõem uma Igreja: ou de pessoas preocupadas apenas com a questão mística de uma vida eterna prometida para o futuro ou de pessoas preocupadas com a situação concreta<sup>1082</sup> de cada pessoa, com sua fome, sua dor, seu sofrimento, seu desespero, etc. É responsabilidade do cristão/ã e da Igreja a transformação da sociedade excludente num espaço de vida plena, de construção<sup>1083</sup> do Reino de Deus. Mais do que se envolver nesta construção, a Igreja necessita atuar junto às populações marginalizadas como agente mobilizador, para que estas populações não se transformem apenas em receptoras de benefícios, mas em sujeitos de sua própria libertação. Esta ação de testemunho da Igreja e de seus fiéis necessita aparecer também na mensagem, na pregação. O Evangelho deve ser para

<sup>1077</sup> CÂNONES, 2002, p. 94.

<sup>1078</sup> Conforme p. 160.

<sup>1079</sup> BOFF, 1979, p. 21.

<sup>1080</sup> Conforme p. 156.

<sup>1081</sup> O termo “marginalidade” denota uma categoria inferior, possuidora de menor dignidade.

<sup>1082</sup> Conforme p. 156.

<sup>1083</sup> CÂNONES, 2002, p. 78.

todos/as, mas de forma diferente de acordo com o perfil dos ouvintes: para os marginalizados deve ser como uma promessa de libertação que se avizinha pela própria busca e construção do Reino; para os poderosos que semeiam e se beneficiam da exploração deve ter o tom do apelo ao arrependimento<sup>1084</sup> e à mudança de vida (Lc 18.26). Esta pregação deve envolver, por um lado, a denúncia das dores do mundo, apontando para o sofrimento e para a exploração que fazem surgir a antvida, por outro deve anunciar a libertação em Cristo e por último, deve impactar aqueles que promovem as exclusões sociais.<sup>1085</sup>

Por outro lado, a Igreja ao adotar uma nova proposta missionária tenderia a mexer com padrões estabelecidos e com tradições consolidadas, tanto em seu próprio seio como na sociedade de forma geral. Esta nova postura seria acompanhada de certa desconfiança da sociedade em relação a sua ação missionária. O testemunho fiel da Igreja, voltado para uma convivência entre os empobrecidos e entre os marginalizados sociais, teria um impacto numa sociedade que aprendera a olhar para a Igreja como uma instituição quase indiferente, considerada neutra em relação aos movimentos sociais. Em alguns lugares esta nova postura da Igreja poderia provocar até o ódio desta sociedade, que via nela uma instituição conivente com as desigualdades sociais existentes.<sup>1086</sup>

O novo paradigma resultou em uma tensão permanente entre duas concepções de igreja que parecem ser fundamentalmente irreconciliáveis. De um lado do espectro, a igreja se percebe como a única portadora de uma mensagem de salvação da qual detém o monopólio; do outro lado, a igreja se vê, quando muito, como uma ilustração - em palavras e atos - do envolvimento de Deus com o mundo. [...] A questão é se essas duas imagens de igreja precisam ser mutuamente exclusivas. Talvez sejam oportunas algumas reflexões sobre esse assunto. Aparentemente, o problema ocorre quando se é incapaz de integrar as duas visões de forma que a tensão entre elas se torne criativa em vez de destrutiva.<sup>1087</sup>

O testemunho também deve aparecer na forma do anúncio profético que prevê o aprofundamento das crises, quando suas causas não são atendidas em suas raízes. Aço antevia o descontrole da crise social, caso as crianças não fossem atendidas condignamente em suas necessidades básicas. Em sua visão, permanecendo as condições de marginalização que presenciava, as crianças seriam pisoteadas e os jovens conseguiriam sobreviver com os restos de uma “sociedade saqueada”.<sup>1088</sup> A sua preocupação com as crianças era passada para os pastores/as no sentido de que levassem as igrejas locais a se dedicarem ao seu atendimento.

---

<sup>1084</sup> Conforme p. 157.

<sup>1085</sup> Conforme p. 164.

<sup>1086</sup> Conforme p. 161.

<sup>1087</sup> BOSCH, 2002, p. 457.

<sup>1088</sup> AÇO, p. 15, out.1987.

Encontramos nesta preocupação um reflexo daquilo que ocupava a mente de Wesley em 1768:

João Wesley estava se tornando cada vez mais preocupado com o trabalho metodista junto às crianças e freqüentemente exortava os pregadores a passarem mais tempo com elas. Sempre que havia dez crianças em uma sociedade, e entendia que os pregadores deveriam estabelecer um *band*<sup>1089</sup> e reunir-se com elas duas vezes por semana. As *Minutes* mais uma vez refletem a hesitação dos pregadores para com esse trabalho: “Mas não tenho dom para isso”. A resposta de Wesley é firme: “Com dom ou sem ele, você deve fazer isso, do contrário você não foi chamado para ser um pregador metodista (*Minutes*, 69).<sup>1090</sup>

Em 1987 profetizava este descontrole, para um período de vinte anos, ao anunciar que se a dívida externa fosse paga teria como custo a fome, a migração de populações e o desemprego.<sup>1091</sup> Juntando a este anúncio Aço levantava a sua voz contra os movimentos religiosos que sutilmente desenvolviam uma prática mística alienante, facilitando o alívio do sofrimento e impedindo que as populações exploradas se conscientizassem de sua situação de miséria.<sup>1092</sup>

O testemunho também deve aparecer na forma da solidariedade<sup>1093</sup> para com aqueles que estão em situação de risco. Num tempo em que o trabalho se torna precário<sup>1094</sup>, a Igreja necessita ser solidária com homens e mulheres que perdem seus postos, montando serviços de ajuda e de emergência. É na solidariedade que a Igreja mostra a face amorosa de Cristo que se doou em sacrifício por quem nem ao menos merecia.

O selo do testemunho cristão é o selo da entrega. Por amor de Cristo e por amor ao próximo, nada deve ser retido como significativo demais para si. De um lado este selo possui a estampa da luta aguerrida, travada junto com as pessoas excluídas da sociedade em função das mais diversas causas. Nesta estampa estão as dores e feridas sofridas pelo povo pobre, que se amontoa pelas vilas e favelas. As chagas sociais destas pessoas refletem as chagas do próprio Deus, manifestas em seu filho Jesus Cristo. Nesta estampa está a consciência de que viver o amor de Deus é sofrer com o renegado em perfeita empatia em suas demandas e em suas lutas. Neste mesmo lado está a solidariedade que a Igreja deve demonstrar, socorrendo quando se trata de emergência, juntando-se ao coro dos que gritam por libertação,

<sup>1089</sup> Pequenos grupos de pessoas, constituídos de cinco a dez pessoas que se reuniam voluntariamente para edificação e apoio espiritual (HEITZENRATER, 1996, p. 104).

<sup>1090</sup> HEITZENRATER, 1996, p. 232.

<sup>1091</sup> Conforme p. 164.

<sup>1092</sup> Conforme p. 165.

<sup>1093</sup> Conforme p. 158.

<sup>1094</sup> O termo “precário” aplicado ao trabalho se refere à depreciação dos salários bem como a depreciação dos direitos dos trabalhadores cada vez mais envolvidos no subemprego.

engrossando a voz para reivindicar direito e justiça para aqueles que já perderam até seu direito de gritar.

Noutra estampa deste selo está o anúncio de um Reino diferente, construído na parceria entre Deus e o ser humano. De um vem a graça que perdoa, fortalece, dá a noção da liberdade. Do outro vem o companheirismo na esperança de que, mediante a luta com fé, ergue-se uma construção de justiça, dignidade e paz. É a estampa que aponta para um tempo à frente, onde a fraternidade não será mais a celebração de um “tapinha nas costas”, mas festa daqueles que receberam a graça e se tornaram agentes da libertação de um mundo de misérias, de dores, de lágrimas e penetraram no novo tempo, o tempo do Reino de Deus.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição teológica de Aço não se restringe aos temas do Reino de Deus e da Missão. Entretanto, os textos produzidos por Aço possibilitam uma gama variada de outras leituras. Uma delas poderia investigar o seu pensamento teológico a partir da noção de arrependimento, perdão e conversão contrastando a teologia wesleyana com Teologia da Libertação presente em seus escritos. Outra possibilidade de leitura dos seus textos poderia se dedicar à investigação dos temas existenciais que aparecem, com vigor, principalmente em poemas escritos em Santa Maria. Um assunto que poderia receber um incremento de pesquisa seria a significação das crianças para o pensamento teológico e prática pastoral de Aço.

As possibilidades de leituras ainda se abrem em outras direções. Uma delas poderia ser uma análise das repercussões que o seu pensamento teológico e a sua prática pastoral tiveram nestes dezesseis anos passados desde a sua morte. Esta análise poderia ter como campo de investigação a maneira como a Igreja Metodista da Região continuou a implantação das orientações do PVMI na sua prática cotidiana. Nesta mesma direção fica aberta também uma possibilidade de estudo de como isto aconteceu nas outras regiões eclesiais. Nesta caminhada seria importante considerar as modificações do contexto social e eclesial que atuaram sobre as comunidades locais e sobre suas lideranças considerando as próprias mudanças ocorridas na Teologia da Libertação.

Outra possibilidade de investigação poderia se concentrar na leitura dos textos produzidos no âmbito da Igreja Metodista à época de Aço. Uma variante destes textos foi construída por grupos de jovens envolvidos com a liturgia. Na década de 1980 chegou-se a organizar um festival de músicas voltado tanto para as rodas de jovens como para reuniões litúrgicas das comunidades com seis edições. Este festival tinha o nome de “Festival de Música Sacra” (FEMUSA). As músicas que desfilavam neste evento, por certo, refletiam um olhar diferente sobre a Teologia e sobre a prática da Igreja. Nesta mesma linha de investigação outra possibilidade que se abre poderia se concentrar sobre os boletins dominicais das comunidades locais da época. Os “editoriais” produzidos normalmente pelos

seus pastores/as e os anúncios e notícias por certo refletem uma orientação teológica e pastoral proposta por Aço.

Desviando o foco das considerações sobre as comunidades locais e buscando outro nicho de possibilidades poderia ser feita uma leitura das produções que aconteceram dentro das escolas metodistas da Região, na época. Neste sentido, as diferentes publicações certamente refletiam esta diferença de concepção teológica e pastoral fruto da orientação de Aço. Neste particular seria interessante investigar as adesões às Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista (DEIM) e as resistências a este documento. Iniciativas institucionais inovadoras no campo da educação foram desenvolvidas em diferentes escolas metodistas por conta das orientações do DEIM e da proposta pastoral de Aço.

Além da possibilidade de investigação e aprofundamento destes tópicos elencados acima, mereceria um exame a relação do pensamento teológico de Aço com a prática pastoral da Igreja Metodista hoje, não apenas no âmbito da Segunda Região quanto das demais regiões eclesiais. Caberia uma avaliação crítica da caminhada do ecumenismo na Igreja Metodista a partir do posicionamento ecumênico de Aço. Juntando-se a este olhar poderia se construir uma avaliação considerando o pensamento teológico de Aço, a trajetória da Teologia da Libertação nestes dezesseis anos e a reflexão teológica e prática pastoral das demais igrejas evangélicas no Brasil.

Para finalizar algumas questões se colocam diante da atualidade. Primeiro, caso Aço ainda estivesse entre nós, qual seria a sua posição diante do pensamento teológico e da prática pastoral desenvolvida pelos evangélicos hoje no Brasil e pela Igreja Metodista em particular? Ele continuaria sendo Bispo da Igreja Metodista ou sua liderança teria sido sobreposta por artimanhas daqueles que lhe faziam oposição no seio da Igreja? Ele teria cedido às pressões contrárias ao PVMI e procurado realizar um ajuste na prática pastoral ou teria “endurecido”, com o argumento de que a nova proposta missionária da Igreja era inegociável? Como teria sido a construção de uma Igreja entre os pobres e com os pobres? Qual teria sido a significação dessa Igreja para o desenvolvimento da Missão rumo à plenitude do Reino de Deus? Será que Aço teria aceitado as modificações acontecidas no seio da Teologia da Libertação, direcionando-a para as diferentes lutas segmentárias envolvendo as posições de gênero, de etnia, de ocupação do solo, etc.? Como se posicionaria diante da atual postura ecumênica da Igreja Metodista? A continuidade de seu pensamento e de sua prática pastoral teria alterado a trajetória da Igreja ou ele teria sucumbido ao contexto atual marcado pelas

exigências de competitividade do “mercado religioso”? Como será que Aço teria enfrentado os desafios de uma Igreja com maior dificuldade financeira para seu sustento? Os espaços constituídos de templos e salões das igrejas teriam sido ocupados para abrigar os excluídos e suas lutas ou permaneceriam restritos às reuniões das comunidades?

Entendo que o pensamento teológico de Aço deve continuar a ser alvo de investigação e reflexão e que ele representa um papel de crítica profética diante da prática pastoral da maioria das igrejas evangélicas e da Igreja Metodista em particular. Apesar do contexto atual, da competitividade religiosa que se instalou, das dificuldades financeiras vividas pelas igrejas de forma geral, da segmentação da Teologia da Libertação e das posições anti-ecumênicas de muitos grupos religiosos, o pensamento teológico de Aço representa um marco que não merece ficar no esquecimento. Este marco confronta a Igreja com a sua posição quase indiferente diante da situação dos excluídos/as, suas posturas sectárias e o seu esquecimento das crianças. A posição teológica e ecumênica, e a prática pastoral de Aço atuam como uma consciência crítica na atualidade diante da tendência das Igrejas em sua preocupação com a auto-preservação. Enquanto o nome das Igrejas cresce, enquanto as estruturas eclesiais se mantêm, o Corpo de Cristo morre e é sepultado no jardim institucional.

## 6. REFERÊNCIAS

A HISTÓRICA união das populações de angola-UPA- e as tres gloriosas, 4 de janeiro, 4 de fevereiro e 15 de março de 1961 - um modesto contributo da FNLA à verdadeira história de Angola. Disponível em: < [http://www.fnla.net/historique/historia\\_da\\_upa.htm](http://www.fnla.net/historique/historia_da_upa.htm)>. Acesso em 29 set. 2006.

A MISSÃO franciscana de angola. Disponível em:  
<<http://www.franciscanos.org.br/missoes/missaofran/index.php>> Acesso em: 23 nov. 2006.

AÇO, Isac. **[Carta para João Augusto do Amaral]**. Porto Alegre: [Arquivo Familiar], maio 1970, 2 f.

AÇO, Isac. **[Correspondência: aos pastores e colegas]**. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 19 de julho de 1990, 1 f.

AÇO, Isac. **[Correspondência: avaliação da evangelização]**. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], out. 1990, p. 1.

AÇO, Isac. **[Correspondência: evangelização: desafio e possibilidades]**. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], out. 1990, p. 1.

AÇO, Isac. **[Correspondência: mensagem às igrejas, instituições e pastorais]**. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], mar. 1991, p. 1.

AÇO, Isac. **[Correspondência: mensagem às Igrejas]**. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 19 de julho de 1990, 1 f.

AÇO, Isac. **[Correspondência: relato de uma visita à Europa]**. Porto Alegre: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], out. 1990, 2 f.

AÇO, Isac. “...E venha a paz sem fim...”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 16, maio 1973.

AÇO, Isac. “E dizia: Aba”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 11, maio 1987.

AÇO, Isac. “Estavam juntos”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 3, jan. 1976.

AÇO, Isac. “O Espírito do Senhor está sobre nós”. In: Vida e Missão, ano 07, nº. 02, Porto Alegre, Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista, ago de 1989. rever

AÇO, Isac. “Vestir a Camisa”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, jan. 1984.

AÇO, Isac. A Criação. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 2, p. 37, abr./jun.1975.

AÇO, Isac. A criatura. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 2, p. 41, abr./jun. 1975.

AÇO, Isac. A Educação questionada. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 14, set. 1975.

AÇO, Isac. A estrela e a cruz. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 27 nov.1975.

AÇO, Isac. A evangelização na década de 1970. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, out. 1970.

AÇO, Isac. A Igreja em reforma. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 7, out. 1971.

AÇO, Isac. A Igreja que faz jus a João Wesley. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, jul. 1988.

AÇO, Isac. A parábola e o Credo Social. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 02, p. 23, 21 maio1975.

AÇO, Isac. A pátria, nós e o Reino de Deus. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 9, set. 1989.

AÇO, Isac. A pedagogia de Deus. **A Razão**, Santa Maria, p. 11, 14 out. 1973.

AÇO, Isac. A quem vi? **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 17, abr. 1976.

AÇO, Isac. **A vida começa em casa**: estudos sobre a família cristã. Porto Alegre: [s.n], 1976.

AÇO, Isac. Alguns modelos de realização. **A Razão**, Santa Maria, p. 10, 25 dez. 1974.

AÇO, Isac. Ao “soldado desconhecido”. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, abr. 1976.

AÇO, Isac. Apresentação. **Notícias do CONIC**, Porto Alegre, mar de 1991.

AÇO, Isac. Aquele céu infernal. **Voz Missionária**, São Paulo, ano 52, n. 02, p. 5, abr./jun. 1971.

AÇO, Isac. Aqui está para você uma carta da Europa (I). **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 8, set. 1972.

AÇO, Isac. As bênçãos recebidas. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 3, fev. 1976.

AÇO, Isac. As crianças. **A Razão**, Santa Maria, p. 4, 11 out. 1975.

AÇO, Isac. As Igrejas e as dívidas externas. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 13, maio 1987.

AÇO, Isac. As lições do futebol. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 8, mar. 1975.

AÇO, Isac. As mãos. **Voz Missionária**, São Bernardo do Campo, ano 56, n. 1, p. 3, jan./mar.1986.

AÇO, Isac. Bens materiais. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 51, p. 18, 07 maio 1978.

AÇO, Isac. Bispo Isac Aço, presidente do CIEMAL. **Voz Missionária**, ano 58, n. 03, p. 34, São Bernardo do Campo, jul./set. 1988.

AÇO, Isac. Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço deixa mensagem à Igreja Metodista, lembrando do XV Concílio Geral. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, abr. de 1991.

AÇO, Isac. Carta da Europa (IV) Venha Visitar o Centro de Estudos de Bossey. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 7, nov. 1972.

AÇO, Isac. Carta da Europa (VI) A Igreja Católica na Holanda tem um encontro com o Dr. H. Fiolet. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 4, jan. 1973.

AÇO, Isac. Carta da Europa (VII) Meu encontro com a “Revolução de Jesus”. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 16, jan. 1972.

AÇO, Isac. Carta da Europa I. **A Razão**, Santa Maria, p. 9, 31 out. 1974.

AÇO, Isac. Carta da Europa II. **A Razão**, Santa Maria, p. 09, 01 ago. 1974.

AÇO, Isac. Carta da Europa III. **A Razão**, Santa Maria, p. 09, 02 ago. 1974.

AÇO, Isac. Carta da Europa V. **A Razão**, Santa Maria, p. 10, 01 ago. 1974.

AÇO, Isac. Como se escreveria hoje o Natal. **A Razão**, Santa Maria, p. 9, 18 dez. 1973.

AÇO, Isac. Como ser uma verdadeira igreja de Cristo. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, out. 1972.

AÇO, Isac. Comunicado aos metodistas e ao povo gaúcho. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 2, jun. 1985.

AÇO, Isac. Conselho Geral. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 5, mar. 1983.

AÇO, Isac. Considerações sobre administração eclesiástica. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 8, mar./maio 1982.

AÇO, Isac. Conversando com o Bispo: que o sonho não se acabe. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, abr. 1990.

AÇO, Isac. Credo. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 1, out. 1976.

AÇO, Isac. Crescendo em relação com os outros. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 31, out./dez. 1973.

AÇO, Isac. Crescendo na vida de serviço. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 27, out./dez. 1973.

AÇO, Isac. Crescendo na vida devocional. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 29, out./dez. 1973.

AÇO, Isac. Crônica do mar. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 18 abr. 1976.

- AÇO, Isac. Da ação de graças. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 2, nov. 1974.
- AÇO, Isac. Desafio para uma Igreja missionária. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 4, jun. 1990.
- AÇO, Isac. Dia do trabalhador. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 16, maio 1983.
- AÇO, Isac. Do lombo do cavalo ao dia de hoje (mesa redonda). **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, set. 1985.
- AÇO, Isac. **Dons e Ministérios**. Porto Alegre: Sede Regional da Igreja Metodista da Segunda Região Eclesiástica, 1989.
- AÇO, Isac. **É tempo de repartir esperança: é tempo de construir a paz!** [Correspondência sobre a sua participação no painel sobre liberdade religiosa na Nicarágua]. Nova Iorque: [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], 11 de abril de 1986, 3f.
- AÇO, Isac. Ecos de Vancouver. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 16, out. 1983.
- AÇO, Isac. Educação metodista: aventura da fé! **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 9, mar. 1982.
- AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto II. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 09 fev. 1975.
- AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto III: o homem parte I. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 16 fev. 1975.
- AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto IV: o homem parte II. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 18 fev. 1975.
- AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto IV: temas para reflexão: o homem (parte III). **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 19 fev. 1975.
- AÇO, Isac. Em busca de um pensamento aberto: temas para a reflexão ideal, é estar a caminho. **A Razão**, Santa Maria, p. 8, 03 out.1974.
- AÇO, Isac. **Ênfases regionais**. Porto Alegre: Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista, [Arquivo Regional da Segunda Região Eclesiástica], [s.d.], p. 01.
- AÇO, Isac. Entre o oceano e o minuano. **A Razão**, Santa Maria, p. 08, 06 nov.1973.
- ENTREVISTA com o Bispo Isac. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 4, abr. 1988.
- AÇO, Isac. Espiritualidade cristã e espiritualidade popular. **Voz Missionária**, São Bernardo do Campo, ano 56, n. 02, p. 11, abr./jun. 1986.
- AÇO, Isac. Espiritualidade e encarnação. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 14, dez. 1987.
- AÇO, Isac. Espiritualidade e evangelização. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, maio 1986.

AÇO, Isac. Estamos juntos meu irmão. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 6, abr.1976.

AÇO, Isac. Evangelização: em favor da vida. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 15, out. 1983.

AÇO, Isac. Existo. **A Razão**, Santa Maria, p. 4, 11 out.1975.

AÇO, Isac. Floresta de cimento. **A Razão**, Santa Maria, p. 15, 09 fev.1975.

AÇO, Isac. Força e debilidade da vida. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 18, abr. 1976.

AÇO, Isac. Gratidão do peregrino: Dia de Ação de Graças: 1973. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, jan. 1977.

AÇO, Isac. História da fé e coragem. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 8, set. 1985.

AÇO, Isac. Homem: um ser total. **Em Marcha**, São Paulo, ano 09, n. 02, p. 43, abr./jun. 1975.

AÇO, Isac. **Igreja de Jesus Cristo uma avaliação em profundidade**. [Arquivo Familiar] maio 1970, p. 1.

AÇO, Isac. Igreja, estado e o compromisso. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 9, jan. 1981.

AÇO, Isac. II Região tem novos evangelistas. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, set. 1986.

AÇO, Isac. **Implicações teológicas da exegese de 2 Coríntios 5 16-20**: Apostila Didática. [S.I.:s.d.], [Arquivo Familiar], p. 5.

AÇO, Isac. Já estamos no segundo semestre. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 4, ago. 1981.

AÇO, Isac. Jesus de Nazaré: alguns modelos de realização do homem. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 12, jan. 1976.

AÇO, Isac. Lar Metodista: novo aos 50 anos. **Informativo do Lar**. Santa Maria, p. 4, jun. 1989.

AÇO, Isac. **Linhas mestras da ação pastoral**. Documento avulso, [AR], s/d.

AÇO, Isac. Louvor e amor que libertam. **Louvor e Oração**, Porto Alegre, p. 1, jul. 1990.

AÇO, Isac. Maturidade total. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 37, out./dez. 1973.

AÇO, Isac. Meditação para o Dia da Pátria. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 15, out. de 1987.

AÇO, Isac. Minhas impressões de Roma. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 4, dez. 1974.

AÇO, Isac. Ministério pastoral. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 14, abr. 1984.

- AÇO, Isac. Missões: fim ou recomeço. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 7, jan. 1975.
- AÇO, Isac. Mordomia é responsabilidade pelo desenvolvimento, pela paz. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 10, out. 1971.
- AÇO, Isac. Não ao general Pinochet. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, ago.1988.
- AÇO, Isac. Não podemos ir à igreja para nos sentirmos bem. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 16, mar.1973.
- AÇO, Isac. Não somos dono. **Em Marcha**, São Paulo, ano 51, n. 2, p. 15-16, 30 abr. 1978.
- AÇO, Isac. O chamado de Deus e a responsabilidade do homem. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, mar. 1975.
- AÇO, Isac. O CONIC é uma associação para testemunho. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 3, set-dez, 1982.
- AÇO, Isac. O novo homem em Cristo. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 20, out. 1974.
- AÇO, Isac. Oração do povo de Deus. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 3, jan. 1976.
- AÇO, Isac. Pai, obrigado! **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 20, out. 1975.
- AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 2, ago. 1984.
- AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 2, abr. 1988.
- AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, abr. 1987.
- AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, ago. 1988.
- AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, set. 1985.
- AÇO, Isac. Palavra do Bispo. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, set. 1987.
- AÇO, Isac. Palavra do Bispo: Graça e Paz. **Vida e Missão**, Porto Alegre, p. 3, ago. 1985.
- AÇO, Isac. Palavra do Reitor: resistir e persistir rumo à nova humanidade. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 2, dez. 1982.
- AÇO, Isac. Participação em encontros e Simpósios. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 4, ago. 1981.
- AÇO, Isac. Poema em prosa para o Dia Nacional de Ação de Graças. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 16, nov. 1981.
- AÇO, Isac. Prioridade básica: Missão. **Mosaico**, São Bernardo do Campo, p. 4 jun./ago. 1982.
- AÇO, Isac. Retornar ao passado. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 4, jun. 1973.

AÇO, Isac. Santificação: crescendo em amor. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 21, out./dez. 1973.

AÇO, Isac. Saudação aos mestres. **A Razão**, Santa Maria, p. 2, 15 out.1975.

AÇO, Isac. **Saudação aos pais**. [Transcrição do programa radiofônico “Momento Novo” da Rádio Palmeira das Missões], [Arquivo Familiar], 09 ago.1986.

AÇO, Isac. Seca africana. **A Razão**, Santa Maria, p. 6, 10 jan. 1975.

AÇO, Isac. Senhor, renova-me a vida! **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 2, abr. 1976.

AÇO, Isac. Ser para os outros: 1 João 4.16-21. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 16, jan. 1981.

AÇO, Isac. Sinfonia cósmica. **A Razão**, Santa Maria, p. 8, 28 nov.1973.

AÇO, Isac. Terceira assembléia geral: reafirmação do propósito de unidade de serviço. **Notícias do CONIC**, Porto Alegre, p. 3, dez. 1988.

AÇO, Isac. Uma visão global: o desafio do Reino. **Voz Missionária**, São Paulo, ano 55, n. 03, p. 21, jul./set.1985.

AÇO, Isac. Unidade e Missão da Igreja. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 11, set. 1970.

AÇO, Isac. Unidade, Requisito para a Missão. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 15, ago.1988.

AÇO, Isac. Vestindo-se com a neve. **Voz Missionária**, São Bernardo do Campo, ano 54, n. 01, p. 35, abr./jun. 1973.

AÇO, Isac. Vida. **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 17, jun. 1976.

AÇO, Isac. Viver na Carne, mas não segundo a carne. **Em Marcha**, São Paulo, ano 07, n. 04, p. 19, out./dez.1973.

ANCHIETA, Samuel. Estudantes bolsistas de ultramar falam à Igreja Metodista do Brasil. **Expositor Cristão**, São Bernardo do Campo, p. 8, ago. 1964.

ASOCIACIÓN de seminarios e instituciones teológicas: breve reseña histórica. Disponível em: <<http://www.asit.org.ar/resenia.htm>>. Acesso em: 29 set. 2006.

ATAS E DOCUMENTOS DO XIII CONCÍLIO GERAL DA IGREJA METODISTA, IGREJA METODISTA. São Paulo: Mesa Executiva do Conselho Geral da Igreja Metodista, 1982.

ÁVILA, Fernando Bastos de SJ. **Brasil: os 500 anos de evangelização**. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/campus/servicos/cloyola/pdf/brasil-500\\_anos.pdf](http://www.puc-rio.br/campus/servicos/cloyola/pdf/brasil-500_anos.pdf)> Acesso em: 06 maio 2006.

BERKENBROCK, Volney J. **V Assembléia Geral do CELAM: o que se pode esperar?**

Disponível em: em:

<<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=8&fasciculoid=154&sumarioid=2199#topo>> Acesso em: 5 maio 2006.

BEULKE, Dorival. **Registros, Atas e Documentos do XIV Concílio Geral da Igreja Metodista.** Colégio Episcopal: São Paulo, 1988.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

BISPO Isac Aço é eleito presidente do CONIC, **Expositor Cristão**, São Paulo, p. 12, fev. 1991.

BOFF, Leonardo, **Jesus Cristo Libertador: Ensaio de Cristologia Crítica Para Nosso Tempo.** São Paulo: Vozes, 1972.

BOFF, Leonardo. **O caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida.** Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da libertação: o estudo teológico das libertações sócio-históricas.** Petrópolis: Vozes, 1980.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas.** Petrópolis: Vozes, 1979.

BONINO, José Míguez. **A fé em busca de eficácia: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre libertação.** Ed. Sinodal: São Leopoldo, 1987.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudança de paradigma na Teologia da missão.** São Leopoldo: EST; Sinodal, 2002.

CÂNONES da Igreja Metodista 1965. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista.

CÂNONES da Igreja Metodista 2002: Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2002.

CÂNONES da Igreja Metodista 2007-2011. São Paulo: Sede Nacional. Disponível em: <<http://www.expositorcristao.org.br/index.jsp?conteudo=4497>>. Acesso em: 29 jun. 2007

CÂNONES da Igreja Metodista de 1978. São Paulo: Imprensa Metodista, 1978.

CÂNONES DA IGREJA METODISTA: com alterações do XIII Concílio Geral de 1982. São Paulo: Imprensa Metodista, 1982.

CASTRO, Clovis Pinto de; CUNHA, Magali do Nascimento. **Forjando uma nova igreja: dons e ministérios em debate.** EDITEO, São Bernardo do Campo, 2001.

CAVALHEIRO, Jonatas Rotter. **Teria o sonho acabado?** São Bernardo do Campo: Faculdade de Teologia, [Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado], 2003.

COMBLIN, José. **Teologia da Missão.** Petrópolis: Vozes, 1980.

CRUZADO. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?CRUZA86>>. Acesso em: 25 ago. 2006.

DIRETRIZES para a educação na Igreja Metodista. In: CÂNONES da Igreja Metodista 2002: Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2002.

DRESSEL, Heinz F. **Brasil de Getúlio a Itamar quatro décadas de história vivida**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

DUBEUX, Rafael. Fernando Collor de Mello: 1990-1992. In: **História da República do Brasil**: Página nota 10 Escola Net. Disponível em: <<http://elogica.br.inter.net/crdubeux/hmello.html>> Acesso em: 30 jun. 2007.

GARIN, Norberto da Cunha. Isac Aço (1935-1991). In: SINNER, Rudolf; WOLF, Elias; BOCK, Carlos. (Orgs.) **Vidas Ecumênicas**. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Padre Reus, 2006.

GENERAL board of global ministries. Disponível em: <<http://new.gbgm-umc.org/about/globalministries>> Acesso em: 27 out. 2006.

GLOBAL ministries: the united methodist church. Disponível em: <<http://new.gbgm-umc.org/about/globalministries/>> Acesso em: 15 dez. 2006.

GUIMARÃES, Daniel. **Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: JUERP, 1984.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1976.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1989.

HARPER, Steve. **A vida devocional da tradição wesleyana**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992.

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista**. EDITEO/Pastoral do Bennet: São Bernardo do Campo / Rio de Janeiro, 1996.

HINÁRIO Evangélico com ritual. 15. ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1994.

INTERNATIONAL Association for Mission Studies. Disponível em: <<http://www.missionstudies.org/>> Acesso em: 24 nov. 2006.

JAIME, Eduardo Mena Barreto. **História do metodismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Própria, 1963.

JESUS people USA. Disponível em: <<http://religiousmovements.lib.virginia.edu/nrms/jpusa.html>>. Acesso: 24 ago. 2006.

KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. **Viver a graça de Deus**: um compêndio de Teologia metodista. São Bernardo do Campo / São Paulo: Editeo / Cedro, 1999.

KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil**. Disponível em: <<http://www.fundacaoperseuabramo.org.br/especiais/diretas/cronologia.htm>>. Acesso em: 04 jun. 2006.

LONG, Eula Kennedy. **Do meu velho baú metodista**. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã, 1968.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola; Ciências da Religião, 1990.

MESQUITA, Zuleica de Castro Coimbra. A Faculdade de Teologia da Igreja Metodista na crise planetária de 1968: interação entre o micro e o macro. **Revista do COGEIME**, Piracicaba, ano 6, n. 10, p. 105-116, 1997.

PAPE, Carlos et al. **A missão a partir da América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1983.

PARA que o sonho não acabe: escritos e mensagens do Bispo Isac Aço. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992.

PLANO para a vida e da Igreja. In: **CÂNONES da Igreja Metodista 2002: Colégio Episcopal da Igreja Metodista**. São Paulo: Editora Cedro, 2002.

REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO III CONCÍLIO REGIONAL EXTRAORDINÁRIO DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 3., 1989, Porto Alegre. **Anais...**: Segunda Região Eclesiástica da Igreja Metodista, 1990.

REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXIV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 24., 1983, Santa Maria. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1984.

REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXIX CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 29., 1990. Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: Segunda Região Eclesiástica, [1991?].

REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXV CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 25., 1984 Porto Alegre, **Anais...** São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1985.

REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVI CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 26., 1986, Santa Maria. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1986.

REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVII CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 27., 1986, Porto Alegre. **Anais...** Segunda Região Eclesiástica, 1988.

REGISTROS ATAS E DOCUMENTOS DO XXVIII CONCÍLIO REGIONAL DA SEGUNDA REGIÃO ECLESIASTICA DA IGREJA METODISTA. 28., 1988. Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: IPA, 1990.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

SHAPER, Valério. **A experiência de Deus como transparência do mundo:** o “pensar sacramental” entre história e cosmologia. São Leopoldo: EST [Tese de Doutorado], 1998.

STOKES, Mack B. **As crenças fundamentais dos metodistas.** São Paulo: Imprensa Metodista, 1992.

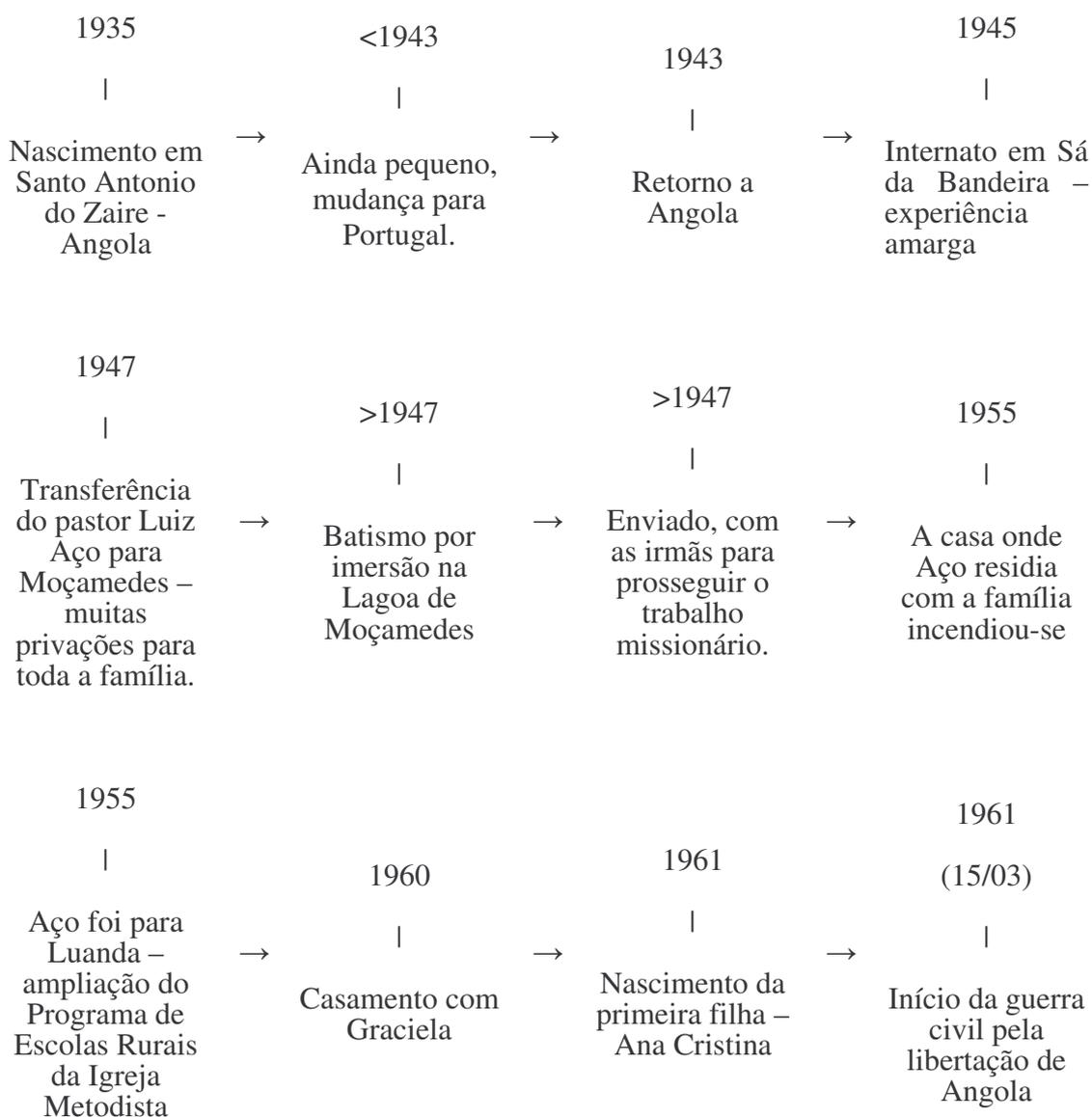
TEOLOGÍA general. Disponível em:

<[http://www.virgendeguadalupe.org.mx/academicos/Biblioteca/Inventario%20Biblioteca/teolo\\_gene/teolo\\_F-G-H.htm](http://www.virgendeguadalupe.org.mx/academicos/Biblioteca/Inventario%20Biblioteca/teolo_gene/teolo_F-G-H.htm)>. Acesso em: 09 jun. 2006.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** 3 ed. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1995.

## ANEXO A – QUADRO CRONOLÓGICO DE AÇO

Para auxiliar na compreensão do desenvolvimento do pensamento teológico de Aço, quanto a sua preocupação com o Reino de Deus e Missão, o quadro cronológico torna-se ferramenta significativa. Os pontos contemplam datas significativas tanto do ponto de vista pessoal quanto da expressão de sua fé.



1961		1962		1963		1964
Detido pelas forças revolucionárias e libertado depois por comprovar que era missionário metodista.	→	Chegada da família a São Paulo para estudar na Faculdade de Teologia metodista.	→	Nascimento do segundo filho – João Paulo.	→	Golpe militar instaurou a Ditadura no Brasil.
1966		1967		1968		1968
				(23/09)		
Conclusão do Curso de Bacharelado em Teologia / Graciela, em Educação Cristã.	→	Primeira nomeação como Pastor – Igreja de Vila Jardim, Porto Alegre.	→	Nascimento do terceiro filho – Pedro Luiz.	→	Começa a ministrar aulas no Instituto João Wesley – Porto Alegre.
1968		1969		1969		1971-1974
				(09/09)		
Fechamento da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista	→	Ordenado Presbítero da Igreja Metodista.	→	Nascimento de Felipe André	→	Integrou o Conselho Geral da Igreja Metodista
1971		1972		1972		1972
Período de estudos de Especialização em Genebra – Suíça	→	Durante o período que esteve na Europa escreveu diversas cartas ao Expositor Cristão.	→	I Conferência sobre Missão em Driebergen, Holanda.	→	Nomeado pastor da Igreja Metodista Central de Santa Maria.

1973		1973		1976		1978
		(15/03)		(21/09)		(19/11)
Eleito Diretor do Lar Metodista, Santa Maria.	→		→		→	
		Nascimento do quarto filho – Marcos Wesley		Nascimento do quinto filho – Daniel Isac		Nascimento do sexto filho – Estevão José
		1981		1982		1982
1980		Participou da I Consulta Latino-americana de Psicologia Pastoral, promovida pela ASIT <sup>1095</sup> em Buenos Aires – Argentina.		XIII Concílio Geral da Igreja Metodista – aprovação do Plano Para a Vida e Missão da Igreja e Diretrizes para a educação na Igreja Metodista.		Eleito Bispo da Igreja Metodista e designado para a Segunda Região Eclesiástica.
	→		→		→	
Eleito Reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.						
		1983		1984		1986
Primeiro Concílio Regional presidido pelo Bispo Isac Aço.	→	Participou da 6ª Assembléia do CMI – Vancouver, Canadá.	→	Momento político brasileiro decisivo com a campanha “Diretas Já”.	→	Participou de painel sobre a Liberdade Religiosa na Nicarágua, em Nova Iorque.
		1985		1987		1987
Celebração do Centenário do Metodismo no Rio Grande do Sul.	→	Reeleição do Bispo Isac Aço no XIV Concílio Geral.	→	Designação para continuar como Bispo da Segunda Região Eclesiástica.	→	Aprovação do Programa de Dons e Ministérios pelo XIV Concílio Geral.
		1987		1988		1988
	→		→		→	

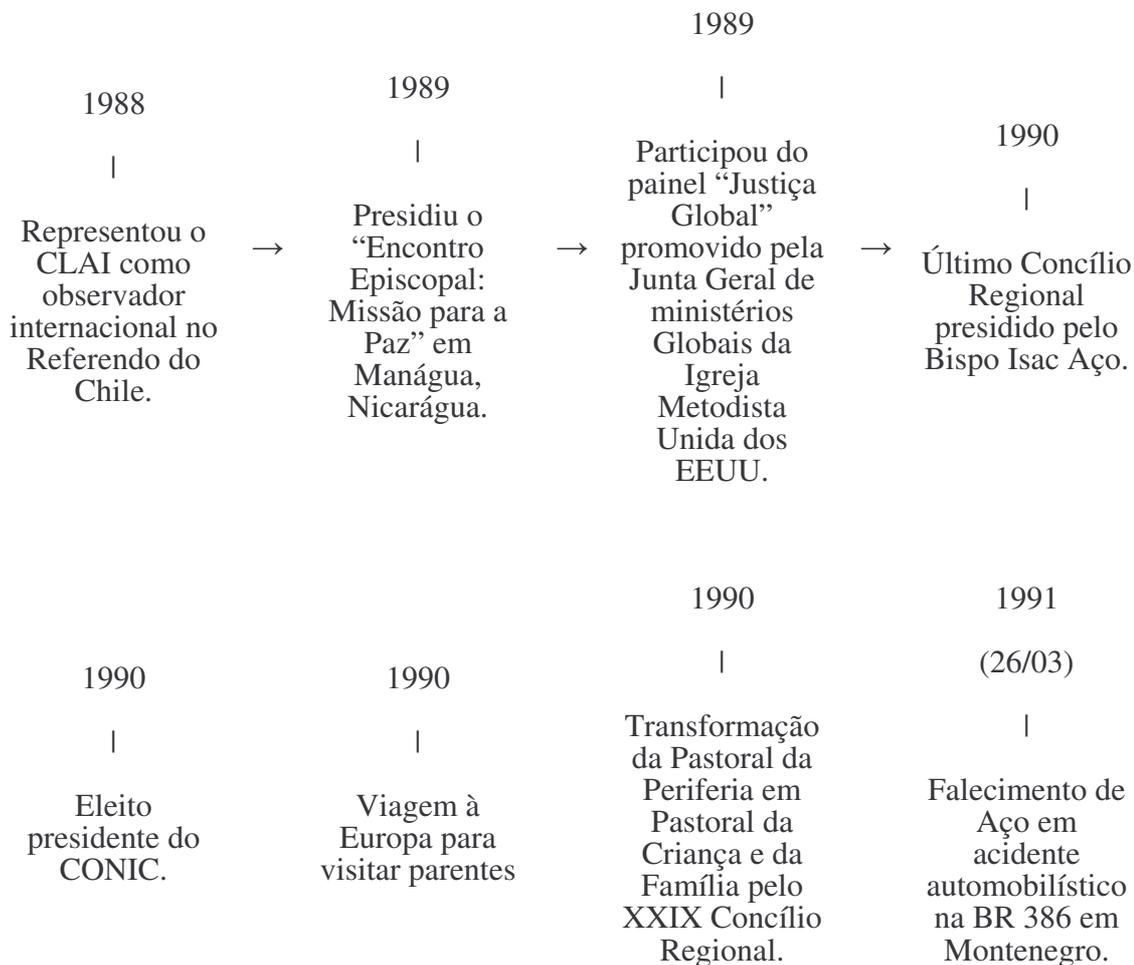
<sup>1095</sup> Associação de Seminários e Instituições Teológicas.

|  
Passou a  
integrar a  
Diretoria do  
CONIC

|  
Representou o  
Brasil na  
Conferência de  
Igrejas para o  
Desenvolvi-  
mento em  
Bonn, na  
Alemanha.

|  
Eleito  
presidente do  
Concílio  
Episcopal do  
CIEMAL

|  
Representou a  
Igreja  
Metodista na  
Conferência  
Geral da Igreja  
Metodista  
Unida dos  
Estados Unidos  
da América, em  
Saint Louis,  
Missouri.



## ANEXO B – PLANO PARA A VIDA E A MISSÃO<sup>1096</sup>

O “PVMI” é continuação dos Planos Quadrienais de 1974 e 1978 e conseqüência direta da consulta nacional de 1981 sobre a Vida e a Missão da Igreja, principal evento da celebração de nosso 50º aniversário da Autonomia.

A experiência do Colégio Episcopal e de vários segmentos da Igreja Metodista nestes últimos anos indica que o metodismo brasileiro está saindo da profunda crise de identidade que abalou nossa Igreja após a primeira metade da década dos sessenta.

Estas experiências nos têm mostrado que a Igreja necessita de um plano geral, que inspire sua vida e programação, e que não será dentro do curto espaço de um quadriênio, que corrigiremos os antigos vícios que nos impedem caminhar. Esse fato esteve claro na semana da consulta Vida e Missão, e no documento que ela produziu. Ao adotarmos aquele documento como a base do novo plano, estamos propondo ao Concílio não mais um programa de ação para o quadriênio, mas linhas gerais que deverão orientar toda a ação da Igreja nos próximos anos, enquanto necessário, devendo ser avaliado periodicamente.

Deveremos continuar o processo que permitirá que tudo na Igreja se oriente para a *Missão*. A Igreja deverá experimentar de modo cada vez mais claro que sua principal tarefa é repartir fora dos limites do templo o que ela de graça recebe do seu Senhor. Por isto estamos sendo convidados ao desafio tipicamente Wesleyano da *santificação*. Certamente aqui estamos diante da necessidade de revisarmos profundamente nossa prática de piedade pessoal e a necessidade de revermos nossos atos de misericórdia, entendidos como ação concreta de amor a favor dos outros. Estes são os dois caminhos que traduzem a visão de Wesley sobre a santificação na Bíblia.

Missão e santificação só podem gerar a *unidade*. Deveremos poder encontrar a unidade naquilo que é básico e essencial para que possamos viver a diversidade dos dons que Deus nos concede.

A adoção séria deste plano nos levará necessariamente ao *crescimento* em todas as dimensões de nossa vida de serviço e culto. O novo surto de crescimento que experimentamos será acelerado na medida em que fizermos convergir todos os nossos esforços movidos por um plano comum. Movidos por esta esperança apresentamos à Igreja o plano que Deus nos

---

<sup>1096</sup> PLANO para a vida e da Igreja. In: CÂNONES da Igreja Metodista 2002: Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2002.

inspirou nestes últimos anos de estudos, tentativas concretas de mudança, e reexame de nossa tradição.

## **A) HERANÇA WESLEYANA**

### **ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA UNIDADE METODISTA**

a) O Metodismo baseado nas Sagradas Escrituras, aceita completa e totalmente as doutrinas fundamentais da Fé Cristã, enunciadas nos Credos promulgados pelos Concílios da Igreja dos primeiros quatro séculos da Era Cristã. Esta aceitação se traduz na vida do crente na prática cotidiana do amor a Deus e ao próximo (Jo. 13.34-35; Dt 6.5), como resposta à graça de Deus revelada em Jesus Cristo. Ela se nutrem autêntica vida de adoração ao Senhor e de serviços ao próximo (Jo 4.41-44). De forma alguma o Metodismo confunde a aceitação das doutrinas históricas do cristianismo com as atitudes doutrinárias intelectualistas e racionalistas, nem com a defesa intransigente, fanática e desamorosa da ortodoxia doutrinária. “No essencial, unidade; no não essencial; liberdade; em tudo, caridade” (Jo 17.20-23, Ef; Ef. 2.14-16).

b) O Metodismo afirma que a vida cristã comunitária e pessoal deve ser a expressão verdadeira da experiência pessoal do crente com Jesus Cristo, como Senhor e Salvador (Ef. 3.14-19). Através do testemunho interno do Espírito sabemos que somos feitos filhos de Deus, pela fé no Cristo que nos salva, nos liberta, nos reconcilia, e nos oferece vida abundante e eterna (Rm 8.1-2, 14-16; Jo 10.10; II Co 5.18-20).

c) O Metodismo proclama que o poder do Espírito Santo é fundamental para a vida da comunidade da fé, tanto na piedade pessoal como no testemunho social (Jo 14.16-17). Somente sob a orientação do Espírito Santo pode a Igreja responder aos imperativos e exigências do Evangelho, transformando-se em meio de graça significativo e relevante às necessidades do mundo (Jo 16.7-11; At 1.8, 4.18-20).

d) O Metodismo requer vida de disciplina pessoal e comunitária, expressão do amor a Deus e ao próximo, a fim de que a resposta humana à graça divina se manifeste através do compromisso contínuo e paciente do crente com o crescimento em santidade (I Pe 1.22; Tt 2.11-15). A santificação do cristão e da Igreja em direção a perfeição cristã é proclamada pelos metodistas em termos de amor a Deus e ao próximo (Lc 11.25-28) e se concretiza tanto em atos de piedade (participação na Ceia do Senhor, leitura devocional da Bíblia, prática da oração, do jejum, participação nos cultos, etc., At 2.42-47) como em atos de misericórdia (solidariedade ativa junto aos pobres, necessitados e marginalizados

sociais, At 2.42-47). Os metodistas como Wesley, crêem que tornar o cristianismo uma religião solitária, é, na verdade, destruí-lo (Lc 4.16-19, 6.20-21; Rm 14.7-8).

e) O Metodismo caracteriza-se por sua paixão evangelística, procurando proclamar as boas-novas de salvação a todas as pessoas, de tal sorte que o amor e a misericórdia de Deus, revelados em Jesus Cristo, sejam proclamados e aceitos por todos os homens e mulheres (I Cor. 1.22-24). No poder do Espírito Santo, através do testemunho e do serviço prestados pela Igreja ao mundo em nome de Deus, da maneira mais abrangente e persuasiva possíveis, os metodistas procuram anunciar a Cristo como Senhor e Salvador (I Co 9.16; Fp 1.12-14; At 7.55-58).

f) O Metodismo demonstra permanente compromisso com o bem estar da pessoa total, não só espiritual, mas também seus aspectos sociais (Lc 4.16-20). Este compromisso é parte integrante de sua experiência de santificação e se constitui em expressão convicta do seu crescimento na graça e no amor de Deus. De modo especial os metodistas se preocupam com a situação de penúria e miséria dos pobres. Como Wesley, combatem tenazmente os problemas sociais que oprimem os povos e as sociedades onde Deus os tem colocado, denunciando as causas sociais, políticas, econômicas e morais que determinam a miséria e a exploração e anunciando a libertação que o Evangelho de Jesus Cristo oferece às vítimas da opressão. Esta compreensão abrangente da salvação faz com que os metodistas se comprometam com as lutas que visam a eliminar a pobreza e a exploração e toda a forma de discriminação (Tg. 5.1-6; Gl.5.1).

g) O Metodismo procura desenvolver de forma adequada a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes (I Pe 2.9). Reconhece que todo o povo de Deus é chamado a desempenhar com eficácia na Igreja e no mundo, ministérios através dos quais Deus realiza o seu propósito, ministérios essenciais para a evangelização do mundo, para a assistência, nutrição e capacitação dos crentes, para o serviço e o testemunho no momento histórico em que Deus os vocaciona (I Co 12.7-11).

h) O Metodismo afirma que o sistema conexional é característica fundamental e básica para a sua existência, tanto como movimento espiritual, quanto como instituição eclesial. (Ef. 1.22-23). Deus lhe deu esta forma de articulação unificadora para cumprir a vocação histórica de: “reformatar a nação particularmente a Igreja, e espalhar a santidade bíblica sobre toda a terra” (Wesley) (At 17.4-6; Jo 17.17-19).

i) O Metodismo é parte da Igreja Universal de Jesus Cristo. Procura preservar o espírito de renovação da Igreja dentro da unidade conforme a intenção da reforma Protestante do século XVI e do Movimento Wesleyano na Igreja Anglicana do século

XVIII, que, por circunstâncias históricas, resultaram em divisões. Por isto, dá sua mão a todos cujo coração é como o seu e busca no Espírito os caminhos para o estabelecimento da unidade visível da Igreja de Cristo (Jo. 17.17-23).

j) O Metodismo afirma que a vivência e a fé do cristão e da Igreja se fundamentam na revelação e ação da Graça Divina. A Graça Divina é o fundamento de toda a revelação e a ação históricas de Deus e se manifesta de forma Preveniente, Justificadora e Santificadora, na vida do crente e da Igreja, através da fé pessoal e comunitária (Tt 2.11-15). A vivência cristã se fundamenta na fé (Rm 1.16-17). Fé obediente, amorosa e ativa, centralizada na ação histórica de Deus, na pessoa, vida e obra de Cristo e na ação atualizadora do Espírito Santo (Hb 1.1-3, 12.1-2). A palavra de Deus, testemunha da ação e da revelação de Deus, é elemento básico para o despertamento e a nutrição da fé (II Tm 3.15; Lc 24.25-27; Gl 3.22).

k) O Metodismo afirma que a Igreja, antes de ser organização, instituição ou grupo social, é um Corpo, um Organismo vivo, uma Comunidade de Cristo (Ef 1.22-23; I Co 12.27). Sua vivência deve ser expressa como uma comunidade de fé, adoração, crescimento, testemunho, amor, apoio e serviço (At 2.42-47; Rm 12.9-21). Nesta comunidade de metodistas são despertados, alimentados, crescem, compartilham, vivem juntos, expressam sua vivência e fé, edificam o Corpo de Cristo, são equipados para o serviço e o expressam junto das pessoas e das comunidades (I Co 12.16-26; II Co 9.12-14; Ef 4.11-16).

l) O Metodismo afirma o valor da prática e da experiência da fé cristã. Esta prática e experiência são confirmadas pelo Palavra de Deus, pela tradição da Igreja, pela razão e pela comunidade da Igreja (At 16.10). A prática da fé é característica básica do metodismo, pois ele é um “cristianismo prático”. Este cristianismo prático tem como fonte de conhecimento de Deus a natureza, a razão, a tradição, a experiência cristã, a vivência na comunidade da fé, sempre confrontadas pelo testemunho bíblico, que é o elemento básico da revelação divina, interpretada a partir de Cristo (II Tm 3.14-17; II Ts 2.13-15; I Co 15.1-4).

## **B) ENTENDENDO A VONTADE DE DEUS**

1. A Missão de Deus no mundo é estabelecer o seu reino. Participar da construção do Reino de Deus em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja.

2. O Reino de Deus é o alvo do Deus Trino e significa o surgimento do novo mundo, da nova vida, do perfeito amor, da justiça plena, da autêntica liberdade e da

completa paz. Tudo isto está introduzido em nós e no mundo como semente que o Espírito Santo está fazendo brotar, como lemos em Rm 8.23: nós temos as primícias do Espírito, aguardando a adoção de filhos, ou ainda em II Co 7.21-22: “mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações”.

3. Jesus iniciou a sua Missão no mundo com a pregação:” O tempo está cumprido e o Reino de Deus está próximo, arrependei-vos e crede no Evangelho “Mc 1.15.

4. O propósito de Deus é, reconciliar consigo mesmo o ser humano, libertando-o de todas as coisas que o escravizam, concedendo-lhe uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e poder do Espírito Santo, a fim de que, como Igreja, constitua neste mundo e neste momento histórico, sinais concretos do Reino de Deus.

5. A missão é de Deus - Pai, Filho e Espírito Santo. O objetivo é construir o Reino de Deus. O seu amor é a força motivadora de sua presença e ação. “Ele trabalha até agora” (Mt 28.19; Jo 3.16):

- a. criando as pessoas e comunidades, dando-lhes condições para viver, trabalhar e construir suas vidas como pessoas e como comunidades (Gn 1.26-31; Gn 2; II Co 5.17);
- b. ajudando as pessoas e comunidades a superar seus conflitos e pecados, trabalhando juntos e participando da vida abundante, concedida em Cristo por meio da reconciliação (Gn 3.8-21; Gn 12.1-13; Jo 10.10; II Co 5.19);
- c. possibilitando as pessoas e comunidades a se encontrarem como irmãos e irmãs, reconhecendo e aceitando como Pai (Mt 6.8-10):
- d. abrindo, pela ação do Espírito Santo, novas possibilidades e fontes de vida (At 2.17-21; I Co 12.4-11; Rm 12.6-8);
- e. sarando as pessoas e as instituições, podando delas o que não convém, por meio de seu juízo e graça (Ef 2.11-21; Fp 4.2-9; Jo 15);
- f. envolvendo todas as pessoas e comunidades e todas as coisas neste seu trabalho.

6. Na História, e especialmente na do povo de Israel, Deus revela a sua ação salvadora a favor das pessoas e do mundo. A concretização plena desta ação deu-se na encarnação de Jesus Cristo. Ele assumiu as limitações humanas, trouxe as boas-novas do Reino de Deus, confrontou os poderes do mal, do sofrimento e da morte, vencendo-os em sua ressurreição (Hb 1.1-14).

7. Na construção da vida e na realização desta obra, as pessoas e comunidades sofrem com o domínio das forças satânicas e do pecado. O pecado e o domínio destas

forças manifestam-se de diferentes maneiras em pessoas, grupos e instituições impedindo a vida abundante e contrariando a vontade de Deus.

8. Através de Jesus Cristo, sua vida, trabalho e mensagem, sua morte, ressurreição e ação redentora podemos compreender a ação de Deus no passado; as oportunidades à esperança da vida plena no futuro que Ele nos oferece no presente, e a possibilidade de se participar na construção deste futuro agora. É de Jesus Cristo que vem o poder para esta participação.

9. A Igreja, fiel a Jesus Cristo, é sinal e testemunha do Reino de Deus. É chamada a sair de si mesma e se envolver no trabalho de Deus, na construção do novo ser humano e do Reino de Deus. Assim, ela realiza sua tarefa de evangelização (Hb 2.18).

10. A Igreja Metodista no Brasil é parte da Igreja Metodista na América Latina e no mundo, ramo da Igreja Universal de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sensível à ação do Espírito Santo, reconhece-se chamada e enviada a trabalhar com Deus neste tempo e lugar onde ela está. Neste tempo, fazemos uma escolha clara pela vida, manifesta em Jesus Cristo, em oposição à morte e a todas as forças que a produzem.

### **C) NECESSIDADES E OPORTUNIDADES**

Na realização do trabalho de Deus, a Igreja Metodista reconhece grandes necessidades que são também desafios da missão:

1. Há necessidade de estar em comunhão com Deus, ouvir e atender a sua voz e de se fortalecer no poder de Deus (I Jo 1.1-4; Co 11.17-34);

2. Há necessidade de conhecer a Igreja, especialmente a igreja local, descobrir suas possibilidades e seus dons e valorizar seus ministérios para alcançar a participação total do povo na missão de Deus (I Co 12.1-30; Ef 4.5);

3. Há necessidade de conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que os envolvem, porque e como ocorrem e suas conseqüências. Isto inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isto pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante;

4. Há necessidade de apoiar todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana (I Sm 2.1-10; Lc 1.46-55);

5. Há necessidade de denunciar por palavras e pela prática, todas as forças e instrumentos que oprimem e destroem a vida humana (Sl 82, 42.1-9, 49.1-6, 50.13-53.12; Is 1.17, 58.6-7, 61.1-3, 65.20-23; Tg 5.1-6);

6. Há necessidade de entender e unir no trabalho, de modo positivo, as igrejas locais, a Igreja e as demais Igrejas cristãs (Jo 17);

7. Há necessidade de entender e superar as tensões existentes entre pastores e leigos, liderança local e demais membros, liderança em todos os níveis. Isto deve dar-se por meio de uma confrontação que expresse amor e justiça, unindo a todos num trabalho participativo (I Co 3.4-11, 3.21-23, 12.4-11).

A missão acontece quando a Igreja sai de si mesma, envolve-se com a comunidade e se torna instrumento da novidade do Reino de Deus (Mt 4.16-24, 2.18-20). A luz do conhecimento da Palavra de Deus, em confronto com a realidade discernindo os sinais do tempo presente a Igreja trabalha, assumindo os dramas e esperanças do nosso povo (I Co 5.17-21; Ap 21.1-8; Is 43.14-21; II Tm 2.9-10).

#### **D) O QUE É TRABALHAR NA MISSÃO DE DEUS?**

- É trabalhar para o Senhor do Reino num mundo espremido pelas forças do pecado e da morte, participando, como comunidade, com dons e serviços para o nascer da vida (Jr 1.4-10; Fp 1.18-26, 3.10-11; II Tm 1.10; I Jo 3.14);
- É somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida (Mc 9.38-41; At 10.28, 15.8-11).

#### **E) COMO PARTICIPAR NA MISSÃO DE DEUS?**

A Igreja participa na missão e cresce em santificação, o que acontece quando produz atos de piedade e obras de misericórdia. Os atos de piedade são principalmente o culto e o cultivo da piedade pessoal e comunitária e as obras de misericórdia são preferencialmente o trabalho que valoriza e realiza a pessoa enquanto constrói em amor e justiça, a nova comunidade e o Reino de Deus. Assim, a Igreja participa na Missão e cresce quando:

##### **1. Cultua a Deus**

- no oferecimento de nós mesmos, em comunidade, na adoração, no louvor, na confissão, na afirmação da fé, na consagração e no compartilhar de nossas experiências e dons (Rm 12.1-2; I Co 14.26);
- no recebimento da palavra, de renovação, de alimento, de fortalecimento mútuo e do poder de Deus (Cl 3.16; Is 1.6, 2.13).

Recebemos a vida de Deus e a ofertamos novamente a Deus. A celebração da vida por meio de Jesus Cristo se torna visível no seu início pelo batismo e sua continuidade através da Proclamação da Palavra e da Ceia do Senhor, que são atos centrais do culto e nele

celebramos a vitória do Reino de Deus sobre as forças do mal e da morte (I Co 11.26; Lc 22.18; Mt 26.29; Jo 14.16-18, 25-27; Ap 1).

O culto deve:

- Ser amplamente participativo, onde a comunidade tenha vez e voz;
- ser inserido no dia-a-dia da comunidade onde a Igreja está localizada;
- expressar as angústias, lutas, alegrias e esperanças do povo, ofertando-as a Deus (I Co 14.26; Cl 3.16-17; Sl 150; Cl 3.17; Ef. 5.19-21; Mt 6; Sl. 71; Rm 8.15-39; Ef 3.14-17, 20-21).

O culto continua através da oração e meditação pessoais, da família e de grupos. Ele se completa no oferecimento da vida em atos de amor e justiça (Ef 6.10-20; Dt 6.4-9; Sl 15).

Ser uma oportunidade para “apelos” a todos os homens e mulheres para aceitarem Jesus Cristo como Salvador.

## **2. Aprende em comunidade**

A Igreja participa na missão de Deus educando-se a partir:

- da vida prática aprendendo na experiência, uns com os outros, corrigindo-se e descobrindo a ação de Deus na vida de cada dia;
- do compartilhamento com outras pessoas e grupos que preservam e valorizam a vida (At. 2.42-47);
- da Palavra de Deus, buscando em conjunto, no confronto com os acontecimentos, alternativas que renovam a vida (Mt 7.24-27; Jo 5.39; 15.3, 14; 20; At 17.11-13);
- da Doutrina da Igreja, particularmente da herança metodista, descobrindo o valor histórico e atualizado de suas expressões para a nossa situação.

## **3. Trabalha**

O trabalho é algo próprio do ser humano porque é próprio do Criador. O trabalho pode ser experiência de sofrimento ou de libertação. Nossa participação no Reino de Deus renova a nossa compreensão acerca do trabalho . Seus resultados e seus benefícios torna-se fontes de realização da vida pessoal e comunitária (Jo 5.17; II Tm 2.6; I Co 15.58; II Co 6.5ss, 11.22-27, Tg 5.4; I Tm 5.18; Gn 2.15).

Esta experiência nos leva a:

- concretizar nossos dons e ministérios como trabalho a serviço do Reino de Deus, compartilhando com os outros a fé em Jesus Cristo como Senhor, Salvador e Libertador (Mt 25.14-30; I Co 12.6-7; Rm 12.3-8; Ef 4.7-16; Is 9.1-6; Mc 10.42-43);

- colocarmo-nos a favor de relações justas entre empregadores e empregados, estando ao lado daqueles que são explorados em seu trabalho e daqueles que nem sequer conseguem trabalhar (Jr 22.13-19; Dt 24.14-15; Is 65.21-23; Am 2.6-7, Mt 25.40).

#### **4. Usa ferramentas e métodos adequados.**

Na experiência do trabalho no Reino de Deus vamos descobrindo a necessidade de ferramentas apropriadas para a sua execução. Na Igreja e na comunidade hoje encontramos novos desafios que exigem ferramentas adequadas. Uma destas, por exemplo, é a participação de todos os membros da Igreja, homens e mulheres, nos diferentes níveis de decisão (At 16.9-10; At 13.1-3; Ef 4.1ss).

#### **F) SITUAÇÕES NAS QUAIS ACONTECE A MISSÃO**

A missão acontece na promoção da vida e do trabalho

- para que haja vida é necessário comunhão e reconciliação com Deus e o próximo, direito à terra, habitação, alimentação, valorização da família e dos marginalizados da família, saúde, educação, lazer, participação na vida comunitária, política e artística, e preservação da natureza (At 2.42; II Co 5.18-20; Jo 10.10, 15.5; I Jo 1.7);
- para que haja trabalho, é necessário haver, humanização do trabalho, melhor distribuição da riqueza, organização e proteção do trabalhador, segurança, valorização, oportunidade para todos de salários e empregos (Êx 23.12-13, Jr 23.12; Lv 19.13-14, 25.35-38; Dt 24.14-15; Sl 72).

#### **G) OS FRUTOS DO TRABALHO NA MISSÃO DE DEUS**

Colhemos a nova vida em Cristo como fruto do trabalho de Deus em nós, através de nós e do mundo (Mt 12.33, 13.8, 23, 7.16-17; Jo 15.12-16).

Esta nova vida se expressa:

- na descoberta do novo relacionamento com Deus e com os outros (Mt 22.36-40);
- na redescoberta contínua do sentido pleno da vida em nosso compromisso com a vontade de Deus na História (Mt 6.10; Mc 3.35; Jo 4.34, 6.40);
- no crescimento em nós, entre nós e no mundo da presença do Reino e de suas manifestações de amor, justiça, paz, respeito, sustento mútuo, liberdade e alegria (Gl 5.22-25; Mt 13.33; Rm 14.17; I Co 4.20).

#### **H) ESPERANÇA E VITÓRIA NA MISSÃO DE DEUS**

Nosso trabalho tem sua raiz e força na confiança de que Deus está conosco, vai à frente e é a garantia da concretização do Reino de Deus no presente e no porvir. Ainda que as forças do mal e da morte lutem para dominar o nosso mundo, nossa esperança reside naquele que as venceu, Jesus Cristo, que tornou real a ressurreição e a vida eterna. A vitória da vida já pode ser percebida na luta que travamos contra as forças da morte, pois já temos os primeiros frutos do Reino (primícias) que nos nutrem e nos levam a preservar na caminhada orando “VENHA O TEU REINO” (Ex 3.7-15; Mt 28.20; Sl 2; Rm 8.37-39; Gl 5.5; Ef 4.4; 1 Co 15.55-58).

### **PLANO PARA AS ÁREAS DE VIDA E TRABALHO**

Apresentamos, a seguir, o plano específico para cada área de vida e trabalho da Igreja Metodista.

O que é Missão? Missão é a construção do Reino de Deus, sob o poder do Espírito Santo, através da ação da comunidade cristã e de pessoas, visando surgimento da nova vida trazida por Jesus Cristo para renovação do ser humano e das estruturas sociais, marcados pelos sinais da morte.

#### **A) Área de Ação Social**

1. **Conceito:** A ação social da Igreja, como parte da missão, é nossa expressão humana do amor de Deus.

É o esforço da Igreja para que na terra seja feita a vontade do pai. Isto acontece quando sobre a ação do Espírito Santo, nos envolvemos em alternativas de amor e justiça que renovam a vida e vencem o pecado e a morte, conforme a própria experiência e vida de Jesus Cristo.

#### **2. Objetivos:**

- 2.1. Conscientizar o ser humano de que a sua responsabilidade é participar na construção do Reino de Deus, promovendo a vida, num estilo que seja acessível a todas as pessoas.
- 2.2. Cooperar com a pessoa e a comunidade a se libertar de tudo quanto as escraviza.
- 2.3. Participar na solução de necessidades pessoais, sociais, econômicas, de trabalho, saúde, escolares e outras fundamentais para a dignidade humana. Propugnar por mudanças estruturais da sociedade que permitem a desmarginalização social dos indivíduos e das populações pobres.

3. **Campo de Atuação :** A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de ação social, atuando nas seguintes ocasiões:

- 3.1. em qualquer situação onde a opressão e a morte negou a realidade da vida com a qual Deus comprometeu desde o começo do mundo;
- 3.2. as estruturas sociais que se tornaram obsoletas e desumanizantes, opressoras e injustas;
- 3.3. na pessoa visando à restauração da sua integralidade e do seu ambiente de vida;
- 3.4. nos sofrimentos humanos, participando de soluções para sua superação;
- 3.5. nos conflitos humanos, buscando promover a paz, combater a guerra e toda a violência;
- 3.6. na educação integral da pessoa.

#### **4. Meios de Atuação:**

- 4.1. exercer a justiça e o amor, como sinais da vinda do Reino de Deus;
- 4.2. prática dos princípios manifestados no Credo Social da Igreja Metodista;
- 4.3. conhecer a Igreja, especialmente a igreja local, descobrir suas possibilidades e seus dons e valorizar seus ministérios para alcançar a participação total do povo na missão de Deus (I Co 12.1-30; Ef 4.5);
- 4.4. conhecer o bairro, a cidade, o campo, o país, o continente, o mundo e os acontecimentos que os envolvem, porque e como ocorrem e suas conseqüências. Isso inclui conhecer a maneira como as pessoas vivem e se organizam, são governadas e participam politicamente, e como isso pode ajudar ou atrapalhar a manifestação da vida abundante;
- 4.5. apoiar todas as iniciativas que preservem e valorizem a vida humana (I Sm 2.1-10; Lc 1.46-55);
- 4.6. denunciar todas as forças e instrumentos que oprimem e destroem a vida humana (Salmos 82, 42.1-9, 49.1-6, 50.4-11, 52.13-53.12; Is 1.17, 58.6-7, 61.1-3, 65.20-23; Tg 5.1-6);
- 4.7. perseverar e zelo no exercício da ética cristã como princípio de toda ação social, principalmente nas relações político-econômicas;
- 4.8. estimular o desenvolvimento de uma cidadania responsável e o preparo para maior participação nas estruturas e processos de decisões;
- 4.9. criar estruturas e instrumentos que visem ao desenvolvimento da consciência nacional para promoção dos discriminados e marginalizados: o negro, o índio, a mulher, o idoso, o menor, deficientes, aposentados e outros;
- 4.10. promover e praticar uso racional e sadio do lazer;

- 4.11. empenhar-se pela “liberdade de expressão legítima de convicções, religiosas, éticas e políticas” conforme preceitua o Credo Social (IV , 4c);
- 4.12. apoiar, incentivar e participar das iniciativas em defesa da preservação do meio ambiente;
- 4.13. estimular o uso dos meios de comunicação e demais recursos das igrejas locais, como instrumento de esclarecimento quanto aos males sociais, como a exploração da mulher e do sexo, dos jogos de azar e loterias, bebidas alcoólicas e o fumo, que contribuem para a destruição da saúde física, mental e espiritual do ser humano e da família;
- 4.14. identificar-se com o povo das periferias em seus problemas e lutas empenhando-se em ajudá-los a se unirem em comunidades de reflexão sobre a Palavra de Deus, de ajuda mútua, e de ação libertadora em seu próprio favor, através da descoberta de suas próprias possibilidades e direitos.

## **B) Área de Comunicação Cristã**

1. **Conceito:** Comunicação Cristã como parte da missão é o processo de transmissão da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo, através dos veículos da comunicação social, visando à transformação da pessoa e da sociedade segundo as exigências do Reino de Deus.

### **2. Objetivos :**

- 2.1. despertar a Igreja a estimulá-la, em todas as suas áreas, a usar os meios da comunicação social, como veículo de divulgação, propagação e efetiva realização da Missão;
- 2.2. orientar a Igreja em todas as suas áreas, no uso das comunicações sociais;
- 2.3. conscientizar a população quanto ao uso dos meios de comunicação em massa, esclarecendo-lhe os aspectos positivos e negativos dos mesmos, e como afetam a própria concepção da vida, podendo ser utilizados como instrumentos de sustentação da atividade;
- 2.4. produzir ou fazer produzir o material de comunicação social, necessário aos programas e atividades da Missão;
- 2.5. atender as solicitações de prestação de serviço, dentro das prioridades da Igreja, em todos os setores de sua atuação;
- 2.6. criar ou estimular a criação de programas de comunicação social, especialmente em áreas carentes da presença evangelizantes da Igreja.

### **3. Campos de Atuação:**

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Comunicação Cristã atuando nos seguintes campos:

- 3.1. na totalidade da sociedade
- 3.2. nos veículos principais da comunicação social, imprensa rádio, TV, editoras, cinema e outros;
- 3.3. na Imprensa Metodista;
- 3.4. nas áreas de comunicação das instituições metodistas;
- 3.5. nas igrejas locais.

#### **4. Meios de Atuação:**

A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Comunicação Cristã, usando os seguintes meios:

- 4.1. desenvolvimento da Imprensa Metodista como agência publicadora e divulgadora no contexto da Missão;
- 4.2. dinamização do Expositor Cristão como instrumento da unidade, formação e comunicação, visando o envolvimento da Igreja na Missão;
- 4.3. dinamização das revistas da Escola Dominical e outros periódicos oficiais, como veículos de preparação para a Missão;
- 4.4. pesquisas para uma contínua avaliação do material didático, usado na Igreja, a fim de manter o equilíbrio entre as necessidades do povo metodista e as diretrizes e ênfases bíblico-teológicas do Plano Para a Vida e a Missão;
- 4.5. pesquisa para conhecer a realidade do povo brasileiro;
- 4.6. pesquisa entre o povo metodista, visando conhecer sua realidade e potencialidade;
- 4.7. aproveitamento do Instituto Metodista de Ensino Superior e outras instituições de ensino, para a produção de recursos audiovisuais, e treinamento de obreiros na área de comunicação social, na medida de suas possibilidades;
- 4.8. organização de um cadastro de todas as pessoas da Igreja Metodista que trabalham nos meios de comunicação social;
- 4.9. preparo de pessoas para a utilização dos meios de comunicação social, como instrumento da Missão;
- 4.10. organização de um cadastro dos meios de comunicação que estão sendo utilizados pela Igreja Metodista, relacionando-os;

4.11. utilização de uma assessoria de imprensa junto ao Colégio Episcopal e o Conselho Geral, para divulgar pronunciamentos e informações oficiais da Igreja Metodista;

4.12. utilização de espaços disponíveis em veículos de comunicação social para divulgação de matérias e assuntos da Igreja;

4.13. municiamento da igreja local com sugestões e idéias para atividade da comissão de comunicação local;

4.14. dinamizar a atividade musical, inclusive instrumental, como veículo de comunicação na adoração, proclamação, testemunho e serviço.

### **C) Área de Educação**

A educação como parte da Missão é o processo que visa oferecer à pessoa e comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz do Reino de Deus.

#### **C.1) Educação Cristã:**

1. **Conceito:** A Educação Cristã é um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé, e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras.

#### **2. Objetivos:**

2.1. Proporcionar a formação cristã da pessoa em comunidade levando-se em consideração as diversas fases de seu desenvolvimento;

2.2. preparar o cristão a viver no Espírito de Deus nas suas relações, anunciar o Evangelho e cumprir seu ministério no mundo;

2.3. ajudar a comunidade a saber o que é, e o que significa sua situação humana, a partir do indivíduo que integra o processo social;

2.4. levar os cristãos a se integrarem na prática missionária à luz do Evangelho e da realidade social.

#### **3. Campo de Atuação**

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Educação Cristã, atuando nos seguintes campos:

3.1. no lar;

3.2. na igreja local;

3.3. nas instituições de Ensino da Igreja, Escolas Oficiais do Estado e Universidades, grupos comunitários;

3.4. na sociedade.

#### **4. Meios de Atuação**

A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Educação Cristã, usando os seguintes meios:

4.1. criação de instrumentos de análise da realidade social e da Bíblia, de modo a permitir uma compreensão cristã da pessoa e da história para o cumprimento da Missão;

4.2. adequação dos instrumentos que favorecem a educação cristã na igreja local à luz do Plano de Vida e Missão (Escola Dominical, sociedades, pregação, liturgia, vida comunitária);

4.3. revisão do estilo de vida da família, adequando-o para o exercício da Missão;

4.4. organização de grupos comunitários para estudo (conforme 4.1), e ação comunitária;

4.5. educação cristã abrangente nas escolas da Igreja e ensino religioso nas escolas oficiais e da Igreja;

4.6. classes permanentes de catecúmenos, preparando-os para a Missão;

4.7. cursos visando à orientação de pais e testemunhos para batismo de crianças;

4.8. cursos visando à orientação de noivos para o casamento;

4.9. dinamização da organização e atividades do setor de laicato, visando a Missão;

4.10. criação de serviços de apoio e sustentação cristã do jovem universitário;

4.11. incentivo às atividades criativas especiais e às expressões artísticas relacionadas com a Missão;

4.12. desenvolvimento de uma nova hinologia engajada na vida e missão da Igreja;

4.13. funcionamento de Seminários Regionais Teológicos como centros de formação e enriquecimento bíblico, doutrinário e teológico dos professores e obreiros de Educação Cristã da Escola Dominical, e formação do professor de ensino religioso nas escolas públicas e instituições da Igreja;

4.14. estímulo da consciência da Igreja ao cumprimento do compromisso de sustentação financeira da Missão;

4.15. desenvolvimento de novas formas de educação cristã.

#### **C.2) Educação Teológica**

1. **Conceito:** A Educação Teológica é o processo que visa à compreensão da história em confronto com a realidade do Reino de Deus, à luz da Bíblia e da tradição cristã reconhecida e aceita pelo metodismo histórico como instrumento de reflexão e ação para capacitar o povo de Deus, leigos e clérigos para a Vida e Missão numa dimensão profética.

**2. Objetivos:**

- 2.1. criar instrumentos para a reflexão teológica que propicie a ação pastoral de todo o povo de Deus;
- 2.2. preparar pastores e pastoras leigos e leigas para a Missão;
- 2.3. capacitar o pastor para o preparo dos membros com vistas à Missão;
- 2.4. analisar os fundamentos bíblico-teológicos das doutrinas cristãs enfatizadas pelo metodismo à luz da sociedade brasileira;
- 2.5. preparar obreiros para exercer ministérios em áreas especiais;
- 2.6. manter o ministério pastoral e leigo atualizado para a Missão;
- 2.7. aprofundar a pesquisa teológica no contexto brasileiro e latino-americano;
- 2.8. integrar a educação teológica em um programa nacional de educação teológica.

3. **Campo de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de educação teológica atuando nos seguintes campos:

- 3.1. Faculdade de Teologia e outras instituições de ensino teológico;
- 3.2. Instituições de ensino secular da Igreja através de departamento de Teologia, pastorais escolares e capelanias, cursos e outros;
- 3.3. Igreja local.

4. **Meios de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de educação teológica, usando os seguintes meios:

- 4.1. criação de instrumentos que aprimorem a compreensão da ação de Deus (Bíblia e História) na sociedade brasileira;
- 4.2. programa de atualização de pastores e pastoras a fim de alcançar a todos os pastores e pastoras;
- 4.3. cursos de Bacharel em Teologia, Educação Cristã, e outros segundo as necessidades da missão;
- 4.4. cursos básicos de Teologia;
- 4.5. cursos de formação de obreiros especiais em regime formal e não formal visando as novas fronteiras na missão;

- 4.6. cooperação com instituições de ensino teológico de outras Igrejas visando a interesses e serviços comuns.

### **C.3) Educação Secular**

1. **Conceito:** É o processo que oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade, segundo a Missão de Jesus Cristo.

#### **2. Objetivos :**

- 2.1. Capacitar a comunidade para cooperar no processo de transformação da sociedade, na perspectiva do Reino de Deus;
- 2.2. ser a instituição educacional agente para atuar na sociedade na perspectiva do Reino de Deus;
- 2.3. apoiar todas as decisões que promovam a vida, denunciar e combater todas as ações que destruam a vida;
- 2.4. responder às necessidades do povo através da criação de escolas em áreas geográficas em desenvolvimento e em áreas carentes;
- 2.5. propiciar possibilidades de estudos a alunos carentes;
- 2.6. deixar claro o chamado de Jesus Cristo para o comprometimento da fé num espírito não-sectarista.

3. **Campo de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Educação Secular, atuando nos seguintes campos:

- 3.1. na comunidade, sobretudo nas áreas carentes;
- 3.2. nas instituições de ensino em todos os graus;
- 3.3. no processo de reformulação do sistema educacional do país;
- 3.4. nos órgãos educacionais da Igreja.

4. **Meios de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Educação Secular, usando os seguintes meios:

- 4.1. estabelecimento de programas para as atividades educacionais da Igreja, inclusive de suas instituições, com base em filosofia educacional coerente com a missão por ela aprovada;
- 4.2. adequação dos currículos de curso à filosofia educacional da Igreja Metodista;
- 4.3. estabelecimento de pastorais escolares nas instituições;
- 4.4. desenvolvimento de sistemas de bolsas que atenda alunos carentes e projetos de interesse da Missão;
- 4.5. capacitação e integração do pessoal da Escola na Missão;

4.6. preparo de pessoal qualificado para exercício das diversas funções docentes e administrativas nas instituições da Igreja.

#### **D) Área de Ministério Cristão**

##### **1. Conceitos:**

1.1. Ministério Cristão como parte da Missão é serviço de todo o povo a partir do batismo e da vocação divina. O cumprimento da Missão, todas as áreas da existência e da sociedade, sob ação do Espírito Santo, requer preparo oferecido pela Igreja.

1.2. Ministério Cristão é também exercido de modo especial por pessoas que Deus chama dentre os membros da Igreja como pastores e pastoras para a tarefa de edificar, equipar e aperfeiçoar a comunidade da fé, capacitando-a para o cumprimento da Missão (Ef 4.11-12).

1.3. A Igreja afirma a existência de dons para o exercício de outros ministérios - tais como capelanias, serviços sociais, evangelistas, músicos etc. - cabendo-lhe perceber e definir prioridades e facilitar o desenvolvimento e uso destes dons. (Ef. 4.7-13; Rm 12.12-14; I Co 12,13 e 14; I Pe 4).

##### **2. Objetivos:**

2.1. proporcionar ao cristão a oportunidade de confrontar-se com o mundo como fermento, sal e luz para a construção do Reino de Deus;

2.2. proporcionar o encontro da pessoa com Deus e o reencontro da Igreja com sua vocação e missão;

2.3. desenvolver a consciência de que, através do batismo, profissão de fé ou confirmação, o cristão se torna membro do corpo de Cristo, por isto, participa da missão;

2.4. o ministério pastoral visa converter a capacitação e desenvolvimento da vida e ação dos membros da Igreja em todas as áreas de existência.

**3. Campo de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Ministério Cristão, atuando nos seguintes campos:

3.1. na sociedade;

3.2. na Igreja em geral;

3.3. na igreja local;

3.4. nas instituições da Igreja;

3.5. nas áreas de ministérios especiais, particularmente com jovens, juvenis e crianças;

3.6. no exercício profissional consciente de estar operando os sinais do Reino de Deus.

4. **Meios de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Ministério Cristão, usando os seguintes meios:

- 4.1. a comunidade cristã em geral e o cristão em particular encarnando o Reino de Deus, nas mais diferentes situações humanas;
- 4.2. currículo de Escola Dominical voltado para o preparo missionário dos leigos;
- 4.3. pastorais, proclamações, documentos e outros que orientem ação dos membros da Igreja respondendo a situações concretas;
- 4.4. cursos, encontros apropriados e literatura específicos para o preparo do leigo, leiga, pastor e pastora para o exercício dos diferentes ministérios;
- 4.5. Comunicação Social: televisão, rádio, jornal e telefone, etc.
- 4.6. cursos e programas de educação continuada visando a capacitação do laicato organizados pela Faculdade de Teologia e Seminários Regionais tendo em vista melhor desempenho no cumprimento da missão;
- 4.7. celebração do culto como forma de adoração, testemunho e serviço.

#### **E) Área de Evangelização**

1. **Conceito:** A evangelização, como parte da Missão, é encarnar o amor divino nas formas mais diversas da realidade humana para que Jesus Cristo seja confessado como Senhor, Salvador, Libertador e Reconciliador. A evangelização sinaliza e comunica o amor de Deus na vida humana e na sociedade através da adoração, proclamação, testemunho e serviço.

#### **2. Objetivos:**

- 2.1. confrontar o ser humano e as estruturas sociais com Jesus Cristo e o Reino por Ele proclamado a fim de que as pessoas e a sociedade o confessem como Senhor, Salvador e Libertador, e as estruturas sejam transformadas segundo o Evangelho;
- 2.2. libertar a pessoa e a comunidade de tudo que as escravizam e conduzi-las a plena comunhão com Deus e o próximo.

3. **Campos de Atuação :** A Igreja Metodista cumpre sua Missão na área de Evangelização, atuando nos seguintes campos:

- 3.1. pessoas, grupos e estruturas;
- 3.2. lares e instituições;
- 3.3. zona rural, suburbana e urbana;

3.4. grupos periféricos, marginalizados e minorias étnicas (pobres, menores, presos, prostitutas, idosos, toxicômanos, alcoólatras e outros).

**4. Meios de Atuação :** A Igreja Metodista cumpre a sua Missão na área de Evangelização, usando os seguintes meios:

- 4.1. presença de Jesus Cristo, através do cristão e da comunidade cristã, nas mais diferentes situações da vida humana;
- 4.2. conscientização e preparo do cristão para o exercício da Missão;
- 4.3. estudos bíblicos através de pessoas capacitadas;
- 4.4. literatura adequada, visando ao preparo e a tarefa do evangelista;
- 4.5. pontos missionários locais;
- 4.6. campos missionários regionais e gerais, com envolvimento das igrejas locais;
- 4.7. atividades e programas regulares da igreja local;
- 4.8. culto comunitário e familiar;
- 4.9. serviço de capelania em hospitais, prisões, escolas e outros;
- 4.10. visitação nos lares;
- 4.11. realização de séries de pregações, que incluam o preparo, a realização e o acompanhamento dos que se mostrarem interessados na nova vida em Cristo;
- 4.12. igreja local como comunidade solidária em situações de crise;
- 4.13. veículos de comunicação social;
- 4.14. Escolas Dominicais.

#### **F) Área de Patrimônio e Finanças**

1. **Conceito:** Patrimônio e finanças, como parte da Missão, são todos os recursos materiais, como móveis, imóveis, veículos e financeiros a serviço da Missão, através da ação da Igreja (Ag 11.9; Ne 5).

#### **2. Objetivos:**

- 2.1. providenciar e organizar os recursos patrimoniais e financeiros para o cumprimento da missão (I Rs 5.15 -9.25);
- 2.2. administrar o patrimônio e os recursos financeiros da Igreja, mantendo-os a serviço da missão (I Rs 4);
- 2.3. desenvolver programas de capacitação de recursos, visando às exigências da missão dentro da perspectiva bíblica da mordomia cristã (Lv 25; I Co 9.7-8);
- 2.4. desenvolver uma política cristã de pessoal (serventuários e outros), à luz do Credo Social da Igreja (Sl 82; II Sm 8.15; Lv 19.9-14);

2.5. observar os princípios da ética cristã no uso do patrimônio e finanças (Ex 23.1-9; Pv 2.6-9);

2.6. manter todos os recursos patrimoniais e financeiros em nome da Associação da Igreja Metodista e em regularidade legal.

3. **Campo de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Patrimônio e Finanças, atuando nos seguintes campos:

3.1. Concílio e conselhos, Geral, Regional e Local;

3.2. órgãos e instituições gerais, regionais e locais;

3.3. igrejas locais;

3.4. programas e atividade da Igreja.

4. **Meios de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre a sua missão na área de Patrimônio e Finanças, usando os seguintes meios:

4.1. utilização do patrimônio da Igreja inclusive os das instituições a serviço da Missão, extensiva à comunidade, onde a Igreja ou instituições estão localizadas;

4.2. desenvolvimento de programas de conservação e reparos das propriedades;

4.3. utilização das dependências dos templos, e outros prédios, para proveito da comunidade, na formação de creches, jardins de infâncias, capacitação profissional e outros;

4.4. aquisição de novas propriedades e aceitação de doações e legados patrimoniais, sem ônus e encargos, para a missão;

4.5. participação generosa nas contribuições na perspectiva bíblica da mordomia cristã, visando a manutenção e o avanço da missão, incluindo ofertas, dízimos, legados e outras formas de contribuição (At 5.4-34; Fp 4.15-19);

4.6. aplicação responsável dos recursos financeiros de acordo com os objetivos da Missão (At. 4.35);

4.7. busca e aplicação de recursos externos oriundos das igrejas cooperantes, de outras agências e, da comunidade e dos poderes públicos, para o uso na Missão;

4.8. construções para uso polivalente de acordo com as exigências da Missão;

4.9. Valorização dos ministérios especializados, mediante o sustento dos respectivos obreiros, inclusive de leigos pelas igrejas locais (I Co 9.1-15; Mt 10.9-10; Dt 25.4).

## **G) Área de Promoção da Unidade Cristã**

1. **Conceito :** A busca e vivência da unidade da Igreja, como parte da Missão, não é optativa mas uma das expressões históricas do Reino de Deus. Ela procede do Senhor Jesus Cristo e é realizada por meio do Espírito Santo através da rica diversidade de dons, ministérios, serviços e estruturas que possibilitam aos cristãos trabalharem em amor na construção do Reino de Deus até a sua concretização plena (Jo 10.17; 17.17-23; I Co 1.10-13; 12.4-7, 12 e 13; Ef 4.3-6; Ef 2.10-11).

## 2. Objetivos :

- 2.1. cumprir a ordem do Senhor Jesus Cristo, “que todos sejam um para que o mundo creia”;
- 2.2. fortalecer o sistema de conexão através de um processo dinâmico de inter-relacionamento das Igrejas Metodistas a nível local, regional e geral;
- 2.3. cultivar a identidade histórica do metodismo como contribuição para a unidade do Corpo de Cristo;
- 2.4. dentro da unidade cristã, cultivar a riqueza da diversidade de dons e serviços cristãos, na unidade do Espírito (I Co 12.4-11 Ef 4.3-6; Rm 12.1n);
- 2.5. dar continuidade aos esforços e a participação da Igreja Metodista em favor da Unidade Cristã, bem como incentivo a participação e cooperação da Igreja em sinais visíveis; que enriqueçam a unidade cristã;
- 2.6. dar continuidade à tradição metodista reconhecendo que ela oferece uma base própria e condizente para o diálogo entre posições.

3. **Campo de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre sua missão na Área de Unidade Cristã, atuando nos seguintes campos:

- 3.1. áreas de ação mencionadas neste Plano;
- 3.2. metodismo brasileiro, latino-americano e mundial;
- 3.3. outras Igrejas e organizações e movimentos cristãos;
- 3.4. movimentos e organizações ecumênicas;
- 3.5. comunidade local: em atividades de alcance social e comunitária onde Igrejas ou grupos de diferentes confissões encontram uma missão comum.

4. **Meios de Atuação:** A Igreja Metodista cumpre sua missão na área de Unidade Cristã, usando os seguintes meios:

- 4.1. divulgação e análise através dos órgãos de comunicação, das decisões do Concílio Geral;
- 4.2. desenvolvimento de uma Teologia que fortaleça nossa identidade wesleyana, visando a uma prática pastoral comum e uma abertura para a unidade dos cristãos;

- 4.3. ação permanente do Colégio Episcopal, dos Bispos, dos pastores, dos leigos em geral, na direção da unidade da Igreja;
- 4.4. continuação e fortalecimento da integração da Igreja Metodista brasileira com o metodismo latino-americano e mundial;
- 4.5. participação em organizações cristãs de nível nacional, continental e mundial, visando a uma ação profética comum;
- 4.6. formação de consciência de uma identidade metodista, a nível comum na Missão com outros grupos cristãos, respeitadas as diversidades de dons e estruturas;
- 4.7. diálogo com as demais Igrejas de tradição metodista existentes no Brasil, para conhecimento mútuo e busca de caminhos de aproximação;
- 4.8. através de declarações oficiais, definições doutrinárias e pastorais emanadas do Colégio Episcopal.

*Parágrafo único* - Os organismos integrantes de Administração Superior, Intermediária e Básica, elaboram os Planejamentos e Programas Nacionais, Regionais e Locais, respectivamente, com base no Plano para a Vida e a Missão, consubstanciando-o em seus níveis correspondentes.

**ANEXO C – DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO NA IGREJA METODISTA**<sup>1097</sup>**Art. 25 - O XIII Concílio Geral aprovou as seguintes Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista:****Prefácio Histórico**

Na continuidade de um processo iniciado há longo tempo e de projetos já elaborados anteriormente, e tentando responder a anseios já existentes, a Igreja Metodista iniciou em 1979 processo formal para definir posições que servisse como diretrizes para a tarefa educativa de suas escolas. Após pesquisas em igrejas e instituições metodistas no País, realizou-se um seminário no Rio de Janeiro, em julho de 1980, convocado pelo Conselho Geral, quando se elaborou um documento intitulado *Fundamentos, Diretrizes e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista*. Este documento, voltado para as instituições de ensino secular e teológico foi publicado pelo *Expositor Cristão* e encaminhado a várias igrejas, instituições e órgãos regionais e gerais, para que fosse avaliado.

Enquanto se desenrolava este processo, a Secretaria Executiva de Educação Cristã do Conselho Geral promovia, a mando deste, a busca de um posicionamento acerca da Educação Cristã. Certas afirmações básicas, intituladas *A Educação Cristã: um posicionamento metodista*, foram também publicadas e propostas à Igreja em 1981. Por outro lado, tendo em vista a necessidade de preparação do PVMI, o Conselho Geral procurou também definir a maneira metodista de se entender a vida e a missão da Igreja. Isto foi levado a efeito através de pesquisa da Igreja e especialmente através de uma Consulta Sobre Vida e Missão. Um documento sobre esta compreensão foi também elaborado e publicado no órgão Oficial da Igreja. Tendo em vista as colocações alcançadas, o Conselho Geral determinou que elas fossem consideradas quando da revisão final dos *Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista*. Estes deveriam ser ampliados, de modo a incluir também as responsabilidades da Igreja no campo de educação cristã. Com esta finalidade, em janeiro de 1982 reuniu-se o Seminário Diretrizes para um Plano Nacional de Educação, no Instituto Metodista de Ensino Superior. Foram convocados o bispo, os membros do Conselho Geral, representantes dos Conselhos Regionais, das Federações Regionais de Homens, Senhoras, Jovens e Juvenis, bem como das respectivas Confederações.

---

<sup>1097</sup> DIRETRIZES para a educação na Igreja Metodista. In: CÂNONES da Igreja Metodista 2002: Colégio Episcopal da Igreja Metodista. São Paulo: Editora Cedro, 2002.

Cada instituição de ensino ( secular e teológico) foi convidada a enviar dos representantes. Os alunos de cada instituição de ensino teológico também foram convidados a enviar um representante.

O Seminário pretendia elaborar um posicionamento que levasse em conta, além das propostas dos documentos acima citados, a análise do opinamento recebido das igrejas, órgãos e instituições. A complexidade da matéria mostrou que não se alcançaria a redação apropriada. Uma comissão foi então eleita pelo Seminário e encarregada de reunir estas conclusões, aproveitando também os estudos ali realizados.

O documento Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista é o resultado do trabalho, aprovado pelo Conselho Geral e sancionado pelo XIII Concílio Geral da Igreja Metodista.

### **I - O QUE ESTAMOS VENDO**

A educação tem sido um dos instrumentos sempre presentes na ação da Igreja Metodista no Brasil. Como instrumento de transformação social, ela é parte essencial do envolvimento da Igreja no processo da implantação do Reino de Deus.

A ação educativa da Igreja acontece de diversas maneiras: através da família, da igreja local em todas as suas agências (comissões, escola dominical, o púlpito, os grupos societários, etc.), através das suas instituições de ensino secular, teológico, de ação comunitária e de comunicação.

Levando em conta o evangelho e sua influência sobre todos os aspectos da vida, a ação educativa metodista trouxe muitas contribuições positivas. Por meio especialmente da igreja local, muitas pessoas foram convertidas e transfundas, modificando suas vidas e seu modo de agir. Por intermédio das instituições a Igreja buscou a democratização e a liberalização da educação Brasileira. Suas propostas educacionais eram inovadoras e humanizantes pois ofereciam um tipo de educação alternativa aos rígidos sistemas jesuíta e governamental.

A ação educativa da Igreja, entretanto, deu muito mais valor às atitudes individualistas em relação à sociedade. O mais importante era uma participação pessoal e isolada. No caso específico das nossas escolas, à medida em que a sociedade brasileira foi se desenvolvendo, elas perderam suas características inovadoras e passaram a ser reprodutoras da educação oficial. Esvaziaram-se perdendo sua percepção de que o evangelho tem também dimensões políticas e sociais, esquecendo, assim, sua herança metodista. Em razão de suas limitações históricas e culturais a ação educativa metodista tomou-se prejudicada em dois

pontos importantes: primeiro, porque não se identificou plenamente com a cultura brasileira; segundo, por ter apresentado pouca preocupação em descobrir soluções em profundidade para os problemas dos pobres e desvalidos, que são a maioria do nosso povo.

Hoje, no Brasil, vivemos situações que exigem de nós resposta concreta. Os problemas que afligem nosso povo, desde a família até os aspectos mais amplos da vida nacional, colocam um grande desafio e todos precisamos contribuir para encontrar as soluções que atendam aos verdadeiros interesses da maioria da nossa população. Percebemos que muitas são as forças contrárias a vida. Mas Também acreditamos que o evangelho nos capacita para encontrar aquelas soluções que possibilitam a realização dos verdadeiros interesses do povo Brasileiro. Por isso, nós, metodistas, à luz da Palavra de Deus, examinamos nossa ação educativa presente, dispendo-nos a buscar novas linhas para esta ação.

## II - O QUE NOS DIZ A BÍBLIA

O Deus da Bíblia - que é Pai, Filho e Espírito Santo - se revela na história humana como Criador, Senhor, Redentor, Reconciliador e Fortalecedor. Este Deus Trino, em seu relacionamento com o Ser Humano, cria uma nova comunidade, sinalizada historicamente através da vida do povo de Israel e da Igreja. A ação divina sempre nos aponta para a realização plena do Reino de Deus.

A esperança deste Reino é vivida e experimentada parcialmente na vida do povo de Deus, na promessa a Abraão (Gn 12.1-4; 13.14-17; 17.8-9; 22.15-18), na experiência do êxodo ( Ex. 3.7-8; 6.1-9; 13.21-22; 14.15-16; 15.26; 16.4; Dt. 7.6-8), na conquista da terra (Js 1.19;13-15; 24.14-25; Lv 25.8-55), na pregação dos profetas (Is 49.8-26; 55.1-13; Ez 36.22-37; 11 2.12-32, Mq 2.12-13; 4.1-13), e em outras formas. Esta esperança foi manifestada de maneira completa na vida de Jesus de Nazaré (Mc 1.15; Mt 6.9-13; Lc 4.16-21; Mc 14.23-25; I Co 11.23-26). Através da vitória de Jesus Cristo sobre o pecado e a morte temos a certeza de que se completará a realização total do Reino de Deus (Mt 28.1-10; I Co 15.50-58; Ap. 21.1-8).

A ação de Deus se realiza por meio do Espírito Santo ( Jo 16.7-14 ). O dom do Espírito é a força e o poder que faz brotarem entre nós os sinais do Reino de Deus e sua justiça,. da nova criação, do novo homem, da nova mulher, da nova sociedade ( II Co 5.5, 14-17). O Espírito nos revela que o Reino de Deus é maior que qualquer instituição ou projeto humano ( Mt 12. 1-8).

Toda a nossa prática deve estar de acordo como o Reino de Deus (Mt 6.33; Jo 14.26) e o Espírito Santo é quem nos mostra se esta concordância existe ou não. O Espírito de Deus

age onde, como e quando quer (Jo 3.5-8) a fim de criar as condições para o estabelecimento do Reino. Só quando compreendemos isso é que nos comprometemos com o projeto de Deus. Então percebemos claramente que Deus que dar ao ser humano uma nova vida à imagem de Jesus Cristo, através da ação e do poder do Espírito Santo. Por isso Ele condena o pecado individual e social gerador das forças que impedem as pessoas e os grupos de viverem plenamente.

Sendo assim, a salvação é entendida como resultado da ação de Deus na História e na vida das pessoas e dos povos. Biblicamente ela não se limita à idéia da salvação da alma, mas inclui a ação de Deus na realidade de cada povo e de cada indivíduo. Isto atinge todos os aspectos da vida: religião, trabalho, família, vizinhança, meios de comunicação, escola, política, lazer, economia ( inclusive meios de produção ), cultura, segurança e outros. A salvação é o processo pelo qual somos libertados por Jesus Cristo para servir a Deus e ao próximo e para participar da vida plena no Reino de Deus.

A revelação do Reino de Deus em Jesus Cristo é motivo de esperança para todos nós (Rm 8.20-25). O Reino se realiza parcialmente na história ( Mt 12.28) por meio de sinais, que apontam para a plenitude futura. Ele é o modelo permanente para a ação do povo de Deus ( Mt 20.24-28) criando em nós consciência crítica ( I Co 2.14-16), capaz de desmascarar todos os sistemas de pensamento que se julgam donos exclusivos da verdade. A esperança no Reino permite que participemos de projetos históricos que visam à libertação da sociedade e do ser humano. Ao mesmo tempo nos liberta da idéia de que os projetos humanos são auto-suficientes e nos leva a qualquer atitude de endeusamento de instituições.

A ação de Deus atinge, transforma e promove as pessoas, na medida em que as desafia a um relacionamento pleno e libertador com Deus e o próximo, para o serviço concreto na comunidade. A natureza do Reino exige compromisso do novo homem e da nova mulher e sua sociedade, na direção da vida abundante da justiça e liberdade oferecidas por Cristo.

Deus se manifesta sempre em atos de amor, pois ele é amor ( I Jo 4.7-8 ) e quer alcançar a toda a criação, pois nada foge à graça divina. Em Cristo, Deus nos ama de tal maneira que dá sua vida por todos, alcançando especialmente os pobres, os oprimidos e marginalizados dos quais assume a defesa com justiça e amor. Seu amor quebra as cadeias da opressão, do pecado, em todas as suas formas. Por seu amor ele nos liberta do egoísmo para uma vida de comunidade em amor e serviço ao próximo.

O Reino de Deus alcança qualquer tipo de pessoa, quaisquer que sejam suas idéias, suas condições sociais, culturais, políticas, econômicas ou religiosas. Alcança igualmente a pessoa como um todo.: corpo, mente e espírito, com todas as suas exigências.

Os atos de Deus, através dos quais ele revela e inaugura o seu Reino, nos ensinam também como devemos agir, e são o critério para a ação missionária da Igreja.

### **III - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE QUE DEVEMOS NOS LEMBRAR**

Toda a ação educativa se baseia numa filosofia, isto é, numa visão a respeito do mundo e das pessoas. Em nosso caso, a filosofia é iluminada pela fé, estando por isso sempre relacionada com a reflexão teológica à luz da revelação bíblica em confronto com a realidade.

Até o momento, nossa ação educativa tem sido influenciada por idéias da chamada filosofia liberal, típicas de nossa sociedade, resultando num tipo de educação com características acentuadamente individualistas.

Alguns dos elementos fundamentais dessa corrente são:

- preocupação individualista com a ascensão social;
- acentuação do espírito de competição;
- aceitação do utilitarismo como norma de vida;
- colocação do lucro como base das relações econômicas.

Nenhum desses elementos está de acordo com as bases bíblico-teológicas sobre as quais se deve fundamentar a prática educativa metodista.

A Educação na perspectiva cristã, “como parte da Missão é o processo que visa oferecer à pessoa e comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominações e morte, à luz do Reino de Deus” (PVMI Metodista). Por isso a Igreja precisou definir novas diretrizes educacionais voltadas para a libertação das pessoas e da sociedade.

A partir dessas diretrizes a Igreja desenvolverá sua prática educativa., de tal modo que os indivíduos e os grupos:

- Desenvolvam consciência crítica da realidade;
- Compreendam que o interesse social é mais importante que o individual;
- Exercitem o senso e a prática da justiça e solidariedade;
- Alcancem a sua realização como fruto do esforço comum;
- Tomem consciência de que todos têm direito de participar de modo justo dos frutos do trabalho;

- reconheçam que, dentro de uma perspectiva cristã, útil é aquilo que tem valor social.

#### **IV - O QUE DEVEMOS FAZER**

A ação educativa da Igreja tem que estar mais firmemente ligada aos objetivos da Missão de Deus, visando a implantação do seu reino. Além disso, nossos esforços educacionais de todo tipo têm também que se identificar mais com a cultura brasileira, e atender às principais necessidades do nosso povo. Por isso é preciso que busquemos novos caminhos.

A busca destes novos caminhos deve procurar a superação do modelo educacional vigente. Não se pode mais aceitar uma educação elitista, que discrimina e reproduz a situação atual do povo brasileiro, impedindo transformações substanciais em nossa sociedade. Também não podemos nos conformar com a tendência que favorece a imposição da cultura dos poderosos, impedindo a maior participação das pessoas e aumentando cada vez mais seu nível de dependência.

Uma tomada de decisão nesse sentido não deve ser entendida como simples reação às falhas que encontramos na ação educativa, mas como uma atitude necessária de uma Igreja que deseja ser serva fiel, participando ativamente na construção do Reino de Deus.

A partir destas constatações declaramos que a ação educativa da Igreja Metodista realizada através de todas as suas agências, isto é, a escola dominical, comissões, púlpito, grupos societários, instituições de ensino secular, teológico, de ação comunitária, etc. - terá por objetivos:

1 - Dar continuidade, sob a ação do Espírito Santo, ao processo educativo realizado por Deus em Cristo, que promove a transformação da pessoa em nova criatura e do mundo em novo mundo, na perspectiva do Reino de Deus;

2 - Motivar educadores e educandos a se tomarem agentes positivos de libertação, através de uma prática educativa de acordo com o Evangelho;

3 - Confrontar permanentemente as filosofias vigentes com o Evangelho;

4 - Denunciar todo e qualquer tipo de discriminação ou dominação que marginalize a pessoa humana, e anunciar a libertação em Jesus Cristo;

5 - Respeitar e valorizar a cultura dos participantes do processo educativo, na medida em que estejam de acordo com os valores do Reino de Deus;

6 - Apoiar os movimentos que visem à libertação dos oprimidos dentro do espírito do Evangelho libertador de Jesus Cristo;

7 - Despertar consciência crítica e sensibilizada para o problema da justiça, num mundo marcado pela opressão.

Com base nestes posicionamentos, ficam estabelecidas as seguintes diretrizes gerais:

1 - Toda e qualquer iniciativa educacional da Igreja, especialmente a organização de novos cursos e projetos, levará sempre em consideração os objetivos da Missão, de acordo com os documentos oficiais da Igreja e as necessidades locais;

2 - Quanto aos cursos, currículos e programas já existentes, as agências da Igreja se empenharão para que, no menor prazo possível, estejam de acordo com as orientações estabelecidas neste documento;

3 - Será buscado um estreito relacionamento com as comunidades onde nossos trabalhos estão localizados, compartilhando com elas os seus problemas;

4 - Em todos os lugares em que a Igreja atua serão colocados à disposição da comunidade, das organizações de classe e das entidades comunitárias, as instalações de que dispomos, tanto para a realização de programas, quanto para a discussão de temas de interesses comunitário, de acordo com os objetivos da Missão;

5 - As igrejas e instituições devem atuar também através de programas de educação popular, para isto destinando recursos financeiros específicos;

6 - Toda a ação educativa da Igreja deverá proporcionar aos participantes condições para que se libertem das injustiças e males sociais que se manifestam na organização da sociedade, tais como: a deterioração das relações na família e entre as pessoas, a deturpação do sexo, o problema dos menores, dos idosos, dos marginalizados a opressão da mulher, a prostituição, o racismo, a violência, o êxodo rural resultante do mau uso da terra e da exploração dos trabalhadores do campo, a usurpação dos direitos do índio, o problema da ocupação desumanizante do solo urbano e rural, o problema dos toxicômanos, dos alcoólatras, e outros;

7 - A educação da criança deverá merecer especial atenção, notadamente na faixa do pré-escolar (de 0 a 6 anos ), e de preferência voltada para os setores mais pobres da população; 8 - Visando à unidade educacional da Igreja em sua missão, as igrejas locais e instituições se esforçarão no sentido de uma ação conjunta em seus projetos educacionais;

9 - A Igreja e suas instituições estabelecerão programas destinados à formação de pessoas capacitadas para todas as tarefas ligadas à ação educacional e social;

10 - Todas as agências de educação da Igreja Metodista, tanto ao nível local quanto a nível de instituição, procurarão orientar os participantes de seu trabalho sobre as diretrizes ora adotadas, empenhando-se igualmente para que elas sejam vividas na prática.

### **A - No caso específico da Educação Secular:**

A Igreja entende a Educação Secular que promove como o “processo que oferece formação melhor qualificada nas suas diversas fases, possibilitando às pessoas o desenvolvimento de uma consciência crítica e seu comprometimento com a transformação da sociedade, segundo a missão de Jesus Cristo” .

Por isso:

1 - O ensino formal praticado em nossas instituições não se limitará a preparar para o mercado de trabalho, mas, além disso, igualmente, deverá despertar uma percepção crítica dos problemas da sociedade.

2 - As instituições superarão a simples transmissão repetitiva de conhecimentos, buscando a criação de novas expressões do saber, a partir da realidade e expectativa do povo.

3 - Terá prioridade a existência de pastorais escolares que atuem como consciência crítica das instituições, em todos os seus aspectos, exercendo suas funções profética e sacerdotal dentro e fora delas.

4 - Toda a prática das instituições se caracterizará por um contínuo aperfeiçoamento no sentido de democratizar cada vez mais as decisões.

5 - Os órgãos competentes farão com que estas diretrizes seriam cumpridas em suas instituições.

6 - As instituições participarão em projetos da Igreja compatíveis com suas finalidades estatutárias atendendo aos fins da Missão.

### **B - No caso específico da Educação Teológica**

I - “A Educação Teológica é o processo que visa à compreensão da história em confronto com a realidade do Reino de Deus, à luz da Bíblia, e da tradição cristã reconhecida e aceita pelo metodismo histórico como instrumentos de reflexão e ação para capacitar o povo de Deus, leigos e clérigos, para a vida e missão, numa dimensão profética” . .

2 - Os currículos serão fundamentados nas bases teológicas reconhecidas pela Igreja Metodista, como identificadas no presente documento, com vistas a mudanças na metodologia do trabalho teológico, a partir das necessidades do povo.

3 - No recrutamento e seleção dos professores de Teologia se observará não apenas a sua adequada qualificação aos cursos a serem ministrados, mas, também, a sua vivência pastoral e a consciência que tenham de que a tarefa teológica deve ser feita a partir da revelação, no contexto do povo brasileiro e tendo em vista o atendimento de suas necessidades.

4 - O processo de recrutamento dos que aspiram ao pastorado, incluirá, sistematicamente, um programa pré-teológico de estudos, que os iniciará no processo de reflexão sobre as preocupações da Igreja, como definidas nos seus documentos.

5 - A educação teológica será desenvolvida observando-se os seguintes relacionamentos:

- Relacionamento com o contexto social: a metodologia do trabalho teológico, em todos os níveis, terá relação direta com a realidade da sociedade brasileira, na perspectiva do oprimido, visando ao processo de sua libertação.
- Relacionamento com outras áreas do conhecimento humano: o trabalho teológico deverá ser desenvolvido de uma forma integrada à outras áreas do conhecimento, incluindo tanto as ciências humanas, como também as áreas de tecnologia, de ciências exatas, de saúde, ciências aplicadas, e outras.
- Relacionamento entre as instituições de ensino: o trabalho teológico deverá ser realizado de maneira integrada, de tal modo que todo o *ensino teológico* na Igreja promova a sua unidade de pensamento e ação naquilo que seja fundamental.
- Relacionamento ecumênico: a educação teológica será enriquecida pelo contato com outras Igrejas cristãs, inclusive de outros países.

6 - As instituições de ensino teológico oferecerão cursos de formação e atualização teológica para pastores e leigos, com a finalidade de os ajudar a reexaminarem continuamente seu ministério e serviço, desde a perspectiva do Reino de Deus.

7 - As instituições de ensino teológico desenvolverão esforços na pesquisa junto à igreja local e outras fontes para a renovação litúrgica, levando em conta as características culturais do povo brasileiro.

8 - Os órgãos competentes estudarão uma maneira de uniformizar o tratamento dos seminaristas, pelas regiões eclesiásticas, em termos de ajuda financeira (bolsas), apoio e requisitos dos estudantes para ingresso e continuação dos estudos na Faculdade de Teologia e Seminários.

C - No caso específico de Educação Cristã:

1 - “A Educação Cristã é um processo dinâmico para transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a Missão de Deus no mundo, sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo, segundo as Escrituras” ( PVMI ).

2 - O currículo de educação cristã na escola dominical será fundamentado na Bíblia e tratará de relacionar os relatos bíblicos à realidade na qual a Igreja se encontra.

3 - As secretarias executivas regionais de educação cristã estabelecerão cursos e programas, com vistas à formação e aperfeiçoamento dos obreiros da Escola Dominical, para que desenvolvam uma metodologia de ensino compatível com as diretrizes contidas neste documento.

4 - A Igreja retomará especial cuidado para com a criança e o adolescente, redefinindo a organização destes grupos e provendo material educativo adequado para estas idades.

5 - Os grupos societários desenvolverão estudos e programas que auxiliem os seus participantes a compreender e viver a ação libertadora do Evangelho e serão municiados pela Igreja com literatura e sugestões apropriadas para alcançarem este objetivo.

6 - Tendo em vista o fato de que a liturgia é um processo educativo, os pastores e obreiros leigos serão incentivados a descobrirem novas formas litúrgicas que promovam a educação do povo de Deus.

7 - O Conselho Geral estabelecerá programas mínimos de educação religiosa para as instituições metodistas de ensino secular, em todos os níveis, levando em conta as diretrizes aqui estabelecidas.

8 - O Conselho Geral providenciará programas mínimos de educação religiosa a serem desenvolvidos, quando isto for possível, em escolas públicas.

9 - O Conselho Geral providenciará material educativo a ser utilizado na igreja local e capacitação do catecúmeno, neo-convertido, pais e testemunhas quanto ao batismo e noivos, quanto ao casamento.

10- O Conselho Geral providenciará material educativo a ser utilizado na igreja local visando à conscientizar a família acerca de seu papel à luz da Missão.

Parágrafo único - As instituições educacionais da Igreja, de qualquer nível e grau, são regidas pelas Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista, devendo toda a sua vida administrativa e acadêmica ser planejada e desenvolvida segundo seus ditames.

## ÍNDICE REMISSIVO

- Ação de Graças, 96, 97, 111, 157, 158, 227, 228  
 aliança, 106, 130, 136, 160, 176, 187, 193  
 amor de Cristo, 93, 94, 178, 180, 181, 200, 218  
 atos de piedade, 94, 95, 114, 129, 144, 181, 204  
 bispo, 6, 7, 8, 13, 19, 32, 39, 44, 64, 71, 126, 198  
 capacitação, 115, 135, 136, 137, 148, 205, 210, 215  
 comunidade de fé, 9, 103, 118, 121, 188  
 comunidade local, 8, 60, 210  
 Concílio Geral, 7, 14, 15, 16, 32, 38, 44, 45, 58, 63, 64, 70, 71, 80, 81, 82, 89, 114, 126, 142, 150, 154, 159, 225, 229, 230  
**CONCÍLIO REGIONAL**, 6, 15, 16, 17, 38, 39, 47, 49, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 78, 82, 89, 103, 114, 115, 127, 129, 135, 136, 142, 144, 154, 155, 164, 165, 168, 196, 232  
 consciência crítica, 139, 153, 206, 211, 212  
 construção do Reino, 6, 9, 185, 191, 192, 200, 203, 217  
 corpo de Cristo, 8, 41, 50, 90, 94, 114, 121, 123, 127, 200, 201  
 criação divina, 9, 11, 12, 33, 100, 105, 132, 134, 182, 183  
 crianças, 8, 9, 11, 13, 14, 28, 35, 42, 55, 77, 91, 92, 105, 107, 115, 116, 117, 118, 131, 145, 146, 147, 151, 152, 156, 158, 166, 167, 168, 171, 174, 190, 196, 197, 208, 210, 213, 215, 217, 224  
 crianças empobrecidas, 60, 116  
 desempregados, 92, 135, 161, 174, 190  
 desunidade, 41, 42, 123, 200  
 dignidade humana, 139, 168  
 diversidade, 17, 44, 65, 81, 114, 125, 126, 148, 156, 178, 180, 200, 201, 203, 204  
 educação, 8, 13, 14, 28, 45, 65, 69, 82, 89, 102, 119, 125, 135, 136, 137, 138, 139, 150, 151, 152, 160, 166, 173, 203, 206, 210, 211, 215  
 educação teológica, 135, 136, 137, 138, 211  
 empobrecidos, 3, 47, 68, 90, 105, 116, 147, 154, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 205, 217  
 Escola Dominical, 10, 12, 25, 46, 130  
 esperança, 6, 9, 11, 14, 16, 17, 34, 41, 46, 57, 59, 63, 65, 70, 75, 77, 94, 95, 104, 106, 107, 108, 111, 113, 116, 117, 121, 129, 130, 135, 141, 144, 145, 153, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 169, 175, 182, 187, 188, 195, 196, 205, 206, 208, 209, 213, 216, 219, 226  
 Espírito Santo, 7, 8, 38, 39, 59, 79, 126, 127, 149, 155, 165, 175, 179, 186, 187, 192, 200, 216  
 espiritualidade, 8, 9, 11, 12, 14, 37, 38, 39, 40, 41, 75, 103, 104, 105, 129, 147, 164, 165, 166, 168, 177, 178, 179, 226  
 Evangelho, 81, 85, 102, 115, 122, 128, 137, 139, 148, 150, 151, 154, 159, 179, 184, 186, 195, 201, 203, 204, 213, 216  
 exploração, 13, 28, 30, 89, 90, 103, 114, 121, 154, 160, 162, 165, 167, 171, 175, 181, 190, 213, 217  
 Expositor Cristão, 12, 30, 32, 36, 38, 43, 44, 45, 47, 57, 62, 65, 66, 72, 73, 75, 77, 81, 82, 86, 87, 88, 91, 93, 96, 97, 106, 107, 111, 113, 114, 116, 117, 124, 128, 135, 136, 139, 147, 149, 150, 157, 160, 161, 163, 167, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 235  
 gratidão, 58, 64, 70, 86, 87, 96, 177

- Igreja Metodista, 3, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 89, 93, 104, 105, 106, 107, 113, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 126, 127, 128, 130, 135, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 147, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 164, 165, 173, 174, 185, 191, 194, 196, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 207, 208, 210, 223, 225, 226, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 238
- Igreja missionária, 89, 226
- imagem de Deus, 98, 99, 109, 126, 183
- justiça, 3, 6, 9, 41, 74, 76, 77, 95, 101, 104, 106, 107, 108, 117, 118, 119, 138, 139, 140, 145, 153, 155, 160, 162, 164, 165, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 191, 206, 208, 214, 219
- menores abandonados, 104, 135
- metodismo no Rio Grande do Sul, 106, 107, 116, 128, 231
- missão da Igreja, 7, 14, 15, 38, 61, 71, 85, 89, 104, 108, 113, 115, 138, 140, 151, 159, 164, 169, 179, 190, 191, 192, 196, 197, 203, 204, 205, 215
- missionário, 3, 8, 9, 10, 11, 12, 16, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 40, 60, 66, 71, 105, 106, 113, 115, 116, 118, 120, 123, 128, 131, 132, 135, 140, 141, 144, 145, 147, 148, 151, 153, 168, 170, 173, 178, 187, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 234, 235
- mordomia, 12, 13, 74, 97, 98, 100, 179, 197
- Natal, 11, 88, 95, 110, 157, 225
- obra da reconciliação, 110, 125, 201
- obras de misericórdia, 94, 95, 114, 137, 144, 204
- perdão, 9, 11, 36, 95, 96, 97, 111, 121, 132, 143, 178, 196
- Plano para a Vida e Missão da Igreja, 7, 13, 14, 16, 18, 67, 68, 71, 82, 122, 129, 136, 150, 155, 164, 170, 210
- pobres, 8, 14, 15, 17, 20, 49, 60, 64, 77, 92, 94, 104, 105, 117, 129, 142, 143, 145, 149, 151, 153, 154, 155, 158, 160, 164, 166, 167, 171, 176, 179, 181, 192, 193, 194, 195, 202, 204, 206, 208, 209, 211, 213, 215
- Região Eclesiástica, 8, 16, 17, 18, 38, 39, 47, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 78, 104, 105, 115, 118, 135, 142, 148, 154, 156, 164, 168, 196, 209, 223, 226, 232, 236
- Reino, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 15, 16, 18, 19, 39, 41, 45, 46, 64, 65, 67, 68, 69, 72, 77, 83, 85, 86, 87, 90, 94, 95, 97, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 121, 122, 130, 131, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 160, 162, 164, 165, 166, 169, 171, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 197, 198, 200, 202, 203, 204, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 219, 224, 229, 234
- Reino de Deus, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 19, 39, 45, 46, 64, 65, 67, 68, 72, 77, 83, 85, 86, 94, 95, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 115, 117, 118, 121, 130, 131, 138, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 151, 152, 155, 156, 160, 162, 165, 166, 171, 174, 175, 176, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 196, 198, 200, 202, 203, 204, 208, 209, 210, 212, 214, 216, 219, 224, 234
- relatório episcopal, 16, 39
- responsabilidade social, 98, 174, 182
- Segunda Região, 14, 16, 17, 18, 38, 39, 41, 47, 59, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 78, 82, 104, 105, 113, 114, 115, 118, 127, 128, 130, 135, 136, 141, 142, 143, 148, 152, 154, 156, 159, 164, 166, 168, 169, 170, 196, 208, 223, 226, 232, 236
- solidariedade, 9, 11, 20, 29, 35, 41, 66, 70, 88, 96, 114, 121, 124, 134, 139, 142, 157, 161, 163, 165, 169, 171, 176, 178, 180, 188, 194, 196, 201, 202, 204, 205, 207, 208, 209, 215, 218
- Teologia da Libertação, 3, 5, 7, 8, 12, 13, 19, 20, 71, 122, 140, 174, 175, 180, 181, 184, 188, 189, 191, 192, 194, 198, 199, 202, 206, 212, 231
- teologia metodista, 5, 7, 19, 173, 178, 202, 231

testemunho, 10, 37, 40, 41, 43, 45, 46, 47,  
50, 85, 103, 114, 119, 125, 126, 131,  
136, 146, 147, 152, 155, 156, 157, 169,  
174, 177, 179, 180, 182, 195, 197, 200,  
203, 210, 215, 216, 217, 218, 228  
trabalhador, 77, 101, 160, 161, 167, 226

transformação da sociedade, 13, 116, 143,  
212, 215, 216  
unidade, 6, 8, 10, 12, 13, 14, 41, 43, 44,  
45, 46, 80, 81, 123, 125, 126, 127, 133,  
190, 200, 201, 203, 229  
vocação, 10, 30, 42, 44, 87, 134, 135, 136,  
145, 146, 159, 160, 168, 181, 205